

EDIÇÃO AMPLIADA E REVISADA

Paul Scott Wilson

AS QUATRO PÁGINAS DO SERMÃO

Um guia para a pregação bíblica



As quatro páginas do sermão, edição ampliada e revisada, é, entre os guias para a pregação disponíveis atualmente, um dos mais úteis. É teoricamente profundo e maravilhosamente prático. Wilson ajuda o pregador a manejar o texto bíblico e a transmiti-lo a uma congregação pós-moderna. Essa edição revisada oferece novas orientações importantes que não estavam disponíveis na versão original.

John M. Rottman, professor de Pregação no Calvin Theological Seminary, Grand Rapids, Michigan, Estados Unidos

Na essência da contribuição instigante que Paul Scott Wilson faz à homilética contemporânea, agora reescrita para uma nova geração, encontra-se não apenas uma paixão pela pregação, mas também uma paixão por Deus. Juntamente com um método versátil para a preparação semanal do sermão, ele oferece bases teológicas elementares que são precisas e generosas — uma forma de ver a nós mesmos e ao nosso mundo à luz do texto bíblico e, mais especificamente, pela ótica da graça. Em diálogo com os desdobramentos recentes na teoria homilética, essa nova edição acrescenta outras nuances e percepções à edição anterior, oferecendo sabedoria prática e profundo encorajamento teológico a pregadores tanto iniciantes quanto mais experientes.

Michael P. Knowles, professor da cátedra George R. Hurlburt de Pregação, na McMaster Divinity College, Hamilton, Ontário, Canadá

Paul Wilson coloca o evangelho no centro da proclamação cristã e incentiva outros pregadores a fazerem o mesmo. Nessa edição ampliada e revisada de seu livro-texto clássico sobre pregação, ele faz a mesma coisa em relação ao púlpito do século 21.

David Schnasa Jacobsen, professor de Prática de Homilética na Boston University School of Theology, Boston, Massachusetts, Estados Unidos

As quatro páginas do sermão é uma obra que oferece aquelas bases homiléticas e teológicas elementares que revelam a estrutura profunda de cada sermão. Essa edição inclui excelentes ferramentas — desenvolvidas desde a publicação original — para a exegese e para a proclamação que engaja o ouvinte nos propósitos de Deus, além de exemplos de sermões que comprovam o argumento central: nenhum pregador deve deixar de ler *As quatro páginas do sermão*.

Sam Persons Parkes, pastor da igreja Mary Esther United Methodist Church, Mary Esther, Flórida, Estados Unidos

Eu nunca ensino homilética sem a voz de Paul Scott Wilson em minha cabeça. Quando vejo que um estudante de pregação está com dificuldades, esse é o primeiro livro que recomendo. A nova edição lida com os problemas recentes e mais complicados na área da homilética, e o faz com sabedoria e encanto em cada página.

Jason Byassee, titular da cátedra Butler de Homilética e Hermenêutica Bíblica, na Vancouver School of Theology, Canadá, e coautor do livro *Eight virtues of rapidly growing churches*

Para um pastor e pregador como eu, a estrutura robusta do livro *As quatro páginas* tem livrado meu sermão de afundar em muitos domingos! Ter esse texto atualizado, com um olhar perspicaz para o longo caminho à frente, é um presente para seminaristas e pregadores.

Patrick W. T. Johnson, pastor da igreja First Presbyterian Church, Asheville, Carolina do Norte, Estados Unidos

Os capítulos exortam os pregadores, com nova relevância e urgência, a proclamarem o evangelho que se concentra na ação salvadora de Deus. Os argumentos de Paul Scott Wilson são persuasivos e instrutivos, tratando das preocupações mais importantes na academia e na igreja.

Joni S. Sancken, professor associado de Homilética no United Theological Seminary, Dayton, Ohio, Estados Unidos

Esse texto ampliado e revisado de *As quatro páginas do sermão* de Wilson coloca em perspectiva temas fundamentais da nova homilética, da pregação afro-americana, da internet e das mídias sociais por meio de um método homilético extremamente útil. *As quatro páginas do sermão*, de Wilson, há vinte anos tem servido de base para meu ensino em sala de aula no seminário e em cursos rápidos. Por isso, recebo com alegria o horizonte expandido dessa nova edição. Estudantes e professores se beneficiarão igualmente com o acréscimo de uma seção sobre análise exegética e com a inclusão de novos textos de sermão. Se você sobe ao púlpito da igreja em meio a uma cultura vibrante como a de nossos dias, nem sequer pense em fazer isso sem consultar o novo livro de Scott Wilson.

Guerric DeBona, membro da Ordem de São Bento e professor de Homilética, em Saint Meinrad Seminary and School of Theology, St. Meinrad, Indiana, Estados Unidos

Eu amo esse livro. A edição ampliada e revisada de *As quatro páginas do sermão* de Paul Scott Wilson é uma contribuição perene para a teoria homilética e a prática da pregação. Wilson escreve com a sabedoria de um

experiente professor de homilética, a paixão de um pregador do evangelho, a urgência de um evangelista e o intenso desejo de um cristão cuja vida depende da Palavra de Deus. Paul liberta pregadores do reducionismo moralista, do sensacionalismo retórico e dos modismos. Ele os liberta para uma perspectiva das Sagradas Escrituras que restaura a estrutura teológica profunda — o conjunto de elementos fundamentais do evangelho — a serviço da obra contínua de Deus de salvar uma criação e uma humanidade atribuladas e atribuladoras. Talvez seja tão simples assim: nesse livro, Paul Scott Wilson ajuda os pregadores a fazer o que Deus os chama a fazer.

André Resner, professor de Homilética e Adoração no Hood Theological Seminary, Salisbury, Carolina do Norte, Estados Unidos

Cuidadosamente aperfeiçoada em resposta positiva à crítica de pares, a edição ampliada e revisada de *As quatro páginas do sermão*, de Paul Scott Wilson, responde de maneira inovadora ao desafio pós-moderno do século 21 de resgatar um senso de integralidade nos currículos de homilética para contextos culturalmente diversos. Nesse guia integrativo para a pregação bíblica, os seminaristas e o clero em atividade encontrarão sabedoria sagrada e ferramentas práticas para acessar um evangelho que produz vida em tempos de crise.

Kenyatta R. Gilbert, professor de Homilética, na Howard University School of Divinity e autor de *Exodus preaching*

AS QUATRO PÁGINAS DO SERMÃO



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Wilson, Paul Scott

As quatro páginas do sermão : um guia para a pregação bíblica / Paul Scott Wilson ;
tradução de Adrien Bausells e Tiago Abdalla T. Neto. -- São Paulo : Vida Nova, 2020.
recurso digital; 4 MB

ISBN 978-85-275-1010-3 (recurso eletrônico)

Título original: *The four pages of the sermon: revised and updated: a guide to biblical preaching*

1. Pregação 2. Cristianismo 3. Bíblia - Uso homilético I. Título II. Bausells, Adrien III.
Teixeira Neto, Tiago Abdalla

19-2982

CDD 251

Índices para catálogo sistemático

1. Pregação : Cristianismo

EDIÇÃO AMPLIADA E REVISADA

Paul Scott Wilson

AS QUATRO PÁGINAS DO SERMÃO

Um guia para a pregação bíblica

Tradução

ADRIEN BAUSELLS

TIAGO ABDALLA T. NETO

(acréscimos desta edição)


VIDA NOVA

Os métodos missionários de Paulo

Copyright ©2018, Paul Scott Wilson

Título do original: *The four pages of the sermon: a guide to biblical preaching*, segunda edição atualizada publicada por ABINGDON PRESS (Nashville, Tennessee, EUA).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA

Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020

vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.^a edição: 2020

Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram traduzidas diretamente da New Revised Standard Version (NRSV). As citações bíblicas com indicação da versão in loco foram traduzidas diretamente da King James Version (KJV), da Revised Standard Version (RSV), da English Standard Version (ESV), da Good News Translation (GNT), da Common English Bible (CEB) e da New International Version (NIV).

DIREÇÃO EXECUTIVA

Kenneth Lee Davis

GERÊNCIA EDITORIAL

Fabiano Silveira Medeiros

EDIÇÃO DE TEXTO

Tiago Abdalla T. Neto

Marisa K. A. de Siqueira Lopes

Rosa M. Ferreira

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Virginia Neumann

Marcia B. Medeiros

REVISÃO DE PROVAS

Josemar de Souza Pinto

GERÊNCIA DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO

Wirley Corrêa — Layout Produção Gráfica

CAPA

Douglas Lucas

PRODUÇÃO DO ARQUIVO EPUB

Booknando

SUMÁRIO

Agradecimentos

Introdução

CAPÍTULO 1

Quatro páginas: o conjunto de regras elementares e o cenário da pregação

I. O cenário da pregação: onde estávamos

A. Pregação expositiva e proposicional

1. Pontos orientados pelo texto

2. Sermões orientados por doutrina

3. Pontos orientados por temas

B. A nova homilética

C. Pregação afro-americana

D. As eras moderna e da internet: o contexto social da pregação

1. A era da internet influencia como os seres humanos pensam

2. Como a era da internet influencia as expectativas da pregação

II. O cenário da pregação: “Onde estamos agora?”

Definições úteis

PRIMEIRA SEÇÃO

DANDO INÍCIO: SEGUNDA-FEIRA

CAPÍTULO 2

Exegese e a unidade do sermão

I. dando início

A. Brincando com o texto bíblico

Focos do texto em uma quadrinha infantil

Focos do texto de 1Coríntios 1.10-18

B. Trabalhando com o texto bíblico ao fazer sua exegese

Perguntas com fim exegético: 1Coríntios 1.10-18

II. Trabalhando a unidade do sermão

Um texto bíblico

Um tema expresso em uma frase

Uma doutrina

Uma necessidade da congregação

Uma imagem

Fontes de imagens predominantes

Uma missão

Conclusão

CAPÍTULO 3

Introduções, quatro frases e a necessidade

I. Introduzindo o sermão

A. Seis estratégias simples para escrever a introdução

1. Conte uma história que sugira o outro lado da frase-tema e a ação da graça de Deus.

2. Comece com uma experiência corriqueira relacionada à frase-tema.

3. Comece com um texto bíblico.

4. Comece com um tema de justiça social.

5. Comece com uma notícia.

6. Comece com um relato fictício.

B. Problemas comuns nas introduções

Cinco coisas a evitar nas introduções

II. Metáfora e metonímia como formas de pensamento

III. Delimitando as quatro páginas com quatro frases e uma necessidade

A. Um exemplo usando 1Coríntios 1.10-18

B. Um exemplo usando Lucas 15.11-32

C. Outros exemplos de quatro frases, agora com o acréscimo de uma necessidade

Conclusão

SEGUNDA SEÇÃO

PÁGINA 1: TERÇA-FEIRA

CAPÍTULO 4

O Problema na Bíblia

I. Um foco teológico

II. Página 1 e um método tradicional de pregação

III. O impacto da estrutura do sermão na teologia do púlpito

IV. Palavras tradicionais para designar um problema

V. Exercícios práticos para quando o problema ou a graça parecem ausentes

VI. Diretrizes teológicas práticas para a página 1

VII. Diretrizes cinematográficas

A. Direcione o foco da câmera: cenas

B. Direcione o foco da câmera: pessoas e ação

C. Obedeça às limitações da câmera

CAPÍTULO 5

Fazendo um filme com o problema presente na Bíblia

TERCEIRA SEÇÃO

PÁGINA 2: QUARTA-FEIRA

CAPÍTULO 6

O Problema no mundo

I. A necessidade de o problema ser pregado

II. Proclamação fiel do problema

A. Desenvolva uma compreensão do problema em duas partes

O problema vertical

O problema horizontal

B. Pregue com uma consciência global

C. Mantenha devoção e justiça lado a lado

D. Desenvolva a graça em tensão com o problema

III. O uso teológico de histórias como exemplo do problema

Histórias do juízo de Deus sobre os seres humanos

Histórias da condição humana depois da Queda

Cristo como o Servo Sofredor

IV. Diretrizes para a página 2

1. Organização e foco

Desenvolva a página teologicamente

2. Unidade do sermão

Uma necessidade

Uma doutrina

Uma missão

Uma regra geral

3. Use o problema vertical e o horizontal

4. Use histórias

5. Preste atenção no impacto emocional e espiritual das histórias

6. Seja empático e inclusivo

7. Vá além da igreja

8. Vá mais fundo

CAPÍTULO 7

Fazendo um filme com o problema presente no mundo

QUARTA SEÇÃO

PÁGINA 3: QUINTA-FEIRA

CAPÍTULO 8

A ação de Deus na Bíblia

- I. Uma perspectiva histórica da ausência de foco em Deus
- II. A necessidade da página 3
- III. A página 3 como uma conversão a Deus
- IV. A típica prática da pregação
- V. A frase-tema
- VI. Problemas comuns ao pregar a graça
 1. Os pregadores identificam a ação de Deus em uma frase ou um parágrafo e em seguida mudam o foco de volta para as responsabilidades humanas, como se tivessem receio de continuar.
 2. Os pregadores confundem imperativos com a graça.
 3. Os pregadores confundem verbos que sugerem uma atitude mais passiva de Deus com a graça.
 4. Os pregadores não chegam a expressar de forma plena a graça.
 5. Os pregadores falham em construir uma tensão entre o problema e a graça, e acabam enfatizando um ou outro, ou ficam alternando entre um e outro.
 6. Os pregadores adiam a introdução da graça no sermão, guardando-a como se fosse o auge de uma história engraçada, que pode ser arruinada se a graça for usada antes da hora.

7. Os pregadores confundem problema e graça com problema e solução.
8. Os pregadores usam formas de sermão que trabalham contra a graça.

VII. Um exemplo prático

VIII. Diretrizes para a redação da página 3

Criando um filme: visualizando a página 3

Unidade do sermão

Um texto

Um tema

Uma doutrina

Uma imagem

Uma necessidade e uma missão

CAPÍTULO 9

Fazendo um filme com a Graça presente na Bíblia

QUINTA SEÇÃO

PÁGINA 4: SEXTA-FEIRA

CAPÍTULO 10

A Ação de Deus no mundo

I. Identificando as ações de Deus

Etapa 1

Etapa 2

II. Cinco funções da página 4

III. Perigos ao reivindicar a ação de Deus

IV. Uma missão como graça

V. Uso teológico das histórias

VI. O caráter geral do pregador

VII. Retratando Jesus como Salvador, E NÃO como exemplo

VIII. Duas estratégias para exaltar o evangelho

A. Referência à narrativa cristã mais ampla

B. Proclamação

C. Quatro passos práticos em direção à proclamação

1. Colha proclamação na Bíblia

2. Transforme a Bíblia em proclamação

3. Planeje sua proclamação com base na frase-tema

4. Use o que outros pregadores têm feito como modelo

IX. A conclusão do sermão

CAPÍTULO 11

Fazendo um filme com a graça presente no mundo

SEXTA SEÇÃO

VARIEDADES DE SERMÕES

CAPÍTULO 12

Reorganizando e modificando as quatro páginas do sermão

I. Respondendo a Thomas G. Long e outros críticos

1. Uma “inversão” na “etapa três do sermão” não é fiel à “plena dimensão dos textos bíblicos”.⁴

2. Sermões que seguem “o padrão que vai ‘do problema para a graça’ são, no final das contas, versões teologicamente matizadas da forma problema-resolução”.⁶

3. Lei e evangelho “não são suficientemente abrangentes para servir de organizadores principais da estrutura do sermão [porque eles] nem sempre são polos opostos”.⁷

4. “‘Problema’ e ‘graça’ [...] são, antes de tudo, categorias da doutrina mais abrangente da redenção ou salvação [...] nem todo aspecto da fé cristã está sob a doutrina da redenção. Criação e providência, a eternidade e a beleza de Deus [...] não são equivalentes à redenção.”⁸

5. “Em resumo, o evangelho é muito rico, demasiadamente complexo e diversificado para ser proclamado de uma única forma.”⁹

II. Um sermão em quatro páginas

A. Apresentação analítica prévia

1. Quatro frases mais uma necessidade
2. Unidade do sermão: Texto Todo Dissipou-se No Incauto Mensageiro
3. Proclamação

B. O sermão: A perspectiva de um bode sobre o fim dos tempos

C. Análise mais aprofundada

III. Variações nas páginas

A. Variação na ordem das páginas

B. Variação na extensão relativa das páginas

C. Variação no uso da estrutura de pontos

IV. Um sermão de quatro páginas na forma de pontos

A. Apresentação analítica prévia

B. O sermão: fundamentos da nossa fé¹⁷

Introdução

Ponto um: a morte da esperança

Ponto dois: o restabelecimento da fé na ressurreição [Uma doutrina]

Ponto três: a oferta de um seguro para terremotos

Uma lista de revisão/verificação geral do sermão

AGRADECIMENTOS

Sou profundamente grato a meus alunos de ontem e de hoje, com os quais aprendi muito sobre pregação. Agradeço aos colegas da Academy of Homiletics [Academia de Homilética], da Evangelical Homiletical Society [Sociedade Evangélica de Homilética], da Societas Homiletica [Sociedade Homilética], da Emmanuel College e da Toronto School of Theology por nossas conversas, seus textos, bem como por seu incentivo e estímulo. John M. Rottman, do Calvin Seminary, tem sido um parceiro de conversa constante sobre assuntos deste livro ao longo dos anos e foi quem primeiro sugeriu este projeto. Dedico esta edição ampliada e revisada aos meus muitos alunos da Emmanuel College e da Toronto School of Theology, na Universidade de Toronto, que me ensinaram muito ao longo dos anos. Agradecimentos especiais a Casey Barton, Adrien Bausells, Gennifer Benjamin Brooks, Robert Brewer, Sally Brown, Jana Childers, Jinbong Choi, Betsy DeVries, Stephen Farris, Scott Gibson, Marie Goodyear, Dorcas Gordon, Edward Grimenstein, Yohwan Heo, Scott Hoezee, Peter Holmes, David Jacobsen, Peter Jonker, Moses Kang, Michael Knowles, Shin Suk Koh, Hank Langknecht, Tom Long, Sam Persons Parkes, Hugh Reid, Sarah Smith, Luke Powery, Charles Rice, Allan Rudy-Froese, Joni Sancken, Christine Smaller, Andrew Stirling, Todd Townshend e muitos outros cujos insights e amizade enriqueceram meu pensamento. Não tenho condições de mencionar todos os que propiciaram oportunidades para diálogos proveitosos mediante convites para falar em vários lugares na América do Norte, na Europa e na Ásia, mas cada um sabe quem é, e sou muito grato pela hospitalidade e amizade deles. O

presidente da Victoria University, na Universidade de Toronto, Will Robins, e o ex-diretor da Emmanuel College, Mark Toulouse, juntamente com o conselho diretor, foram generosos e apoiaram este e outros projetos de produção de texto. A todas as pessoas da Abingdon Press: meu editor anterior, Robert Ratcliff, e especialmente minha editora atual, Constance Stella, bem como Paul Franklyn, agora um amigo de longa data, obrigado pelo convite para reanalisar as ideias deste volume. Agradeço também a Robert Barker, que fez algumas sugestões e criou o maravilhoso design inicial da capa, e a Shawn Houston, que forneceu assistência digital com o texto. Profunda gratidão e amor são devidos como sempre à minha querida esposa, Deanna, cuja ajuda, discernimento, senso de humor e apoio generoso de muitas maneiras são uma fonte constante de força e amor. Sem ela eu não poderia ter escrito o que escrevi.

INTRODUÇÃO

Ensinar a pregar é maravilhoso. Como é fantástico ver alguns alunos saírem da condição de “Eu nunca serei capaz de fazer isso” para, depois, pregarem a Palavra de Deus com fé e esperança. Poucas coisas importam mais para o futuro do que líderes cheios de esperança e capazes de incutir essa esperança em outras pessoas. Isaías declarou: “Como são belos sobre os montes os pés do mensageiro que anuncia a paz, que traz boas-novas, que anuncia a salvação, que diz a Sião: ‘O seu Deus reina’” (52.7).

Este livro ocupa-se de mostrar em que constituem as boas-novas do evangelho e como elas podem ser mais bem pregadas. A base do livro consiste em quatro pressupostos fundamentais: (1) a pregação tem de redundar nas boas-novas, (2) a interpretação de um texto bíblico apenas com o uso das lentes comuns dos dias de hoje não é suficiente, (3) Deus precisa ser o centro e (4) a graça ou a capacitação que vem de Deus é fundamental. Aquilo de que este livro não trata também é importante: não trata de mais uma forma de pregação. Ele busca desenvolver o conjunto de regras elementares da pregação que promove a excelência na pregação do evangelho com praticamente qualquer forma de sermão. A palavra “evangelho” pode ter sentidos diferentes, mas aqui é entendida como os atos salvíficos de Deus observados em qualquer trecho da Bíblia e que culminam em Jesus Cristo.

Muitos manuais se concentram mais no *que* ou *por que* da pregação do que no *como* elaborar um sermão, mas as três perspectivas estão em foco aqui, fundamentadas em uma teologia da Palavra. A teoria origina-se da prática, e a prática corrige a teoria. Esta edição ampliada e revisada

apresenta aos pregadores o passo a passo do processo do sermão, orientando-os desde o início desse processo até a produção de sermões que desafiam e trazem esperança. A seguinte ideia não é tão evidente ou praticada como deveria ser: praticamente todo sermão, de alguma forma, será aperfeiçoado pelo foco em Deus. Pegue uma coleção de sermões e a folheie em busca de referências a Deus em uma das pessoas da Trindade, e veja por si mesmo como os pregadores têm sido ensinados, talvez de maneira inadvertida, a escolher falar sobre nós, seres humanos, e o que temos de fazer. Concentrar-se em Deus e na graça é especialmente importante na segunda metade do sermão se entendemos que as pessoas precisam sair do culto com esperança renovada. Este projeto é dedicado a ajudar estudantes de pregação e pregadores experientes a fazer exatamente isso.

A homilética carece de ferramentas críticas para avaliar e corrigir problemas. Os estudiosos têm abordado a excelência nas introduções, no corpo do sermão, nas conclusões, na interpretação bíblica, nas doutrinas, nas histórias, nas argumentações, na análise social e na entrega, entre outras coisas. No entanto, problemas profundos permanecem sem diagnóstico e tratamento. Essa questão é mais preocupante do que pregadores que ignoram Deus em geral. Por exemplo, ouvi quatro excelentes pregadores em diferentes lugares, cada um com uma espécie de falha característica em seus sermões que este projeto poderia ajudar. Um deles fala sobre a graça de Deus, mas a sepulta sob uma lista de exigências pesadas, semelhante a um pai com um olhar muito crítico. Outro pregador apresenta com regularidade as boas-novas, mas raramente as associa com as necessidades sentidas pela congregação. Um terceiro esforça-se tanto para representar os cétricos ou pessoas em crise de fé que, assim, as boas-novas não têm o poder que poderiam ter. Ainda outro quase nunca permite que o texto bíblico em mãos seja a fonte original das boas-novas, portanto às vezes Cristo parece ser um truque, puxado como coelho de uma cartola, próximo ao fim do sermão.

As práticas defendidas aqui são as melhores. São diretrizes e, em sua maior parte, foram experimentadas e testadas. Não consistem em invenção deste autor e estão fundamentadas na história da pregação, em sermões feitos ao longo dos tempos, nas tradições atuais de pregação, nos ensinamentos de colegas sobre homilética e no trabalho árduo de estudantes e pregadores atuais. Alguns escreveram para mim. Um pregador leigo sentiu o conflito entre a graça que experimenta diariamente e a falta de graça em seus próprios sermões. Outro pregador havia ministrado apenas sermões no modo imperativo. Outros ainda queriam que seus sermões fossem mais contemporâneos, precisavam de uma estrutura flexível para os sermões ou tinham consciência de que algo estava faltando, mas não sabiam como expressar tal lacuna. Um pregador escreveu o seguinte:

Anteriormente, preparar sermões era uma luta constante. Eu lutava com o que pregar, que texto usar, como começar o sermão, como estruturar o sermão e até mesmo como concluir o sermão. Cada sermão era estruturado de forma diferente. Semana após semana, eu nunca sabia qual direção meus sermões tomariam. Houve momentos em que perdi até mesmo minha linha de raciocínio no meio da pregação sem encontrar nenhuma maneira real de retomá-la. Muitas vezes, eu ficava intimidado com a ideia de pregar um sermão coerente e bem estruturado do começo ao fim, porque não estava preparado.

Um pregador chegou a testemunhar que seu casamento foi salvo pelas diretrizes deste livro, pois antes ele perdia muito tempo com a preparação ineficiente do sermão. Essas observações nada provam, mas tendem a apoiar os comentários que os pregadores recebem de suas congregações quando ouvem pregações centradas nas boas-novas: os sermões melhoram, a fé é nutrida e as pessoas são capacitadas para o serviço. Tudo isso é um testemunho do poder do evangelho para mudar vidas.

As quatro páginas do sermão são quatro elementos básicos ou quatro partes de um sermão que podem ter vários arranjos, mas, para benefício da exposição, nós as enumeramos da seguinte forma: a página 1 fala do problema presente no texto bíblico; a página 2 fala do problema presente em nosso mundo; a página 3 fala da graça presente no texto bíblico; e a página 4 fala da graça presente em nosso mundo. Essas quatro páginas são um conjunto de regras elementares para analisar a excelência do sermão. Estão entre as ferramentas que servem à Palavra de Deus e que serão examinadas por nós. Elas têm o potencial de transformar até mesmo pregadores, fortalecendo a vida espiritual deles e aperfeiçoando-lhes a maneira de ver o mundo.

CAPÍTULO 1

QUATRO PÁGINAS: O CONJUNTO DE REGRAS ELEMENTARES E O CENÁRIO DA PREGAÇÃO

Faz uma diferença enorme se quem prega e ensina a pregar crê que Deus age e que Jesus está vivo. O evangelho, como entendido aqui, pressupõe essas verdades e com base nelas oferece quatro princípios básicos para fundamentar sermões. Regras elementares geralmente não são percebidas; elas operam abaixo da superfície e fora do radar, e isso também se aplica aos elementos que sustentam a pregação bíblica. Vamos chamá-los de páginas: a página 1 trata do problema identificado na Bíblia, e a página 2 trata desse problema em nosso mundo. Problema é tudo o que leva à morte ou impõe aos seres humanos o fardo de realizar algo. Em contraste, mediante a graça, Deus deposita esse fardo em Cristo. A página 3 trata da graça na Bíblia, e a página 4 trata da graça em nosso mundo. Toda pregação bíblica pode ser analisada de maneira proveitosa à luz dessas quatro páginas. Elas têm peso relativamente igual (ainda que para a fé a graça seja mais poderosa), portanto podemos pensar nelas como as quatro partes de um sermão bíblico, embora o arranjo e a distribuição possam variar. Da mesma forma que uma boa gramática ajuda no entendimento de uma frase, esses quatro elementos permitem que o evangelho seja pregado como boas-novas. Eles produzem movimento: do cativeiro no Egito à Terra Prometida, da crucificação à ressurreição, do pecado à redenção, da ruína à cura, e assim por diante. A gramática torna a comunicação eficaz. O evangelho é necessário para edificar a igreja.

Da perspectiva teológica, é difícil argumentar contra esses quatro elementos. Se há outras opções de elementos fundamentais que sejam padrão em sermões, eles não têm a mesma prioridade.¹ Por exemplo, um sermão pode expor a história mundial, costumes sociais ou questões mundiais, mas, em geral, se o assunto já não se encaixar em uma de nossas categorias, ele é teologicamente neutro e de valor inferior. Dos quatro elementos teológicos, há algum deles que possa ser ignorado sem risco de prejuízo? O problema diz respeito à necessidade humana na Bíblia e no mundo em que vivemos — não podemos nos salvar. Se pudéssemos, não precisaríamos de um Salvador. A graça diz respeito ao socorro de Deus na Bíblia e no mundo em que vivemos. Todos os elementos juntos falam de mudança, renovação, salvação e capacitação. Nenhum deles é dispensável, e todos os quatro esclarecem o evangelho.

Geralmente, essas quatro páginas aparecem sem uma ordem específica em sermões ao longo da história, embora façam sentido de maneira sequencial. A sequência do problema para a graça representa um padrão bíblico de redenção, movendo-se de um estado de pecado ou ruína para a salvação ou libertação. Pregadores que nunca conceberam o evangelho dessa forma ainda assim usam geralmente nossas páginas, embora possam deslizar sobre elas como carros na fina camada de gelo de uma estrada, muitas vezes sem aviso ou controle. A excelência do sermão em geral começa por reconhecê-las, examinar como cada página funciona e como juntas fornecem padrões mensuráveis para o ensino, a prática e a avaliação da pregação, algo que infelizmente falta na matéria de homilética.

O que se apresenta a seguir nesta obra é a história de cada um dos quatro elementos, por que estudantes e professores de homilética e pregadores deveriam conhecê-los, o que está em jogo em cada um e seus melhores exemplos práticos. A história começa com a cena da pregação nos dias atuais, seis décadas depois de fortes ventos atingirem as terras escarpadas da homilética.

I. O CENÁRIO DA PREGAÇÃO: ONDE ESTÁVAMOS

Quatro movimentos centrais influenciaram o cenário da pregação hoje: a pregação proposicional, a nova homilética, a pregação afro-americana e a internet e as mídias sociais.

A. Pregação expositiva e proposicional

Ao longo da história, os sermões expositivos têm sido os sermões mais comuns da igreja. Eles “expõem” ou analisam exegeticamente (= extraem) o significado bíblico. Esses sermões examinam um texto, destacam palavras ou versículos centrais e apresentam uma ideia global do que o texto diz. Normalmente, eles se movem da exposição para a aplicação, daquilo que o texto disse para o que ele diz ou significa hoje, da mesma maneira que algumas parábolas de Jesus passam do texto para a explicação. O primeiro exemplo registrado na Bíblia desse padrão é visto em Neemias 8.7,8: “Os levitas ajudavam as pessoas a entenderem a lei, enquanto o povo permanecia em seu lugar. Desse modo leram o livro, a lei de Deus, esclarecendo sua interpretação. Explicaram seu sentido para que o povo entendesse a leitura”.

Tradicionalmente, sermões expositivos são dedutivos; eles apresentam inicialmente uma única ideia, proposição ou doutrina, e então demonstram ou argumentam a favor dessa ideia. O livro contemporâneo mais conhecido sobre pregação expositiva é o de Haddon W. Robinson, que vê tanta variedade na pregação expositiva que ele diz que a pregação expositiva é “mais uma filosofia do que um método”.² É a pregação que “explica um conceito bíblico originário de um estudo histórico, gramatical e literário de uma passagem em seu contexto e transmitido por meio desse estudo, que o Espírito Santo aplica primeiro ao pregador, depois aos ouvintes”.³

A pregação proposicional é uma categoria mais abrangente que envolve elementos expositivos, mas não se restringe a um único texto bíblico e pode desenvolver um tema. Ela se baseia no raciocínio discursivo e geralmente apresenta seu argumento em pontos, que imprimem movimento ao sermão como etapas para um destino. Normalmente, há três pontos que fornecem três evidências, ou três maneiras de observar algo, ou três etapas em um argumento lógico. Os sermões de três pontos existem ao menos desde o século 13, quando Robert de Basevorn observou com humor: “Apenas três proposições, ou algo equivalente, são usadas no tema — seja por respeito à Trindade, seja porque um cordão de três dobras não é facilmente rompido [Ec 4.12], seja porque esse método é o mais seguido por Bernardo [de Clairvaux], seja, conforme acho mais provável, por ser mais conveniente para o tempo de duração do sermão”.⁴ A forma tornou-se estereotipada como três pontos e um poema. Por que o poema? Talvez por várias razões: (1) fornecia uma indicação conveniente de que o sermão estava terminando; (2) apresentava um elemento estético, emocional ou transcendente para o sermão; (3) acrescentava o brilho retórico clássico para que o sermão pudesse terminar em tom alto; (4) a origem pode estar associada à influência de John Wesley, que às vezes concluía os próprios sermões recitando ou cantando versos de seu irmão Charles Wesley, prolífico escritor de hinos.

Sermões proposicionais geralmente pressupõem que todo texto contém um assunto ou uma ideia que pode ser extraída, explicada e aplicada à vida e à prática de uma congregação. Em geral, os pontos são orientados pelo texto bíblico, por um ensinamento (i.e., doutrina) da igreja ou por algum tema contemporâneo. Os pontos podem ser claramente identificados: “Meu primeiro ponto é...”, ou podem simplesmente sustentar o argumento sem ter a atenção atraída para eles. O objetivo é um argumento persuasivo. O movimento é cumulativo (como em “Três maneiras de orar”), orientado pela lógica (como em um silogismo, se A e B, então C) ou é progressivo (como em três etapas para uma evangelização social eficaz). Em grande parte, a

estrutura é mecânica, como as peças de Lego, e às vezes previsível, embora os próprios pontos possam ser inéditos. Também é um pouco arbitrário o uso de três pontos.

1. Pontos orientados pelo texto

Os pontos geralmente vêm de versículos da Bíblia. Por exemplo, Paulo diz: “Decidi nada saber entre vocês, exceto Jesus Cristo, e este crucificado. [...] Minha proclamação foi com demonstração do Espírito e de poder” (1Co 2.2,4). Um sermão poderia ser estruturado da seguinte maneira:

Paulo pregou:

1. Jesus Cristo (i.e., ressurreto dentre os mortos),
2. a cruz (i.e., o Salvador foi crucificado na cruz, uma ideia louca para os gregos)
3. e no Espírito (i.e., Cristo está presente agora).

A aplicação na pregação ocorre quando a relevância de um texto para hoje é explicada. Nesse caso, a aplicação poderia ocorrer três vezes, uma em cada ponto. De maneira alternativa, uma seção de conclusão do sermão poderia aplicar a importância de Cristo à vida e à prática da congregação.

Uma variação nos pontos orientados pelo texto é a pregação versículo por versículo, em que a ordem dos pontos é determinada pelo fluxo lógico ou cronológico do texto bíblico.

2. Sermões orientados por doutrina

Ao longo dos séculos, pregadores têm apresentado sermões doutrinários que podem começar com um versículo bíblico que ressalta um ensinamento da igreja, e a doutrina então é desenvolvida, talvez com rápida referência a vários textos bíblicos relevantes. John A. Broadus, cuja obra *Treatise on the*

preparation and delivery of sermons [Tratado sobre a preparação e pregação de sermões] (1870) ainda é usada, fornece o seguinte esboço sobre a doutrina da Palavra de Deus — uma doutrina essencial para os pregadores ensinarem hoje. Seu sermão aborda esta questão: “Em que consiste a glória da pregação do evangelho?”. Ele apresenta uma resposta de seis pontos: “A glória da pregação do evangelho consiste no fato de que ela 1) é determinada pelo Filho de Deus, 2) torna conhecida a vontade de Deus, 3) promete a graça de Deus, 4) é realizada no poder de Deus, 5) é acompanhada pela bênção de Deus e 6) conduz as almas à presença de Deus”.⁵ Ele adverte que seis pontos podem ser demais e que, se seis pontos forem usados, eles devem seguir uns aos outros bem de perto. Seu livro teria sido uma bênção para os pregadores puritanos, talvez até mesmo para os ouvintes deles, que tinham de suportar até sessenta pontos e subpontos no total. Broadus recomenda não mais do que quatro e oferece essa simplificação de três pontos de seu esquema de seis pontos: a glória da pregação do evangelho consiste em “1) seu estabelecimento, 2) seu assunto e 3) sua obra e seus efeitos”.⁶

3. Pontos orientados por temas

Sermões temáticos são como os doutrinários, mas o foco é um tema social, e textos bíblicos podem ser usados a critério do pregador. Ronald A. Nathan pregou sobre o papel da igreja negra caribenha na Grã-Bretanha, e a base de seus comentários foi Filipenses 3.13,14: “esquecendo-me das coisas que ficaram para trás e avançando para as que estão adiante, prossigo para o alvo, em busca do prêmio do chamado celestial de Deus em Cristo Jesus”. O texto não era a fonte de seus pontos, embora fornecesse a imagem básica de uma corrida:

1. Mantenha seus olhos no prêmio (i.e., não seja distraído pelo ódio).
2. Corra com a bola (i.e., o evangelho é um chamado para um compromisso por toda a vida com a verdade e a justiça).

3. Jogue em equipe (i.e., os dons da igreja devem ser oferecidos à comunidade).
4. Siga as regras (i.e., oração e defesa devem caminhar juntas).⁷

Muito da pregação afro-americana usa uma forma proposicional implícita, e várias vezes o faz com faro cultural e inovação. Talvez percebendo que três pontos podem ser muito lineares ou mecânicos, James H. Harris lhes imprime movimento usando a “tese, antítese, síntese” de Hegel.⁸ Com frequência, a conclusão pode vir como celebração, algo que Henry H. Mitchell identificou como o clímax apaixonado e edificante do sermão.⁹ Três pontos e um poema e três pontos e uma celebração são semelhantes em seu conceito básico (embora não o sejam em seu desempenho). Será que ambos partilham da mesma história em algum momento? A pregação proposicional pode ser excelente para o ensino, como em um sermão do Dia de Todos os Santos, de William B. McClain: (1) Os que partiram antes de nós foram fiéis; (2) “Todos os santos vos saúdam”; e (3) Não nos atrevemos a desapontá-los.¹⁰ Logo adiante voltaremos a analisar aspectos mais característicos da pregação afro-americana. Os sermões proposicionais muitas vezes concentram-se em fazer um gancho impactante no início, que anuncia o tema e o argumento a ser apresentado. Conclusões geralmente são usadas como resumos eficazes. A autoridade nos sermões expositivos, doutrinários e temáticos tende a ser vertical, tendo o pregador acima das pessoas como o presbítero docente. Tradicionalmente, se histórias fossem usadas, elas seriam ilustrações moralistas para esclarecer os pontos do sermão, mais voltadas para a razão do que para o coração. Hoje, muita coisa mudou no mundo proposicional. Pode haver variação na maneira em que os pontos são enfatizados, a história agora é com mais frequência uma experiência narrativa compartilhada, e o PowerPoint pode acrescentar novos elementos.

B. A nova homilética

A pregação proposicional pode ser excelente para o ensino — dois séculos e meio depois, os pregadores ainda recitam o memorável esboço do sermão sobre mordomia de John Wesley: “Ganhe tudo o que puder, doe tudo o que puder, poupe tudo o que puder”. Mas, nas décadas de 1950 e 1960, ventos fortes varreram as terras escarpadas da homilética e, para algumas pessoas, as vestes da pregação proposicional estavam se tornando um pouco finas. A pregação era excessivamente “cerebral”, dependente demais de informações, argumentos e intelecto — muito parecida com uma palestra. O alto púlpito parecia “três metros acima da contradição”. Nem todo texto tem três pontos. Nem todo texto pode ser reduzido a uma única proposição ou conceito. (Fred Craddock certa vez comparou o processo de preparo à ebulição de um chá, e a pregação, ao resíduo que fica no fundo da xícara.)¹¹ Uma nova aliteração, como “Ore, Organize, Observe qualidades”, não necessariamente fazia com que a forma do sermão semanal parecesse diversificada. Livros de ilustrações de sermões continham histórias que muitas vezes pareciam enlatadas, artificiais ou triviais. Como ilustrações, elas faziam exatamente isso: ilustravam o ensinamento, simplesmente acrescentando uma imagem a um ponto que já estava intelectualmente estabelecido e se mantinha por si mesmo. Elas não eram realmente necessárias para o argumento. Popularizavam o que fora dito e o tornavam mais acessível. Alguns diziam que elas banalizavam o sermão. O necessário na pregação não era apenas uma nova pintura nas paredes, mas uma renovação que repensasse todo o momento da pregação. Estava lançado o fundamento para a nova homilética.

A nova homilética é uma escola inovadora de pregação que começou na década de 1950 e adotou uma abordagem holística para a pregação. Adotou um entendimento que integrava de forma orgânica imaginação, linguagem, metáfora, narrativa, imagem, atuação, a Palavra como evento, aprendizado indutivo, autoridade horizontal, contexto social, justiça,

transformação e conceitos relacionados. Nas décadas subsequentes, a mudança de entendimento influenciou a pregação em todo o espectro teológico. A maior parte da inovação foi concluída por volta de 2008. Nessa época, a maioria dos critérios principais havia sido apresentada. Novos paradigmas não aparecem de repente, mas se desenvolvem e também não acabam de repente. O valor da nova homilética continua em nossos dias à medida que eruditos e pregadores apropriam-se de seus ensinamentos e, eventualmente, livros são publicados em defesa desse movimento.¹² Isso torna a pregação experiencial.

Um dos primeiros brotos do novo movimento apareceu no solo homilético em 1958, quando H. Grady Davis afirmou: “Um sermão deveria ser como uma árvore, / Deveria ser um organismo vivo”.¹³ Ideias românticas de unidade orgânica pairavam no ar desde o início de 1800 e eram defendidas nos novos departamentos de literatura das universidades desde a década de 1920, mas Davis foi o primeiro a enfatizá-las de maneira clara para a pregação. Ele disse que o sermão precisa crescer, com seus galhos e flores desdobrando-se naturalmente de sua vida interior, enraizado na Palavra eterna e na “argila enriquecida pela morte”.¹⁴ Ele resumiu e apresentou esse entendimento do plano do sermão na forma de um poema de verso livre. Até mesmo o uso da forma de um poema para demonstrar o que ele queria dizer com crescimento orgânico era revolucionário. Isso representava uma inovação radical e indicava o que se tornaria um princípio fundamental do novo movimento: a forma não está separada da função. Elas estão relacionadas. Nesse caso, seu poema cresceu da mesma forma que os sermões devem crescer. Fazia o que dizia, encarnava o que queria transmitir. As implicações são grandes: (1) A forma de um texto bíblico influencia seu significado. (2) A forma de um texto bíblico influi na forma de um sermão. (3) A forma de um sermão influencia o significado que apresenta de um texto bíblico. (4) A forma de um sermão influencia a teologia que ele expressa.

Em 1969, David Randolph foi o primeiro a classificar essas várias iniciativas novas da “nova homilética”, tomando por base uma escola contemporânea de pensamento bíblico conhecida como “nova hermenêutica”.¹⁵ No entanto, sua expressão “nova homilética” não se tornou amplamente usada até o final da década de 1980.¹⁶ Palavras como “narrativa”, “história” e “sermão indutivo” tornaram-se comuns. Podemos listar algumas maneiras em que suas previsões se mostraram precisas:

1. “[P]regação deve ser entendida como *evento*” em contraste com a “pregação ‘mecânica’, que vê o sermão como um construto de partes.”¹⁷ Em outras palavras, algo acontece na pregação, o sermão cresce, o entendimento aprofunda-se, pessoas são transformadas; sermões não são primariamente transmissores de informação. O sermão produz um efeito: “O que aconteceu neste sermão?”.¹⁸

2. A pregação é bíblica, “concebida para dar expressão à palavra de Deus”.¹⁹ Seu tema é “nada mais do que a realidade como exposta pelo texto bíblico”.²⁰ Randolph declarou: “O sermão não deve ser a respeito de um texto, mas deve partir de um texto [...] Não é para ser uma exposição do texto, mas uma realização do texto”.²¹ Com isso ele quis dizer que a pregação não deveria ser apenas expositiva, mas também fazer o que proclama e efetuar a intenção por trás do texto. Leander Keck defendeu a renovação da Bíblia para o púlpito.²² A posterior publicação do Lecionário Comum Revisado, baseado no Lecionário Católico Romano, de três anos depois, do Vaticano II, fez muito para ajudar essa renovação em muitas denominações.

3. É teológica e centrada em Cristo. Randolph reafirmou o propósito de John Wesley para a pregação: “Convidar. Convencer. Oferecer Cristo. Edificar. E fazer isso em alguma medida em todo sermão”.²³ Nem todos os estudiosos dos novos movimentos de

pregação tornaram esse objetivo tão explícito como o fizeram muitos pregadores afro-americanos e outros, como Bryan Chapell.²⁴

4. Trata de “uma preocupação importante a ser compartilhada, e não um tema a ser explicado. O sermão [...] não surge da religião em geral e se dirige ao universo”.²⁵ A experiência religiosa não é necessariamente universal, a mesma em todos os lugares. O pregador ouve as pessoas durante a semana e fala de suas preocupações. O sermão é mais uma conversa partilhada do que uma palestra.

5. A pregação move-se “da afirmação para a confirmação, e não do axioma para a evidência”.²⁶ Aqui, Randolph antecipa *As one without authority* [Como alguém sem autoridade] (1971), de Fred B. Craddock. Sermões proposicionais são dedutivos e lineares, enunciando a conclusão no início e depois provando-a. Craddock defendeu sermões indutivos que façam uma série de afirmações baseadas na experiência que redundem em um entendimento no final. Ele acreditava que o sermão deveria espelhar a jornada do pregador durante a semana para entender o texto de forma gradual.

6. Ela é contextual e “busca a *concretização* ao trazer à tona o significado do texto para a situação dos ouvintes em vez de apresentar uma abstração simplesmente expondo o texto em seu próprio contexto”.²⁷ O sermão aborda as necessidades reais dos ouvintes em contextos culturais e sociais específicos. Reflete a vida como é experimentada pelos ouvintes em vez de oferecer verdades genéricas originárias da situação bíblica.

7. “Procura formas [...] condizentes com a mensagem que pretende transmitir, não necessariamente aquelas que são as mais tradicionais.”²⁸ Em outras palavras, no que diz respeito à forma do sermão, um modelo não serve para todos.

Randolph mencionou duas outras práticas de pregadores, mas não previu totalmente sua importância para a nova homilética à medida que ela se desenvolvesse. A primeira era a necessidade de os pregadores serem poéticos, “apaixonados pela linguagem”,²⁹ sensíveis à imagem e à metáfora. A outra era o desenvolvimento da importância da narrativa: somente uma, várias, ou ao menos em grande parte do sermão. Sua ideia de narrativa distanciou-se da ilustração artificial do sermão que apresentava uma moral no final, mas ainda não reconhecia o significado pedagógico, sociológico e histórico da narrativa. Ele defendeu o valor de intercalar de forma fluida os elementos didáticos na própria narrativa.³⁰

Na época em que escreveu seu livro, a cultura em geral tinha se voltado para a narrativa no crescimento da mídia de massa, cinema e publicidade. Uma história ou narrativa pode ser definida como um retratar de eventos que apresentam a vida como ela é muitas vezes experimentada. Os direitos civis e os movimentos feministas dependiam de narrativas, expondo relatos de racismo e sexismo que mancham a história e o presente. Reportagens de televisão apresentavam relatos da Guerra do Vietnã nas salas de estar das casas com clareza e horror nunca experimentados. A narrativa, por muito tempo associada à ficção em contextos acadêmicos, tornou-se um veículo para transmitir a realidade. A narrativa pode ser constituída de um ou vários episódios. Ela se move por meio de um enredo, uma progressão lógica de acontecimentos, e não uma progressão lógica de pontos. Envolve tensão: acontece algo que gera desordem no modo em que as coisas eram, e uma solução é procurada. A narrativa envolve personagens e emoção, traz as pessoas à vida por meio das palavras. Ela favorece a linguagem sensorial concreta e os detalhes dos acontecimentos, e não abstrações acerca deles. O cinema e a televisão estabelecem um padrão visual ainda mais elevado para a narrativa.

Durante as décadas de 1970, 1980 e 1990, a mudança no cenário da pregação foi associada à narrativa e à sensibilidade poética para com a

imagem e a linguagem. Henry H. Mitchell, um líder da nova homilética, enfatizou como na pregação do movimento negro imagens e a narração de histórias bíblicas combinavam-se na experiência do povo.³¹ Um número crescente de mulheres no ministério, assim como de homens, descobriram que poderiam se identificar melhor com a pregação que usava histórias e imagens. As narrativas deram aos sermões elementos emocionais e espirituais muitas vezes ausentes em sermões fundamentados principalmente na lógica. Os antigos modelos de sermões pareciam muito masculinos, muito verticais na questão da autoridade, muito fundamentados em argumentos e não preocupados o suficiente em educar. As mulheres, especialmente, precisavam de novos modelos de sermão. Christine Smith via o sermão como algo que é tecido; Jana Childers alegava que era um evento encarnacional e comparou-o à atuação encarnada no teatro, e Nora Tubbs Tisdale o via como algo semelhante a danças folclóricas em círculo que se baseavam nas histórias e na teologia das pessoas locais.³² Eruditas feministas e mulheristas³³ levantaram questões sobre encarnação, autenticidade, responsabilidade, opressão, empoderamento, as formas de conhecer e de viver das mulheres, justiça social e temas semelhantes.

O interesse pela narrativa foi muito além da homilética, alcançando as salas de aula acadêmicas e influenciando quase todas as disciplinas. O filósofo Stephen Crites, em 1971, escreveu um artigo fundamental, afirmando que os seres humanos experimentam a vida como narrativa, como se ela tivesse um enredo. Ele definiu narrativa como “a qualidade formal da experiência ao longo do tempo”.³⁴ Declarou que as narrativas têm a capacidade de replicar e gerar experiência: “As narrativas e os mundos simbólicos que elas projetam são [...] como uma habitação. As pessoas vivem nelas”.³⁵ Os estudiosos da Bíblia dedicaram um novo olhar a como Jesus pregava e a suas parábolas como metáfora e narrativa. Estudiosos da antropologia à teologia sustentaram narrativas e “descrições densas” para retratar a experiência de vários grupos que historicamente foram silenciados

ou oprimidos. Surgiram novas teologias baseadas em grande parte na experiência: teologias negra, feminista, libertadora, mulherista, *mujerista*,³⁶ *minjung*,³⁷ de gênero, pós-colonial, e assim por diante. Essas perspectivas, por sua vez, influenciaram a pregação proposicional e a nova homilética.

C. Pregação afro-americana

À medida que a nova homilética se desenvolvia, a pregação afro-americana tornava-se mais amplamente reconhecida na cultura como um todo, em parte por meio do rádio e da televisão. Pregadores como Jim Forbes, da Riverside Church, em Nova York, levaram consigo a tradição negra para congregações de alta posição social, em grande parte compostas de pessoas brancas. Nem toda pregação afro-americana é igual. Ela é diversificada e, como qualquer pregação, não é uniformemente excelente, mas muitas pessoas consideram que certas expressões dela refletem uma tradição oral que está entre as melhores de hoje. Por meio da internet, ela é agora conhecida em todo o mundo. Baseia-se nas suas origens africanas, nas parábolas da África Ocidental,³⁸ em uma forte tradição de pregações populares e orais (não escritas), em cânticos evangélicos e *spiritual songs* e em experiências de escravidão, segregação e opressão racial. Partilha da mesma história que a da pregação branca, particularmente dos sermões expositivos e propositivos. Por sua vez, teve impacto e foi influenciada pela nova homilética.

1. Muitos pregadores afro-americanos nunca perderam a arte de contar histórias que a nova homilética trabalhou para reviver. A cultura negra de contação de histórias não só recontava histórias bíblicas em linguagem e imagens vívidas, mas também fazia isso de memória ou sem notas, e as encenava com um uso dramático de voz e gestos. Henry Mitchell defendia o ato de tornar-se o personagem bíblico, apresentando os eventos como uma “testemunha ocular” com grande

atenção aos detalhes.³⁹ A pregação desse tipo envolve a congregação na narrativa — a narrativa torna-se pessoal, da mesma maneira que os escravos na América sabiam que, na Bíblia, eles eram Israel no Egito, e o faraó vivia na casa grande da fazenda. John Jaspers, Harriet A. Baker e Howard Thurman tornaram-se modelos de pregação com imaginação, profundidade, coragem e vitalidade. As descrições que Ella Pearson Mitchell faz dos personagens bíblicos nas histórias muitas vezes obedeciam ao seguinte padrão: como as coisas eram, o que deu errado e como a situação se reverteu.⁴⁰ Frank A. Thomas identifica princípios compartilhados tanto por Aristóteles quanto por *The homiletical plot*⁴¹ [O enredo homilético] de Eugene Lowry em seu esboço para sermões: situação, complicação, resolução.⁴²

2. A pregação afro-americana muitas vezes tem uma musicalidade que inspira o *jazz*, o *blues*, o *gospel*, o *rock 'n' roll*, a *Motown*, o *hip-hop* e o *rap*, e também ecoa esses estilos musicais. Essa musicalidade envolve entonação, isto é, a diminuição e a elevação da voz, e o chamado e a reação, além daquilo que é designado sintonizar, clamar, cantar, gemer ou gritar. Essa musicalidade está ligada ao papel do Espírito, como ficou claro no relato de Jarena Lee (1783-1864) do que acontecia quando ela pregava: “um impacto maravilhoso do poder de Deus era sentido, demonstrado em toda parte por gemidos, suspiros e altos e felizes améns. Eu me sentia como se fosse ajudada pelo alto. Minha língua se soltava, a mulher gaga falava fluentemente; o amor por Deus e seu serviço queimava como uma chama veemente dentro de mim — seu nome era glorificado entre as pessoas”.⁴³ Em 1926, James Weldon Johnson chamou a atenção para a música em sua coleção de sermões negros populares, *God's trombones*,⁴⁴ seguida mais recentemente por Teresa Fry Brown, *Weary throats and new song*,⁴⁵ e Kirk Byron Jones, *The jazz of preaching*.⁴⁶ O especialista em homilética Eugene Lowry, que é um homem branco, fez comparações entre os sermões da nova

homilética e o jazz em várias apresentações de piano nas reuniões anuais da Academia de Homilética na década de 1990, escrevendo sobre isso em seu livro *The homiletical beat: why all sermons are narrative* [O ritmo homilético: por que todos os sermões são narrativa].⁴⁷

3. Associadas à música estão a poesia e a sofisticação retórica da pregação afro-americana, como no discurso “Eu tenho um sonho” de Martin Luther King Jr. no Monumento a Washington. A linguagem é concreta, visual, sensorial, vigorosa, melódica e memorável. A nova homilética tem recomendado a seus pregadores muitas dessas características de linguagem para evitar que [os sermões] pareçam um artigo acadêmico.

4. A pregação afro-americana é contextual. Leva a sério as situações específicas da comunidade negra, retratando-a como é e descobrindo na Bíblia um mandato para a prática da justiça social. O movimento pelos direitos civis despertou muitos pregadores eurocêntricos para histórias de injustiça e ódio raciais que haviam sido silenciadas anteriormente. Muito da pregação afro-americana continua a exemplificar como fé e devoção cristãs podem ser efetivamente combinadas com responsabilidade cristã e justiça social — quando para muitas igrejas essa é uma questão de escolher entre uma e outra.

5. É teológica, pois Deus está no centro do sermão. Henry H. Mitchell identificou a celebração como o clímax apaixonado e edificante de muitos sermões afro-americanos. A celebração concentra-se nos atos salvíficos de Deus: “Somente verdades positivas sobre Deus por meio de Cristo curam e empoderam, produzindo grande alegria e louvor”.⁴⁸ Mitchell continua: “A primeira pessoa a entrar nas águas do êxtase deveria ser o comunicador das boas-novas”.⁴⁹ Ele apresenta a celebração como algo para todos os pregadores imitarem de maneira adequada às próprias culturas e tradições. As

congregações, segundo Mitchell, precisam sentir algo, precisam sentir que “fazem o que celebram”.⁵⁰ Frank A. Thomas manteve sua ênfase em celebrar Deus.⁵¹ Warren H. Stewart Sr., no primeiro livro sobre hermenêutica negra para o púlpito (1984), sustentava que, na tradição negra, Deus era “o ponto de partida”.⁵² Cleophus J. LaRue ressaltou a ação de Deus como “o centro da pregação negra” — as pessoas esperam “ser asseguradas e reasseguradas de que Deus agiu e agirá por elas e para sua salvação”.⁵³ Recentemente, Gennifer Benjamin Brooks ressaltou a importância de pregar a graça, mesmo com base em textos difíceis.⁵⁴

6. Muito da pregação afro-americana encontra-se na tradição oral, sem manuscrito. Muito da pregação dos brancos ficou presa à página, no movimento para a educação pública no século 19, e agora luta para se libertar dela. Com a segregação, negaram-se às comunidades afro-americanas oportunidades educacionais, e o impacto negativo da escrita pode ter sido menor, por uma ironia cruel. Os cultos e sermões afro-americanos tendem a ser mais longos que os eurocêntricos, e exigem dons orais alentados. Pregadores demonstram mediante a prática frequente que as regras para o discurso oral nem sempre são as mesmas que as da página escrita. Um tema único é importante para ambos. No entanto, os pregadores treinados para escrever artigos acadêmicos devem desaprender algumas regras de redação que atrapalham a pregação, como “não repetir, citar apenas os fatos, eliminar detalhes, não se estender em situações específicas, eliminar a descrição, evitar sentimentos e não registrar conversas”.

Os pregadores afro-americanos foram fundamentais em ajudar a moldar a nova homilética, mesmo quando já praticavam muitas coisas ensinadas por ela e adotavam alguns de seus outros ensinamentos.

D. As eras moderna e da internet: o contexto social da pregação

Vimos que a pregação mudou radicalmente no último meio século, em parte por causa do (1) PowerPoint, (2) do desenvolvimento da nova homilética e (3) da exposição e da apreciação da pregação afro-americana. A pregação também mudou com (4) a mudança cultural da era moderna para a da internet, algo que consideraremos em duas partes: como a era da internet pensa e como isso influi na pregação.

1. A era da internet influencia como os seres humanos pensam

O termo “moderno” refere-se a algo que originou-se do Iluminismo ou da era da razão. Associado a filósofos como René Descartes e John Locke, o Iluminismo caracteriza-se pela total confiança na razão e na lógica. Na Idade Média, legitimidade e autoridade fundamentavam-se em dogmas e tradições consagrados. No mundo moderno, a ciência, a evidência e os argumentos históricos tornaram-se as novas autoridades. A sociedade valorizou o progresso, a liberdade, a autonomia do indivíduo, a democracia, a tolerância, a unidade e o conhecimento. A autoridade continuou a ser exercida de forma hierárquica. As categorias subjetiva e objetiva foram consideradas legítimas. A verdade poderia ser plenamente conhecida, apreendida e expressa. Os textos bíblicos poderiam ter um único significado. As partes encaixam-se perfeitamente em um todo unificado. O foco estava em indivíduos e disciplinas individuais em oposição a sistemas.

A nova homilética, à sua maneira, destacou como a linguagem tensiva funciona e as diferenças no modo de as pessoas pensarem, por exemplo, por meio de metáforas e metonímias, que serão tratadas no capítulo 3. A internet e as mídias sociais chamam ainda mais atenção para como as pessoas pensam e para como esses padrões de pensamento são influenciados pela tecnologia: a comunicação geralmente ocorre em pequenas efusões ou

tuítes, com tópicos saltando ao redor, e links geralmente têm preferência em vez de argumentos.

Os precursores da internet começaram com a tecnologia da computação na década de 1950, mas foi somente na década de 1990 que o impacto transformador da “rede mundial” de computadores influenciou de maneira plena a sociedade e a cultura, ao mesmo tempo que apareceram protótipos de *smartphones*. Os padrões de pensamento humano tinham sido alterados. Os padrões de concentração foram reduzidos. As pessoas são menos pacientes para ler longos argumentos. Muitas vezes, a leitura profunda é uma grande dificuldade. Elas querem pequenas doses de informação em pequenos bocados. A memorização tem sido amplamente perdida; qualquer assunto pode ser pesquisado on-line. A mente fica liberada para outras coisas. Agora as pessoas carregam uma boa parte de sua memória fora do corpo, em *tablets*, que têm a capacidade de acessar informações. Com a capacidade de gravar vídeos digitais, a necessidade de descrever as coisas com palavras é reduzida. Os seres humanos estão conquistando habilidade na gestão de grandes quantidades de informação, mas, até agora, a internet pouco oferece do ponto de vista do discernimento sobre as informações, sua confiabilidade ou veracidade. As pessoas agora questionam o que é conhecimento. Na internet, elas tendem a buscar a confirmação de suas próprias perspectivas. As mídias sociais operam com base em “curtidas”, e os indivíduos tendem a atuar em bolhas de mídia social formadas por pessoas que têm ideias semelhantes às deles, das quais a diversidade e a tolerância podem ser excluídas.

Talvez não seja coincidência que, na mesma época em que a cultura ocidental estava em transição para a mídia digital, ela também estivesse completando uma transição das atitudes modernas para as pós-modernas. Possivelmente não haja melhor símbolo de pós-modernismo do que a internet. Embora a expressão “pós-modernismo” já esteja um pouco fora de moda nas passarelas do pensamento filosófico, para as novas gerações de

cristãos a pós-modernidade — por falta de um termo melhor — é uma norma. Ela influencia a todos na sociedade ocidental, mesmo aqueles que não tenham ouvido falar dela. Está ao nosso redor e em nós, gostemos ou não. Faz parte do cenário mais amplo, como argumentou James K. A. Smith em seu livro *Who's afraid of postmodernism?*⁵⁵ [Quem tem medo do pós-modernismo?] e como também busquei demonstrar em minha obra *Preaching as poetry: beauty, goodness, and truth in every sermon* [Pregação como poesia: beleza, bondade e verdade em cada sermão].⁵⁶

Muita coisa no mundo pós-moderno surgiu como reação saudável à percepção de uma excessiva confiança da modernidade na razão. Grupos minoritários eram vistos como objeto de ofensa ou eram silenciados pela imposição dos padrões de unidade e conformidade da modernidade. A pós-modernidade é caracterizada por suspeitas e questionamentos, desunião e diversidade, sistemas e redes de interligação. A internet é um excelente símbolo do pós-modernismo; comprova muito da teoria pós-moderna. As metanarrativas abrangentes unificadas, como o sonho americano, são rejeitadas por alguns estudiosos, que defendem histórias individuais que não se encaixam em um padrão linear. Textos e símbolos são reconhecidos como polivalentes, com várias interpretações possíveis, dependendo da perspectiva de uma pessoa. Autoridade horizontal, controle compartilhado, descentralização e transparência são mais confiáveis do que modelos verticais e centralizados. O diálogo constante é valorizado em vez de conclusões e respostas fixas. Comunicação e processo são mais valorizados que o produto e o objetivo. O relativismo tende a dominar. Algumas pessoas dizem que não há verdade, apenas interpretações dela, ou que a verdade é histórica e culturalmente específica. Para muitos, verdade e realidade estão sob suspeita.

A era da internet, a pós-modernidade ou outros conceitos relacionados (metamoderno, pós-pós-moderno, pós-secular, pós-cristão, pós-verdade, pós-fato) não podem ser ignorados porque as realidades para as quais eles

apontam estão na cultura em geral, nas pessoas que vêm à igreja e em cada pregador, de formas complexas sutis ou evidentes. Entretanto, algumas perspectivas associadas à filosofia pós-moderna são contrárias ao ensinamento cristão: os cristãos afirmam a verdade, conhecida mais claramente em Jesus Cristo (“conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”, Jo 8.32), mesmo que a realidade seja apreendida, como Paulo disse, “de modo obscuro, como por um espelho” (1Co 13.12, KJV). O que uma pessoa ou grupo entende ser bom, outros talvez não achem bom, mas a verdadeira virtude não é simplesmente relativa, e “toda boa dádiva [...] vem do alto” (Tg 1.17, KJV). A história cristã como um todo é necessariamente uma metanarrativa (i.e., uma narrativa abrangente do amor de Deus que inclui todos), mas a Bíblia é também o que os críticos exigem: muitas histórias individuais (i.e., livros bíblicos e textos individuais de pregação) que permitem várias perspectivas comuns e individuais.

Mudanças significativas ocorreram na cultura nas últimas décadas à medida que os valores modernos foram substituídos por perspectivas alternativas. Durante algumas décadas, o adjetivo “pós-moderno” foi usado para designar o que vinha depois do moderno, mas essa designação também foi contestada, por várias razões: (1) Implicava uma ideologia unificada ou coerente, quando na verdade a era atual tem muitos entendimentos divergentes e concorrentes e nenhum programa central. Nenhum termo representa adequadamente as visões divergentes. (2) O pós-modernismo estava associado à tarefa de criticar as coisas, descobrindo contradições internas, ou à desconstrução, e não à reconstrução. Filósofos e críticos observavam como os autores rejeitavam seus próprios argumentos com suas palavras. Um argumento de direitos civis pode ser rejeitado porque seu autor poderia ser interpretado como alguém que está negando direitos a outros. Um artigo pode ser rejeitado por apresentar alternativas binárias, parecendo negar outras alternativas legítimas. (3) O pensamento pós-moderno poderia levar ao absurdo e à anarquia.⁵⁷ Nenhum argumento poderia resistir à sua

busca microscópica por vulnerabilidades. Verdade e virtude pareciam depender da perspectiva de qualquer pessoa, e qualquer autoridade poderia ser rejeitada. (4) A pós-modernidade nunca atraiu os grandes setores da atividade humana, como a ciência e a matemática práticas, os bancos de investimento ou a maioria das culturas não ocidentais. Nesses contextos, os valores associados ao período moderno geralmente permanecem dominantes.

Entretanto, as verdades para as quais a pós-modernidade aponta não podem simplesmente ser ignoradas. O que há de bom na expressão “pós-moderno” é o fato de ela representar claramente a era atual como posterior à moderna, estabelecendo contrastes com aquilo que é moderno, e o fato de ela indicar que a pós-modernidade é tão significativa como paradigma quanto a era moderna. As formas de pensar que caracterizam a era da internet não estão desaparecendo. As realidades sociais para as quais as várias expressões apontam podem influenciar o próximo século, à medida que avançamos para um futuro tecnológico que ninguém é capaz de prever. O que foi aberto não voltará à caixa.

Grande parte da sociedade contemporânea parece moderna, particularmente em comunidades tradicionais, e outra grande parte parece pós-moderna. É tentador identificar a pregação proposicional com a era moderna em que ela surgiu: ela se inclina para ideias verticais de autoridade, reduzindo textos a conceitos, argumentando a favor de uma conclusão, verdades únicas, e assim por diante. Também é tentador identificar a nova homilética com a pós-modernidade. Ela demonstra a tendência para: ideias horizontais de autoridade; textos com muitos significados, não apenas um; a ótica da suspeita na interpretação de textos; interpretação com base em contextos específicos e dirigida a esses mesmos contextos em vez de focalizar a condição humana generalizada, e assim por diante. Ainda assim, nenhum modo de pregação é exclusivamente uma coisa ou outra, e o evangelho opõe-se à cultura moderna e à pós-moderna — ele se opõe à

cultura em geral. A modernidade e a razão não trarão salvação definitiva, tampouco a pós-modernidade, a comunicação e a desconfiança o farão. Ambas precisam de avaliação crítica e envolvimento.

2. Como a era da internet influencia as expectativas da pregação

A internet também influencia como as pessoas ouvem a pregação. A era atual parece mais focalizada no futuro, no que virá a seguir. A história é passado em ambos os sentidos: está preocupada com o passado e está fora de moda. Para muitas pessoas de hoje, uma fé que está fundamentada em eventos de dois mil anos atrás parece antiquada, se não obsoleta. Um modelo único de culto não é convidativo para muitos.⁵⁸ Os indivíduos querem informações em porções relativamente pequenas. Desejam que as informações sejam práticas, de relevância imediata para a vida delas. As formas do sermão precisam ajustar-se a períodos de atenção mais curtos. Os pregadores sentem-se pressionados a usar a tecnologia digital para acompanhar o sermão, e as igrejas gastam grandes quantias de dinheiro em computadores, telas, monitores e outros equipamentos.

Ao longo da história, os artistas procuraram representar a Bíblia de forma visual, e muitas das grandes pinturas de textos bíblicos não são apenas sermões em si; elas também podem ser usadas em sermões. No passado, os boletins e banners da igreja eram usados às vezes para fornecer imagens para os sermões. O uso de vídeos e imagens digitais em nossa época é uma variação disso. Não há escassez de material em vídeo disponível para usar: no entanto, encontrá-lo, editá-lo e fazê-lo funcionar sem problemas consome tempo, e a tecnologia pode ainda não estar suficientemente avançada para agilizar o processo.

Pregadores que usam tecnologia audiovisual podem extrair algumas lições do advento da narrativa com a nova homilética. O objetivo do sermão não é uma longa história ou um longo programa de vídeo. História e vídeo

são ferramentas para comunicar a realidade. Eles não substituem a necessidade de um discurso proposicional. Histórias e vídeos precisam de propósito e interpretação teológicos. Uma estrutura organizacional clara e um tema único para o sermão ainda são essenciais. Algumas histórias e imagens podem ser muito impactantes e devem ser evitadas, como as que apresentam o mal e a violência, embora ambas tenham de ser realidades reconhecidas. A utilização da narrativa e da tecnologia de vídeo não é boa nem ruim; são os propósitos para os quais elas são usadas e sua eficácia como ferramentas do evangelho que precisam ser avaliados.

Outras diretrizes para o uso de audiovisuais talvez se apliquem:

- Recrute jovens para ajudar com a tecnologia nos sermões; isso pode lhes oferecer um importante ministério a serviço da pregação.
- Adiante o tempo de preparação do sermão na semana para que os técnicos possam participar ajudando a encontrar as imagens certas.
- Faça videoclipes curtos. Não tente mostrar um longo trecho de um filme, apenas um trecho curto já é suficiente, talvez não mais do que um ou dois minutos.
- As palavras do sermão têm prioridade sobre o visual. Determine o centro da mensagem do sermão antes de procurar um acompanhamento audiovisual.
- Não se sinta pressionado a ter mais de uma imagem em uma tela para o sermão. Deixe que o tempo de preparação seja um fator determinante para o número e o tipo de imagens que você usa.
- Cuidado com elogios sobre tecnologia visual. As pessoas podem gostar de um videoclipe por outras razões que não o serviço ao evangelho.
- Resista ao uso de vídeo para entreter: na melhor das hipóteses, um sermão com vídeo é um documentário narrado — um gênero modesto.

A igreja não precisa tentar competir com a indústria do entretenimento.

Alguns cuidados com o uso de audiovisuais são adequados:

- O sermão não é apenas mais uma produção em vídeo. As pessoas precisam de uma palavra de Deus, e não de mais tempo na frente de uma tela digital.
- Os pregadores que dão preferência a vídeos subestimam o poder que as palavras bem trabalhadas têm para criar imagens e envolver pessoas em histórias que “acontecem” por meio do sermão.
- Os sermões sem vídeos são normalmente avaliados negativamente pelo que costumam ser (i.e., entediantes), e não pelo que podem ser quando proclamam o evangelho (como é o objetivo geral aqui demonstrar).
- Clipes audiovisuais são impactantes — Marshall McLuhan chamou-os de meios quentes, enquanto o discurso é um meio frio — e podem mudar o centro de gravidade de um sermão. As pessoas podem ficar desapontadas quando um videoclipe termina e o pregador retorna a um discurso que, em comparação, pode parecer monótono e sem vida.
- O centro de gravidade pode mudar para desprestigiar o ofício pastoral. O pregador pode ser percebido como um narrador, ou conferencista, ou artista, e não alguém que ministra cuidado ao povo.
- O centro de gravidade pode mudar para desprestigiar o ofício de proclamador. Quando o ofício pastoral é reduzido, isso também reduz a capacidade do pregador para falar em nome de Deus as palavras libertadoras do evangelho (como veremos nos capítulos 10 a 12).
- Os pregadores podem preferir a tecnologia ao trabalho árduo e ao poder na pregação do evangelho. O uso da tecnologia só deve ser considerado se as palavras do sermão se sustentarem sozinhas.

II. O CENÁRIO DA PREGAÇÃO: “ONDE ESTAMOS AGORA?”

Qual é o cenário atual da pregação? Continuamos caminhando para novas tecnologias. Somos uma geração pós-nova homilética? Em sentido estrito, a situação atual não traz novidades; aliás, fora a tecnologia, não há claramente nada de novo. A maioria das inovações que define a nova homilética apareceu antes de 2008, quando a indústria editorial se reorganizou depois que a crise das hipotecas de alto risco atingiu a economia. Poucos títulos novos em homilética foram publicados durante muitos meses, e, quando foram, o foco era principalmente em temas menos abrangentes.

A nova homilética, assim como a pós-modernidade, nunca foi um movimento exclusivo e unificado. Ao contrário, era uma escola de pensamento abrangente com limites flexíveis e longos tentáculos interdisciplinares. Ajudou pregadores de uma ampla gama de perspectivas teológicas a se adaptarem às grandes mudanças na cultura como um todo.⁵⁹ É cedo demais para esperar outro novo paradigma? Por quantos séculos permaneceram os paradigmas anteriores? Quando houver um novo paradigma totalmente desenvolvido, ele provavelmente estará relacionado à inovação tecnológica e poderá até mesmo desafiar o entendimento atual do que é pregação.

O projeto atual representa uma correção teológica da nova homilética, e não um novo paradigma em si. Como acontece com toda a erudição, esta obra se baseia no trabalho de outros, e não apenas no daqueles associados à escola homilética com foco voltado para problema/gracia.⁶⁰ A filosofia pós-moderna ensina que as suposições devem ser testadas e justificadas de novo. Nessas águas rasas, a nova homilética pode ter se atolado. Ela desafiou muitas ideias aceitas como pressupostos, como a dependência excessiva da razão e a irrelevância do contexto social. Contudo, não questionou a suficiência da própria representação da fé cristã. Focalizou a Bíblia em

sermões, relacionou-a com o mundo contemporâneo, mas não questionou criticamente se estava oferecendo as boas-novas ou fazendo todo o possível para nutrir a fé e transformar a vida. Ao pregar sobre problemas, ela foi pouco diferente da maioria das teorias de pregação que a precederam.

A nova homilética começou com um foco teológico que de alguma forma se perdeu. Randolph promoveu um evento da Palavra cristocêntrica. No entanto, à medida que a nova homilética se desenvolveu, não houve consenso, ou sequer um debate significativo, sobre o papel de Deus no sermão ou a função do evangelho. Descobertas sobre a linguagem tensiva e sobre como metáforas, parábolas e histórias funcionam levaram os estudiosos de homilética a ver o sermão como uma linguagem ou evento textual, um acontecimento, e não necessariamente um evento explícito de Deus. Livros-texto importantes, oriundos de todo o espectro teológico, foram escritos, mas quase não se concentram em Deus ou no papel do evangelho nos sermões. A velha fórmula “Pregar sobre Deus e pregar cerca de vinte minutos” (diferentes tempos de pregação foram apresentados) foi honrada mais pela segunda parte da frase do que pela primeira. Deus e o evangelho eram pressupostos. O sermão é a Palavra de Deus. As pessoas presumiram que, se prestarem atenção à teologia e à Bíblia, os sermões serão fiéis. A falta de Deus e do evangelho não era percebida, portanto não havia necessidade de correção.

Minha própria consciência do equívoco dessa suposição veio em meus primeiros anos como professor. Meus alunos escreviam sermões bíblicos. Eles eram bons em exegese, isto é, em extrair o significado dos textos bíblicos, em oposição à *eisegese*, que é a imposição de sentido ao texto. Eles estudavam as origens históricas, literárias e culturais de textos, questões de tradução, palavras-chave, ensinamentos centrais, e assim por diante. Eles se envolviam com eventos contemporâneos, contavam boas histórias, mostravam humildade adequada e liderança pastoral, compromisso com a tradição confessional, e assim por diante. Entendiam a Bíblia como a

Palavra de Deus, mas o veículo de seu sermão carecia de algo. Aos poucos, percebi que tinham posto Deus no banco de trás, se não no porta-malas. Eu havia pensado que, porque os sermões eram bíblicos, Deus estava na direção. Esses sermões focalizavam principalmente falhas e fraquezas humanas do passado, bem como deveres e obrigações do presente e do futuro. A responsabilidade de fazer tudo o que era necessário concentrava-se nos seres humanos.

Passei a entender que, se um sermão não é sobre Deus, ou seja, sobre quem Deus é e o que ele diz e faz, esse sermão é principalmente sobre pessoas. E, mesmo se um sermão for substancialmente sobre Deus, ele ainda pode se concentrar no pecado e no juízo e não dizer nada sobre o socorro de Deus. Uma maneira simples de testar a verdade disso é examinar os sermões atuais. Quem é o sujeito das orações? Deus, em uma das pessoas da Trindade, ou os seres humanos?

E o evangelho? A maioria dos estudiosos de homilética usa o vocábulo “evangelho” de forma genérica e presume que significa as boas-novas: é o que a igreja representa; é a mensagem geral cristã; é o que pregamos. Estudiosos não questionaram se os sermões eram sobre Deus nem se o evangelho era pregado. “Evangelho” não era uma palavra central que tinha que ver com conteúdo, boas-novas e, fundamentalmente, com a cruz e a ressurreição.⁶¹ Deus pode estar presente em sermões e a plenitude do evangelho ainda assim estar ausente.

O erudito bíblico James A. Sanders tinha suposições típicas sobre o evangelho. Ele falava sobre a graça como “hermenêutica constitutiva” de apoio, em contraste com a “hermenêutica profética” que perturba (i.e., incomoda).⁶² Ele falava em estilo binário, como se um pregador escolhesse uma ou outra para pregar no domingo. Ele afirma que, mantendo essas duas abordagens hermenêuticas como polos, alcançamos a tensão que está na Bíblia,⁶³ embora essa tensão não tivesse em mente sermões individuais. Ele alegava pregar quase sempre apenas com a hermenêutica profética:⁶⁴ “Muito

raramente sou convidado a pregar em situações em que a hermenêutica constitutiva ou de apoio, enfatizando a graça de Deus ou seu compromisso absoluto, seria pertinente”.⁶⁵ Alguma avaliação a mais era necessária de sua parte. Com muita frequência, estudiosos ou estudantes que têm pouca experiência pastoral subestimam quão essencial é nutrir as congregações com o evangelho. Em vez disso, podem escolher ministrar palestras históricas, sociais ou teológicas que talvez tenham pouca relação com questões da vida cotidiana ou com as boas-novas de Deus.

O evangelho precisa de definição. É a ação salvífica de Deus vista por todo o Antigo Testamento (veja Is 40.9; 61.1) ou por todo o Novo, e é identificada mais claramente na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo e na dádiva de seu Espírito na igreja. Deus salva, equipa, capacita e é a fonte de tudo o que é bom. O evangelho é a ação de Deus, embora tenhamos um papel a desempenhar mediante nossa aliança com Deus. O evangelho é experimentado quando a notícia é boa, como está implícito na raiz do sentido de evangélico, uma fonte de alegria e celebração a cada semana.

Aqui está um pressuposto central: a Palavra de Deus tem efeito duplo; ela prende e liberta, condena e absolve, exige e capacita, é tanto problema quanto graça. Por um lado, o problema concentra-se na ação e na responsabilidade humanas: (1) nós violamos a lei divina, somos julgados e chamados ao arrependimento; ou (2) o problema nos desperta para o sofrimento e a injustiça social ao nosso redor e nos chama a reagir. De qualquer jeito, o problema leva à morte porque está relacionado às nossas próprias habilidades.

Como o mandamento ou a lei divina é uma dádiva, a graça está envolvida. No entanto, a lei coloca sobre nós o fardo para fazer algo. A menos que sejamos mais justos do que Paulo, compartilhamos o dilema dele. Ao afirmar que “a lei é boa” (Rm 7.16), ele ainda confessa: “Não posso cumpri-la. Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, isso é o que faço” (Rm 7.18,19). Essa poderia ser a perspectiva dele anterior à

conversão. Ele conclui que seu socorro vem de Deus (7.24,25). Se por nós mesmos fôssemos capazes de fazer o que é exigido, não teríamos necessidade de um Salvador. Jesus diz: “sem mim nada podeis fazer” (Jo 15.5). Paulo acrescenta: “Não que sejamos capazes em nós mesmos para reivindicar algo vindo de nós; nossa capacidade provém de Deus” (2Co 3.5). Nós fazemos o que é exigido pela lei apenas com a assistência divina.

A Palavra é problema, aflição, mas também é o poder gracioso de Deus para realizar o que é necessário. Graça é a ação imerecida de Deus em nosso favor. Alguns pregadores tendem a restringir os atos salvíficos de Deus à alma de um indivíduo, mas isso é impor limites a Deus. Como um aluno de doutorado comentou de forma bem humorada: “O evangelho trata de encontrar pessoas no momento de sua necessidade. Às vezes, a libertação não diz respeito apenas a ser lavado no sangue do Calvário, mas também a ser alimentado com o pão da padaria”.⁶⁶ A graça é o dom do Espírito de Cristo para a igreja, capacitando-nos e nos guiando em vários ministérios moldados pela cruz.

Portanto, há duas partes na Palavra de Deus para as quais podemos usar vários conjuntos de palavras em pares: “juízo e graça”, “condenação e perdão”, “pecado e perdão”, “crucificação e ressurreição”, “morte e vida”, “Sexta-Feira Santa e Páscoa”, “lei e evangelho”, “justiça pelas obras e salvação pela graça”, “lamento e celebração”,⁶⁷ “ação humana e ação de Deus”, para citar apenas alguns exemplos. Esses pares não são totalmente equivalentes. Mesmo sem analisar as diferenças, às vezes sutis, as palavras acima dão uma ideia da complexidade e da riqueza da Palavra bifocal de Deus. As palavras “problema e graça” evitam a carga histórica de alguns termos acima. Aqui estão simples definições úteis para lembrar: O problema coloca o fardo sobre a humanidade para realizar algo. A graça aponta para Deus, que carrega o fardo e nos aceita em Cristo.

Problema e graça, ou lei e evangelho, não são opostos absolutos ou alternativas binárias. Eles se sobrepõem. Ambos os termos desses pares são

bons. A lei é boa não só porque surge como um presente de Deus; ela indica uma saída. O pecador deve fazer alguma coisa. O viciado em drogas deve desistir das drogas. Ainda assim, como o teólogo reformado suíço Emil Brunner declarou de maneira notável: Cristo nos encontra na lei, mas “não nos encontra como ele mesmo”.⁶⁸ A plenitude do evangelho não é “o que temos de fazer”. Cristo veio para cumprir a lei (Mt 5.17). Cristo nos encontra plenamente tanto no problema quanto na graça, tanto na cruz quanto no sepulcro vazio.

Embora normalmente pensemos dessa forma binária moderna que, se um elemento é verdadeiro, o outro deve ser falso, problema e graça não são binários. Ambos são verdadeiros. Lei envolve graça, e graça implica lei. As duas coisas se sobrepõem; não há distinção rígida entre elas. A palavra de juízo também pode ser palavra de libertação. A tensão aparentemente contraditória entre as duas partes da Palavra de Deus só pode ser resolvida pela fé. Como Paulo instrui: “Desenvolvam a sua salvação com temor e tremor; porque é Deus quem atua em vocês, capacitando-os a querer e a realizar conforme sua boa vontade” (Fp 2.12,13).

O poeta romântico e pregador Samuel Taylor Coleridge nos apresentou outra maneira de pensar nas relações de tensão, como na relação entre problema e graça. Ele explicou que as metáforas funcionam quando combinamos palavras como “amor” e “rosa”, como na frase “o amor é uma rosa vermelha”. Ao colocar os dois polos perto um do outro, um não nega o outro. Em vez disso, uma faísca ou terceira e nova identidade é criada, que é a relação entre os dois polos, o sentido da metáfora.⁶⁹ Assim, o amor é delicado e belo como uma rosa, mas espinhoso também, e precisa de um cuidado sensível. Em nosso caso, ao mantermos lado a lado problema e graça, a nova identidade gerada é a fé, nossa nova identidade em Cristo.

Uma equação orienta este livro: evangelho = problema + graça. Em muitos sermões que ouço, apenas parte da equação está presente, geralmente o problema. Se alguém observar os sermões na maioria das igrejas, em todas

as denominações, o que predomina é o problema. Nos casos em que Deus é o foco essencial, a ênfase está principalmente no que Deus ordena, e não no que Deus faz para nos ajudar a atender às demandas. Tanto a pregação proposicional quanto a nova homilética ficaram aquém nesse aspecto, e os atos salvíficos de Deus muitas vezes não eram o foco.

DEFINIÇÕES ÚTEIS

O **problema** coloca sobre a humanidade o fardo para realizar ou ser algo que as pessoas são incapazes de realizar ou ser por si mesmas. É consequência de afastar-se da Palavra vivificadora de Deus para viver por conta própria. Não é apenas um fardo; é morte. O problema engloba o pecado, o juízo, a lei, os mandamentos de Deus, a falha humana em cumprir esses mandamentos, a condição caída da criação, os desastres naturais e o sofrimento que infligimos uns aos outros. Ele é notavelmente expresso na escravidão de Israel, no Êxodo e nos eventos da crucificação de Jesus Cristo. Conclama os seres humanos a fazerem o que é necessário. Se algo parece ser um problema, na maioria das vezes o é.

A **graça** reconhece a ação de Deus, que assumiu, em Jesus Cristo, esse fardo da responsabilidade humana. Ela é uma ação capacitadora de Deus. A lei é boa e envolve graça, mas é a graça que capacita os seres humanos a atenderem às exigências da lei. A graça engloba elementos como perdão, salvação, providência, libertação, justiça, vitória sobre os “principados [e] poderes” (Ef 6.12, KJV) e a nova criação. Ela é mais plenamente expressa na ressurreição de Jesus Cristo e na dádiva de seu Espírito.

O **evangelho** é o encontro entre problema e graça, particularmente quando ambos são entendidos à luz da

crucificação e da ressurreição de Cristo. Nenhum dos dois é por si só a causa da fé; quando são acolhidos e mantidos em tensão, o evangelho pode ser manifesto e experimentado.

Nossas quatro páginas podem funcionar como ferramentas analíticas para interpretar sermões, independentemente da forma [de sermão] usada. Se as usarmos dessa maneira, elas podem funcionar primordialmente como um conjunto de regras elementares. Quando usadas como um guia para composição [de sermões], elas podem funcionar também como forma. Nos capítulos subsequentes, nós as tratamos em uma ordem que faz sentido teologicamente, embora possam ser reorganizadas: página 1: O problema no texto; página 2: O problema em nosso mundo; página 3: A graça no texto; e página 4: A graça em nosso mundo. O paradigma é a redenção, e o seu movimento engloba “um estado de privação (pecado, corrupção) e um estado de libertação dessa privação (salvação, libertação)”.⁷⁰ A jornada desse primeiro estado para o segundo não é mera transição; é transformação.

A nova homilética alega que forma e conteúdo estão relacionados. A forma de um texto bíblico influi em seu significado. Sua forma também influencia a forma de sermão e o significado que ele transmite. Isso também é verdade com respeito ao evangelho. As ideias modernas do evangelho tinham conteúdo, mas o evangelho era de certa forma estático, um relato do que Deus fez em Cristo, e não uma experiência de Deus. O evangelho é movimento, é ação acompanhada da assinatura de Deus. Tem forma, conteúdo e enredo. Como paradigma redentor, deve ser efetuado ou desempenhado. O evangelho tem forma e movimento, algo que os sermões precisam incorporar e refletir. A excelência pode ser mais bem avaliada pela eficácia dos sermões em ministrar o evangelho às pessoas.

Nossas quatro páginas podem ser metáforas para aproximadamente um quarto do sermão. Sermões ou homilias em algumas tradições têm a duração

de oito minutos; em outras, entre vinte e trinta minutos. Qualquer que seja o tamanho do sermão, é preciso que aproximadamente um quarto de sua extensão seja dedicado a cada página. Um sermão não é um artigo acadêmico disfarçado. Escrever um sermão é fazer um filme com palavras. Tanto quanto possível, os pregadores devem usar palavras para fazer pequenos vídeos da Bíblia e da vida de indivíduos hoje. O uso esporádico de vídeos digitais não reduz essa necessidade. Nossas quatro páginas podem ser mais bem concebidas como páginas da web que contêm vídeos, palavras e imagens, informação e ação.

As seções a seguir distribuem a tarefa de escrever o sermão ao longo da semana. Segunda-feira é dedicada ao texto bíblico e às decisões sobre a estrutura do sermão. Uma página é atribuída a cada dia, de terça a sexta-feira. Paulo Freire insistiu que a teoria e a prática precisam estar em constante diálogo.⁷¹ A teoria desafia a prática, e a prática amplia a teoria. Isso é especialmente verdadeiro para a homilética. Aqui, cada capítulo de reflexão teológica é combinado a um capítulo de prática de sermões publicados. Em uma seção de conclusão, dois sermões completos são apresentados juntamente com opções para reorganizar e modificar as páginas.

Desde o ensino fundamental, aprendemos que a gramática de uma língua é o conjunto de regras que regem sua estrutura de orações, suas expressões e palavras. O que apresentamos a seguir é uma gramática do evangelho, seu conjunto de elementos fundamentais. É o conjunto de princípios teológicos que permitem que a Palavra de Deus seja não apenas ouvida como conteúdo, mas também experimentada como boas-novas autênticas em nossa época e em nossas circunstâncias. O evangelho tem que ver com um encontro com o Deus vivo, o qual se dá em grande parte mediante a linguagem do sermão. Quais regras facilitam isso? Uma pessoa aprende sua língua nativa pela observação, sem conhecer regras gramaticais. Um ouvido treinado, porém, ainda consegue perceber as regras em ação sob

a superfície. Identificá-las não é inventá-las, mas, sim, nomeá-las. Se alguém não é um falante nativo de uma língua, e pregar o evangelho não é algo nativo ou natural para a maioria de nós, as regras ensinam a melhor maneira de falar. Elas podem não ter sido classificadas antes como gramática ou como um conjunto de regras elementares, mas não são arbitrárias nem inventadas. São princípios universais. Elas entram em ação sempre que a pregação é bíblica, e esta é uma das razões por que argumento aqui que todos os pregadores precisam estar conscientes dessas regras, independentemente de quais formas de sermão são ensinadas ou usadas.

1 Edward O. Grimenstein sugere a possibilidade de uma quinta página que trata da relevância da cruz e da ressurreição para a congregação, algo que ele reconhece estar presente nas páginas 3 e 4, mas deseja que mais tempo seja dedicado a esse tema. Conforme diz, esse não é um novo elemento da pregação, mas uma questão de o sermão ter mais tempo dedicado a ele. Veja sua obra *A Lutheran primer for preaching: a theological and practical approach to sermon writing* (St. Louis: Concordia, 2015), esp. p. 88, nota 1, p. 95-7.↵

2Haddon W. Robinson, *Biblical preaching: the development and delivery of expository messages*, 2. ed. (Grand Rapids: Baker, 2001), p. 20.↵

3Ibidem, p. 30.↵

4Robert de Basevorn, “The form of preaching”, tradução para o inglês de Leopold Krul, in: James J. Murphy, org., *Three Medieval rhetorical arts* (Berkeley: University of California Press, 1971), p. 138.↵

5John A. Broadus, *Treatise on the preparation and delivery of sermons*, 17. ed. (New York: A. C. Armstrong & Son, 1891), p. 266.↵

6Ibidem, p. 266.↵

7Ronald A. Nathan, “The way forward”, in: Bishop Joe Alfred, org., *Preaching with power* (London, Reino Unido/New York: Cassell, 1998), p. 1-7.↵

8Veja James H. Harris, in: Ronald J. Allen, org., *Patterns of preaching: a sermon sampler* (St. Louis: Chalice, 1998), p. 36-42. ↵

9Henry H. Mitchell, *Preaching as celebration and experience* (Nashville: Abingdon, 1990), p. 62.↵

10Veja William B. McClain, “Teaching sermon”, in: Allen, org., *Patterns of preaching*, p. 183-9.↵

11Fred Craddock, *Preaching* (Nashville: Abingdon, 1985), p. 123.↵

12Veja, por exemplo, Peter Jonker, *Preaching in pictures: using images for sermons that connect* (Nashville: Abingdon, 2015); Scott Hoezee, *Actuality: real life stories for sermons that matter* (Nashville: Abingdon, 2014). Stephen Farris, *So tell me a story: the art of storytelling for preaching and teaching* (Eugene: Cascade, 2018).↵

13H. Grady Davis, **Design for preaching** (Philadelphia: Fortress, 1958), p. 15.↵

14Ibidem, p. 16.↵

15Veja esp. Gerhard Ebeling, “Word of God and hermeneutic”; Ernst Fuchs, “The New Testament and the hermeneutical problem”, in: James M. Robinson; John B. Cobb, orgs., *The new hermeneutic* (New York: Harper & Row, 1964), p. 78-110, 111-46.↵

16David James Randolph, *The renewal of preaching* (Philadelphia: Fortress, 1969). A expressão “nova homilética”, que não aparece no título do livro, aparece duas vezes na sobrecapa como subtítulo “A new homiletic based on the new hermeneutic”. O capítulo 1 é intitulado “Preaching and the new hermeneutic: toward a new homiletic”. A expressão foi popularizada por Richard Eslinger em 1987 em sua obra *A new hearing: living options in homiletical method* (Nashville: Abingdon, 1987), p. 11.↵

17Ibidem, p. 19.↵

18Ibidem, p. 132.↵

19Ibidem, p. 19.↵

20Ibidem, p. 20.↵

21Ibidem, p. 97.↵

22Leander Keck, *The Bible in the pulpit: the renewal of biblical preaching* (Nashville: Abingdon, 1978).↵

23Ibidem, p. 19.↵

24Bryan Chapell, *Christ-centered preaching: redeeming the expository sermon* (Grand Rapids: Baker, 1994) [edição em português: *Pregação cristocêntrica* (São Paulo: Cultura Cristã, s.d.)].↵

25Randolph, *The renewal of preaching*, p. 22.↵

26Ibidem.↵

27Ibidem, p. 23↵

28Ibidem.↵

29Ibidem, p. 107.↵

30Ibidem, p. 110-4↵

31Henry H. Mitchell, *The recovery of preaching* (San Francisco: Harper & Row, 1977), esp. p. 45-53, 74-95.↵

32Christine M. Smith, *Weaving the sermon: preaching in a feminist perspective* (Louisville: Westminster John Knox, 1989); Jana Childers, *Performing the Word: preaching as theatre* (Nashville: Abingdon, 1998); Nora Tubbs Tisdale, *Preaching as local theology and folk art*, Fortress Resources for Preaching (Minneapolis: Fortress, 1997).↵

33O mulherismo é um movimento criado e sustentado por feministas negras, que entendem que as preocupações das mulheres negras e a opressão sofrida por elas são distintas da preocupação e do sofrimento das mulheres brancas. Também afirmam que o movimento feminista em geral é liderado por mulheres brancas e de classe média. (N. do E.)↵

34Stephen Crites, “The narrative quality of experience”, *Journal of the American Academy of Religion* 39 (1971): 291.↵

35Ibidem, p. 295.↵

36O *mujerismo* é um movimento criado e sustentado por feministas da comunidade hispânica, que tem como objetivo capacitar mulheres latino-americanas a entender as supostas estruturas opressoras que determinam sua vida diária e a lutar contra elas. Assim como o mulherismo, o *mujerismo* é um subgrupo do feminismo. (N. do E.)↵

37A teologia *minjung* originou-se da luta de cristãos coreanos pela justiça social e política na Coreia. O termo *minjung* significa “oprimido” e refere-se às experiências dos coreanos oprimidos nas dimensões política, cultural e social que servem de base para essa teologia. (N. do E.)↵

38Mitchell, *The recovery of preaching*, p. 46.↵

39Ibidem, p. 84-5.↵

40Veja a seção sobre Ella Pearson Mitchell em Allen, *Patterns of preaching*, p. 124-30.↵

41Eugene Lowry, *The homiletical plot: the sermon as narrative art form* (Atlanta: John Knox, 1980).↵

42Frank A. Thomas, *They like to never quit praisin’ God: the role of celebration in preaching* (Cleveland: United Church, 1997), p. 52-5.↵

43Jarena Lee, “My call to preach the gospel”, in: Richard Lischer, org., *The company of preacher: wisdom on preaching, Augustine to present* (Grand Rapids: Eerdmans, 2002), p. 82.↵

44James Weldon Johnson, *God’s trombones: seven negro sermons in verse* (New York: Penguin, 1927).↵

45Teresa Fry Brown, *Weary throats and new song: black women proclaiming God’s Word* (Nashville: Abingdon, 2003).↵

46Kirk Byron Jones, *The jazz of preaching* (Nashville: Abingdon, 2004).↵

47Eugene L. Lowry, *The homiletical beat: why all sermons are narrative* (Nashville: Abingdon, 2012).↵

48Henry H. Mitchell, *Preaching as celebration and experience* (Nashville: Abingdon, 1990), p. 63.↵

49Ibidem, p. 68.↵

50Ibidem, p. 62.↵

51Frank A. Thomas, *They like to never quit praisin’ God* (Cleveland: Pilgrim, 1997).↵

52Warren H. Stewart Sr., *Interpreting God’s Word in black preaching* (Valley Forge: Judson, 1984), p. 13-24.↵

53Cleophus J. LaRue, *The heart of black preaching* (Louisville: Westminster John Knox, 2000), p. 69.↵

54Gennifer Benjamin Brooks, *Unexpected grace: preaching good news from difficult texts* (Cleveland: Pilgrim, 2012).↵

55James K. A. Smith, *Who's afraid of postmodernism? Taking Derrida, Lyotard, and Foucault to church* (Grand Rapids: Baker Academic, 2006). ↵

56Paul Scott Wilson, *Preaching as poetry: beauty, goodness, and truth in every sermon* (Nashville: Abingdon, 2014).↵

57Um exemplo de pensamento pós-moderno na área de homilética é o texto de Jacob D. Myers, “Troubling homiletics: why preaching must die”, *The Academy of Homiletics Workgroup Papers* (Academy of Homiletics, 2017), disponível em: <http://www.homiletics.org/>. Ele se baseia em sua obra *Preaching must die! Troubling homiletical theology* (Minneapolis: Fortress, 2017). Ele afirma: “A homilética existe para libertar a pregação da teologia. Homilética não são palavras sobre Deus nem a ‘Palavra’ de Deus, se é que *existe algo* assim. A homilética, assim como a teologia e como a pregação, não pode ter vida em si e a partir de si. Creio que o único propósito da homilética é ajudar a pregação a ter uma boa morte” (p. 54). Seus comentários têm algum valor filosófico, e seu artigo parece basear-se em uma fé profunda. Seus comentários também sugerem lealdade à necessidade de inovação da academia à custa da herança cristã, das necessidades de fé da igreja local e da realidade das lutas pastorais no dia a dia do ministério.↵

58Veja minha abordagem sobre essa questão na obra *Preaching as poetry* (Nashville: Abingdon, 2014), p. 125-37.↵

59Além da obra de Haddon Robinson (2. ed.), dois livros-texto que repercutem muitos pensamentos da nova homilética são Michael J. Quicke, *360 degree preaching: hearing, speaking, and living the Word* (Grand Rapids: Baker Academic, 2003); Kenton C. Anderson, *Choosing to preach: a comprehensive introduction to sermon options and structures* (Grand Rapids: Zondervan, 2006).↵

60Paul Scott Wilson, *Preaching and homiletical theory*, *Preaching and Its Partners* (St. Louis: Chalice, 2004), esp. p. 73-115.↵

61Lowry concentrou-se no evangelho em *The homiletical plot*, p. 62-72. Dois de seus cinco estágios são “Experimentando o evangelho” e “Antecipando as consequências”. Ele identifica o evangelho como “a atividade decisiva de Deus” (p. 69) e a dádiva de não termos de nos justificar (p. 63). Ele menciona “o evangelho de Jesus Cristo” somente de passagem (p. 65, 70, 72) e não fala da cruz e da ressurreição. A questão não é o que foi evitado, mas o que ele/nós achou/achamos seguro pressupor.↵

62James A. Sanders, *God has a story too* (Philadelphia: Fortress, 1979), p. 18.↵

63Ibidem, p. 16.↵

64Ibidem, p. 18.↵

65Ibidem, p. 19.↵

66Andy Manzano, “Ministry with a difference” (2 nov. 2016), sermão não publicado, ministrado como parte da tarefa de um curso de Doutorado em Ministério no McCormick Theological Seminary, Chicago, Illinois.↵

67Veja, por exemplo, Luke A. Powery, *Spirit speech: lament and celebration in preaching* (Nashville: Abingdon, 2009).↵

68Emil Brunner, *Truth as encounter* (Philadelphia: Westminster, 1963), p. 121.↵

69Veja a análise de Coleridge em Paul Scott Wilson, *Preaching as poetry: beauty, goodness, and truth in every sermon* (Nashville: Abingdon, 2014), p. 118-20.↵

70Michael Root, “The narrative structure of soteriology”, in: Stanley Hauerwas; L. Gregory Jones, orgs., *Why narrative? Readings in narrative theology* (Grand Rapids: Eerdmans, 1989), p. 263.↵

71Paulo Freire, “Education, liberation and the church”, *Religious Education* 79, n. 4 (Fall 1984): 524-46.↵

PRIMEIRA SEÇÃO

**DANDO INÍCIO:
SEGUNDA-FEIRA**

CAPÍTULO 2

EXEGESE E A UNIDADE DO SERMÃO

Pregadores precisam começar a escrever os sermões logo no início da semana. Um antigo e respeitado ditado recomenda “uma hora de estudo para cada minuto de sermão”. Quando os pregadores não se preocupam com a preparação do sermão até sábado, a Palavra sofre. Um desenho animado retrata bem isso: um pregador abatido com óculos tortos, cabelo desganhado e roupas amarrotadas esforça-se para manter os olhos abertos enquanto prega; atrás do púlpito, de ambos os lados, dois anciãos sentam-se em uma letargia catatônica: “Filosofia do pastor Spitzwaller: Por que passar a semana toda suando para preparar um sermão, quando você pode acordar às três da manhã de domingo, produzi-lo a todo vapor e pregá-lo enquanto ainda está fresco na sua mente?”.¹

Distribua o trabalho de preparação ao longo da semana. O grande pregador escocês James S. Stewart (1896-1990) reservava todas as manhãs um horário ininterrupto para estudo e preparação. Ele pregava duas vezes no domingo, e dizia que o sermão da manhã deveria estar pronto até a noite de quarta-feira e o sermão da noite, até a noite de sexta-feira. Dez horas, distribuídas por quatro ou cinco dias, valem o dobro desse mesmo tempo somente no sábado. Ao começar cedo a preparação, a mente trabalha no sermão em segundo plano, enquanto o pregador faz outras coisas, como o trajeto de casa para o trabalho, compras ou visitação. Histórias surgem. Novas ideias e argumentos se apresentam. Além disso, a mente tem várias noites de sono para resolver problemas. Dessa maneira, o sermão está em constante formação. Os pregadores pensam erroneamente que poupam

tempo restringindo a um dia a preparação do sermão. Com algumas horas por dia dedicadas ao sermão, para cada hora investida um pastor pode obter o dobro do resultado.

I. DANDO INÍCIO

Muitos dos meus alunos lamentam não ter uma prática de espiritualidade como a que foi desenvolvida por Inácio. No entanto, de uma perspectiva protestante, a preparação do sermão é uma parte central da disciplina espiritual do pregador. Envolve estudo, oração, meditação e produção de texto. Isso é tempo congregacional da mais elevada importância. Pregadores alcançam o maior número de pessoas de uma vez na semana quando pregam. Um bom ponto de partida para o sermão são estes dois exercícios: um deles é brincar com o texto bíblico, e o outro é fazer a exegese.

A. Brincando com o texto bíblico

Agostinho dizia que a pregação deveria ensinar, deleitar e persuadir, e os pregadores da nova homilética começaram a resgatar essa questão do deleite. A pregação foi reformulada como um esforço criativo. É preciso imaginação para retratar cenas bíblicas, captar as necessidades e representar a fé das pessoas de hoje. Falar de Deus exige imagens, metáforas, histórias e certa habilidade lúdica.

A pregação é assunto sério; por isso, pode parecer estranho recomendar que se brinque com o texto bíblico. Os psicólogos nos dizem como a brincadeira é importante para o desenvolvimento infantil, mas ela é importante para o sermão também. De modo voluntário, deixamos suspensa a identificação dos significados do texto até verificarmos o que ele quer dizer de fato. Pense nisso como se estivesse dividindo o texto em várias partes. Quando percebemos seus detalhes, começamos a enxergar o todo com

novos olhos. Todo texto tem muitos focos, ou concentrações. Os focos do texto são aquelas ideias que o texto traz e vêm expressas em frases declarativas de sentido completo.

Os focos do texto são aquelas ideias que o texto traz e vêm expressas em frases declarativas de sentido completo.

Focos do texto em uma quadrinha infantil

Vamos começar com uma quadrinha infantil, para que esse conceito dos focos do texto fique mais claro:

Joaquim e Violante subiram o monte,
para um balde d'água buscar.

Joaquim rolou, sua coroa quebrou
e Violante caiu atrás dele a rolar.

Aqui há uma lista de focos do texto:

Violante é uma menina. (Ou não. Talvez ela seja uma adolescente ou uma mulher. Presumimos que ela seja uma menina pequena porque os desenhos nos livros de criança a mostram assim.)

Joaquim é um menino. (Novamente, talvez não seja, mas pode-se argumentar que uma quadrinha infantil diga respeito a crianças, e não a adultos.)

Eles estão em cima do monte.

Vivem perto do monte. (Poderiam estar acampando.)

Foram buscar água.

Alguém os enviou. (Carregar água em um balde na descida de um monte geralmente não é brincadeira de crianças.)

Sabem o que fazer.

Já fizeram isso antes.

São dignos de confiança para fazer isso sozinhos.

Eles têm um balde. (Ou há um balde em cima do monte, mas isso parece menos provável.)

Existe água no alto do monte. (Isso é o que as ilustrações mostram, mas talvez a água só esteja a certa altura do monte, que é mais elevada do que o lugar em que Joaquim e Violante estão, mas não necessariamente no topo do monte.)

Há um poço no alto do monte. (Ou há uma torneira, mas esse verso remonta ao século 17 [quando ainda não havia torneiras].)

O poço está em um lugar incomum. (Poços geralmente ficam em locais planos. Um adulto que carregava água teria deixado um balde no topo do monte para as crianças buscarem, ou essa é uma quadrinha sem lógica?)

Eles pegam a água.

Estão carregando a água.

Ela precisa ser carregada pelos dois.

Joaquim cai.

Ele tomba para a frente.

E cai.

Ele rola morro abaixo.

Joaquim não planejava cair.

Ele tropeçou.

Joaquim bateu a cabeça.

Ele quebrou sua coroa. (Ou seja, Joaquim está usando uma coroa.)

Sua coroa quebra.

Sua coroa bateu em algo duro.

Violante perdeu o equilíbrio.

Violante caiu atrás dele.

Joaquim tropeçou.

Eles rolam juntos.

O balde respinga.

A água se esparrama para fora.

Joaquim e Violante estão bem. (O texto não diz nada sobre eles chorarem, morrerem ou algo semelhante. O gênero poético infantil sugere um final feliz.)

Ao fazer esse exercício divertido, encontramos mais informações no texto do que inicialmente supúnhamos haver e descobrimos coisas que não sabíamos. Os focos do texto fazem alegações plausíveis. Se em vez dessa quadrinha tivéssemos um texto mais sério, como a Bíblia, talvez não teríamos brincado com ele e, assim, deixaríamos de notar algumas de suas dimensões. De forma incorreta, teríamos nos apressado em perguntar: “O que pregarei?”.

Eu aconselho pregadores a fazerem esse exercício tão logo escolham o texto bíblico de sua pregação e antes mesmo de consultar alguma fonte de pesquisa. Brinque um pouco. Ore. A pregação virá depois. Apenas observe o que o texto diz e o que ele não diz.

Focos do texto de 1Coríntios 1.10-18

Irmãos e irmãs, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, exorto a todos vocês que concordem uns com os outros e que não haja divisões entre vocês; antes, que todos estejam unidos em uma só mente e um só propósito. Pois fui informado, meus irmãos e irmãs, por alguns da casa de Cloe, de que há divisões entre vocês. Com isso quero dizer que cada um de vocês afirma: “Eu sou de Paulo”; ou “Eu sou de Apolo”; ou “Eu sou de Cefas”; ou ainda “Eu sou de Cristo”. Acaso Cristo está dividido? Foi Paulo crucificado em favor de vocês? Foram vocês batizados em nome de Paulo? Dou graças a Deus por não ter batizado nenhum de vocês, exceto Crispo e Gaio, de modo que ninguém pode dizer que foi batizado em meu nome. (Batizei também os da casa de Estéfanos; além destes, não me lembro se batizei alguém mais.) Pois Cristo não me enviou para batizar, mas para pregar o evangelho, não porém com palavras de sabedoria humana, para que a cruz de Cristo não seja esvaziada de seu poder.

Pois a mensagem da cruz é loucura para os que estão perecendo, mas para nós, que estamos sendo salvos, é poder de Deus.

Os seguintes focos são extraídos de uma leitura simples do texto, pressupondo pouco conhecimento de fundo. Cada foco do texto identifica uma ideia expressa em um período simples — e não em períodos compostos (aqueles com duas orações, geralmente unidas por “e” ou “mas”), pois os períodos compostos expressam duas ideias que precisam ser separadas:

Paulo está preocupado com seu povo.

Ele os exorta.

Ele se dirige a homens e mulheres.

Esses dois grupos são parte da congregação.

Ele os chama de irmãos e irmãs.

Eles são como família para ele.

Ele exorta em nome de Jesus Cristo.

Eles partilham de uma fé em comum.

Cristo é o Senhor deles.

Eles não concordam sobre algumas questões.

Há divisões na igreja.

Cloe é uma mulher.

Paulo conhece Cloe.

Ela lidera uma unidade familiar (“alguns da casa de Cloe”).

As pessoas da casa de Cloe conhecem a igreja de Corinto.

Elas se encontraram com Paulo.

Paulo não está em Corinto.

As pessoas da casa de Cloe reportaram a Paulo que há divisões.

Paulo confia nessas pessoas da casa de Cloe.

Cloe é uma informante de Paulo.

Os irmãos e irmãs de Corinto seguem líderes diferentes.

Eles seguem Apolo, Cefas, Cristo ou Paulo.

Eles se comportam como se Cristo estivesse dividido.

Paulo não foi crucificado.

Apenas Cristo foi crucificado.

Cristo foi crucificado por eles (“em favor de vocês”).

Ninguém foi batizado em nome de Paulo.

Paulo não os batizou.

Paulo batizou Crispo e Gaio.

Paulo dá graças a Deus por não ter batizado os irmãos e as irmãs de Corinto.

Paulo nega o batismo em seu nome.

Ele está feliz porque ninguém pode alegar isso.

Paulo também batizou os da casa de Estéfanos.

Paulo não se lembra com certeza [se batizou alguém mais].

Famílias inteiras foram batizadas.

Cristo enviou Paulo.

Cristo não o enviou para batizar.

Alguma outra pessoa realizou os batismos.

Cristo o enviou para pregar o evangelho.

Paulo fala sem eloquência.

Paulo fala sem sabedoria.

Paulo fala com simplicidade.

Outros oradores são eloquentes.

Outros oradores são vistos como sábios.

Os gregos têm seus padrões de uma oratória excelente.

Eles têm os próprios padrões retóricos.

Paulo prega a cruz de Cristo.

A cruz não está esvaziada de seu poder.

A cruz tem poder.

Algumas pessoas estão perecendo.

A cruz é loucura para essas pessoas.

Algumas pessoas estão sendo salvas.

A igreja de Paulo está sendo salva (faz parte do “nós”).

Paulo está sendo salvo.

A cruz é poder para salvar.

Cada pequena mudança em um desses focos do texto compõe uma ideia diferente. Cada nova ideia abre possibilidades de imaginação. O exercício também indica o que precisará de pesquisa posterior; por exemplo, a localização de Paulo, informações sobre Cloe e sua casa, material sobre os oradores sábios com quem Paulo se compara. Mais focos podem ser descobertos por meio da leitura dos versículos no contexto próximo e pela pesquisa em fontes bíblicas. Por enquanto, esse já é um excelente início.

B. Trabalhando com o texto bíblico ao fazer sua exegese

Pregadores que se apressam em perguntar “O que pregarei?” são como bombeiros que correm para apagar o fogo, mas vão ao endereço errado. Mesmo depois de ter brincado com o texto, ainda precisamos trabalhar com ele, fazendo sua exegese, isto é, o estudo acadêmico do texto, antes de estabelecermos uma direção. Use pelo menos um comentário acadêmico dedicado apenas ao livro da Bíblia em que você pregará, como *First Corinthians*, de Richard B. Hayes.² Um comentário de volume único sobre toda a Bíblia, como *The new interpreter's Bible one-volume commentary*,³ é útil principalmente por fornecer resumos objetivos de cada livro. Comentários como *The Abingdon theological companion to the lectionary*⁴ [Manual teológico da Abingdon para o lecionário], voltados ao lecionário e à pregação, também são úteis. Um atlas bíblico e recursos on-line têm mapas, breves artigos e fotos de locais, vida e arquitetura bíblicos. Uma Bíblia interlinear, como o recurso on-line www.scripture4all.org, pode ajudar na tradução.

Sites como www.biblegateway.com e www.blueletterbible.org disponibilizam diferentes versões da Bíblia para o inglês.

O processo de trabalho com o texto é a exegese (gr., “levar para fora”), que extrai o sentido de um texto e é tarefa oposta à *eisegese*, que impõe ao texto um sentido que não está nele. O limite entre a exegese e a *eisegese* é confuso em nossos dias; o contexto e as experiências dos leitores influenciam os sentidos. No entanto, a distinção ainda tem seu valor. A interpretação deveria ser guiada pela regra de fé (lat., *regula fidei*) ou analogia da fé (*analogia fidei*), aquilo que a igreja tem normalmente entendido e muitas vezes está representado de maneira importante pelos credos. Quando um indivíduo estiver em dúvida sobre o sentido de uma passagem, esta deve ser interpretada de forma condizente com outros textos da Bíblia. As Escrituras interpretam as Escrituras. A exegese faz perguntas relacionadas à literatura, à teologia e à história e busca respostas com boa fundamentação e pesquisa. De início, pregadores podem cogitar se têm algo a dizer sobre determinado texto, mas, depois de brincar com o texto, orar e trabalhar nele, haverá muito para dizer, e as energias criativas e a imaginação serão despertadas.

A seguir, há uma lista de 35 perguntas de caráter exegetico. Fornecemos respostas para a passagem de 1Coríntios 1.10-18, mas os leitores devem apresentar suas próprias respostas ao texto. Em primeiro lugar, leia todas as questões e observe aquelas que talvez você não fizesse normalmente. Dependendo do texto bíblico, uma questão eventual pode não precisar ser respondida. A princípio, talvez o exercício demande algumas horas, mas, quando se acostumar com ele, o exercício exegetico poderá exigir bem menos tempo. Além de tudo, ele poupa tempo porque torna o texto acessível para a pregação e acelera a jornada para um foco correto.

Perguntas com fim exegetico: 1Coríntios 1.10-18

1. Leia e releia o texto sem o auxílio de recursos. Feche os olhos e visualize os eventos do texto ou os eventos que envolveram o autor e seus destinatários com base nas pistas que o texto dá. Você pode meditar em oração sobre cada detalhe do texto, algo que é chamado de “orar o texto”. O que você não havia observado no texto antes?

Fiquei há pouco impressionado com a urgência do apelo de Paulo à igreja em 1.10. Por que Apolo, Cefas e Paulo vinham sendo considerados iguais a Cristo por alguns? Paulo fundou a igreja em Corinto, mas seu papel parece não estar definido claramente: ele pregou e batizou poucas pessoas. As memórias de Paulo sobre quem ele batizou são a princípio confusas, e sua dúvida permanece.

2. Estabeleça os limites de seu texto lendo o que vem antes e depois dele. Ele tem unidade e coerência em si mesmo ou você precisa analisar a seção mais ampla? Identifique a forma e o gênero do texto estudado.

O argumento que começa em 1.10 continua até ao menos 2.5. Essa seção inteira se concentra em divisões na igreja de Corinto. A forma é uma exortação dentro da carta de Paulo.

3. Para que função esse texto foi concebido?

Paulo busca unidade entre as facções em conflito da igreja. Ele usa sua autoridade como apóstolo e fundador da igreja em Corinto para cobrá-los. Ele apela à razão deles para conseguir convencê-los a estarem unidos.

4. Faça uma declaração inicial: O que Deus está fazendo no texto e por trás dele?

Deus une a igreja (ou supera divisões) por meio da pregação da cruz, proferida por Paulo.

5. Identifique palavras e expressões centrais que dão pistas sobre o tema da passagem e as pesquise em uma concordância ou um léxico para descobrir o significado de palavras importantes. Faça uma tradução provisória do texto, se você souber as línguas originais, e compare várias traduções para descobrir diferenças. Confira o aparato crítico e suas respectivas notas para ver se há problemas textuais ou leituras variantes.

Palavras e expressões centrais encontradas: “pregar o evangelho”, “a cruz de Cristo”, “poder” da cruz, “a cruz é loucura”, “ser salvo”, “poder de Deus”. Não observei leituras variantes significativas.

6. Quem são os personagens principais? Alguém faz as vezes de representante de Deus, caso este não seja mencionado no texto em análise (e.g., no livro de Ester, Ester ou Mardoqueu; em outros livros, um profeta, um discípulo etc.) — ou mesmo que ele seja?

Os personagens principais são Paulo, que entendemos estar falando como representante de Deus, Cloe e sua casa, e os vários grupos na igreja de Corinto. Apolo e Cefas são mencionados, bem como Cristo, que como personagem está em segundo plano aqui.

7. O que acontece? Qual é o enredo ou fluxo de pensamento?

Paulo exorta à unidade, relata o que tem ouvido e repreende qualquer tentativa das pessoas na igreja de Corinto de seguir qualquer outro que não seja Cristo, incluindo o próprio Paulo.

8. O que vem antes e depois desse texto (i.e., qual é seu contexto literário e histórico)?

Paulo estabeleceu a igreja de Corinto cinco anos antes. Agora, ele está em Éfeso com Sóstenes. Algumas pessoas da casa de Cloe foram até ele. Ele escreve por causa da informação que recebeu dessas pessoas, e Estéfanas, Fortunato e Acaico levam essa carta para Corinto (1Co 16.17). Por causa dessa carta, algumas práticas erradas na igreja de Corinto são supostamente resolvidas, como as que são associadas às refeições comunitárias, pois não são mencionadas como algo que ainda existisse em 2Coríntios. Outras questões permanecerão em jogo, incluindo o próprio papel de Paulo na comunidade. Essas questões não haviam sido resolvidas na segunda visita do apóstolo (veja 2Co 2.1-11).

9. Qual é o conflito no texto?

Há um conflito entre os grupos em Corinto, formados por aqueles que seguem Apolo, Cefas, Paulo e Cristo; entre Paulo e aqueles que o apóstolo está repreendendo; e talvez entre Cloe, como informante, e algumas pessoas de Corinto.

10. Que resolução para o conflito o texto apresenta?

A resolução para o conflito é que as pessoas sigam apenas a Cristo, confiando no poder da cruz.

11. O que se sabe sobre o autor, o narrador ou o editor?

Paulo iniciou a igreja com judeus e gentios tementes a Deus vagamente associados à sinagoga. Atos 18 informa que Paulo trabalhou com Áquila e Priscila, fazedores de tendas que tinham vindo para Corinto quando Cláudio expulsou os judeus de Roma.

12. Qual é o público-alvo? Se o texto é uma epístola, o que se sabe acerca do local em que ela foi escrita e para o qual se destinava?

A igreja em Corinto é o público-alvo. A carta foi escrita em Éfeso, uma próspera cidade da costa oeste na atual Turquia, que naqueles dias tinha um porto natural. Ela ficava a cerca de 560 quilômetros a leste de Corinto, do outro lado do mar Egeu.

13. Com quem você, como leitor, se identifica?

Eu me solidarizo com Paulo. É muito difícil lidar com conflitos em uma congregação, ainda mais fazendo isso à distância; Na próxima visita ele causaria muita tristeza (2Co 2.1).

14. Com o que a estrutura do texto se pareceria, se você tivesse de fazer uma comparação? Haveria uma imagem que pudesse retratá-la?

Imagino três coisas: um emblema que traz a silhueta de dois boxeadores. Em torno deles, um círculo vermelho é cortado por um traço colocado sobre os boxeadores com as palavras “Não briguem!”. Há também uma seta, voltada para a direita, que aponta para a cruz.

15. Quais são os relacionamentos de poder no texto?

Paulo contende com várias facções na igreja de Corinto. O poder está com Paulo, mas também com os membros da igreja, a quem ele não pode se dar o luxo de afastar sendo duro demais.

16. Que padrões (semelhanças ou contrastes) você encontra no texto?

Paulo recusa-se a reconhecer o status mais elevado de qualquer um dos grupos ao apontar para Cristo. Portanto, ele nega a importância de seu próprio status ao apontar para a cruz. A sociedade grega valorizava o status, mas Cristo assumiu uma condição humilde, a cruz.

17. Que paralelos existem entre esse texto e outros?

Há um claro eco entre 1.17 (“para que a cruz de Cristo não seja esvaziada de seu poder”) e 2.5 (“de modo que a fé de vocês não dependesse da sabedoria humana, mas do poder de Deus”).

A loucura da cruz para “os que estão perecendo” (1.18) é contraposta à loucura da cruz como sabedoria de Deus no restante do capítulo. O capítulo 3 também começa com divisões e termina em um discurso sobre a loucura da “sabedoria deste mundo” (3.19).

18. O que é difícil de entender nesse texto? Que questões ele levanta?

Por que somente alguns reivindicam “eu sou de Cristo”? Todos eles pertencem à igreja. Será que esse grupo está equivocado, isto é, será que reivindicam ser crentes verdadeiros e desprezam a fé dos demais?

19. Diga como você se sente acerca desse texto. Que emoções ele produz?

Sinto um pouco de ansiedade por causa daquilo que sei sobre divisões em congregações e porque me identifico com Paulo.

20. Que ação repleta de esperança Deus está desempenhando no texto?

Deus está superando as divisões entre os membros de Corinto por meio da mensagem da cruz.

21. Que ação repleta de esperança Deus está desempenhando por trás do texto, nos eventos mais amplos?

A mesma ação que foi declarada acima.

22. Qual é o juízo de Deus (i.e., menciona a lei, a condenação ou o erro humano)?

A desunião do coríntios e suas brigas é um pecado.

23. Que mudança é exigida da humanidade?

Os coríntios devem parar de brigar, encontrar sua unidade em Cristo e se unirem no poder da cruz.

24. Que capacitação ou mudança o texto indica que Deus concede ou realiza?

A pregação da cruz é um poder na vida dos coríntios.

25. Que capacitação ou mudança Deus concede ou realiza na narrativa mais ampla à qual esse texto pertence?

Mesmo nesse texto, Paulo prega a cruz, e em alguma medida é por meio dela que o relacionamento do apóstolo com os coríntios é sustentado, apesar dos problemas que permanecem.

26. O que essa passagem declara a nós sobre quem somos? E sobre quem é Deus?

Pessoas são inclinadas a desejar status. Deus está atento aos quebrantados de coração.

27. O que esse texto declara sobre o amor de Deus?

O amor de Deus é paciente e não coercivo.

28. Em que somos exortados a crer ou a confiar?

Somos exortados a crer que a pregação da cruz tem poder para efetuar transformação.

29. O que somos exortados a fazer?

Devemos abandonar nossas divisões e trabalhar pela unidade.

30. Quais são os melhores verbos para designar a ação de Deus nesse texto?

Deus se move, supera, une, cura, reconcilia e cuida.

31. De sua perspectiva, qual das frases que têm Deus como sujeito define mais fielmente o tema do texto?

Deus supera as divisões por meio da pregação da cruz.

32. Que doutrina ou ensinamento da igreja está mais intimamente relacionado com o tema? Que aspecto dessa doutrina se aplica à passagem?

A doutrina da Palavra de Deus aplica-se à passagem, mais especificamente a ideia da pregação do evangelho e da cruz como poder. A eclesiologia também se aplica: a igreja deveria ser unida.

33. O que esse texto diz, implica, prediz ou ecoa a respeito de outras narrativas bíblicas importantes?

A passagem fala da igreja no poder do Espírito. O Espírito conforma as vidas humanas ao modelo da cruz no serviço aos outros. Essa é uma história de divisões que levaram a uma futura unidade na igreja de Paulo e, como tal, ela remete ao êxodo para a Terra Prometida e à passagem da morte para a vida da Páscoa.

34. Como essa passagem está associada ao cerne do evangelho (i.e., a cruz, a ressurreição, a ascensão e/ou Pentecostes, a segunda vinda)? Ou aos sacramentos?

O Espírito atua nas pessoas e na igreja para superar as divisões e criar unidade. Ou, no batismo, recebemos o poder da ressurreição para servir como Cristo serviu.

35. Como a realidade da ressurreição influencia ou muda a importância desse texto?

Porque a ressurreição já ocorreu (o que certamente não é o caso dos ensinamentos de Jesus, por exemplo), o texto aponta para o que os membros da igreja de Paulo já tinham experimentado em sua vida, o poder da mensagem pregada da cruz.

II. TRABALHANDO A UNIDADE DO SERMÃO

Pregar é uma jornada de uma semana inteira. Alguns pregadores, ao começar tarde o trabalho, apressam-se para pegar uma via expressa para a homilética, tentando compensar o tempo perdido. E não observam seis grandes placas de alerta ao longo da rodovia da produção do sermão que contribuem para sua unidade: um texto, um tema, uma doutrina, uma necessidade, uma imagem e uma missão. Essas placas podem ser memorizadas usando o estranho acrônimo TTDNIM: Texto Todo Dissipou-se No Incauto Mensageiro. A obra *The Abingdon theological companion to the lectionary*⁵ está organizada de acordo com esses elementos.

T – Um *texto* bíblico (o primeiro T do acrônimo Texto Todo Dissipou-se No Incauto Mensageiro)

Escolha um texto da Bíblia que fundamente o sermão e assegure nossa autoridade para pregar. Dependendo da denominação, os pregadores escolhem o próprio texto ou seguem algo como o *Lecionário comum revisado* (disponível on-line e que toma por base o lecionário romano). Ele sugere quatro textos por semana — um do Antigo Testamento em geral, um dos salmos, uma epístola e um dos Evangelhos — em um ciclo de três anos que alterna entre Mateus, Marcos e Lucas. João aparece em todos os anos. A regra na igreja é pregar com base em um Evangelho e, com frequência, no Antigo Testamento ou em uma epístola. Escolher o próprio texto envolve o risco de abordar somente os textos favoritos do pregador. Seguir o lecionário tem o risco de reduzir a capacidade do pregador de falar profeticamente em algumas ocasiões ou de evitar passagens bíblicas que não estão incluídas nas leituras.

O lecionário está vinculado ao calendário litúrgico, seguindo o Advento, o Natal, a Epifania, a Quaresma, a Semana Santa, a Páscoa, Pentecostes, o Domingo da Trindade e o período comum. Ele apresenta links de sites de comentários bíblicos, arte, videocliques, programas de escola dominical e recursos semelhantes. Com um lecionário de domingo, o tempo que era gasto anteriormente para finalmente optar por uma lição a ser pregada pode ser usado, em vez disso, para produzir o sermão. (Lecionários avulsos estão disponíveis para funerais, casamentos e adoração diária.) Infelizmente, alguns pregadores tentam associar as diversas leituras do lecionário, como se a tarefa de pregar fosse descobrir o relacionamento entre os quatro textos em vez de anunciar a mensagem do evangelho. Os membros da congregação têm preocupações mais urgentes; eles não vêm à igreja para descobrir como se dá a conexão entre as leituras do Antigo Testamento e de uma epístola. Isso talvez seja mais útil para classes de estudo bíblico. De qualquer maneira, a maioria dos sermões não dispõe do

tempo necessário para analisar com profundidade mais de um texto. Referências rápidas a outros textos da Bíblia podem ser apropriadas, mas um texto principal é tudo o que a maioria dos ouvintes é capaz de absorver.

T - Um *tema* expresso em uma frase (o segundo T do acrônimo Texto Todo Dissipou-se No Incauto Mensageiro)

A segunda placa de alerta pela qual os pregadores muitas vezes passam com pressa é um tema expresso em uma frase. “Qual é o significado do texto para os dias atuais? O que pregarei?” Uma frase clara ajudará o pregador a reunir, modelar e desenvolver a coreografia de cada parte em um todo. Hans Frei criticou a modernidade por resumir as narrativas bíblicas e reduzi-las a proposições ou ideias abstratas em vez de deixá-las falar por si mesmas. A nova homilética em geral olha com suspeita para proposições, embora os autores reconheçam a importância de frases que resumam a ideia central, usando vários nomes para designá-las: ideia dominante (Henry H. Mitchell), o sermão em uma frase (Ronald J. Allen), o que o texto está dizendo (Fred Craddock), a declaração central (Thomas G. Long), como o texto lida com o foco da condição caída (Bryan Chapell), ou a grande ideia (Haddon W. Robinson). Uma frase-tema é o sermão em forma microcósmica.

A frase-tema é o fio que unifica todo o sermão. O ideal é que ela apareça muitas vezes no sermão: no início, no meio e no fim. Ela abre a porta para que os ouvintes não tenham de ficar pensando em como entrar na pregação. A frase-tema é como uma trilha que guia o público ao pensamento do pregador. Não se pode deixar a audiência de lado, se perguntando: “Afim, sobre o que tudo isso fala?”. Ao mesmo tempo, uma declaração do tema é um guia para o sentido do que o pregador deseja comunicar, e não uma regra autoritária que impõe aos ouvintes um único sentido aceito.

A ideia de uma frase-tema aqui é distinta de outras sugestões na área da homilética no sentido de que ela tem de estar relacionada ao evangelho. Uma declaração do tema deve não só unir as partes do sermão e focalizar o texto bíblico, mas também escancarar a porta para as boas-novas, uma vez que o sermão tem de anunciar o evangelho. O problema está no contexto, mas o evangelho é a ação salvífica de Deus, e não nossa. Como a frase-tema é o sermão em um microcosmo, Deus precisa ser o sujeito da frase. De outro modo, o foco do sermão será a ação humana ou alguma ideia abstrata.

A frase-tema deixa de lado detalhes do texto. Ela enxuga o texto até chegar à declaração mais simples que pode ser feita sobre Deus, ao mesmo tempo que capta a ênfase do texto. A frase-tema é breve por diversas razões: (1) É a primeira etapa para assegurar que o sermão seja claro e fácil de entender. (2) Dependemos dela para determinar uma doutrina, uma necessidade, uma imagem e uma missão, e também a usaremos para elaborar uma frase que guie o desenvolvimento de cada página do sermão. A capacidade de comunicação se perde com uma frase longa. (3) A frase-tema deve ser repetida muitas vezes no sermão e escutada como um pensamento que organiza a unidade. (4) Ela tem de ser breve para ajudar as pessoas a lembrarem dela.

Para definir uma frase-tema, pergunte: “O que Deus está fazendo no texto ou por trás dele?”. Quando dizemos “no texto”, estamos nos referindo a uma das pessoas da Trindade como agente ativo na passagem. Em Pentecostes, a frase-tema poderia ser: “O Espírito enche e capacita a igreja”. Quando dizemos “por trás do texto”, estamos identificando Deus agindo em seu contexto histórico ou literário mais amplo. Deus não é mencionado na instrução de Jesus sobre fazer a luz brilhar (Mt 5.13-15). Mas a implicação teológica é clara: “Deus ilumina a vida dos discípulos”.

Para definir uma frase-tema, pergunte: “O que Deus está fazendo no texto ou por trás dele?”.

Em 1Coríntios 1.10-18, Paulo critica as divisões na igreja de Corinto. Ele afirma que Cristo o enviou para proclamar o evangelho com clareza, de modo que a cruz não perca seu poder. A ação de Deus no texto pode ser relatada com uma frase-tema: “Cristo enviou Paulo para proclamar a cruz com poder”. Ou alguém poderia indicar a ação de Deus por trás do texto: “Deus une a igreja por meio da pregação de Paulo acerca da cruz”. Sabemos que esse é o caso porque a igreja de Paulo não se dividiu. Qualquer uma dessas frases-tema é uma boa opção.

Responder ao que Deus está fazendo exige uma leitura teológica do texto. Uma leitura puramente literária ou histórica de uma passagem ainda não capta a Palavra de Deus. Pregadores muitas vezes carecem de uma hermenêutica que perceba Deus no texto bíblico e, mais ainda, que apreenda o evangelho. Ao menos por 1.500 anos, a igreja teve uma hermenêutica assim, nos quatro sentidos das Escrituras que orientavam a interpretação. O sentido literal diz respeito à gramática e aos eventos no texto. O sentido moral tratava do problema, isto é, do que o texto concluía sobre a responsabilidade humana. O sentido alegórico era o que o texto indicava sobre Cristo. E o sentido anagógico ou da alma considerava as implicações sobre a vida após a morte. Pregadores usavam esses quatro sentidos para descobrir o significado teológico. Talvez consideremos esses quatro “sentidos” antiquados ou primitivos, mas são bem sofisticados, comparáveis às diferentes lentes que usamos para interpretar as Escrituras hoje, apresentadas a nós pelos diferentes tipos de teologia. Esses sentidos permitiram aos antigos cristãos preservar o Antigo Testamento como Escritura sagrada. Calvino e Lutero defenderam apenas um sentido das

Escrituras, o sentido literal. João Calvino dizia que o Espírito Santo é necessário para descobrir esse sentido.⁶

Nos últimos séculos, tem-se obtido muitos benefícios do acesso franqueado pela modernidade ao contexto histórico dos textos. Ao mesmo tempo, tem-se perdido muito da capacidade de leitura teológica dos textos. Diversos acadêmicos foram solicitados a fazer o exercício de produzir uma frase-tema que tivesse Deus como sujeito, porém muitos tiveram dificuldade ou porque não foram treinados para isso ou por serem céticos em relação à leitura teológica. Ela é necessária, se quisermos que a Bíblia funcione como o livro da igreja, como Escrituras, como revelação, como a Palavra de Deus, como evangelho. Pregadores não deveriam pensar no evangelho como uma explicação posterior ou como algo parecido com a declaração deste comediante: “Meus amigos, eu realmente gostaria de terminar minha apresentação transmitindo-lhes uma opinião positiva. Mas, em vez disso, vocês aceitariam duas negativas?”.

Quando outros sujeitos que não o próprio Deus se apropriam da frase-tema, eles sabotam todo o sermão e sua capacidade de ser o evangelho. Essa é a razão por que a maioria das ideias homiléticas atuais sobre frases-tema parecem muitas vezes mal orientadas. Fred Craddock afirmou que deveria haver uma abordagem dupla: o que o texto está dizendo e o que o texto está fazendo. Thomas G. Long desenvolveu essa abordagem dupla na declaração de foco e na declaração de função do sermão, o que consiste basicamente em uma abordagem literária ou retórica à pregação bíblica. O foco e a função são boas maneiras de apresentar um texto exegeticamente, embora não sejam tão úteis em conduzir os pregadores ao evangelho. Se um texto não menciona Deus, não há encorajamento para cavar mais fundo, para tratar a passagem como algo que traz revelação acerca do caráter e da atividade de Deus.

Craddock e Long são excelentes pregadores e geralmente chegam ao evangelho quando pregam, mas as diretrizes que oferecem fazem o pregador

parar um pouco antes de descobrir o evangelho. A intenção de Long é suprir “o que o pregador deveria levar do texto para o sermão: a afirmação do texto, a intenção do texto em dizer e fazer algo aos ouvintes”.⁷ As declarações de foco e função são geralmente frases extensas e complexas. Com frequência, são muito difíceis de ser identificadas e lembradas pelos ouvintes. Elas oferecem pouca ajuda estrutural ou para a organização do sermão. Pregadores que seguem esse modelo podem se destacar em conceber declarações de foco e função, mas talvez acabem se perguntando por que seus sermões ficam aquém do efeito transformador do evangelho. Quando o sermão é concebido, antes de tudo, como um evento retórico ou literário, ou até mesmo como um evento do texto, corre o risco de permanecer em silêncio como evento de encontro com Deus. Essas abordagens talvez soem hermenêuticamente neutras ou objetivas, uma vez que apresentam apenas o que o texto apresenta, mas as lentes usadas para interpretá-lo suprimem o evangelho. O raciocínio pode ser o de que, se o evangelho não está evidente em um texto, então não há necessidade de pregá-lo. No entanto, os textos foram escritos para realçar a ação de Deus. Se o evangelho não for uma intenção importante de todos os textos e o papel de Deus estiver em disputa toda semana, o sermão muitas vezes ficará aquém do evangelho. Se essa condição continua, os sermões não nutrirão a fé dos ouvintes. Podem ser com frequência uma exegese bem apresentada que conduz os ouvintes a recursos próprios. Essa crítica se aplica a muitas abordagens homiléticas.⁸

Quando examinada com uma lupa, a frase-tema deve revelar algo semelhante ao evangelho, ou provavelmente o próprio sermão não o fará. A frase-tema não é uma questão trivial, embora muitos estudantes talvez sejam tentados a redigi-la sem muito cuidado, às pressas. O que está em jogo é mais do que uma simples frase. O sermão como evangelho pode permanecer de pé ou cair em razão da frase-tema. Professores de pregação responsáveis por orientar sobre a definição de um tema para o sermão

precisam tratar de questões teológicas: O sermão precisa ser sobre Deus? A frase-tema precisa ter Deus como sujeito? O sermão tem de falar a respeito das boas-novas? Em última instância, ele tem de falar de Deus assumindo a responsabilidade em Cristo? Se a resposta a essas perguntas for “sim”, se é nesses pontos que a verdadeira excelência do sermão aparece, diretrizes homiléticas são necessárias para torná-lo possível.

Há também questões hermenêuticas envolvidas em uma frase-tema: as ferramentas usadas na interpretação de textos ajudam a determinar o que os textos dizem. O que um texto literalmente diz e o que o estabelece como Palavra de Deus nem sempre são a mesma coisa. Haddon Robinson concorda com Calvino: “Pregação é a comunicação de um conceito bíblico originário do estudo histórico, gramatical e literário de uma passagem em seu contexto e transmitido por meio desse estudo, que o Espírito Santo aplica primeiramente ao pregador e, então, aos ouvintes”.⁹ O papel do Espírito Santo é fundamental, porém não deve ser confundido com uma hermenêutica que apresenta o evangelho. Uma hermenêutica do evangelho é necessária, uma hermenêutica da ressurreição, uma hermenêutica redentora, conforme apresentada aqui. Se outra hermenêutica for mais apropriada, os críticos precisam explicá-la e defendê-la. Os críticos devem examinar tópicos como: A Palavra de Deus é algo diferente do evangelho? O evangelho é distinto da ação de Deus? Se o conjunto de elementos fundamentais, o movimento e o enredo do evangelho não forem do problema para a graça, de caídos para redimidos, da escravidão ao Êxodo, da cruz à ressurreição, o que será o evangelho então? Não raro, é muito fácil professores e pregadores deixarem de lado essas questões.

O clérigo anglicano John Stott fez uma afirmação que parece contestar nossas alegações. Ao que tudo indica, em resposta a Karl Barth e a outros que enfatizavam a Palavra como evento, bem como a eruditos da área de estudos bíblicos que concentraram o foco nos grandes atos de Deus na história, ele declarou o seguinte:

Deus tem falado. Ele não apenas é comunicativo por natureza, mas tem de fato se comunicado com seu povo por meio da fala. [...] É importante acrescentar que o discurso de Deus estava associado à sua atividade: ele se deu ao trabalho de explicar o que estava fazendo. [...] A tendência teológica moderna é enfatizar demais a atividade histórica de Deus e negar que ele tenha falado; é afirmar que a autorrevelação de Deus tenha ocorrido por obras, e não por palavras, de maneira pessoal, e não proposicional; e, de fato, essa tendência teológica insiste em que a redenção é ela própria a revelação.¹⁰

Infelizmente, a tendência teológica de nossos dias talvez seja a de dar menos ênfase ao próprio Deus. Entretanto, a distinção que Stott faz entre o falar e o agir é muito rígida. Nós fazemos de Deus o sujeito da frase-tema. Isso enfatiza o que Deus faz ou o que Deus diz? Em Gênesis 1, Deus age ao falar. As palavras de Deus são atos de fala, declarações performativas. Elas realizam o que falam. O discurso de Deus é sempre pessoal e revelacional. As palavras de Deus explicam as ações de Deus, e as ações de Deus comprovam suas palavras. Além disso, a Bíblia deve ser lida tanto da perspectiva redentora quanto da histórica. Ela aponta para o mundo caído e apresenta em detalhes as ações redentoras de Deus. O único que pode redimir é Deus. Indicar o que Deus está fazendo no texto e por trás deste implica dizer que Deus é conhecido por meio de sua ação, e isso não exclui, de forma alguma, as palavras de Deus. Algumas pregações se concentram na informação *sobre Deus*, mas, se isso *puder ser visualizado*, as pessoas *começam a experimentar Deus em ação*.

A seguir, apresento alguns elementos a serem evitados em frases-tema:

Evite verbos fracos. Escolha um verbo forte na voz ativa para a frase-tema, sempre que possível, algo que crie uma imagem na mente, como em “Cristo enviou” e “Deus une”. Uma frase-tema como “Deus é amor” talvez seja necessária em alguns momentos, mas o verbo “ser” é verbo de ligação e fraco, diferente da afirmação “Deus ama as pessoas/Deus nos ama”. Outros

verbos implicam passividade: Deus ouve nossos clamores, Deus escuta nossos problemas, Deus conhece nossas necessidades, Deus entende nossa dor, Deus sente nossa angústia, Deus importa-se com nossas dificuldades, Deus vê nossos problemas. Deus não é um mero observador, mas se envolve conosco para nos ajudar. Quanto mais atividade tiver o verbo, mais concreta será a ação de Deus para os ouvintes: Deus responde a nossos clamores, Deus nos ajuda em nossos problemas, Deus supre nossas necessidades, e assim por diante.

Evite verbos como “dizer” ou “contar”. Inúmeros textos relatam o que Deus disse. Ao expor Gênesis 1.3, alguém poderia arriscar como frase-tema “Deus disse que deveria haver luz”; ou, em Mateus 21.28, “Jesus conta uma parábola sobre dois filhos”. Em geral, descubra a ação de Deus no sentido do que é dito, e não no evento da fala; por exemplo: “Deus cria a luz”; ou, em Mateus: “O pai derrama seu amor sobre o filho pródigo”.

Evite perguntas. Uma frase-tema deve fazer uma alegação ou declaração afirmativa. Uma pergunta apenas sugere um tema, mas não diz nada a respeito dele. No caso da história do bom samaritano (Lc 10.30-37), “Quem é seu próximo?” identifica a questão do próximo como tema. Esse texto silencia acerca de Deus, mas um estudo sério do que se encontra “por trás do texto” pode levar o pregador a dizer: “Deus age por meio dos marginalizados”, ou: “Deus cuida das vítimas”, em ambos os casos reconhecendo o samaritano como representante de Deus.

Evite boas-novas condicionais. Condições, como nas expressões “Quando nós...” ou “Se nós...”, não têm lugar na frase-tema. Até mesmo expressar as boas-novas no futuro implica condicionalidade, como em “Deus pode restaurar um coração ferido”. Alguém que está com o coração aos pedaços por alguma dor pode ouvir isso e dizer: “Deus é capaz de me curar, mas não o faz”. Ao colocar as boas-novas no presente ou no passado, a condicionalidade indesejável é eliminada: “Deus cura o coração ferido”.

Evite frases compostas e complexas. É o caso de orações unidas por conjunções como *mas, e, se, embora, depois, porque, a menos que* etc. Uma frase simples tem sujeito, verbo e predicado. Geralmente, três a seis palavras são suficientes. Evite adjetivos e modificadores. Reforce o tema no sermão, mas não com adjetivos nem com advérbios na frase-tema.

Evite avaliar a frase-tema por si mesma. Avalie se uma frase-tema é adequada por sua fidelidade ao texto e por como você a aplicará aos nossos dias. “Deus cria luz” aplicado aos dias de hoje torna-se “Cristo ilumina nossa vida”. “O pai é pródigo em amor” torna-se “Deus nos ama com exagero”.

ELEMENTOS DE UMA FRASE-TEMA

Uma pessoa da Trindade como sujeito.

Um verbo ativo.

Uma ação salvadora ou capacitadora.

Um pensamento completo.

Uma oração curta e simples (nada de orações compostas).

O problema com muitas das versões da frase-tema na homilética contemporânea é que elas colocam o foco do sermão em um elemento errado, e não em Deus nem no evangelho.

As seguintes frases-tema encontradas em uma miscelânea de textos bíblicos coloca a ênfase nos seres humanos, e não em Deus. Palavras para as quais é importante estar alerta incluem *deve, deveria, tem de, compete a*; verbos passivos; imperativos; declarações condicionais. Não descarte as frases que contêm esses elementos. Eles talvez ainda se apliquem ao texto e possam ser usados na pregação, ainda que não sejam adequados para a frase-

tema. Continue trabalhando com eles. Nem tudo o que Deus faz é evangelho. Descubra que tipo de capacitação Deus concede. Esse é um exercício para transformar focos de vários textos em frases-tema:

FOCO do texto		Mudança para uma frase-tema
Deus deseja que Israel mude (i.e., isso ainda compete a Israel).		Tente: Deus concede a Israel uma nova identidade.
Jesus chama Israel ao arrependimento (i.e., eles devem se arrepender).		Tente: Jesus nos leva ao arrependimento.
O Espírito Santo convence Saulo (i.e., ele nos convence).		Tente: O Espírito Santo age em favor de Paulo.
Deus convida Jeremias a agir (i.e., Jeremias/nós deve/devemos achar meios de aceitar o convite).		Tente: Deus capacita Jeremias a agir.
Se Israel fizer [...] então Deus fará... (i.e., as boas-novas estão condicionadas à capacidade humana).		Tente: Cristo cumpriu as exigências do amor de Deus.
Deus pode agir em sua vida (i.e., Deus ainda não agiu? Deus está esperando que façamos algo primeiro? As boas-novas são apenas para o futuro?).		Tente: Deus já tem agido em sua vida.
Deixe Deus agir em sua vida (i.e., Deus nunca age para vencer a determinação humana em dizer “não?”).		Tente: Deus não será detido (i.e., Cristo morreu e ressuscitou por todos).

Existem pessoas em crise em toda congregação, a cada domingo. Mesmo pessoas que não estão em crise precisam saber que Deus traz alegria onde havia morte, cura onde havia doença, paz onde havia violência, justiça onde havia injustiça, reconciliação onde havia inimizade e percepção de Cristo por meio do Espírito Santo onde havia um senso de solidão.

Em que parte do sermão a frase-tema se encaixa? O ideal é que ela seja mencionada umas dez vezes no sermão, tanto de forma positiva quanto negativa (e.g., “Pode não parecer...”), repetindo suas palavras exatas ou de maneira parafraseada, e, no mínimo, próximo do início, no meio e no fim.

D - Uma *doutrina* (o D do acrônimo Texto Todo Dissipou-se No Incauto Mensageiro)

Na pressa de pegar uma via expressa para a homilética, pregadores tendem a ignorar essa terceira placa de alerta: a escolha de uma doutrina. Esta surge da frase-tema. A doutrina é um ensinamento da igreja sobre um tema específico. Alguns alunos se sentem intimidados pela palavra “doutrina”; acham que não sabem teologia o suficiente e ficam tensos. O professor Sam Persons Parkes lhes diz para relaxarem e se acalmarem, e explica: “A doutrina é aquilo que afirmo sobre Deus”.¹¹

Pregadores muitas vezes têm dificuldade para entender como a teologia sistemática, dogmática ou construtiva se relaciona com a pregação. Certamente, não podemos incluir em um sermão trechos extensos e pesados de livros-texto de teologia. A linguagem de muitas fontes teológicas é incompreensível para os membros da igreja; é muito abstrata e soa como jargão. Esses textos foram escritos com objetivos acadêmicos e se dirigem a uma audiência distinta. No entanto, os estudos bíblicos e a teologia existem ao longo da história para ajudar a igreja a proclamar a Palavra. A questão é qual seria a melhor forma de usá-los.

Escolha uma doutrina relevante que apoie a frase-tema. O sumário de um livro-texto de teologia apresenta uma lista de doutrinas da igreja: expiação, atributos de Deus, autoridade das Escrituras, comunidade da igreja, Cristo, Criação, escatologia, pecado, humanidade, e assim por diante. Autores e denominações talvez designem as doutrinas de forma distinta. A maioria das doutrinas pode ser resumida em poucas sentenças. Pregadores devem se perguntar: “Que doutrina melhor explica a frase-tema com outras palavras?”. Mesmo somente um versículo, como João 3.16 (“Pois Deus tanto amou o mundo que deu seu único Filho para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”), apresenta diversas possibilidades doutrinárias: expiação, justificação, santificação, a natureza de Deus, fé, salvação, redenção, revelação e talvez outras doutrinas. Escolha a mais

apropriada em relação ao que você planeja falar. Mantenha-se focado e colha para o sermão algumas percepções extraídas do árduo trabalho acadêmico de outros.

O sermão não deve se tornar um artigo teológico. Um sermão não pode explorar um extenso território doutrinário. A doutrina influencia e guia como o pregador fala sobre o texto. Talvez ela tenha um impacto claro e direto sobre o sermão ou apenas esclareça e realce o pensamento do pregador. Pregadores que leem com regularidade mesmo que uma pequena porção de teologia tornam-se melhores teólogos em longo prazo. São capazes de representar, analisar e às vezes criticar os ensinamentos da igreja com mais confiança. Certa vez, Gerhard Ebeling declarou: “A teologia é necessária para tornar a pregação tão desafiadora para o pregador quanto deveria ser”.¹²

Entre os pregadores que muito provavelmente terão dificuldades no ministério estão aqueles que acham ser capazes de obter êxito sem doutrinas ou sem um excelente ensino sobre pregação. O propósito de uma doutrina não é tornar os pensamentos do sermão mais difíceis, mas, sim, torná-los mais simples, claros e profundos. Argumentos doutrinários complexos deixam a maioria dos ouvintes coçando a cabeça ou olhando fixamente para fora da janela. Quase tudo que um pregador diz deveria ser compreensível para um garoto de 12 anos de idade. A superficialidade não tem valor algum, mas a simplicidade que brota do outro lado da complexidade é um tesouro.

A seguir estão vários textos bíblicos, frases-tema e uma doutrina que pode nos ajudar no desenvolvimento do sermão. O segredo é manter a frase-tema breve:

Texto bíblico	Frase-tema	Doutrina
“Deus tanto amou o mundo” (Jo 3.16)	Deus paga o preço.	Expição
“No começo...” (Gn 1)	Deus criou todas as coisas.	Criação

O chamado de Jeremias (Jr 1)	Deus escolheu Jeremias.	Chamado/vocação
“Senhor, tu me sondas e me conheces...” (Sl 139)	Deus já sabe.	Onisciência de Deus
As dez virgens (Mt 25.1-13)	Deus virá a qualquer momento.	Escatologia
Alimentando os quatro mil (Mc 8.1-10)	Jesus supre a todos.	Providência divina
“Eu plantei, Apolo regou; mas Deus fez crescer” (1Co 3.5)	Deus nutre a igreja.	A igreja
“Os gentios são coerdeiros” (Ef 3.1-7)	Cristo revela sua identidade a Paulo.	Revelação
A Nova Jerusalém (Ap 22.9-27)	Deus revela um desígnio celestial.	Escatologia

N - Uma *necessidade* da congregação (o N do acrônimo Texto Todo Dissipou-se No Incauto Mensageiro)

Ao longo do percurso do pregador na composição do sermão, há uma quarta placa de alerta. Um texto, um tema, uma doutrina e, agora, uma necessidade. A que necessidade sentida pela congregação a frase-tema do sermão se dirige? Quem se importa? Que diferença ela fará para alguém?

Uma necessidade sentida não é o que o pregador acha que a congregação deve saber; por exemplo: “Eles precisam saber mais sobre escatologia”. Também não é uma necessidade superficial; por exemplo, receber belos presentes de Natal. Em vez disso, a necessidade sentida é um anseio das pessoas, uma necessidade pastoral discernida, uma ausência sentida, algo que eles poderiam mencionar se fossem totalmente honestos. Alguns alunos dizem: “As pessoas precisam de Jesus”, e talvez isso seja verdade, mas entenda o porquê. Entenda o que machuca, qual é a dor, a tristeza, o que parte o coração, como na frase “Pode alguém tirar a dor que eu sinto?”. Essa necessidade é expressa em palavras que os membros da igreja podem geralmente usar. Em um Domingo dedicado à Trindade, um pregador pode achar que as pessoas têm de saber mais sobre a Trindade, mas nessa data talvez haja mais que o pregador deva ensinar. A verdadeira

necessidade sentida pelas pessoas pode ser “Como posso experimentar Deus?”.

Hank Langknecht acha a palavra “anseio” útil para explicar uma necessidade: “A que anseio esse tema responde?”. Esse anseio “deve ser um clamor que vem da congregação, das pessoas da congregação ou até mesmo do mundo! ‘Eu anseio por sentir a graça de Deus. Anseio saber por que não sou capaz de satisfazer meus filhos emocionalmente. Anseio pela paz em minha congregação’”.¹³

Como identificar uma necessidade ou anseio da congregação? Além da visitação, aqui está um exercício útil: comece com uma frase-tema e pergunte sobre ela: “A que pergunta essa frase-tema responde na vida de uma pessoa ou de um grupo de pessoas na congregação?”. Quando se identifica uma necessidade, o foco não é apenas o texto em si, mas também o contexto dele. Uma vez identificada, inclua essa pergunta no sermão, de preferência na introdução ou quando estiver analisando a tribulação ou o problema em nosso mundo (página 2). A seguir, há alguns exemplos do quadro anterior. Observação: a frase-tema precisa responder à pergunta. Observe também como a necessidade, após ser identificada, dá à frase-tema relevância e vibração imediatas.

Frase-tema	Necessidade expressa em uma pergunta
Deus paga o preço.	Como eu posso recomeçar?
Deus criou todas as coisas.	De que forma Deus se relaciona com todas as coisas?
Deus escolheu Jeremias (i.e., Deus em Cristo escolhe você).	Por que devo seguir em frente?
Deus já sabe.	Quem consegue entender?
Deus virá a qualquer momento.	Por que eu/nós devemos perseverar?
Jesus supre todas as suas necessidades.	E se eu não encontrar um trabalho?
Deus nutre a igreja.	O que acontecerá com a nossa igreja?
Deus se revela a Paulo (i.e., Cristo se revela a você).	Como posso confiar naquilo que sei a respeito de Deus?
O anjo mostra a João a cidade celestial	Por que não terminar tudo agora?

(i.e., Deus tem um desígnio mais amplo do que somos capazes de ver).	
--	--

Uma segunda forma de identificar uma necessidade é utilizar a doutrina para determinar a pergunta. Shirley C. Guthrie, no sumário de seu livro *Christian doctrine*, identifica excelentes perguntas a que cada doutrina responde.¹⁴ Aqui está uma amostra:

Doutrina	Necessidade expressa em uma pergunta
Revelação	Como podemos encontrar Deus?
Predestinação	O que Deus quer conosco?
Criação	O que estamos fazendo aqui?
Pecado	Por que simplesmente não ser você mesmo?
Encarnação	Onde está Deus?
Ressurreição	Quem está no comando aqui?
O Espírito Santo	Qual é a novidade?
Escatologia	O que acontecerá conosco?

Essas questões e outras semelhantes são a matéria que compõe a vida comum diária. Alguns pregadores talvez protestem, dizendo que uma necessidade pode parecer muito focalizada no indivíduo. Quatro são as respostas: (1) Jesus alimentou as multidões, ele supriu as necessidades delas; (2) de uma perspectiva pastoral, as pessoas precisam ser alimentadas antes de serem capazes de envolver-se com seu ministério no mundo; (3) a necessidade sentida não é a única necessidade respondida pelo sermão, em que temas sociais mais amplos podem ser levantados; (4) ao suprir as necessidades individuais, uma comunidade é formada.

Ao desenvolver uma necessidade no sermão, focalize as pessoas que você conhece ou sobre as quais tem ouvido, talvez até mesmo por notícias de jornal, para quem a pergunta é uma realidade. Embora a confidencialidade tenha de ser protegida, essas narrativas precisam ser contadas. Transforme-as em um filme com palavras.

Talvez não exista momento mais importante para mencionar uma necessidade do que na introdução. É possível que a necessidade não seja de todos, mas por ser real ela provavelmente interessa à maioria das pessoas. Ela indica que o sermão é importante. Um sermão que não responde à necessidade de alguém não precisa ser pregado. Assegure-se de incluir a necessidade sob a forma de pergunta no sermão, citando-a ao menos duas vezes para que as pessoas a escutem.

Nem sempre é possível colocar a frase-tema na introdução. Entretanto, “uma necessidade” pode muitas vezes ser colocada no lugar de uma declaração inicial da frase-tema, pois capta a atenção do público e o conduz diretamente à frase-tema.

I — Uma *imagem* (o I do acrônimo Texto Todo Dissipou-se No Incauto Mensageiro)

A quinta placa de alerta que os pregadores devem observar é: “Escolha uma imagem que se torne predominante no sermão”. Uma imagem é uma linguagem figurada ou uma expressão evocativa. Mencionar um objeto traz esse objeto à mente: uma macieira, água de uma rocha, um buquê de flores, uma taça de vinho, um pedaço de pão. Qualquer imagem pode tornar-se predominante simplesmente por reaparecer diversas vezes em um sermão. O ideal é que a imagem predominante guarde relação com a frase-tema e se origine do texto bíblico, mas ela pode vir de nosso mundo. Em tese, ela aparecerá, assim como a frase-tema, ao menos na introdução, no corpo do sermão e no fim.

De uma perspectiva prática, muitos pregadores talvez não encontrem uma imagem predominante antes do final da semana, possivelmente só na sexta-feira, quando o sermão já está quase pronto. Peter Jonker, autor de *Preaching in pictures: using images for sermons that connect*, a melhor obra recente sobre imagens para sermões, acredita que uma imagem

predominante é essencial em todo sermão “para manter o sermão na trilha certa da imaginação, de modo que fique claro no coração do ouvinte”.¹⁵ Ele defende a criação de uma imagem predominante para complementar a frase-tema. Em Romanos 8.18-27, sua frase-tema é: “O Espírito Santo nos ajuda em nossos momentos de fraqueza e angústia”. Sua imagem predominante é “O Espírito Santo é como uma parteira que geme ao nosso lado, enquanto passamos pelas dores do nascimento da nova criação”.¹⁶ Para que encontrem essa imagem predominante, ele recomenda que os pregadores percorram seu texto bíblico e anotem todas as imagens que encontrarem: “Isso deve incluir mais do que objetos inanimados; deve também identificar cenas — momentos que possam ser retratados como se fossem instantâneos”.¹⁷ Por exemplo, no salmo 77, ele lista um grito de socorro, a insônia, o louvor na escuridão da noite, a mão direita do Senhor, as águas revoltas, uma tempestade com trovões, os relâmpagos como flechas de Deus, veredas de travessia, pegadas invisíveis e as mãos de Moisés e Arão.¹⁸

Ao contrário de um conceito abstrato, uma imagem retrata um quadro específico para os olhos da mente. A linguagem concreta faz isso. A linguagem abstrata comunica conceitos como amor, raiva, salvação ou justiça. Um conceito abstrato pode ganhar vida quando uma imagem lhe é fornecida. A imagem de uma mão estendida para ajudar alguém [a sair] de um veículo pode ser uma imagem de amor. É mais fácil para os ouvintes acompanharem algo que possam visualizar. Henry Mitchell certa vez afirmou audaciosamente: “Se você tem uma ideia que não puder ser traduzida em uma história ou uma imagem, não a use [...] Só se entende o sentido de uma coisa quando se pode fazer uma simbolização pictórica disso”.¹⁹ A maioria dos seres humanos pensa por imagens mentais, e a maioria das pessoas lembra-se melhor de figuras. Quando refletimos sobre os eventos do dia, durante o jantar, com frequência o que nos vem à mente não são princípios abstratos. Não resumimos nosso dia em pontos. Ao

contrário, visualizamos pessoas e lugares, repetimos conversas e contamos histórias que ocorreram.

O melhor teste para as imagens é: Qual figura vem à sua mente? Há níveis de especificidade: “flores lindas” talvez represente uma imagem; “rosas lindas” já é algo mais preciso; mas rosas de que cor? Elas estão em um vaso ou em um ramalhete? Em contraste, “doze rosas amarelas de caule longo em um vaso” representa uma imagem bem clara. Detalhes fazem a diferença. A história está nos detalhes.

Duane Litfin usa uma forte imagem predominante de um balão de ar quente como imagem de vida, em um sermão intitulado “Velejando ao vento de Deus”:

Você alguma vez já andou em um balão de ar quente? Dizem que se parece muito com velejar ao vento. Você pode se mover muito rapidamente, mas o silêncio é total e não há nenhuma sensação de vento [...] à medida que viaja com o vento, você não percebe que está em movimento, exceto se olhar para o deslizar da terra abaixo de você. A viagem é surpreendentemente tranquila e pacífica. Este é o tipo de coisa que Salomão tem em mente [...] alguém que vive com o vento de Deus [soprando] em suas costas.²⁰

Uma imagem predominante revela seu maior impacto e utilidade se, ao final do sermão, somar não apenas na questão da unidade, mas também do sentido teológico. Se estiver ligada à declaração do tema, pode tornar-se um auxílio visual que lembra a ação de Deus. Por exemplo, João Batista testifica: “Eis o cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo!” em João 1.29-42. Minha frase-tema era “Jesus traz salvação”. Salvação era a doutrina. Na introdução, contei que havia levado um grupo de jovens de ônibus para um culto, em uma igreja em Detroit, ministrado por Charles G. Adams. Eu retratei Jesus dirigindo um ônibus quando foi ao encontro de João e escolheu seus discípulos. Ninguém realmente pensou que o texto de fato

dizia isso. Era algo absurdo e engraçado, que não alterava o texto nem tirava a atenção dele de forma significativa. No final do sermão, eu disse: “Você pode estar pensando em ir para seu carro, no estacionamento, após o culto. Mas, quando for para o estacionamento, espero que veja lá algo mais. Veja! Um ônibus está lá. Seu destino, escrito acima do para-brisa, é salvação. A porta daquele ônibus está aberta para você. Jesus Cristo é o motorista e ele já pagou a passagem”. É possível que, posteriormente, ao longo da semana, quando os ouvintes virem um ônibus, eles se lembrem do centro do sermão: Jesus traz salvação.

O interesse por imagens na pregação é, em grande medida, fruto da nova homilética. Uma imagem pode ser mais eficaz do que o discurso direto. Como diz o ditado: uma imagem vale mais que mil palavras. Entretanto, pode haver tantas imagens que a linha de raciocínio fica confusa. O. C. Jones Jr. refere-se ao “pregador borboleta — aquele que se envolve num bater de asas permanente de um texto poético a outro”.²¹ Pregadores imagéticos podem tornar-se péssimos comunicadores se encherem o sermão de imagens desconexas. A criatividade precisa de disciplina. Esse foi o critério apresentado pelo jovem poeta Stephen Daedalus, no final do romance de James Joyce, *Portrait of the artist as a young man*;²² ele podia perceber a beleza da jovem que se parecia com um pássaro na praia de águas geladas, mas ainda não conseguia comunicar essa beleza aos outros.

Fontes de imagens predominantes

Há três possíveis fontes para as imagens predominantes.

1. Com mais frequência, a imagem predominante pode vir do *texto bíblico*. Ela pode ser algo evidente, como, por exemplo, “os olhos se abriram” na cura do homem que era cego (Jo 9.1-12). Ou, quando estiver pregando em Isaías 51.1-10, uma frase-tema pode ser “A salvação de Deus dura para

sempre” (v. 6). Vários versículos contêm imagens profundas: “Olhai para a rocha de que fostes cortados / e para o buraco do poço de que fostes tirados!” (v. 1); “[O Senhor] fará o seu [de Sião] deserto como o Éden, / e seu ermo, como o jardim do Senhor” (v. 3); “minha justiça [será] como luz para as nações” (v. 4, CEB); e “a traça os roerá como a um vestido, e o verme os comerá como a lã” (v. 8, CEB). Alguns pregadores podem ficar tentados a repetir todas essas maravilhosas imagens no sermão, mas a maioria das pessoas perguntará: “Por que o pregador fala de rochas sendo cortadas, jardins florescendo, luzes brilhando e traças roendo vestido?”. Escolha uma imagem principal para relacioná-la à frase-tema.

Uma frase-tema alternativa poderia ser “A bênção de Deus permanece”. A imagem da “rocha de que fostes cortados” tem grande potencial como imagem predominante porque tanto rochas quanto bênçãos permanecem. Certa vez, quando criança, eu caminhava pela trilha de um bosque, quando fui atingido por uma pedra atirada por outro garoto. Parecia que o calombo atrás de minha orelha duraria para sempre, mas durou apenas algumas semanas. O mesmo tipo de pedra, ou rocha, provavelmente continua ali perto da trilha. Em um sermão, posso associar essa rocha a Israel na Babilônia e à “pedreira da qual fostes tirados” (51.1), bem como a outras rochas, ou pedras, nas Escrituras (a fenda da Rocha Eterna, em Êx 17.6; a pedra que foi rolada do sepulcro; Pedro como a pedra sobre a qual Jesus edificou sua igreja). Por fim, a imagem pode ser combinada com a declaração do tema: até mesmo as rochas passarão, mas *a bênção de Deus permanece*.

2. De forma alternativa, podemos tomar emprestada de *nosso mundo* uma imagem predominante. Potenciais imagens estão a nosso redor: um telefone celular, uma vassoura, uma criança de pés descalços, uma vara de pescar, uma bicicleta, uma toalha de mesa rendada, um cartaz de propaganda política, uma placa no pátio de uma escola com os dizeres “Proibido o uso de drogas”, e assim por diante. Pode-se pregar um sermão

sobre a periferia e o centro de nossa fé. Talvez começássemos com a história de uma moradora de rua e seu carrinho de compras. Em outra história, poderíamos falar de um carrinho cheio de produtos de supermercado e posteriormente no sermão nós o retrataríamos como algo que carrega as coisas em nossa vida que oferecemos a Deus. Só que a imagem do carrinho de compras precisa ser retratada em cada lugar que essa imagem for utilizada.

3. A terceira fonte de uma imagem predominante é um *refrão verbal*, *uma expressão retórica*. Uma imagem pode ser sonora e não conter uma figura propriamente dita. Pode ser uma frase de uma música ou o slogan de uma propaganda adaptado à declaração do tema. Se a declaração do tema for “A bênção de Deus permanece”, então, na segunda parte do sermão, o refrão “Nada dura para sempre” pode ser corrigido para declarar: “Nada mais dura para sempre, mas a bênção de Deus permanece”.

M — Uma *missão* (o M do acrônimo Texto Todo Dissipou-se No Incauto Mensageiro)

Quando usamos a palavra “missão”, estamos nos referindo, primordialmente, a uma ação ministerial que pode ser praticada pelos que nos ouvem. Missão é um ato de expansão que faz as vezes de símbolo de uma ação que a congregação poderia considerar. Um aluno certa vez comentou: “Achei desafiador imaginar o elemento ‘missão’ em todo sermão [...] dado o meu conceito anterior da palavra ‘missão’. No contexto de pregação de onde venho, o termo ‘missão’ é geralmente usado para referir-se à ação de evangelizar, ganhar almas ou plantar igrejas. No entanto, agora [...] vejo missão como tudo aquilo que Deus chama seu povo a ser ou a fazer em um momento específico de sua jornada”. Missão é o que Henry Mitchell chama de propósito comportamental.²³ Alguns atos de missão dizem respeito a todas as pessoas, como o dever de orar mais; de trabalhar para

acabar com o racismo, o sexismo ou a pobreza; de imaginarmos como podemos ajudar nossos jovens. Outros atos são mais específicos de circunstâncias individuais, como programar-se para levar uma pessoa solitária para almoçar, visitar alguém no hospital, escrever uma carta a um indivíduo na prisão, voluntariar-se para ajudar em um banco de alimentos. Um pregador pode sugerir uma missão na esperança de que o Espírito Santo direcionará indivíduos a assumirem essa missão. A missão pode estar implícita nas histórias que contamos.

Talvez segunda-feira ainda seja muito cedo no processo de preparo do sermão para que o pregador defina uma missão. Novamente, a página 1 é o problema no texto; a página 2 é o problema no mundo; a página 3 é a graça no texto; e a página 4 é a graça em nosso mundo. O papel da missão está relacionado ao nosso mundo, o qual é analisado tanto na página 2 quanto na página 4. A página do sermão em que colocarmos a missão determina como falaremos da missão: na página 2, identificamos o que Deus ordena ou deseja. Na página 4, identificamos o que Deus, pela graça, nos capacita a fazer — a natureza da missão é transformada pelo evangelho. Portanto, é uma oportunidade e um privilégio, algo intimamente associado ao terceiro uso que Calvino faz da lei, um incentivo à obediência, ao tratar a lei como guia amado. As expressões “deve”, “deveria”, “tem de” não mais se aplicam.

John Rottman gosta de pensar na missão como nós sendo os vassalos de uma aliança com Deus, que é o Suserano.²⁴ Hank Langknecht afirma: “Conceba a missão como ‘o fruto produzido por uma árvore nutrida por Deus’. Essa é uma abordagem mais impactante do que conceber a missão como ‘Todos vocês precisam ser melhores cristãos’. A missão ocorre pela ação de Deus como o cuidador do pomar”.²⁵ Ou pense em Cristo indo adiante de nós para a Galileia, onde o encontraremos (Mt 28.10). Na missão, nós o encontramos, recebemos os recursos de que precisamos e experimentamos uma fé renovada.

A missão é apenas uma possibilidade. Indivíduos têm de discernir, com a ajuda do Espírito e a orientação da comunidade de fé, como servir melhor. Pregadores devem ser cuidadosos para não transformar o convite à fé e ao serviço em uma nova lei.

CONCLUSÃO

A jornada do sermão mal começou. Hoje ainda é segunda-feira, se esse não for seu dia de descanso. Fizemos nosso estudo exegético do texto bíblico. Estamos nos dirigindo para a via expressa da produção do sermão e nos detivemos diante de seis placas de alerta: escolhemos um texto; uma frase-tema, ou seja, um tema a ser expresso em uma frase; uma doutrina; uma necessidade; uma imagem e uma missão. Talvez essas seis placas de alerta pareçam nos atrasar, mas são o caminho mais rápido para a via expressa. Elas nos pouparão tempo e nos levarão ao destino com maior eficiência do que se ficarmos pegando retornos e nos perdendo. Mas ainda há mais o que fazer na segunda-feira.

1Bron Smith, em um *cartoon* sem título que aparece em *Leadership: A Practical Journal for Church Leaders* 9, n. 4 (Fall 1998): 59.↵

2Richard B. Hayes, *First Corinthians*, Interpretation: a Bible Commentary for Teaching and Preaching (Louisville: Westminster John Knox, 1997).↵

3Beverly R. Gaventa; David L. Petersen, orgs., *The new interpreter's Bible one-volume commentary* (Nashville: Abingdon, 2010).↵

4Paul Scott Wilson, org., *The Abingdon theological companion to the lectionary: preaching year A, B, and C* (Nashville: Abingdon, 2013, 2014, 2012).↵

5Abingdon, 2012.↵

6Veja Paul Scott Wilson, *God sense: reading the Bible for preaching* (Nashville: Abingdon, 2001). Sobre o sentido literal duplo, veja esp. p. 40-68.↵

7Thomas G. Long, *The witness of preaching*, 3. ed. (Louisville: Westminster John Knox, 2016), p. 126. Veja tb. sua explicação das declarações de foco e de função nas p. 126-35.↵

8Bryan Chapell é uma exceção a essa alegação com sua abordagem de dois propósitos que consegue chegar ao evangelho: o foco da condição caída (FCC) e como o texto trata do FCC. Veja sua obra *Christ-centered preaching: redeeming the expository sermon* (Grand Rapids: Baker, 1994). Para uma revisão comparativa às diversas abordagens da frase-tema na homilética, veja Paul Scott Wilson, *Preaching and homiletical theory* (St. Louis: Chalice, 2004), p. 2-24, esp. p. 15.↵

9Haddon W. Robinson, *Biblical preaching: the development and delivery of expository messages*, 2. ed. (Grand Rapids: Baker, 2001), p. 20.↵

10John Stott, *I believe in preaching* (London, Reino Unido: Hodder & Stoughton, 1982), p. 94-5 [edição em português: *Eu creio na pregação* (São Paulo: Vida, s.d.)]. Agradeço a John Rottman por uma conversa sobre essa citação, que está refletida em meus comentários. ↵

11Sam Persons Parkes, em um e-mail escrito para o autor em 2 de dezembro de 2017.↵

12Gerhard Ebeling, *Word and faith*, tradução para o inglês de James W. Leitch (Philadelphia: Fortress, 1963), p. 424.↵

13Hank Langknecht, material não publicado usado em suas classes no Trinity Seminary, em Columbus, Ohio, Estados Unidos.↵

14Esse quadro é formado pelos exemplos do sumário em Shirley C. Guthrie, *Christian doctrine*, ed. rev. (Louisville: Westminster/John Knox Press, 1994), p. v-viii.↵

15Peter Jonker, *Preaching in pictures: using images for sermons that connect* (Nashville: Abingdon, 2015), p. 22. ↵

16Ibidem, p. 23. Jonker também usa uma declaração de propósito do sermão para ajudar nesse processo. ↵

17Ibidem, p. 84. Jonker dedica um capítulo à tarefa de encontrar essas imagens predominantes, p. 77-93.↵

18Ibidem, p. 85-6.↵

19Henry H. Mitchell, *The recovery of preaching* (San Francisco: Harper & Row, 1977), p. 45.↵

20Duane Litfin, “Riding the wind of God”, in: Haddon W. Robinson, org., *Biblical sermons: how twelve preachers apply the principles of biblical preaching* (Grand Rapids: Baker, 1989), p. 99.↵

21O. C. Jones Jr., “The preacher’s dilemma”, in: J. Alfred Smith Sr., org., *Outstanding black sermons* (Valley Forge: Judson, 1976), p. 44.↵

22Edição em português: *Um retrato do artista quando jovem* (São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2016).↵

23Henry H. Mitchell, *Celebration and experience in preaching* (Nashville: Abingdon, 1990), p. 52.↵

24John M. Rottman, em uma conversa de e-mail com o autor em 12 de junho de 2017. ↵

25Langknecht, material de aulas.↵

CAPÍTULO 3

INTRODUÇÕES, QUATRO FRASES E A NECESSIDADE

Talvez lhe pareça que a segunda-feira tenha muitas tarefas, à medida que as formas apresentando aqui. No entanto, uma vez que se tornam uma prática comum, essas tarefas podem ser facilmente concluídas em uma manhã ou tarde. Em geral, nas minhas aulas no seminário, os alunos chegam à segunda aula (eles têm comigo uma aula por semana) com as tarefas de exegese concluídas e à terceira aula com o material que analisamos neste capítulo também concluído. Aqui vamos considerar estratégias para introduzir o sermão, com diversos exemplos para seguir e problemas comuns a serem evitados. Enfatizaremos duas formas de pensamento que são importantes para os pregadores: uma é a metáfora, e a outra é a metonímia. Também vamos elaborar um exercício simples em que a frase-tema gera quatro frases que podem oferecer um esboço para uma estrutura em potencial do sermão. Ao utilizá-la, os pregadores podem poupar horas de desperdício no trabalho. Finalmente, vamos explorar como relacionar essas frases a uma necessidade.

I. INTRODUZINDO O SERMÃO

A introdução, como as cenas de abertura de um filme, indica qual é o assunto do sermão e sua direção. Ela arruma a mesa, mas não serve a refeição. Ela promete algo por meio de um assunto. Os ouvintes a usam como um tempo para se ajustarem ao pregador. Durante a introdução, o

público define se o pregador ainda está chateado com a reunião do conselho ou se está resfriado. Os visitantes perguntam: “Quem é essa pessoa? Eu concordo com a abordagem que ele ou ela está tomando? Posso acreditar no que está sendo dito?”.

Durante o sermão, os ouvintes continuam tomando decisões sobre o caráter ou o *éthos* do pregador em relação aos assuntos tratados. *Éthos* não é o caráter do pregador em geral. O *éthos* muda porque é determinado pelo ouvinte, à medida que este se relaciona com o pregador conforme os temas do sermão vão se sucedendo. *Éthos* é a credibilidade, a ética e a autoridade do orador segundo o modo em que são sentidas no momento. O caráter em geral é relativamente estável e vivenciado ao longo do tempo, ao passo que o *éthos* pode oscilar durante um sermão. Na retórica clássica, há três formas de persuasão: *éthos* ou credibilidade, *lógos* ou argumento e *páthos* ou emoção. Todos as três são importantes em qualquer evento discursivo.

Antes do século passado, introduções não eram a parte mais impactante do sermão, ao menos de acordo com os padrões contemporâneos. A ênfase estava no apelo lógico (*lógos*). Introdução significa “levar para dentro”. As introduções eram funcionais: elas apresentavam à congregação o sumário do sermão. Os pregadores definiam o tema e talvez indicassem a doutrina, o tema e os principais pontos do argumento a ser apresentado. O *éthos* do púlpito, na época considerado de forma mais restrita, tinha que ver com a correção do ensino, bons princípios morais e perspicácia intelectual. Naquela época, construir uma conexão pessoal ou emocional com a audiência (*páthos*) não era uma preocupação, ou ao menos era algo que se fazia de maneira diferente.

As introduções mudaram ao longo do século passado e se tornaram mais relacionais, à medida que a nova homilética dirigia o foco para o ouvinte. Estabelecer uma conexão ou ter um “gancho” tornou-se mais importante. Uma introdução é um portão aberto, um caminho revelado, um destino anunciado. Em dois ou três parágrafos, o pregador tem de deixar

claros a declaração sobre o tema, a necessidade a que ela responde ou o assunto. Variar de semana para semana pode ser importante. Conforme um pregador declarou: “Não saia detrás da mesma árvore toda semana. Em algumas semanas, usarei algum elemento visual para a introdução; talvez eu use uma ilustração da vida, ou algo que acabou de ser publicado no jornal da manhã. Talvez eu coloque alguém na audiência para fazer uma pergunta. Posso mostrar à congregação um slide ou uma figura”.¹ Breves videoclipes podem ser apresentados em qualquer momento, mas, se um videoclipe mais longo for importante para o sermão, a introdução é um excelente momento para mostrá-lo, pois assim ele não dará a impressão de interromper o sermão.

Uma introdução pode passar diretamente para o texto bíblico, por exemplo, com uma frase: “Pedro, Tiago e João não tinham ideia do que os esperava enquanto subiam ao topo da montanha naquele dia” (Lc 9.28-36). Em contrapartida, um pregador pode utilizar alguns incidentes contemporâneos mais corriqueiros: “Uma mulher estava no parque, empurrando a filha no balanço, quando um enorme dobermann se aproximou, agitado e nervoso, arrastando a própria coleira atrás de si”. Pessoas são atraídas por histórias assim porque querem saber o que acontecerá. O material contemporâneo pertence à página 2. Um sermão pode começar com a página 2; porém, se o material contemporâneo for apenas um breve parágrafo ou algo semelhante, considere essa introdução um mero “prefácio” para a página 1.

A. Seis estratégias simples para escrever a introdução

1. Conte uma história que sugira o outro lado da frase-tema e a ação da graça de Deus.

Na história de Elias e a viúva de Sarepta, o profeta encontra uma viúva faminta, que é miraculosamente alimentada (1Rs 17.8-16). A frase-tema poderia ser “Deus alimenta a viúva”. A introdução pode tratar de uma necessidade; a maioria das pessoas está faminta de algo. Ou pode contar uma história que se oponha à frase-tema, acerca de Deus aparentemente não estar alimentando os famintos. Essa visão comum de Deus “aparentemente não estar alimentando” é algo bem diferente de dizer que Deus “não os alimentou”. Dizer que Deus “não os alimentou” não é o que a fé afirma — portanto, não diga isso. A doutrina da providência afirma que Deus supre a todos, ainda que o pecado e o mal perturbem o plano de Deus.

Na retórica clássica, introduzir um tema de forma inversa é a chamada via negativa, ou rota negativa. Evite pregar contra Deus. Mesmo diante da experiência do aparente distanciamento de Deus, ainda assim falamos da perspectiva da fé. Reconhecer a vida como as pessoas normalmente a experimentam, mas sem nunca se afastar da fé, é uma postura que pode atrair o interesse dos ouvintes e confirmar a relevância do tema.

A frase-tema para Marcos 8.22-26 poderia ser “Jesus cura o cego”. A introdução do sermão pode contar uma história de alguém que desejava ser curado, mas para quem Deus parecia estar em silêncio:

Uma mulher chamada Janete vivia a muitos quilômetros daqui, em uma pequena casa de dois quartos, com um quintal muito pequeno. Ao chegar em casa tarde, certa noite, a idosa Janete escorregou em um degrau molhado e quebrou o quadril. O que deveria ser uma cirurgia transformou-se em quatro operações. Seus filhos viviam fora da cidade e mantinham contato por telefone; dois deles vinham para visitas rápidas. Os amigos a visitavam às vezes. Ao longo daqueles vários meses, Janete sentiu-se sozinha. Naquele momento, ninguém era capaz de convencê-la de que Jesus poderia curá-la, pois Deus, assim como seus filhos, parecia-lhe distante. Há certos momentos em que podemos nem mesmo saber o tipo de cura de que precisamos.

As vantagens de uma introdução como essa podem ser inúmeras. Primeira, ela remete ao assunto da cura e conduz à frase-tema do sermão. Segunda, ela cita uma experiência comum: a maioria das pessoas lembra-se de momentos em que buscou a cura, mas Deus parecia ausente. Ter a ousadia de tratar a vida da forma que ela é experimentada provavelmente conquistará a confiança do público. Terceira, essa introdução menciona uma necessidade: todos nós precisamos ser curados de algo. Quarta, ela desperta o interesse da audiência para saber como a história de Janete termina. Ao final do sermão, o pregador poderá apresentar a conclusão da história dela (ou algo semelhante) e então enfatizar a cura divina. Por fim, a história dela (a) ajudará as pessoas da congregação a recordarem as diversas vezes em que Deus as tocou com poder curador em seu dia a dia e (b) completará a circularidade do sermão, trazendo uma conclusão adequada ao ponto em que ele iniciou.

2. Comece com uma experiência corriqueira relacionada à frase-tema.

Uma introdução não deve empurrar os ouvintes para o fundo de uma piscina, mas, sim, convidá-los a caminhar por águas rasas em vez de tentar nadar para não se afogar. Evite mencionar na introdução algo de que não sealaria ao ser apresentado a um estranho; você nãoalaria, por exemplo, de seus desarranjos gastrointestinais. Conquiste a confiança. Em um sermão sobre cura, não fale de um acidente horrível que deixou seis pessoas mortas (a menos que essa tragédia tenha se abatido sobre a comunidade específica). Em vez disso, fale de um incidente não tão grave, como a primeira vez em que uma criança se cortou ou a noite em que a patinação no gelo terminou em uma visita ao pronto-socorro. O acidente horrível possivelmente pertence à página 2 do sermão.

Barbara Lundblad começou um sermão sobre as palavras de Jesus em João 17.1-11, “Que eles sejam um como nós somos um”, da maneira a

seguir mostrada. A “necessidade” em questão é: Como divisões danosas podem ser superadas?

No outono passado, meus amigos levaram a filha Kate para a faculdade. [...] Kate sabia que sua colega de quarto poderia ser uma jovem da Turquia, mas não sabia mais nada. [...] As duas jovens descobriram que tinham levado os mesmos CDs, das mesmas bandas [...] e descobriram que também tinham em comum as mesmas músicas favoritas em cada CD. [...] Como nosso grande mundo lhes pareceu pequeno, como a distância entre oceanos, línguas e culturas lhes pareceu insignificante. Elas ouviam as mesmas músicas, mesmo antes de se conhecerem.

Apesar disso, sabemos que este mundo, embora pareça pequeno, não está cantando em harmonia.²

Haddon W. Robinson fez uma introdução cativante para seu sermão sobre Gênesis 3.1-6, intitulado “Um caso de tentação”:

Há alguns meses, recebi uma carta de um jovem detento de uma penitenciária no Texas. Ele está cumprindo de dez a vinte anos de prisão por tentativa de estupro. É cristão e me perguntou se eu poderia enviar-lhe um livro que não estava disponível na prisão. Com prazer atendi ao pedido dele. Mas sua carta me incomodou profundamente, pois o jovem havia sido meu aluno quando estava no seminário. [...]

Quando li aquela carta e soube o que tinha acontecido, eu me vi lutando com todos os tipos de perguntas e emoções. O que ocorre na vida de uma pessoa que pratica esse crime? O que passou por sua cabeça? O que o levou a dar as costas para tudo aquilo a que havia dedicado sua vida?

Percebi que, ao fazer essas perguntas, eu não estava perguntando sobre ele, mas sobre mim mesmo.³

A “necessidade” aqui é: “O que fazer quando cometemos erros?”. Robinson mantém sua empatia para com esse jovem, mesmo enquanto se esforça para entendê-lo. Trate com empatia (que não é a mesma coisa que aprovação)⁴ mesmo a pior pessoa mencionada, seja Jezabel, seja Judas, seja um estuprador ou um terrorista contemporâneos. Todas as pessoas merecem empatia como parte da humanidade, mas nem todas devem despertar aprovação, particularmente se parecermos estar tolerando seus atos. Deus nunca nos permite marginalizar alguém e também não pregamos o ódio. Todos são amados de Deus, embora possamos condenar suas ações. Note como Robinson coloca a si mesmo e a todos os seus ouvintes sob o mesmo escrutínio a que submete o rapaz condenado.

3. Comece com um texto bíblico.

Robert P. Waznak, S.S. (Societas Sanctissimi Sacramenti), começou uma homilia sobre João 8.1-11 da seguinte forma:

Desde o começo as pessoas têm se mostrado mais do que curiosas a respeito do que Jesus escreveu na areia. São Jerônimo foi um dos primeiros especuladores sérios. Ele sugeriu que, ao inclinar-se, Jesus escreveu os pecados daqueles homens que procuravam apedrejar a mulher até a morte.⁵

Susanne Vanderlugt introduziu sua pregação a respeito das palavras de Jesus sobre a ira, o adultério, o divórcio e os juramentos (Mt 5.21-37) da seguinte maneira:

Imagino que muitos daqueles ali reunidos para ouvir Jesus ficaram completamente chocados quando ele citou a lei de Deuteronômio — “Ouvistes o que foi dito aos antigos” —, e então revisou a lei: “Eu, porém, vos digo...”. Afinal, ela eram as palavras de Deus transmitidas ao grande líder Moisés, e a proibição de Deuteronômio contra a

alteração de algum mandamento fora sempre honrada. Ninguém jamais havia reformulado a lei.⁶

Casey Barton pregou sobre Mateus 1.18-25, mesclando ou fundindo a Bíblia com os dias atuais à medida que narrou como Maria disse a José que estava grávida:

Enquanto ele dirigia, ela sentou-se próximo, bem ao lado dele no banco do caminhão velho, com o braço ao redor de José, a mão levemente pousada na parte interna do cotovelo dele, ao mesmo tempo que este estava com a mão apoiada na marcha. Era sempre ele quem dirigia. Ela ainda não tinha idade suficiente. Escureceria cedo por aqueles dias. Era o fim de um dia bastante comum para José, já acostumado ao ritmo diário do trabalho repetitivo na construção de casas. Naquela manhã, Maria acordara se sentindo mal. Isso estava acontecendo cada vez com mais frequência nas últimas semanas. Mas ela tinha se sentido tão mal hoje que tivera medo de perder o encontro com José. Contudo, recompôs suas forças e o encontrou na calçada, quando ele estacionou o caminhão.⁷

A “necessidade” de que Barton trata é: “Onde está Deus no caos da minha vida?”. Ele faz a seguinte pergunta a seu texto: “A que pergunta de meu povo a frase-tema responde? A quais feridas decorrentes de suas experiências ela se dirige?”.

4. Comece com um tema de justiça social.

Começar um sermão com um tema de justiça social pode indispor os ouvintes e parecer algo excessivamente político e manipulativo. Entretanto, neste sermão de Raymond L. Brown, a concordância da congregação sobre o tema era esperada. Brown usa uma imagem central das condições meteorológicas adversas para gerar drama e interesse em suas palavras:

Estamos aqui esta semana para enfrentar a realidade de que as tempestades da vida estão se movendo violentamente, pela nação e pelo mundo, com uma ferocidade que sugere a convergência de frentes contrárias. O calor abrasador da urgência em redimir a condição política, social e econômica de nossas comunidades conflita com os ventos frios e penetrantes do racismo e da injustiça que parecem nunca arrefecer. Não são apenas ocorrências isoladas e separadas. Diante do cenário das ações e interações humanas, essas tempestades estão se desenvolvendo ao longo de linhas bem definidas de frustrações e frivolidades generalizadas.⁸

Um sermão sobre o racismo talvez lide com esta necessidade: “Como posso encontrar coragem para agir? Ou: Como não ser tragado pelo ódio?”.

Na seguinte introdução de sermão, Carlyle Fielding Stewart III confronta os problemas das drogas de maneira direta, mediante seu foco narrativo em um indivíduo:

O suor lhe escorria pelas palmas das mãos e as encharcava, à medida que seu coração batia forte e o pulso acelerava. Os olhos esbugalhados piscavam rápido, enquanto a face se retorcia. Suas mãos morenas e inchadas tateavam nervosamente por dentro do bolso de seu casaco de lã manchado de urina. [...] “Eu tenho de achar esse fósforo”, sussurrou de forma um pouco aguda. “Se eu não achar esse fósforo, eu mato alguém!”

Finalmente, o fósforo. Agora o cachimbo e a pequena pedra branca de *crack*. Agora ele daria adeus a seus cinco sentidos. Agora ele se refugiaria naquele fantasma branco; na feiticeira branca que prometera ser a resposta para seus anseios mais profundos. Agora ele faria a dança solene da morte e se prepararia para ir o mais alto e o mais longe que a droga pudesse levá-lo.

A crise dos reféns não acontece lá, naquele local em que terroristas, brandindo suas armas semiautomáticas, zombam e desdenham de inocentes, fazendo-os cativos. A crise dos reféns não ocorre nos aviões sequestrados. [...]

Hoje, a crise dos reféns ocorre onde quer que o povo de Deus seja feito prisioneiro do mal e da decadência espiritual.⁹

A necessidade que esse sermão poderia abordar seria: “Como podemos combater o mal?”. Ou: “Como posso superar meu vício (em qualquer coisa)?”.

5. Comece com uma notícia.

Uma notícia ou outra informação cultural contemporânea pode levar as pessoas ao texto bíblico. Não é qualquer notícia que funcionará. Uma notícia antiga soará desatualizada. Uma história sobre pessoas que envolva humor pode funcionar bem, mas histórias trágicas raramente funcionam, a menos que a comunidade esteja lidando com esse tipo de tragédia. Nesses casos, o sermão de domingo guarda paralelos próximos com o sermão fúnebre. Como um amigo disse certa vez, ninguém deveria morrer na introdução. A regra geral para todo o sermão é a seguinte: não use detalhes de violência que ultrapassem a mera ocorrência em si. Imagens violentas são muito poderosas, e seu impacto emocional e espiritual pode ser difícil de reverter. Pregar sobre detalhes da violência aproxima-se muito de pregar o mal.

Uma de minhas introduções clássicas favoritas é a bem-humorada introdução de Harry Emerson Fosdick, da Riverside Church, em Nova York. Várias décadas atrás, ele citou uma notícia:

Recentemente os jornais contaram a história de um homem que embarcou em um ônibus com a única intenção e desejo de ir para Detroit. Ao final da longa viagem, porém, quando desembarcou no

destino, percebeu que não estava em Detroit, mas na Cidade do Kansas. Ele pegara o ônibus errado. Coisas como essa acontecem com frequência na vida humana. As pessoas em geral desejam coisas boas — felicidade, uma boa vida em família, competência no trabalho, o respeito dos amigos e uma velhice honrada. Em nossos desejos e nossas intenções conscientemente cultivados, nada é mais comum que esses bons objetivos. Mas, depois de uma longa jornada, quantas pessoas, ao desembarcar no destino, veem-se em um lugar totalmente diferente do esperado!

Aquele homem, que partiu para Detroit e acabou na Cidade do Kansas, não acreditou no que acontecera de início. Ao descer do ônibus, perguntou pela Avenida Woodward, e, ao ser informado de que não havia ali nenhuma Avenida Woodward, ficou indignado. Ele conhecia sua Detroit; havia uma Avenida Woodward ali. Em meio a seus protestos contra a falta de hospitalidade em orientá-lo, foi só depois de um tempo que ele foi capaz de encarar o fato de que, apesar da sua clareza de desejo e intenção, aquela cidade não era Detroit. Ele pegara o ônibus errado.

O filho pródigo também não partiu em busca de um chiqueiro de porcos. Seu desejo estava voltado para a felicidade.¹⁰

Joni Sancken, do United Theological Seminary, em Ohio, pregou em Êxodo 16.2-15 com o tema “Deus nos liberta da economia do faraó”.

Eles tinham tudo: ótimos empregos, filhos inteligentes e saudáveis, uma casa fabulosa na histórica Atlanta. Estavam vivendo o sonho americano, até o dia em que sua filha de olhos claros viu um radiante Mercedes Coupe estacionar a poucos metros de um homem sem teto que pedia esmolas. Hannah, de 14 anos, fez um comentário sagaz: “Sabe, pai, se aquele homem tivesse um carro mais simples, o mendigo poderia ter uma refeição”. A visão de Hannah levaria sua família a dar

um passo drástico na redução de seu padrão de vida, vendendo sua casa e dando metade do dinheiro para a caridade.

O resultado é que eles têm sido capazes de ajudar outros e se tornarem mais próximos como família.

O que a família Salwen fez foi tão radical que já foram entrevistados por diversos veículos e escreveram um livro sobre sua experiência. Algumas pessoas chamariam o que eles fizeram de loucura. Por que alguém desistiria de segurança, bens e dinheiro que trabalhara tanto para conquistar? Como disse um comentarista de certo *site*: “Que tipo de palhaço trabalha e se esforça para ter uma educação decente, apenas para ouvir seu filho sugerir que eles doem a casa?”. Ou, vendo esse texto da perspectiva de Êxodo: “Por que alguém trocaria a fartura do Egito pela vastidão do deserto?”.

A notícia usada no sermão pode ser a respeito de um evento cultural, como neste exemplo que usei:

O Oscar de 2017 será sempre lembrado por premiar inicialmente como Melhor Filme o filme errado, *La La Land*, em vez de *Moonlight*. O segundo discurso de agradecimento já estava encaminhado, antes que o erro fosse notado. Brian Cullinan, da PricewaterhouseCoopers, ficara tão empolgado ao tuitar fotos nos bastidores da Melhor Atriz, Emma Stone, que entregou aos apresentadores o envelope errado. Pobre Brian Cullinan. De todos os trabalhos de auditoria que ele faz em um ano, esse foi o mais simples. Pegar o envelope certo e entregá-lo aos apresentadores. Quem de nós nunca falhou na mais simples das tarefas?

Uma história como essa pode ser orientada de várias maneiras; tudo depende da linha final. Relacione a história à declaração do tema ou à necessidade. Aqui, a necessidade é: “Como posso lidar com o fracasso?”. A história pode ser orientada para a tolice (se o tema for sabedoria), para a

autossuficiência na presença de astros de cinema (se o tema for humildade) ou para quão rapidamente o pecado se apodera de nós (se o tema for estar vigilante).

Observe que a história demonstra empatia por Cullinan. Ela deve ser contada de tal maneira que, se a pessoa retratada na notícia estivesse presente na igreja, não se sentiria ofendida. Estenda a misericórdia de Deus a ele, a ela, a nós e a todos que tenham cometido erros significativos.

6. Comece com um relato fictício.

De vez em quando, um evento fictício, se bem desenvolvido, pode tornar-se uma introdução impactante. Alvin O. Jackson começou um sermão de uma maneira cativante. As referências de tempo e lugar estão relacionadas à própria congregação:

Você ouviu dizer que [...] houve um assalto na rua North Bellevue, 70, na igreja Mississippi Boulevard Christian Church, em Memphis, Tennessee, por volta das 11h30? Uma quantia em dinheiro foi roubada. Não parece ser a primeira vez que o crime foi cometido. As evidências sugerem fortemente que este é apenas um de muitos crimes não investigados que vêm acontecendo por um longo período de tempo. As evidências também sugerem que foi um crime praticado por alguém de dentro. Não havia sinais de entrada forçada. Três mil e quinhentas pessoas estavam presentes na cena do crime e pelo menos três mil são suspeitas de participação ativa no roubo. Nenhum dos suspeitos foi preso. As autoridades ainda estão investigando. Uma das autoridades comentou que, em todos os seus anos investigando roubos, nunca vira algo semelhante. Uma grande quantia em dinheiro está faltando, mas nenhuma quantia parece ter mudado de mãos. O dinheiro parece ter sido roubado de Deus. [...] Eu estou aqui hoje, em nome das autoridades, para emitir os mandados de prisão. Entretanto, também

vim para anunciar que o Juiz do caso, que é o próprio Deus, deseja suspender as sentenças e perdoar todos os que prometerem não cometer o mesmo crime novamente. Essa é a mensagem que o profeta Malaquias anuncia ao povo de Israel.¹¹

Uma das razões pelas quais esse recurso funciona tão bem é por se tratar de uma história bem-humorada que leva diretamente ao texto bíblico. A “necessidade” é: “Como podemos fazer as coisas de modo certo?”.

B. Problemas comuns nas introduções

Cinco coisas a evitar nas introduções

1. Não comece com uma pergunta. “Você já esteve na praia? Bem, eu estive.” A pergunta com certeza é retórica, mas, em vez de descrever a imagem, criando as ondas, o sol e a areia quente com palavras, esse pregador escolheu a opção mais preguiçosa. Uma pergunta na introdução do sermão pode transmitir a seguinte ideia: “Façam vocês mesmos o trabalho. Eu estou nervoso por estar aqui em cima”.

2. Evite manipular os ouvintes. Isso pode acontecer se fizer pegadinhas com os ouvintes, como neste exemplo: “O carro cheio de passageiros bateu na barreira e voou pelos ares, chocando-se direto com o muro de concreto. O menino levantou-se, foi até o brinquedo e pegou o carro”. Outra pegadinha de mau gosto termina com a frase “E então, ela acordou de seu sonho”. David Buttrick chamou isso de “suspense oblíquo”, caso em que o pregador retém uma informação relevante como uma falsa maneira de gerar suspense: “A audiência não sabe o que ‘isso’ é, quem ‘eles’ são ou onde a ação está acontecendo”.¹² Introduções devem esclarecer de imediato o local, a identidade e a ação.

3. Não conte uma piada no começo do sermão, a menos que ela se encaixe perfeitamente ao texto bíblico do sermão. Uma piada pode ser indicador de um pregador inseguro que está buscando aprovação.

4. Não use frases longas. John Rottman, do Calvin Seminary, às vezes pergunta a seus alunos quantas palavras têm as frases da introdução de seus sermões. As respostas podem variar, talvez entre vinte e trinta. Ele adverte: seu sermão terá uma chance muito maior de êxito se você escrever suas frases para o discurso oral e as mantiver em torno de dez ou doze palavras cada.

5. Evite o que Buttrick chama de introdução ladeira abaixo,¹³ em que o pregador pode ir da cidade para o bairro, depois para a escola e, então, para a sala de aula, aproximando-se do assunto por etapas em vez de já começar direto com a menina que está na quarta fila. Uma introdução ladeira abaixo pode resultar de narrar uma história desde o início, em detalhes. Por exemplo, um aluno contou que recebeu um telefonema que o chamava para uma missão, então falou sobre isso para sua família, foi para o aeroporto, aterrissou no local, encontrou-se com as pessoas que o esperavam e, finalmente, contou sobre a experiência transformadora que mudou sua atitude crítica em relação às pessoas que viera a servir. Cada vez que ele começava a contar uma nova etapa do episódio, seus ouvintes esperavam que acontecesse algo que revelasse seu propósito ao contar a história. Em vez disso, os ouvintes foram ficando impacientes.

Mas, então, o aluno recebeu uma nova chance. Ele revisou sua história, dessa vez começando pelo evento principal: a experiência pessoal que transformou sua atitude. Agora, em vez de arrastar os ouvintes pelas cansativas cenas iniciais, ele simplesmente fez uma breve referência àqueles eventos, uma vez que a ação estava em andamento. Lembre-se deste princípio homilético: ao contar uma história, comece no momento em que a ação principal ocorre e mencione em retrospectiva o que quer que tenha

ocorrido antes (i.e., o voo para o sul), à medida que a ação se desenrola. A expressão clássica para isso é *in medias res*, no centro da ação.

II. METÁFORA E METONÍMIA COMO FORMAS DE PENSAMENTO

Com a introdução escrita, avancemos, a fim de antever o corpo do sermão e, em particular, as duas maneiras importantes de associação de pensamento: metáfora e metonímia.¹⁴ Muitos alunos se inclinam para uma ou para outra, mas ambas são necessárias a todo pregador, e por isso é importante indicá-las no início do processo. Da mesma forma, muitos ouvintes escutam de uma forma ou de outra, e é importante que os pregadores consigam comunicar-se com todos.

Metáfora e metonímia são figuras de linguagem; porém, ainda mais importante para a pregação, são duas maneiras de pensar. Uma metáfora, como “o amor é uma rosa vermelha”, combina duas ideias, um conceito (amor) e uma imagem (rosa), em uma afirmação que literalmente não pode ser verdadeira (pois o amor é uma emoção, e não uma planta). Ao serem emparelhadas, um novo sentido é produzido. A raiz do termo “metáfora” significa “transportar”. O significado é levado de um termo para o outro (como uma rosa, o amor tem a cor do coração, é gentil, espinhoso etc.).

A metáfora une dois elementos que normalmente podem não estar associados e produz uma centelha de imaginação, um pensamento novo ou inédito. Samuel Taylor Coleridge chamou essa centelha de imaginação de “reconciliação ou justaposição de opostos”, ou uma “terceira coisa”, uma nova ou terceira identidade produzida pelos dois elementos tomados como uma unidade. Em suas parábolas, Jesus liga a ideia do domínio ou reino de Deus com a história de uma viúva que estava procurando uma moeda perdida. Uma centelha de imaginação pode acontecer entre vários polos que forem justapostos em um sermão: uma ideia bíblica e uma história

contemporânea; uma frase-tema e um texto bíblico; uma história bíblica e uma necessidade contemporânea. Essa centelha também acontece quando unimos a página 1 (o problema na Bíblia) à página 2 (o problema em nosso mundo), ou a página 3 (a graça na Bíblia) à página 4 (a graça em nosso mundo); ou quando relacionamos tribulação e graça em geral. O significado novo torna-se evidente. Ao justapor o milagre da transformação da água em vinho em Caná (Jo 2.1-12) com a recém-descoberta confiança em Deus do paciente com câncer, uma centelha de novidade está presente. A metáfora cria entre duas coisas uma tensão que gera significado, e esse tipo de pensamento é conhecido como linguagem tensiva.

A metonímia (como a sinédoque, que é uma figura de linguagem próxima) substitui algo por um de seus aspectos ou características; por exemplo, referir-se a uma pessoa de negócios como um terno, ou a um carro como rodas, ou ao presidente como a Casa Branca ou à eucaristia como a mesa. A metonímia também é uma forma de pensar, além de ser uma figura de linguagem. Para nossos propósitos, ela estabelece *cadeias* de pensamento. Por exemplo, as frases do sermão precisam ter associação com o que veio antes. Os ouvintes precisam reconhecer essas associações para que a comunicação se sustente. Uma palavra de uma frase anterior representa a coisa toda e é repetida na frase seguinte, à medida que as cadeias de palavras anteriores se conectam por meio de associação e associações, ou à medida que a palavra “metonímia” aqui se repete e continua lembrando o ouvinte que o tema não mudou. A expressão “figura de linguagem” é utilizada em parágrafo anterior e neste, e estabelece um elo metonímico que contribui para a unidade do todo. A metonímia é estabelecida em sermões sempre que o texto bíblico é citado, ou quando outros elementos do acrônimo TTDNIM (Texto Todo Dissipou-se No Incauto Mensageiro) se repetem. A metonímia também é vista sempre que a tipologia ou a alusão às Escrituras são usadas; por exemplo, ligando os três dias de Jonas no ventre da baleia com os três dias de Jesus no sepulcro. A metonímia produz muitas

e diversas cadeias lineares, que agem como pequenas raízes, ajudando a nutrir uma planta e a manter o solo no lugar. A cadeia metonímica mais importante do sermão é, sem dúvida, a frase-tema que se repete.

Quando as pessoas navegam na internet em busca de temas, usando links para sites semelhantes, elas utilizam principalmente encadeamentos lineares ou pensamento metonímico. As pessoas usam a metonímia quando conduzem uma conversa de um assunto para outro, desenvolvendo seguimentos ou transições suaves. A metonímia nos sermões permite que as pessoas acompanhem a direção do pensamento do pregador. Às vezes, pregadores dão um salto de pensamento sem se assegurar de estabelecer uma associação com o que veio antes. Frases precisam estar associadas a frases anteriores. Isso também se aplica a parágrafos e páginas. Caso contrário, os pregadores provavelmente perderão seus ouvintes, que estão tentando forjar elos ou associações para acompanhar o que é dito.

A metáfora dá passos laterais em ângulo reto para a linha de pensamento. Pode parecer uma digressão. Quando as pessoas navegam de um tema a outro na internet, às vezes fazem associações e algo desperta sua atenção, usando pensamento tensivo ou metafórico. Quando um videoclipe é mostrado em um sermão, ou quando uma história é contada, geralmente é o mesmo tipo de passo lateral ou digressão da linha de pensamento. O vídeo ou a história funciona como uma imagem trazida ao lado da cadeia de pensamento, uma tensão é criada, o interesse é gerado e, ao final do vídeo ou da história, um novo significado é gerado. Ele precisa então ser combinado de novo com a cadeia de pensamento por meio da metonímia, talvez voltando à frase-tema ou a uma palavra-chave na frase ou no parágrafo seguinte. A metonímia é particularmente importante à medida que propicia vários tipos de progressão lógica. Ambas as formas de pensar são importantes nos sermões. Pregadores que tendem a ser altamente imagéticos ou que saltam de um tema para outro precisam trabalhar com a metonímia e repassar seus sermões para garantir que os elos das várias

cadeias estejam presentes, para mantê-los juntos e prender a atenção do ouvinte. Pregadores que são altamente cerebrais e lineares precisam trabalhar em metáforas, em histórias e imagens, em digressões e retomadas. Metáfora e metonímia devem ser equilibradas.

III. DELIMITANDO AS QUATRO PÁGINAS COM QUATRO FRASES E UMA NECESSIDADE

Agora estamos prontos para permitir que a frase-tema revele a estrutura do sermão: identificando o problema bíblico e aplicando-o ao presente, bem como identificando a graça bíblica e aplicando-a. Aqui nós observamos uma característica única dessa abordagem à homilética: a frase-tema não apenas identifica o tópico ou tema; ela fornece orientação detalhada para estruturar todo o sermão. Esse suporte não é fornecido por outras abordagens. Já vimos como um tema levou a várias ferramentas para a unidade do sermão (um texto, um tema, uma doutrina, uma necessidade, uma imagem e uma missão). Agora ele leva a quatro frases, uma para cada página do sermão. Esse exercício simples pode economizar muito tempo precioso de preparo. As páginas 1 e 2 são o problema, e as páginas 3 e 4 são a graça. A frase-tema determina a página 3 e todo o sermão. Ela responde à questão central da pregação: “O que Deus está fazendo nesse texto e por trás dele?”. Também é o ponto de partida para estabelecer as quatro frases.

A. Um exemplo usando 1Coríntios 1.10-18

Passo 1: Faça a transposição da frase-tema para definir a página 4.

Para obter a frase-tema da página 3, fizemos uma exegese dessa passagem no capítulo 2. Agora faremos a transposição da frase-tema, ou seja, mudaremos uma ou duas de suas palavras, trazendo-as do período bíblico para o presente. Isso aplica a frase-tema a hoje. Nós passamos da

graça na Bíblia (página 3) para a graça em nosso mundo (página 4). Apenas uma ou duas palavras precisam ser alteradas para passar do então para o agora:

Página 3: Deus une a igreja por meio da pregação de Paulo acerca da cruz.

Página 4: Deus une a igreja por meio da cruz. Ou, de maneira mais ampla do que a igreja:

Deus em Cristo supera as divisões.

Passo 2: Faça a inversão da frase-tema para definir a página 1 e a transponha para formular a página 2.

A inversão é um processo que busca o oposto teológico. Inverta a frase-tema da página 3, da graça para o problema, a fim de definir a página 1 (problema na Bíblia). Assegure-se de que essa transposição resulte em uma declaração de problema que tenha correspondência exata com o texto bíblico. Agora transponha essa frase para a página 1 a fim de determinar a frase da página 2 (o problema em nosso mundo). Passando do então para o agora:

Página 1: A igreja de Paulo está dividida.

Página 2: Nossa igreja está dividida. Ou, de maneira mais abrangente:

Nosso mundo está dividido.

Quatro frases que orientam o sermão estão agora identificadas. Talvez lhe pareçam um tanto simples demais, mas esse é o esqueleto básico. O texto bíblico e nosso mundo precisarão de interpretação, análise e desenvolvimento mais precisos no próprio sermão. Mantenha essas frases intactas. Não as mude à medida que reunir novas ideias, mas apoie as novas ideias nessas frases quando você escrever. O que temos aqui é um esqueleto forte que ajudará o pregador a alcançar o objetivo de boas-novas.

B. Um exemplo usando Lucas 15.11-32

Passo 1: Faça a transposição da página 3 (a frase-tema) para chegar à página 4.

Página 3: O pai é pródigo em seu amor.

Página 4: Deus é generoso ao nos amar.

Passo 2: Faça a inversão da página 3 para chegar à página 1 e a transponha para formular a página 2.

Página 1: O filho é pródigo (desperdiçador) com sua herança.

Página 2: Nós somos pródigos. Ou, com uma dose menor de crítica:

Muitos de nós não sabem como aceitar o amor de Deus.

C. Outros exemplos de quatro frases, agora com o acréscimo de uma necessidade

Dos seis elementos unificadores (TTDNIM), cheguei à conclusão de que a necessidade sentida é quase tão importante quanto a frase-tema. Já analisamos a necessidade sentida no capítulo 2. Por mais que uma congregação possa ter outras necessidades reais, a necessidade sentida é aquela que os membros mencionariam para si mesmos, com as próprias palavras, em relação ao tema. Por que é tão importante voltarmos a analisá-la aqui? Já ouvi sermões que levam a Deus, mas que, ainda assim, permanecem dissociados da vida diária. A relevância do que é dito não fica clara para o ouvinte. Se o pregador dedicasse tempo no início do sermão para falar a uma necessidade sentida, todo o sermão poderia ser ouvido sob uma nova luz.

William Willimon parece ser contra a ideia de que o uso de uma necessidade da congregação guie a pregação:

Muito de minha pregação começa no que entendo ser “o ponto onde as pessoas estão”. Começo com a experiência delas, sua “necessidade sentida”. Então, em menos de vinte minutos, tento levá-las ao evangelho. Isso transforma o evangelho em nada mais que um recurso útil para nos conceder o que desejávamos antes de conhecer o evangelho. Percebe? Já acomodei o evangelho aos pressupostos da cultura dominante em vez de permitir que o evangelho confrontasse esses pressupostos.¹⁵

O que ele critica é a pregação que se curva às necessidades das pessoas e pode até não ser bíblica.

Em contraste, o que se recomenda aqui é que o texto bíblico guie o pregador para uma necessidade específica da congregação. A frase-tema faz uma afirmação sobre Deus. Na forma de uma pergunta, essa afirmação se dirige a que necessidade de alguém que está ouvindo? Muitos pregadores respondem a uma pergunta com seus sermões, mas não à pergunta que as pessoas estão fazendo; podem ser muito acadêmicos, filosóficos ou distantes da vida cotidiana. A pergunta que estamos buscando é formulada em linguagem comum e representa o evangelho desafiando a cultura, e não se acomodando a ela. A necessidade serve à palavra bíblica, e não o contrário.

Já vimos que é preciso ter prática e habilidade para entender corretamente qual é a necessidade. Assim, para a frase-tema “Jesus alimenta os cinco mil” (Mt 14.13-21), a necessidade pode ser “Como posso sobreviver?”. Em “Jesus cura o cego” (Jo 9), a necessidade pode ser “Como posso encontrar o meu caminho?”. Em “Deus nos justifica por nossa fé” (Rm 3.28), a necessidade pode ser “Como posso provar que eu sou bom o suficiente?”. Falar a uma necessidade é tão importante que precisa ser combinado com o exercício das quatro frases. Aqui estão alguns exemplos para ajudar os leitores a trabalhar com frases para seus próprios textos:

Êxodo 20, os Dez Mandamentos:

Página 1: Israel precisa de ajuda (i.e., os mandamentos são transmitidos para corrigir um comportamento específico).

Página 2: Nós precisamos de ajuda.

Página 3: Deus apresenta o caminho para a vida.

Página 4: Deus nos dá vida.

Uma necessidade: Como eu/nós posso/podemos encontrar o sentido da vida?

Isaías 6, o chamado de Isaías:

Página 1: Isaías sente-se indigno.

Página 2: Muitos sentem-se indignos.

Página 3: Deus concede a Isaías uma nova identidade.

Página 4: Deus nos concede uma nova identidade (como servos em Cristo).

Uma necessidade: Como posso ser bom o suficiente?

João 11.1-44, a ressurreição de Lázaro:

Página 1: Lázaro morre (enquanto Jesus se atrasa).

Página 2: Jesus parece estar atrasado hoje.

Página 3: Jesus ressuscita Lázaro dos mortos.

Página 4: Jesus nos ressuscitou dos mortos.

Uma necessidade: Posso confiar em Jesus?

Filipenses 2, a humildade de Cristo:

Página 1: Muitos carecem da humildade de Cristo (i.e., eles são orgulhosos e precisam dessa instrução).

Página 2: Muitos buscam a própria grandeza.

Página 3: Deus exaltou o humilde (i.e., Cristo).

Página 4: Deus exalta os humildes em Cristo.

Uma necessidade: Quem se importará comigo, se eu não me importar? (i.e., confie que Deus cuidará das suas necessidades em vez de olhar apenas para seus próprios recursos).

Essas frases são a estrutura e exibem as regras elementares de uma homilética profunda. Se, durante o preparo, os pregadores acharem que o sermão está se perdendo, muito provavelmente é porque eles se afastaram das quatro frases e de uma necessidade.

A perspectiva de uma frase-tema na homilética é única. É como um canivete suíço que serve para muitas funções. Toda frase-tema faz uma afirmação sobre algo. Esta faz uma afirmação sobre Deus; fornece uma estrutura quádrupla para embasar o pensamento; assegura que o evangelho seja proclamado; gera vários elementos para ajudar a garantir a unidade do sermão, incluindo uma necessidade; e também incentiva a proclamação como um tipo característico de pregação, como veremos no capítulo 10.

As quatro frases fornecem uma das várias cadeias de pensamento metonímico que percorrem o sermão, cada parte relacionada com o que veio anteriormente. Como observado, as frases também geram tensão e pensamento metafórico, por exemplo, na justaposição da Bíblia com a atualidade e do problema com a graça. Nossas frases não são uma fórmula, assim como a gramática não é uma fórmula, embora sejam um modelo possível. Elas representam as regras teológicas elementares para sustentar e analisar os vários tipos de sermões existentes e aperfeiçoá-los para hoje.

CONCLUSÃO

Nesta seção, dedicada à tarefa da segunda-feira, vimos como brincar com o texto; discernir o máximo de focos possíveis em uma passagem; trabalhar com o texto na exegese; cuidar da unidade do sermão por meio de um texto, um tema, uma doutrina, uma necessidade, uma imagem e uma missão (segundo nosso acrônimo Texto Todo Dissipou-se No Incauto Mensageiro).

Neste capítulo, identificamos seis formas pelas quais o pregador pode introduzir um sermão, a começar por: (1) uma história que indique o outro lado da frase-tema; (2) uma experiência corriqueira relacionada ao tema geral; (3) o texto bíblico; (4) um tema de justiça social; (5) uma notícia ou artigo sobre questões culturais; ou (6) um relato fictício. Distinguimos entre dois modos de pensamento, a metáfora e a metonímia. Finalmente, delineamos um exercício essencial, usando a transposição e a inversão da frase-tema para determinar quatro frases que sustentam a produção de sermões, além de uma necessidade. Tudo isso pressupõe oração e atividade inspiradora do Espírito Santo. No capítulo 12, examinaremos como outras formas podem ser combinadas a essas frases e páginas. Ainda estamos no início da semana, mas já temos algo impactante para pregar e um forte senso de direção do sermão. Enquanto outros pregadores ainda podem estar procurando por um texto bíblico, nossos esforços podem ser dedicados a escrever cada página, à medida que nos movemos para proclamar o evangelho.

1James O. Rose, em uma entrevista na obra de Haddon W. Robinson, org., *Biblical sermons: how twelve preachers apply the principles of Haddon W. Robinson* (Grand Rapids: Baker, 1989), p. 67.↵

2Barbara Lundblad, “Patch this work”, em: *The past speaks to the future: 50 years of Protestant hour* (Nashville: Abingdon, 1995), p. 168.↵

3Haddon W. Robinson, “A case in temptation”, in: Haddon W. Robinson, org., *Biblical sermons*, p. 15-6.↵

4Veja Lenny Luchetti, *Preaching with empathy: crafting sermons in a callous culture* (Nashville: Abingdon, 2018).↵

5Robert P. Waznak, *Like fresh bread: Sunday homilies in the parish* (New York/Mahwah: Paulist, 1993), p. 63.↵

6Susanne Vanderlugt, “Epiphany 6, February 14, 1993”, in: John Michael Rottman; Paul Scott Wilson, orgs., *Seasons of preaching: 160 best sermons from the preaching resource Word and witness* (New Berlin: Liturgical, 1996), p. 78-9.↵

7Casey Barton, “A light peeks”, sermão não publicado, usado com permissão.↵

8Raymond L. Brown, “The storms are raging”, in: Darryl M. Trimiew, org., *Out of mighty waters: sermons by African-American disciples* (St. Louis: Chalice, 1994), p. 17.↵

9Carlyle Fielding Stewart III, “Hostage crisis”, em: *Joy songs, trumpet blasts, and hallelujah shouts* (Lima, Estados Unidos: CSS, 1997), p. 49.↵

10Harry Emerson Fosdick, “On catching the wrong bus”, in: *Riverside sermons* (New York: Harper & Brothers, 1958), p. 38.↵

11Alvin O. Jackson, “Robbery without a weapon”, in: Darryl M. Trimiew, org., *Out of mighty waters*, p. 107-8.↵

12David Buttrick, *Homiletic: moves and structures* (Philadelphia: Fortress, 1987), p. 94.↵

13Ibidem, p. 92-3.↵

14Para uma análise mais completa sobre a metáfora e a metonímia, veja os capítulos acerca delas em Paul Scott Wilson, *The practice of preaching* (Nashville: Abingdon, 1995), p. 220-62. Esses capítulos foram omitidos da edição revisada de 2007 por motivos de extensão. ↵

15William H. Willimon, *The intrusive Word: preaching to the unbaptized* (Grand Rapids: Eerdmans, 1994), p. 38.↵

SEGUNDA SEÇÃO

**PÁGINA 1:
TERÇA-FEIRA**

CAPÍTULO 4

O PROBLEMA NA BÍBLIA

Se alguém disser “Escreva um sermão”, isso pode ser amedrontador. Pode dar um branco na mente. No entanto, se alguém disser “Escreva uma página falando sobre problemas em seu texto bíblico”, a tarefa será muito mais exequível. Essa é a tarefa de terça-feira.

Eu costumava esperar que o Espírito de Deus pairasse sobre meu sermão como sobre as águas no início da Criação, e a pregação passaria então a existir de modo repentino. Era a esperança de um homem preguiçoso. Apenas em ocasiões extremamente raras um sermão surge com tanta facilidade. A preparação do sermão precisa de tempo e trabalho disciplinados todos os dias. As etapas aqui relatadas podem economizar tempo, fornecer foco mais preciso e tornar a tarefa mais eficiente. Pregadores em geral adiam a produção do sermão: “Preciso terminar minha leitura primeiro”. No entanto, a leitura deve levá-lo a escrever todos os dias. O perfeccionismo ama a procrastinação. O único sermão perfeito é aquele que Jesus Cristo prega por meio do Espírito Santo. Embora Jesus ordene “Sejam perfeitos, assim como o seu Pai celestial” (Mt 5.48), ele fala de algo que não é obtido por nossos esforços, mas pela fé e confiança em Cristo. Meus pais sempre ensinaram: “Faça o melhor que puder e deixe o resto com Deus”.

Deus pode suscitar das pedras filhos a Abraão e Sara (Mt 3.9), e, se os discípulos fossem silenciados em seu louvor a Cristo, “as pedras clamariam” (Lc 19.40). Por nossos próprios recursos, não temos o que é preciso. Nós pregamos pela graça de Deus, que chama, capacita, separa e nos sustenta,

suprindo bondosamente nossas necessidades a cada sermão. Além disso, Deus nos chama como quem somos, na particularidade de nossos contextos sociais específicos, com nossas limitações e habilidades, dons e experiências. Nenhum de nós é merecedor por si mesmo. Evite ser como o pregador que disse: “Você de fato precisa ouvir meu sermão sobre humildade”. As preocupações relativas a ter êxito no que fazemos devem se concentrar na mordomia do tempo de preparo do sermão e em sua fidelidade ao evangelho.

Um pregador pode usar as quatro páginas apenas como um conjunto de regras elementares, uma forma de analisar sermões em um nível mais profundo. A nova homilética ensina que não basta fornecer informações sobre algo. É importante envolver as pessoas e comunicar uma experiência. Como tentativa de ajudar a gerar uma experiência do evangelho, formulamos as páginas 1, 2, 3 e 4, embora não nos limitemos a esse arranjo.

Por que a página 1 diz respeito ao problema na Bíblia? Por que não simplesmente dedicar a primeira página ao que há de errado no mundo? A melhor razão para começar com a Bíblia (e ignorar a introdução no momento) é teológica: as Escrituras são a Palavra de Deus, e os cristãos buscam a instrução de Deus. Ela é uma autoridade fundamental para pregar. Não presuma já saber o que é necessário. Até mesmo o pecado e o mal, como problemas, são questões de revelação e devem ser discernidos por meio das Escrituras. Na preparação para o sermão, e também na sua pregação, a página 2 (problema em nosso mundo) depende de discernir a página 1 anterior (problema na Bíblia).

I. UM FOCO TEOLÓGICO

Em qualquer passagem bíblica existe algo de errado, pois tanto na época em que uma passagem foi escrita quanto agora o mundo está em uma condição caída. Em sua doutrina da depravação total, Agostinho, Lutero e Calvino

ensinavam algo que continua a ser verdadeiro: sem a graça, os seres humanos jamais conseguirão escapar dos efeitos do pecado, o qual corrompeu por completo a ação humana. Não importa quão positivo um texto bíblico possa parecer à primeira vista, é possível discernir esse algo de errado, ou seja, o problema. Às vezes, o problema está evidente, como os pecados de adultério com Bate-Seba e o assassinato de Urias, praticados por Davi. Outras vezes, está implícito por exemplo; o problema na igreja de Paulo nunca está longe de uma passagem de 1Coríntios. Para aqueles que não conhecem Deus, o problema pode ser uma questão de consciência, como Paulo diz em Romanos 2.15: “O que a lei requer está escrito em seus corações, e disso a própria consciência deles dá testemunho”. A página 1 levará à página 2, para uma análise desse mesmo problema em nosso mundo.

Na página 1, os pregadores fazem mais do que narrar o que o texto bíblico está dizendo. A pauta é teológica. Como Bryan Chapell afirma, devemos identificar a razão, a causa ou a ocasião das palavras, “a condição humana comum que os crentes contemporâneos partilham com aqueles para quem ou por quem o texto foi escrito e que demanda a graça na passagem”.¹ Ele chama isso de foco da condição caída (FCC) do texto bíblico. Isso aponta para a pecaminosidade humana, nossa condição caída ou a corrupção do mundo. Sem esse FCC, diz ele, somos incapazes de interpretar adequadamente um texto bíblico. O FCC é que cria oportunidade para o “E daí?” do sermão: “Uma mensagem que simplesmente atesta que ‘Deus é bom’ não é um sermão. Entretanto, quando o mesmo discurso lida com a dúvida que podemos ter a respeito da bondade de Deus quando enfrentamos uma provação e demonstra com base no texto como enfrentarmos as nossas dúvidas sobre a verdade da bondade de Deus, então o pregador fez um sermão”.²

Chapell diz que um texto bíblico pode oferecer muitos FCCs possíveis. Ele apresenta três perguntas para garantir a fidelidade ao texto na

determinação do FCC: “(1) O que o texto diz? (2) Que preocupações o texto aborda em seu contexto? (3) O que os ouvintes têm em comum com aqueles para quem ou por quem o texto foi escrito?”.³ Chapell confere uma espécie de juízo teológico ao texto que os pregadores também devem conferir, se desejam que o “então” fale para o “agora”.

A página 1 diz respeito a uma frase que se descobre ao inverter a frase-tema teologicamente. A razão para estabelecer a página 1 por essa inversão da frase-tema é garantir que o problema e a graça estejam relacionados. Se esses aspectos fossem estabelecidos de forma independente, seria possível terminar com dois sermões bem distintos. Desde que resulte de um foco legítimo do texto, a inversão garante que esses aspectos se encaixem um no outro. Aqui estão mais exemplos da inversão da graça (página 3) para descobrir o problema (página 1):

Página 3: Jesus cura o homem cego. / Página 1: O homem era cego (Jo 9.1-12).

Página 3: Jesus acalma a tempestade. / Página 1: Os discípulos estavam com medo (Lc 8.22-26).

Página 3: Deus continua a cuidar de Adão e Eva. / Página 1: Adão e Eva pecaram. Ou: Eles escolheram deixar o Éden (Gn 3).

Na produção do sermão, o pregador toma a frase da página 1 e a usa como um guia para recontar o problema no texto. Pode ser sábio o pregador escrever a frase curta no topo de uma página literal intitulada página 1 como um lembrete do único foco da página. Use essa frase logo no início da página, talvez como uma transição da introdução.

II. PÁGINA 1 E UM MÉTODO TRADICIONAL DE PREGAÇÃO

A pregação expositiva geralmente parte da exposição para a aplicação. A página 1 corresponde a essa exposição, e a página 2 corresponde à aplicação.

Expor um texto em um sermão é interpretá-lo de forma analítica, segundo um tema ou entendimento. A página 1 garante que o sermão surja da Bíblia, que é a autoridade primária da pregação. A forma básica é tão antiga quanto as Escrituras: segundo o historiador Jaroslav Pelikan, os rabinos nos tempos de Jesus ofereciam “uma exposição do texto que comparava e contrastava as interpretações mais antigas e, então, aplicavam o texto aos ouvintes”.⁴ T. H. L. Parker diz algo semelhante a respeito dos sermões de Calvino: “A pregação expositiva consiste na explicação e na aplicação de uma passagem das Escrituras. Sem explicação, ela não é expositiva; sem aplicação, não é pregação”.⁵

Nos dias de Calvino, a exposição era basicamente ler as Escrituras percorrendo várias doutrinas teológicas ou pontos comuns (*loci communes*).⁶ William Perkins, um puritano moderado da Igreja da Inglaterra, instruiu os alunos a interpretarem as Escrituras dando prioridade aos ensinamentos da Igreja: “Primeiro, estabeleça claramente em sua mente e memória a soma e a substância da doutrina bíblica, com suas definições, divisões e explicações. Em segundo lugar, leia as Escrituras [...] usando análises gramaticais, retóricas e lógicas, e os estudos auxiliares relevantes”.⁷ O poeta e pregador George Herbert, na Inglaterra do começo do século 17, descreveu seu método de exposição/aplicação: “Um método do pároco lidar com o texto consiste em duas partes: primeira, uma declaração simples e clara do significado do texto; e segunda, observações selecionadas, tiradas do texto todo, do modo em que este se encontra total e integralmente na própria Escritura”.⁸

O sermão naqueles dias podia durar mais de uma hora; de fato, Herbert adverte com humor que os pregadores não excedessem uma hora, pois “quem não tira proveito nesse tempo, tirará menos ainda depois”.⁹ Esse modelo de exposição/aplicação e suas variações mais breves ainda são usados hoje em todo o mundo. Uma versão a respeito disso, atribuída a Karl Barth,

embora não se encontre em seus escritos, afirma: “Os pregadores devem ter a Bíblia em uma mão e o jornal na outra”.

III. O IMPACTO DA ESTRUTURA DO SERMÃO NA TEOLOGIA DO PÚLPITO

Para todos os pontos fortes da exposição/aplicação, os estudiosos não observaram alguma desvantagem significativa. Em geral, pregadores são ensinados que a estrutura do sermão é uma coisa e que o conteúdo teológico é outra. Descubra o que você quer dizer e, em seguida, descubra uma forma para dizê-lo. Em outras palavras, os professores de homilética enfatizaram que a forma é em grande parte insignificante; o importante é a teologia. A forma era entendida como algo teologicamente neutro. Isso era uma espécie de pílula de veneno oferecida aos pregadores. Estes não estavam conscientes de que o uso dessa forma predisponha os sermões a uma teologia que enfatiza o que nós, seres humanos, fazemos. Essa teologia condena o povo e o pregador à morte. Uma teologia de problemas dominou o conteúdo dos sermões durante séculos, onde quer que a fórmula exposição/aplicação tenha sido o modelo.

Eis a razão: se um pregador mergulha em um texto bíblico apenas uma vez, o problema nas questões humanas é o foco normal. A Bíblia inicialmente oferece orientação e correção, e não um simples tapinha na cabeça que diz: “Tudo o que você está fazendo está bem. Não mude nada”. Por isso, o pregador encontra uma mensagem que ilumina o pecado humano, ou a corrupção e o sofrimento, e a responsabilidade humana de mudar. Pouco importa se o pregador segue uma linha conservadora ou liberal; nem faz tanta diferença se o texto bíblico parece enfatizar problema ou graça. Se alguém vai para o texto apenas uma vez, o resultado é quase sempre uma palavra sobre o problema. A mensagem resultante é o que as pessoas devem fazer com pouca ou nenhuma ajuda de Deus.

Os sermões de exposição/aplicação desempenham uma importante função teológica sem a qual qualquer sermão fica muito reduzido. Entretanto, quando os pregadores param nesse ponto, a forma do sermão dita a teologia. No nível mais simples e essencial, o problema coloca a responsabilidade da mudança nos seres humanos e, embora sua menção contribua para o evangelho, ainda não é evangelho. A outra parte da história cristã é que, pela fé, Deus agiu em Cristo e fez tudo para cumprir a lei. No cerne da fé está um entendimento que pode parecer paradoxal: o fardo da lei que Deus coloca sobre os seres humanos é o mesmo fardo que Deus já aceitou em Jesus Cristo. A graça coloca o foco no Deus que aceitou o fardo. Essa é a plenitude das boas-novas, esperança, alegria e celebração.

Sermões que se resumem principalmente às páginas 1 e 2 predeterminam a teologia de outra maneira também. Eles impedem que os pregadores apontem os problemas de modo profundo: “Se não há bálsamo em Gileade, se o médico não trouxer cura, por que procurar feridas?”. Ou, dito de outra forma, pregadores que não têm boas-novas podem abafar o som de seu trompete tocando melodias de problema. Somente quando os pregadores sabem que também têm boas-novas é que podem aumentar o som.

Os pregadores da nova homilética e os que os precederam nunca questionaram como a teologia é determinada pelas formas de sermão, sejam elas exegética, versículo por versículo, expositiva, doutrinária, temática, tópica, narrativa, moldada pelo texto bíblico ou híbrida. Questões literárias, históricas e teológicas eram amplamente consideradas independentes das preocupações quanto ao evangelho. Além da minha própria obra, alguns professores trataram, ao menos parcialmente, desse problema, especialmente Frederick Buechner, Henry H. Mitchell, Bryan Chapell, Gerhard O. Forde, Richard Lischer e Eugene Lowry.¹⁰

Os pregadores tendem a proclamar as boas-novas somente se seus textos bíblicos lhes soarem como as boas-novas, e muitas vezes até nesses

casos fracassam nesse intento. A pregação em muitas igrejas é angustiante porque não chega às boas-novas. Dito de forma simples, problema $\neq$ evangelho. Contudo, se evangelho = problema + graça, há um remédio fácil. Adote um segundo movimento de exposição/aplicação que se concentre intencionalmente na graça de Deus. Esse segundo movimento são as páginas 3 e 4. As boas-novas não se tornam mera informação, mas, sim, o evento da ação redentora de Deus. A ação de Deus não é apenas brevemente mencionada, mas metade do sermão é dedicada a experimentá-la. Mas nesse ponto já estamos nos adiantando.

IV. PALAVRAS TRADICIONAIS PARA DESIGNAR UM PROBLEMA

Problema é uma palavra usada na Bíblia (aparece 193 vezes na versão bíblica da NRSV), mas não é um termo teológico tradicional. O termo “lei” é tradicional e está repleto de carga teológica. A lei e o evangelho são tratados em Romanos, texto em que a Lei geralmente se refere à Torá, as leis judaicas escritas, os mandamentos, ensinamentos e instruções de Deus. A lei também abrange as consequências da violação humana desses mandamentos, a saber, o pecado e o juízo (Rm 2.1-16). Lutero e Calvino descobriram três propósitos na lei: como lei civil, tinha por propósito advertir, condenar, restringir o mal, controlar o comportamento e fornecer um padrão de justiça; como espelho, tinha por propósito refletir nossa natureza pecaminosa e a intenção justa de Deus; e, como encorajamento, tinha por propósito motivar os crentes à fidelidade. Herman G. Stuempfle, um erudito luterano, fala do direito punitivo como o eixo vertical da lei. Deus está lá em cima como um juiz nas alturas, e a lei desce como um martelo de julgamento para nos declarar culpados. A forma apropriada de evangelho no eixo vertical é o evangelho do perdão.¹¹

Quando eu era um jovem candidato ao ministério basicamente em uma tradição metodista e presbiteriana, esse tipo vertical de lei era a única que eu concebia. Ela desperta uma consciência culpada. Eu imaginava ter de pregar com o dedo em riste, repreendendo os membros da congregação que eram cristãos mais maduros que eu. Sem ter consciência de qualquer outra opção, sentia-me desconfortável. Parecia crítico e paternalista. Eu não gostava da perspectiva de ter de pregar no imperativo, com os verbos “deve, deveria e tem de”, embora afirmasse plenamente a necessidade de julgamento.

Como estudante, foi extremamente libertador descobrir outro uso da lei. Era igualmente bíblico e atuava ao longo de um eixo horizontal. Dado o clima antiautoritário da época, esse era um tipo de lei que eu imaginava que seria muito mais fácil de ouvir e receber. Essa é a lei servindo horizontalmente como um espelho da perfeita justiça que Deus pretendia que os humanos tivessem antes da Queda. Também espelha quanto os humanos ficam aquém da retidão e do caminho para recuperá-la. Reflete a condição humana em um mundo caído (daí o foco da condição caída, de Chapell). Por causa do pecado original, o mundo e a sociedade não são como Deus planejou. Meramente descrever ou espelhar o sofrimento e a tragédia da condição humana já designa o pecado e a corrupção. Isso inclui vício, ganância, pobreza, racismo, desespero, ódio, injustiça, opressão, indiferença, crueldade, guerra, destruição, pornografia, doença prematura, câncer ou o que for. Nós, seres humanos, precisamos de ajuda que somente um Salvador pode nos dar.

Stuempfle classifica essa lei como um “espelho da existência”, que reflete a vida como a conhecemos. Funciona horizontalmente porque, em vez de despertar uma consciência culpada, torna as pessoas conscientes das necessidades dos outros. A forma apropriada de evangelho para essa lei horizontal não é o perdão, mas o evangelho “que subverte a existência” ou o evangelho como “antífona [o ressoar] para a existência”.¹² O que quer que

pareça ter a palavra final neste mundo, não mais acontece em Cristo. O uso horizontal da lei também libera o pregador para levar a sério as dimensões sociais da fé cristã. Quando uma compreensão horizontal da lei funciona como ferramenta homilética, o pregador não tem apenas perdão e salvação para oferecer como boas-novas, mas também o Espírito de Cristo que faz todas as coisas novas. As boas-novas são a derrota da morte por Jesus, além de todas as consequências da ressurreição: cura, alegria, alimento para os famintos, plenitude de vida no presente, fé, a promessa de Deus conosco agora, agindo para diminuir o sofrimento do mundo. É ministério na forma da cruz, doação sacrificial aos outros, na qual Deus nos equipa com o que é necessário.

Portanto, a lei é (1) um freio vertical que impede o mal e (2) um espelho horizontal (Calvino inverteu a ordem de Lutero). (3) Ao terceiro uso da lei, Calvino chama “principal”. Para Lutero, o terceiro uso é debatido, mas parece ser um guia para encorajar os fiéis, capacitados pelo Espírito. Calvino disse que ele desperta o desejo de servir e obedecer: “pela meditação frequente na lei, é possível ser despertado para a obediência, ser fortalecido nela e atraído de volta do caminho escorregadio da transgressão”.¹³ Semelhante ao evangelho, recebe-se a promessa de agradar a Deus. Calvino encontra o terceiro uso nos salmos de Davi: ele “se apegava não somente aos preceitos [da lei], mas à promessa da graça que os acompanha, que por si só adoça o que é amargo. [...] Em especial, Davi mostra que na lei ele apreendeu o Mediador, sem o qual não há deleite nem doçura”.¹⁴ Na lei, Cristo encontra os seres humanos com a promessa da doçura do evangelho que acompanha a fidelidade.

Uma das primeiras pessoas a incorporar a lei e o evangelho na homilética (embora não tenha sido o primeiro a usá-los, pois seu uso remonta a Paulo e a Agostinho) foi o puritano William Perkins, em 1592. Ele argumentava que os dois termos são princípios hermenêuticos essenciais

na aplicação do texto bíblico para hoje e que, para o propósito da pregação, a lei precede o evangelho:

O princípio básico na aplicação é saber se a passagem é uma declaração da lei ou do evangelho. Pois, quando a Palavra é pregada, a lei e o evangelho operam de maneiras distintas. A lei expõe a doença do pecado e, como efeito colateral, estimula-o e o incita. Mas não fornece remédio para o pecado. No entanto, o evangelho não apenas nos ensina o que deve ser feito, mas também traz consigo o poder do Espírito Santo. Quando somos regenerados pelo Espírito, recebemos a força de que precisamos para acreditar no evangelho e fazer o que ele ordena. Portanto, a lei é o primeiro elemento na ordem do ensino; depois vem o evangelho.

Uma declaração da lei indica a necessidade de justiça perfeita inerente, de vida eterna concedida pelas obras da lei, dos pecados que são contrários à lei e da maldição que lhes é devida. [...] Em contraste, uma declaração do evangelho fala de Cristo e seus benefícios, e da fé frutificando em boas obras. Por exemplo: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16).

Por essa razão, muitas declarações que parecem dizer respeito à lei, à luz de Cristo devem ser entendidas não de maneira legalista, mas esclarecidas pelo evangelho.¹⁵

John Wesley manteve a lei e o evangelho como essenciais para a pregação. Ele atacou pregadores que pregavam apenas um ou outro. Embora a lei mate alguns, para outros é um dom, um privilégio e uma liberdade maravilhosa. Ele definia “evangelho” como o amor de Deus em Cristo Jesus. Pregar a lei e o evangelho, dizia ele, é “o caminho das Escrituras, o caminho metodista, o caminho verdadeiro”.¹⁶ Ambos poderiam ser pregados “um de cada vez [...] [ou] ao mesmo tempo ou como uma unidade”. Como aqueles

que o antecederam e o sucederam, Wesley entendia isso como uma hermenêutica, uma maneira de fazer teologia, e não uma estrutura para sermões, apesar de muitos de seus primeiros sermões se moverem dessa maneira.¹⁷ Nós os apresentamos aqui como uma estrutura, sabendo que a experiência do evangelho requer foco suficiente em cada um deles.

Os críticos pós-modernos rebelam-se contra termos binários que representam opostos aparentes, quando parecem impedir outras escolhas possíveis e pôr fim ao diálogo. Esses críticos podem rejeitar [os pares] lei e evangelho, ou problema e graça. Contudo, esses termos não são binários. Seu relacionamento é complexo. Eles estão interligados. Às vezes, a palavra que condena também liberta. “Eu te amo” pode tanto condenar o mau comportamento quanto perdoá-lo. O relacionamento entre lei e evangelho não é “ruim/bom”, já que ambos são dádivas. A escolha não é “isso ou aquilo”, como ocorre com termos binários, mas “tanto isso quanto aquilo”. Como Lutero disse: *simul justus et peccator*, somos ao mesmo tempo justos e pecadores. Há uma tensão entre a lei e o evangelho, são dois polos justapostos, e entre eles surge um terceiro sentido, que é a fé. Na pregação, a Páscoa normalmente tem a palavra final e é mais impactante do que a Sexta-Feira Santa.

V. EXERCÍCIOS PRÁTICOS PARA QUANDO O PROBLEMA OU A GRAÇA PARECEM AUSENTES

Alguns textos bíblicos talvez pareçam tratar exclusivamente de problema ou de graça. Os dois espelham-se — um tipo diferente de espelhamento da lei refletindo o mundo caído como o conhecemos. Quando um deles (problema ou graça) está presente, o outro não está distante. Esse espelhamento é parte de uma hermenêutica do evangelho ou da ressurreição.

Agostinho (354-430) apresenta esse espelhamento hermenêutico em seu livro *O Espírito e a letra*, baseado em 2Coríntios 3.6. Ele analisa uma ampla gama de textos que revelam a lei ou a letra, e então os contrapõe com a graça ou o Espírito: “A lei, portanto, foi dada para que a graça pudesse ser buscada: a graça foi dada para que a lei pudesse ser cumprida”.¹⁸ John Donne (1572-1631), de uma maneira incrivelmente bela, usa um princípio que chama de “inversão do texto”, o qual revela esse espelhamento; ele muda o lamento de Marta: “Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido” (Jo 11.21, KJV) para nossa alegre proclamação: “Senhor, porque estavas aqui, nosso irmão não está morto”.¹⁹ John Wesley (1703-1791) sugere uma hermenêutica de inversão, quando diz em um de seus textos que toda lei contém uma promessa escondida.

Da mesma forma, podemos dizer que toda promessa contém uma lei escondida. Karl Barth amava a teologia de Mozart: “Não há luz que não conheça também a escuridão, nenhuma alegria que também não traga em si sofrimento; mas o inverso também é verdadeiro: não há medo, raiva ou queixa que não traga consigo, próxima ou distante, a paz. Não há riso sem lágrimas, nem choro sem riso!”.²⁰ Bryan Chapell lembra os pregadores que só veem ordens nos textos: “aspectos do evangelho da graça [...] estão incutidos em todas as passagens bíblicas”.²¹

Mesmo um texto como “Alegrai-vos sempre no Senhor, novamente digo: Alegrai-vos” (Fp 4.4) tem um problema por trás de si: os filipenses precisam dessa instrução porque nem sempre se alegram. Salmos de ação de graças (como Sl 18; 21; 30; 32; 34; 40; 41; 66; 106; 116; 138) estão repletos de louvor, mas também relembram a libertação de problemas. O espelhamento funciona na outra direção. Salmos de lamento (como Sl 3; 6; 13; 28; 56; 88; 143) talvez pareçam tratar apenas de problemas, mas contêm uma confissão de confiança na ação salvífica de Deus. Salmos 22.1, “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”, muda nos versículos 3-5 para assegurar a libertação de Deus.

Um estudante de doutorado demonstrou essa hermenêutica de forma bela ao pregar sobre a decapitação de João Batista, em Mateus 14.1-12. Que graça pode haver nessa passagem? Ele não insistiu na violência textual, que poderia parecer um ato de pregar o mal. Sua frase-tema foi “*Deus preparou João Batista para sua morte* — Deus permitiu que João conhecesse Jesus antes de morrer”. Foi brilhante.

A seguir, há um exercício que os pregadores podem tentar fazer com os focos do texto. Neste caso, o exemplo é Lucas 13.31-35:²²

COMECE COM	INVERTA PARA
<i>Problema</i>	<i>Graça</i>
Herodes procura matar Jesus.	Jesus procura salvar Herodes.
Jerusalém matará Jesus.	Jesus morrerá por Jerusalém.
Jerusalém não verá Jesus até que o reconheçam.	Jesus estará presente, embora não reconhecido.
<i>Graça</i>	<i>Problema</i>
Jesus expulsa demônios.	Demônios expulsariam Cristo.
Jesus terminará sua obra.	Os seres humanos não conseguem concluir o que se exige deles.
Jesus seria como uma galinha.	Não escolhemos cuidar.
Jerusalém chamará Jesus de Bendito.	Sem Cristo, podemos nos sentir amaldiçoados.

Podemos fazer o mesmo exercício usando as frases da página 2:

COMECE COM	INVERTA PARA
<i>Problema</i>	<i>Graça</i>
Devemos confiar em Deus.	Deus nos concede confiança.
Precisamos ajudar os outros.	Deus age por meio de nós.
Faça o que Deus ensina.	Deus nos capacita.

Teste a inversão com o texto. Por ora, vamos simplesmente assegurar que, quando o problema ou a graça parecem ausentes, precisamos ler o texto com mais atenção. A porção de texto escolhida pode ser muito pequena ou talvez não tenhamos investigado seu contexto mais amplo. A Palavra de Deus tem dois gumes — obrigação e libertação, portanto tente a inversão.

Pregadores que excluem problema ou graça optam por sermões que são uma expressão incompleta do evangelho.

VI. DIRETRIZES TEOLÓGICAS PRÁTICAS PARA A PÁGINA 1

Mais uma vez, precisamos de quatro frases. A frase-tema é a página 3: “Jesus restaura a visão ao homem” (Jo 9); agora transponha isso para a página 4: “Jesus nos restaura a visão”. Inverta a frase-tema para formular a página 1: “O homem não podia ver”; depois, transponha para a página 2: “Muitos hoje não podem ver”. (Por exemplo, muitos não conseguem ver Cristo em seu próximo ou não são capazes de ver o caminho da esperança ou da justiça.) A necessidade seria: “Onde estás, ó Deus, em minha vida (ou na vida de outra pessoa)?”.

Ora, quando um pregador produz o sermão, as diretrizes para a página 1 o orientam. O homem em João 9 não tinha um cartaz de papelão à sua frente com a palavra “cego”, mas, quando Jesus e seus discípulos se aproximaram, eles não precisaram disso. Por quê? O que eles viram ou ouviram que lhes permitiu concluir que aquele homem não conseguia ver? Conte sobre ele [no sermão] com base unicamente na perspectiva da frase que define o problema: “O homem não podia ver”. Faça um filme com palavras. Fale sobre onde ele estava sentado, como se movia, como se vestia, o bastão em que se apoiava, o que as pessoas diziam para ele quando passavam — tome por base assuntos presentes na própria passagem, como: “Seus pais devem ter pecado”, ou: “Ele ficou cego por um erro dele mesmo. Deve ser um pecador”. O que havia de diferente em Jesus? Faça da história um evento que os ouvintes vivenciem. Lembre-se de reservar algum material textual — incluindo a própria cura — para a página 3, que trata da graça na Bíblia.

Ao produzir o sermão, dedique cada página à sua frase central. As quatro frases do sermão podem ser usadas como divisões. Use a frase que

escolheu para cada página no início da respectiva página em que ela pode começar a funcionar como um princípio metonímico organizador, criando uma cadeia de pensamento interligado. Com a frase-tema “Jesus deu à mulher água viva” (Jo 4), a página 1 pode ser “A mulher precisava de água” ou, ainda mais enfática: “A mulher precisava de algo mais do que água”. Uma transição suave para a página 2 seria a frase “Muitas pessoas hoje não sabem do que precisam”. “Uma necessidade” pode ser abordada na página 1 ou 2: “Isso aqui é tudo o que existe?”.

A cada semana e em todo sermão certamente há algo a lamentar. Conheço um pregador incomum, pois ele acha mais difícil pregar sobre problemas. Ele sempre pressupõe uma fé sólida por parte dos ouvintes (e.g., “Todos sabemos que Jesus responde quando clamamos”). Em um contexto assim, clamores desesperados das pessoas não são considerados legítimos. Frederick Buechner, ministro presbiteriano e romancista, diz: “O evangelho é uma má notícia antes de ser uma boa notícia”.²³ Imagine experiências de sofrimento e reconheça nelas o sentimento de abandono, os lugares em que Cristo continua sendo crucificado ainda hoje, e leve as boas-novas para lá. Sempre fale como pessoa de fé, mas também diga, por exemplo, que pode parecer que Deus está distante. Admita a realidade da dúvida, a dificuldade de levar uma vida fiel e também a dor do mundo. Mais uma vez, repito, no desejo de ficar ao lado daqueles que não têm fé ou se mostram antagônicos em relação à igreja, nunca ataque a fé nem se coloque como alguém de fora dela. O termo “parece” é importante: “Às vezes, parece que Deus está longe”. Nas páginas 3 e 4, testemunhe que Deus não está distante.

Estudiosos da literatura ensinam que uma interpretação é válida quando três ou mais partes distintas da informação apontam na mesma direção. Quando isso acontece com duas evidências, pode ser mera coincidência, mas, quando elas são três, já se torna algo mais plausível ou legítimo. Por exemplo, o filho pródigo amadureceu enquanto esteve fora de casa. Aqui estão três provas: ele percebeu a estupidez de suas próprias ações

enquanto comia ao lado dos porcos; confessou que havia pecado contra seu pai; e voltou com o desejo de não ser nada além de escravo do pai.

Certifique-se de que o pensamento se aprofunda teologicamente na página. Trate cada personagem importante como alguém que está lutando com alguma questão de fé ou dúvida. Não apresente as três evidências necessariamente como pontos. Em vez disso, entrelace-as na narrativa. Mostre a diferença que a evidência faz e mantenha a narrativa fluindo e o pensamento aprofundando-se. A diferença para o filho pródigo foi que ele chegou ao fundo do poço e viu nos porcos a imagem do que ele havia se tornado; ele sabia que precisava de uma ajuda que estava além de si mesmo, pois agora não estava mais focado apenas em si mesmo. O pensamento e a ação carregam os eventos adiante.

Dê um tratamento pastoral a cada personagem na história bíblica. No caso de pessoas como o faraó, os fariseus ou Pilatos, mostre seu comportamento; seja descritivo sem ser crítico, desdenhoso ou sarcástico, para evitar que alguém se identifique com essa pessoa ou você coloque em risco o ofício pastoral. Como em todo ministério, deixe de fora referências maliciosas a alguém, coisas como chamar alguém de preguiçoso ou ignorante — mostre isso, mas não o diga. Sem tolerar o mau comportamento, trate a pior das pessoas respeitosamente, como um dos filhos de Deus. As pessoas que se identificarem com esse personagem também precisam ouvir a Palavra de Deus. Não as afaste desnecessariamente. Se você achar que está sendo de fato crítico, mude de atitude e coloque-se no lugar dessa pessoa. Mostre empatia.

VII. DIRETRIZES CINEMATOGRAFICAS

Nunca presuma que, pelo fato de um texto bíblico ter sido lido antes do sermão no culto, até mesmo minutos antes dele, isso significa que as pessoas o ouviram e entenderam. Quando chega o domingo, os pregadores veem seu

texto com clareza tridimensional de um *laser*, de maneira equivocada, presumem que os membros da igreja também têm isso claro na mente porque ouviram uma vez sua leitura. Antes que os pregadores possam comentar algo, eles devem mostrá-lo. Reconte o texto. Faça-o ganhar vida. Trate-o como algo que faz parte da vida real. É por isso que precisamos de uma página inteira, para não ouvir sobre o texto apenas, mas para experimentar o que ele diz. Use palavras visuais e sensoriais. Somente depois que o texto for reapresentado como um evento, os ouvintes poderão começar a processar análises e comentários feitos pelo pregador, alguns dos quais podem, de qualquer modo, vir por meio do relato narrativo de um texto — mesmo que o texto não seja uma narrativa.

Não apresse a história. Mantenha o foco no texto ao menos por alguns minutos; o ideal é mantê-lo por um quarto da extensão do sermão. Isso pode ser sustentado? A história está nos detalhes. Use sua exegese e sua lista dos vários focos do texto para ajudá-lo a montar esse filme. Retratar detalhes concretos não sem base alguma, mas usando recursos on-line e outros, como um dicionário bíblico que forneça informações difíceis de encontrar sobre a flora, a fauna, a geografia, a arquitetura, a economia e o clima do Oriente Médio. Pregadores experientes treinam para falar por um parágrafo ou mais sem levar a discussão muito longe. Mantenha o foco basicamente em um ponto, até que pareça certo seguir em frente. Reconheça quão pequena é uma unidade de pensamento e dê um pequeno passo por vez, ao mesmo tempo sem se tornar muito rebuscado, difícil de entender ou tedioso.

Fazer filmes com palavras é pregação expositiva, mas com uma diferença. Esse método utiliza muitas percepções da nova homilética sobre a narrativa eficaz, a importância da linguagem e a geração de experiência. Evite escrever uma peça exegetica ou tratar o texto principalmente como história, como um acontecimento do passado. Use o tempo presente. Antes de escrever a página 1, visualize o texto. Como um diretor de cinema, coloque-se no cenário do texto não apenas “em algum lugar do Oriente

Médio”, mas em um rio, em um ribeirão, em uma aldeia — tome a decisão que os cineastas devem tomar quando estão filmando. Concentre-se no personagem principal fazendo algo; por exemplo, Paulo costurando tendas no mercado de Corinto e estruturando mentalmente sua Epístola aos Romanos. Observe seu comportamento — que tipo de agulha ele usa — e registre algumas palavras faladas, de preferência do próprio texto ou parafraseando o texto. Novamente, comece *in medias res*, no meio da ação. Concentre-se na ação. Use *flashbacks* para o que aconteceu antes. Não recheie a história com passagens descritivas e assegure-se de usar palavras sensoriais, mas com parcimônia. Mostre em vez de dizer. Use verbos fortes. Em vez de recitar fatos exegéticos, dados, ideias e proposições abstratas, entrelace-os à história e processe as informações visualmente, se possível. Não elimine a linguagem conceitual abstrata do sermão, simplesmente reserve-a para um breve debate de importantes assuntos doutrinários. Os ouvintes dispersam a atenção muito rapidamente.

Há um perigo em fazer filmes. O texto bíblico em um sermão nunca é “apenas o texto”. Nós o alteramos, traduzindo-o, destacando-o de seu contexto, analisando-o versículo por versículo, expondo-o ou até mesmo fazendo dele um filme ou mostrando um videoclipe dele no sermão. A última opção pode ser usada, desde que seja breve. No entanto, filmar o texto com nossas palavras permite um direcionamento teológico e um foco pastoral muito maiores. Reduza a distorção textual. Não acrescente personagens nem altere nada que mude o significado central do texto, indicado na frase-tema. Assumimos o risco de fazer filmes por um bom motivo: queremos nos comunicar de forma eficaz com pessoas que vivem em um mundo altamente tecnológico.

A. Direcione o foco da câmera: cenas

Mantenha o foco em um grupo de pessoas ou eventos por vários minutos, para permitir que a congregação embarque na história. Mudanças rápidas de cena, quando a mídia usada são as palavras, não são uma opção, pois assim perderíamos as pessoas. Toda vez que mudamos de cena, o público tem de mudar o cenário em sua mente. Ao início de cada página e de cada mudança de cena, forneça às pessoas a localização. Seus ouvintes não conseguem imaginar um barco com precisão, se não souberem se ele está balançando nas águas de uma baía ou sendo puxado na estrada por um *trailer*. Não transmitir informações essenciais como a localização da cena ou a identidade de um personagem deixa de criar no público um interesse pela narrativa; é manipulação da pior qualidade e gera confusão. Descreva algo característico da localização; por exemplo, um detalhe evocativo, ou seja, se a história se passa no mar ou na vastidão do deserto. Reduza a descrição, que deve ser passada por meio da ação. Com relação às cartas de Paulo, temos algum conhecimento do estilo de vida, arquitetura, economia, vegetação e localização de onde ele está e do lugar para o qual escreve. Informações acadêmicas ou exegéticas essenciais podem ser inseridas na narrativa da mesma maneira que um cineasta faz, permitindo que elas sejam vistas ou ouvidas, dirigindo-as por meio da ação. Podem ser ditas por meio da fala de um dos personagens; podem ser transmitidas por um sinal no batente da porta.

B. Direcione o foco da câmera: pessoas e ação

O cenário, embora se revista de imediatez, deve permanecer como pano de fundo. Mais uma vez, concentre o foco nos personagens que estão praticando as ações. Descrição e diálogos são essenciais, mas mantenha-os breves, entrelaçando-os na ação. Se no texto pregado o personagem bíblico diz algo, talvez seja bom colocar no sermão essa pessoa dizendo algumas dessas palavras. Sempre que puder, cite palavras reais e significativas do

texto para ajudar as pessoas a conhecerem a Bíblia. Cuidado com adjetivos e advérbios. Muitos os confundem com escrita criativa. Talvez falem de uma “linda estrada” em vez de serem específicos: “a estrada ao longo da praia”. Ou talvez digam que “ela correu velozmente” em vez de dizerem que “ela saiu em disparada” ou que “ela percorreu a trilha com os pés descalços”. Evite clichês como “ela correu como o vento”.

Concentre o foco da câmera em pequenos detalhes, como gestos e objetos, particularmente naqueles que forneçam pistas sobre os personagens e os relacionamentos. Paulo escreve sobre pessoas de certas comunidades, pessoas que podem ser mencionadas. Nas roupas que uma pessoa usa, há pistas sobre interesses pessoais, profissão ou situação econômica, de modo que podemos supor que Lídia não só vendia púrpura (At 16.14), mas também usava púrpura e tinha uma aparência majestosa, de uma empresária elegante de sua época. Uma maneira de andar ágil, inclinada, com a postura ereta ou a passos lentos pode indicar idade ou experiência. Se fôssemos fazer um filme de verdade, não teríamos outra escolha senão tomar decisões sobre cabelos grisalhos, movimentos do corpo ou a maneira de uma pessoa falar. Seja tão visual e sensorial com a Bíblia como se estivesse falando hoje de alguém que está usando *jeans* (cite a cor e a marca específica) e uma camiseta com um *slogan* (mencione as palavras), ou de um quarto de hospital com um único cartão de aniversário apoiado no parapeito da janela (descreva a imagem à frente). Pequenos detalhes dão cor à vida real.

C. Obedeça às limitações da câmera

Fique fora da mente dos personagens tanto quanto puder. Muitas vezes, os pregadores contam a história pelo que se passa na cabeça de um personagem: “Uau! Eu realmente disse que não gostava dele?”. Monólogos e comentários que revelam o interior de uma pessoa da história, como diálogos extensos, raramente são eficazes. Em vez disso, faça um

personagem dizer uma frase curta, especialmente uma que seja extraída do próprio texto e, de repente, esse personagem parecerá estar ali presente. Uma breve citação aqui e ali produz a sensação de que pessoas reais estão falando. Quanto ao que comunicar, deixe a câmera ser seu guia. Em geral, se houver algo que a congregação não consiga ver, não mencione isso. Podemos usar a perspectiva de um narrador para explicar as coisas, mas, tanto quanto possível, deixe que os eventos aconteçam no presente em vez de resumir os fatos depois. Quando estiver em dúvida, pergunte a si mesmo como um diretor de cinema faria isso. Ao descrever um personagem, não faça uma análise psicológica dele nem lhe atribua motivos que não tenham base no texto. Quando valer a pena, atribua motivos por meio dos eventos no enredo, e não apenas por meio de explicações. Evite reduzir uma pessoa a uma dimensão só, sugerindo que alguém é bom ou mau, sem quaisquer conflitos internos, distúrbios ou ambiguidades. Não é preciso que o sermão inteiro seja como um filme, mas criar essas cenas estabelece um padrão de excelência para qualquer tipo de comunicação, incluindo o evangelho.

Agora passaremos a ver como pregadores experientes têm desenvolvido a página 1.

1Bryan Chapell, *Christ-centered preaching: redeeming the expository sermon* (Grand Rapids: Baker, 1994), p. 42.↵

2Ibidem, p. 47.↵

3Ibidem, p. 43.↵

4Jaroslav Pelikan, *Jesus through the centuries: his place in the history of culture* (New York: Harper & Row, 1985), p. 12. Um estudo profundo da pregação judaica antiga pode ser encontrado em Ronald E. Osborne, *Preaching and preachers in Christian history* (St. Louis: Chalice, 1998), vol. 1: *Folly of God: the rise of Christian preaching*. ↵

5T. H. L. Parker, *Calvin's preaching* (Louisville: Westminster John Knox, 1992), p. 79, 89.↵

6Veja Timothy J. Wengert, “Philip Melanchthon”, in: William H. Willimon; Richard Lischer, orgs., *Concise encyclopedia of preaching* (Louisville: Westminster John Knox, 1995), p. 329. Mais tarde, Jean Claude adotou uma abordagem semelhante. Veja Ann I. Hoch, “Jean Claude”, in: Willimon; Lischer, orgs., *Concise encyclopedia of preaching*, p. 80. ←

7William Perkins, *The art of prophesying* (Edinburgh/Carlisle: The Banner of Truth Trust, 1959), p. 23. ←

8George Herbert, *The temple and the country parson* (Boston: James B. Dow, 1842[1652]), p. 299.←

9Ibidem, p. 300. ←

10Frederick Buechner, *Telling the truth: the gospel as tragedy, comedy and fairy tale* (San Francisco: Harper & Row, 1977); Henry H. Mitchell, *The recovery of preaching* (San Francisco: Harper & Row, 1977); Henry H. Mitchell, *Preaching as celebration and experience* (Nashville: Abingdon, 1990); Bryan Chapell, *Christ-centered preaching* (Grand Rapids: Baker, 1994), p. 263-310; Gerhard O. Forde, *Theology is for proclamation* (Minneapolis: Fortress, 1990), esp. p. 147-64; Richard Lischer, *A theology of preaching: the dynamics of the gospel* (Nashville: Abingdon, 1981), p. 46-65; Eugene L. Lowry, *The homiletical plot: the sermon as narrative art form* (Atlanta: John Knox, 1980), esp. p. 62-72.←

11Herman G. Stuempfle, *Preaching law and gospel* (Philadelphia: Fortress, 1978), p. 26-31.←

12Ibidem, p. 26-31.←

13John Calvin, *Institutes of the Christian religion*, edição de John T. McNeill, tradução para o inglês de Ford Lewis Battles, The Library of Christian Classics (Philadelphia: Westminster, 1960), vols. 20 e 21, 2.7.12. Veja tb. 2.1.306 e 2.1.304-10 [edições em português: João Calvino, *As institutas*, tradução de Waldyr Carvalho Luz (São Paulo: Cultura Cristã, 2006), 4 vols.; *A instituição da religião cristã*, tradução de Carlos Eduardo Oliveira; José Carlos Estêvão (São Paulo: Unesp, 2008), 2 vols.].←

14Ibidem, 2.7.12. Calvino estava refletindo sobre o texto: “tua palavra é lâmpada para meus pés” (Sl 119.105).←

15William Perkins, *The art of prophesying*, p. 54-5. ←

16John Wesley, “Letter on preaching Christ, December 20, 1751”, in: Richard Lischer, org., *The company of preachers: wisdom on preaching, Augustine to present* (Grand Rapids/Cambridge: Eerdmans, 2002), p. 131.←

17Paul Scott Wilson, “Wesley’s homiletic: law and gospel for preaching”, *Toronto Journal of Theology* 10, n. 2 (Fall 1994): 215-25.←

18W. J. Sparrow Simpson, St. Augustine: on the Spirit and the letter (London, Reino Unido: SPCK, 1925), p. 77 [edição em português: Santo Agostinho, *A graça (I): O Espírito e a letra; A natureza e a graça; A graça de Cristo e o pecado original* (São Paulo: Paulus, 1999)]. Veja esp. p. 59-127.←

19Citado em Walter R. Davis, “Meditation, typology, and sermons”, in: Claude J. Summers; Ted-Larry Pebworth, orgs., *The eagle and the dove: reassessing John Donne* (Columbia: University of Missouri Press, 1986), p. 173.←

20Karl Barth, *Wolfgang Amadeus Mozart*, tradução para o inglês de Clarence K. Pott (Eugene: Wipf & Stock, 2003 [Eerdmans, 1986]), p. 54.↵

21Bryan Chapell, “Redemptive historical preaching”, in: Scott M. Gibson; Matthew D. Kim, orgs., *Homiletics and hermeneutics: four views of preaching* (Grand Rapids: Baker Academic, 2018).↵

22Essas tabelas são do meu livro *The practice of preaching*, ed. rev. (Nashville: Abingdon, 2007), p. 245.↵

23Buechner, *Telling the truth*, p. 7. ↵

CAPÍTULO 5

FAZENDO UM FILME COM O PROBLEMA PRESENTE NA BÍBLIA

Quase todo sermão baseado na Bíblia expõe um problema, provavelmente como um componente dominante das regras elementares da homilética. Este capítulo analisa várias formas de sermões publicados, a fim de discernir as melhores práticas, a maneira pela qual vários pregadores se concentraram no problema bíblico, como fizeram disso um filme e de que modo sua prática pode ser imitada. Fazer filmes encoraja pregadores a deixarem de escrever sermões que são artigos acadêmicos. O conteúdo proposicional é, no entanto, essencial para a fé em busca de compreensão; isso simplesmente precisa ser equilibrado. É preciso monitorar as congregações a fim de verificar quanto de raciocínio abstrato cada uma delas consegue processar.

“Filmar” o problema talvez signifique, às vezes, usar clipes de filmes propriamente ditos. Todos os exemplos que temos a seguir — em qualquer dos capítulos dedicados a exemplificar cada uma das páginas do sermão — podem ser apresentados como clipes de vídeo, e não imagens criadas por palavras, embora haja um risco real de deixar o sermão entrecortado. Os videoclipes devem ser curtos, conforme dissemos, e, na medida do possível, devem ser selecionados depois que a parte teológica do sermão já estiver definida, para que a mensagem do evangelho não seja distorcida pela inserção de uma mídia tão poderosa. Seja claro ao repetir as quatro frases no sermão, caso contrário algo diferente das prioridades do evangelho pode desviar a atenção. Em outras palavras, os videoclipes devem subordinar-se

ao tema, e não determinar a mensagem. Um clipe é uma etapa complementar no sermão, semelhante ao pensamento metafórico ou antagônico. Após o clipe, certifique-se de empregar uma frase que o remeta à cadeia de pensamento da mensagem; use a metonímia para fazer isso.

Estamos em uma era de fazer experiências com a tecnologia nas igrejas. As transições em um sermão da palavra falada para o videoclipe e de volta à palavra falada tendem a interromper o fluxo de pensamento e podem ficar estranhas, algo que é evitado quando o pregador opta somente pelo discurso e faz transições apenas entre as quatro páginas do sermão. Em tese, é possível ter um videoclipe curto em cada página do sermão, mas tecnologicamente falando estamos longe de isso ser um processo perfeito na maioria das igrejas. Vídeos com mais de um minuto ou dois provavelmente devem preceder o sermão. Uma das melhores diretrizes sugeridas por alguns de meus alunos é colocar uma ou duas imagens estáticas em uma tela por página e/ou um vídeo curto por sermão. Claro, deve sempre haver espaço para a parte do sermão que consiste apenas em discurso. Pregadores que usam vídeos podem facilmente tornar-se animadores de auditório, mais empolgados com os vídeos do que com a Palavra. Se um sermão comunica o evangelho com eficácia, mesmo que de forma simples, ele não pode de maneira alguma ser considerado de segunda categoria ou inferior.

Os trechos de sermões a seguir usam principalmente linguagem concreta capaz de gerar imagens em vez de apresentar pensamentos de maneira abstrata, uma vez que já temos muitos exemplos disso na maioria dos recursos de pregação. Aqui estão alguns princípios para ter em mente na primeira página:

DESENVOLVA O PROBLEMA

A página 1 se concentra em apresentar uma frase do problema bíblico, formulada com base na inversão da frase-tema. Alguns pregadores dedicam

pouco tempo do sermão ao seu texto bíblico. Citam-no brevemente e seguem adiante de modo apressado, sem considerar o tempo de que os ouvintes precisam para registrar e se apropriar do que foi dito. Aprenda a expandir a análise de um texto bíblico, e não apenas repetir o que ele diz. Samuel D. Proctor expande sua análise do problema no texto do bom samaritano (Lc 10.25-37). Tudo o que ele fala se resume a uma ideia apenas, organizada nas seguintes etapas: o primeiro parágrafo concentra-se no anonimato do homem assaltado; o segundo estabelece a falta de pistas físicas para sua identificação; e o terceiro se concentra em seu sofrimento. Ainda assim, todos os três parágrafos dizem respeito a um homem que foi assaltado. Proctor insere informações de pesquisas acadêmicas em sua narrativa:

Jesus começou a contar: “Certo homem...”. Ele não menciona a identidade da tribo do homem nem sua raça, seu clã, sua classe social, seu dialeto, nem mesmo a língua que falava. Não precisamos saber nada disso! Por que precisaríamos de nota de rodapé sobre o homem dessa parábola? Jesus deixou de fora todas essas informações! É apenas um *Homo sapiens*; isso é tudo. Certo homem, que poderia ter sido qualquer pessoa, simplesmente estava em seu caminho de Jerusalém para Jericó. Se perguntássemos sobre o contexto que envolve o homem e tudo o que estivesse relacionado a isso, estragaríamos toda a história. Jesus quer deixar o sujeito exatamente assim.

A jornada era composta por 27 perigosos quilômetros por um deserto solitário, pedregoso e difícil, e continua assim ainda hoje. Sabia-se que ladrões e assaltantes costumavam atacar viajantes, e esse homem apanhou dos ladrões e foi abandonado para morrer. Na história, Jesus diz que as roupas do homem foram arrancadas e ele estava inconsciente, de forma que não podemos identificá-lo por suas roupas; não podemos dizer nada sobre o corte de sua vestimenta, a largura da orla de suas vestes, a bainha do tecido ou a cor da roupa.

Não podemos sequer dizer se era um homem pobre que vestia roupas baratas ou um homem rico que usava roupas púrpuras, de tecido macio e de orlas amplas. Não temos a vantagem de colocar nossos preconceitos em ação. Ele era um “certo homem”. Jesus o deixou nu de tal maneira que não temos uma pista sequer de sua condição social; e ele estava inconsciente, portanto não podemos ouvir seu sotaque. Não sabemos se ele dizia “chibolete” ou “sibolete”.

Portanto, como ele estava deitado à beira da estrada, sem roupas e inconsciente, não podemos dizer quem estava desmaiado ali. Jesus estava tentando estruturar a história assim, de modo que tudo o que nos resta para lidar aqui seja o sofrimento de um homem. Jesus eliminou os demais detalhes. Ele estava ferido! Sem roupas e inconsciente, ali se encontrava, deitado, aquele homem. Ele poderia ter sido uma pessoa da mesma raça e classe que nós, e poderíamos tê-lo ajudado por orgulho ou lealdade étnica, e não por pura compaixão. Mas também poderia ter sido alguém de outra raça e classe. Jesus fez com que a história não relatasse nada além do fato de que o homem estava necessitando de ajuda, quase morto, machucado e fora assaltado. Não sabemos quão bem-educado ele era ou quão pobre. Não sabemos de que família vinha ou em que lado da cidade morava. Quase sem respirar, sangrando e agonizando, o “certo homem” fora deixado ali, para morrer.¹

Estudantes de homilética iniciantes talvez pensem que esse ritmo é muito lento. Não é. É possível que sejam necessários anos para desaprender bons hábitos de escrita que são péssimos hábitos para o discurso oral.

SATISFAÇA UMA NECESSIDADE OU UM DESEJO

Em um sermão sobre o encontro de Nicodemos com Jesus, de noite, no monte das Oliveiras (Jo 3.1-20), minha frase-tema é: “Deus traz Nicodemos à fé”. Algo ocorreu no monte das Oliveiras, porque, quando encontramos Nicodemos depois, no capítulo 7, ele defende Jesus diante dos fariseus, argumentando a favor de seu direito a um julgamento justo (Jo 7.50). Quando o vemos pela última vez, Nicodemos gasta o valor enorme de mais de 500 reais em aloés e mirra para ungir o corpo de Jesus (Jo 19.39). Alguém pode argumentar que ele exemplifica João 14.6; ele “veio ao Pai” por Jesus.

A página 1 desse sermão é “Nicodemos anseia por conhecer a Deus”. A necessidade está claramente evidente no texto: Como eu/nós posso/podemos conhecer a Deus? A resposta à necessidade é apresentada na frase-tema da página 3, transposta para a página 4: Deus nos traz a Jesus.

Nicodemos é um homem que enfrenta um conflito interno. Mesmo quando se apressa em meio à escuridão das ruelas estreitas da antiga Jerusalém, sua cabeça está lutando com seu coração, a criança nele está se rebelando contra o adulto, sob sua pele se trava uma intensa batalha. “Será que devo ir?”, pergunta a si mesmo, enquanto passa por alguns cães adormecidos. “Devo ir? Será que um membro do Sinédrio deveria se encontrar com um camponês milagreiro que havia naquele dia virado as mesas no templo?” Nicodemos puxa o capuz sobre o rosto, enquanto sai dos portões da cidade e sobe o monte das Oliveiras até onde lhe fora dito que Jesus poderia ser encontrado.

Ainda não sabe o que vai dizer e, então, encontra Jesus perto do cume, sentado ao lado de uma pequena fogueira. Nicodemos surge das sombras da escuridão para a luz da fogueira, empurra o capuz para trás, faz uma pausa, e então fala da forma ponderada que aprendera nos tribunais: “Rabino, sabemos que és mestre da parte de Deus, pois ninguém pode fazer esses sinais [e milagres] que fazes sem a presença

de Deus”. E foi assim que, de repente, ele identificou o que vinha sentindo o tempo todo, mas fora incapaz de identificar: em Jesus, Nicodemos sente a presença de Deus. Ele sabia muito sobre Deus; tinha estudado sobre Deus desde a infância, passara anos estudando as Escrituras e as leis rabínicas. Mas não sabia nada sobre a presença de Deus. Ele tem muitas informações sobre Deus, mas anseia por experimentar Deus, a ação de Deus em sua vida. Você pode ir ao seminário teológico e não conhecer Deus. Nicodemos sentia vergonha de confessar isso a alguém, se sentia confuso por precisar de Deus e tolo por desejar a fé. Ele nem ousa acreditar que o próprio Deus, que anseia por conhecê-lo, fora quem o tinha levado a se encontrar com Jesus.

[Página 2] Muitas pessoas anseiam por perceber a presença de Deus em sua vida, mesmo sem saber. Não há muito tempo para Deus em nossos dias. Duas mulheres jovens encontram-se na cafeteria Starbucks...

Observe como o pensamento se aprofunda na própria página. Nicodemos não está apenas procurando por Jesus, ele está procurando uma experiência de Deus que lhe tinha escapado em seus estudos. A necessidade de conhecer a Deus é comum. Muitas pessoas procuram Deus nos lugares errados, nas drogas, no álcool, no sexo, no consumismo ou em qualquer outra coisa, mas, como Agostinho afirmou: “Nosso coração está inquieto até repousar em ti”. A segunda metade do sermão concentra-se no aspecto de que Deus nos leva a Jesus, na pregação, no louvor, na oração, em nosso próximo, e assim por diante. Como ele é a luz do mundo, podemos encontrá-lo onde quer que haja a luz de que ele fala. A página 2 começa com a versão transposta da frase da página 1.

USE UMA IMAGEM PREDOMINANTE

Barbara Brown Taylor usa a imagem de Lucas como médico para dar unidade ao sermão e lhe atribuir o seguinte título: “O remédio do evangelho”. Ela usa informações médicas de pano de fundo para dar vida a seu texto:

Gosto de pensar que Lucas nunca deixou de lado sua função de curar. Ele apenas trocou de remédio. Em vez de prescrever ervas e especiarias, compressas quentes e repouso na cama, ele contava histórias que tinham o poder de restaurar vidas arruinadas e fazer reviver corações desfalecidos. Em vez de pílulas e poções, carregava palavras em sua maleta, palavras como “Não chores mais”, “Não tenhas medo”, “Teus pecados estão perdoados”, “Levanta e anda”. Ele prescrevia o remédio do evangelho, o mesmo que Jesus ministrava — remédio que atua, por mais estranho que pareça, por meio de palavras.²

James O. Rose recorre a uma imagem predominante muito inteligente, que trata de “problemas gigantes”, com base em 1Samuel 17.1-51, e a usa para trazer o problema para a vida de seu povo com um foco bíblico perspicaz e divertido. Quando o foco está no problema, alguns pregadores acham que devem evitar o humor; porém, quando lidamos com um problema, o humor na dose certa pode contribuir para que sejamos ouvidos.

Saul está encarando a vida com os olhos presos ao chão. Os gigantes são aterrorizantes para aqueles que olham a vida dessa perspectiva. É terrivelmente difícil encará-los sozinhos, sem ajuda de ninguém. Israel deveria saber isto: a nação já tivera de encarar problemas gigantes antes. O relato sobre os imponentes ancestrais de Golias deteve uma geração inteira de Israel bem na entrada da Terra Prometida. Quando a nova geração finalmente entrou nela, apenas Calebe invadiu a terra dos gigantes. Encarou a maioria deles, mas, com 80 anos de idade, não era de esperar que enfrentasse todos eles. Golias é um resquício, um grande resquício. E é preciso apenas um único gigante de sobra para

fazer com que as pessoas comecem a encarar a vida com os olhos presos ao chão. Quando olhamos a vida desse nível, os gigantes tomam toda a nossa tela. Quanto mais nos aproximamos, maiores parecem. Não deveríamos considerar gigantes como algo incomum ou inesperado. Eles andam por todas as gerações; na de Davi, apareceram em 1000 a.C., no vale de Elá, e na nossa geração, em 2000 d.C., em nossos vales [página 2:] Eu aposto que você também tem um gigante em seu vale, o vale que você tem de atravessar, se estiver caminhando com Deus. Eu tenho também. Meu gigante tem acenado para mim ultimamente. O problema é: “O que vamos fazer em relação a nossos gigantes?”. Os que vivem com os olhos presos ao chão se recusam a encará-los.³

FIQUE ATENTO PARA O USO DE MUITAS IMAGENS — ELAS DEIXAM A ÁGUA TURVA

O perigo em ter mais de uma imagem predominante fica evidente no exemplo a seguir, de um sermão com base em Atos 12.6-18, passagem em que Pedro é liberto da prisão. O parágrafo final é elaborado em torno de três imagens: fechaduras, rochas e chave. Como a imagem é tríplice, nenhuma descrição clara se apresenta à mente. Qual é a relação entre uma rocha e uma chave? Por favor, não imite isso.

Fechaduras e rochas, essa é a razão da vinda de Cristo. Ele é a Rocha segura que guia a sua vida. Ele é a Chave que veio confessar o amor do Pai. Ele é a Rocha e a Chave que nos ajuda a enfrentarmos a vida sem desistir. Quando Pedro estava na prisão, trancado em sua cela, ele pôde cantar, e naquela noite Cristo, a Chave de Davi, enviou um anjo. As portas abriram-se, as correntes e fechaduras foram destrancadas, e Pedro foi liberto para proclamar seu Mestre maravilhoso. Somos libertos da mesma maneira que Pedro.⁴

USE OS SENTIDOS

Outro texto relacionado à prisão é o de Paulo e Silas, em Atos 16.16-40. A passagem nos diz que eles cantaram hinos. Pouquíssimos pregadores na história já criaram uma experiência não só da prisão, mas de Paulo e Silas cantando, como essa que John M. Rottman cria de forma tão vívida. O humor brilha. Ele até nos diz que hinos eles cantavam.

E então, ali estão eles, sentados em meio à mais negra escuridão naquela cela úmida. Injustamente acusados, espancados até sangrar, com as pernas presas a troncos. Naquela cidade, eles haviam pregado que Jesus é o Senhor do mundo, Salvador do cosmo e que cada centímetro quadrado pertence a ele. Mas, agora, lá estavam eles.

E, apesar de tudo, Paulo sugere que eles tentem cantar.

“Cantar? Ah, tudo bem, vai”, diz Silas, sem muito entusiasmo. “Você começa, então.”

Paulo cantarola uma versão do salmo 9 (provavelmente do antigo hinário azul, esse que é de muito tempo atrás): “Um coração cheio de ação de graças a ti darei, em louvor à tua ação maravilhosa cantarei...”. Dá para ouvir a voz grave e nada excepcional de Paulo cantando as palavras em alto e bom som. Então Silas se junta a ele com seu tenor duvidoso: “Com alegria gritarei e clamarei exultante; louvarei o teu nome, ó Javé altíssimo”. E ali estão aqueles dois judeus de meia-idade, fazendo um dueto em uma cela escura, longe de casa, em um mundo hostil. Não há como não se maravilhar. Jesus é o Senhor do mundo inteiro, cada centímetro quadrado lhe pertence — de verdade.⁵

Até mesmo uma passagem de uma epístola pode ser apresentada com características semelhantes às dos filmes. Elizabeth Mitchell Clement pregou em 2Timóteo 2.8-15, passagem em que Paulo adverte Timóteo de “lembrar-se de Jesus Cristo, ressurreto dos mortos”.

Paulo soube que Timóteo está enfrentando problemas em sua igreja. Os estudantes de administração eclesiástica observarão que o problema na igreja é remetido à liderança, e não a toda a congregação. Certamente, por mais importantes que as igrejas de Paulo fossem para o apóstolo, aqui é o pastor-mestre falando à necessidade muito pessoal de seu “filho amado” no ministério. A solução de Paulo é impor as mãos sobre Timóteo, por meio dessa carta, usando palavras que relembrem a seu “filho amado” o “padrão das sãs palavras” (2Tm 1.13), “o padrão do ensinamento sadio” (NRSV), que Timóteo aprendera do próprio Paulo.

A causa das lágrimas de Timóteo é a “disputa de palavras” ou discutir por palavras que de nada aproveitam (2.14), e Paulo tem uma orientação clara sobre essa atitude: Não. *Nananinanão!* Evite isso. “Não é apenas uma iniciativa sem valor”, diz ele. “É um exercício subversivo.”⁶

Elizabeth Mitchell Clement, com suas hábeis palavras, transmite a ideia de que Paulo e Timóteo estão juntos na mesma sala, e a imagem impactante da imposição das mãos mostra o apóstolo ministrando a Timóteo.

USE O PROBLEMA HORIZONTAL PARA GERAR EMPATIA

Em um sermão sobre Oseias e Gômer, Barbara Brown Taylor capta este filme vívido do relacionamento de Israel com Deus. Observe as diversas palavras sensoriais que Taylor usa para dar vida à cena. Observe também sua notável compaixão na imagem infantil da última sentença. Ela usa empatia para garantir que o problema não seja um julgamento vertical de Gômer; ele é horizontal, descritivo, e aponta para os efeitos das más decisões.

Na época em que as chuvas deixaram de cair e as vacas passaram a dar pouco leite, [Gômer] se foi, deixando apenas um bilhete sobre a mesa da cozinha: “Fui embora para ver se não consigo me sair melhor do que isso”. Para onde ela foi? Para os braços de outros amantes, que prometiam tudo o que seu coração desejava. [...] Com Baal, não havia nenhuma conversa aborrecida sobre compromisso ou honra, nada de “Onde você estava na noite passada?” ou “Você já pensou no que isso está causando às crianças?”. Tudo era espontâneo. Você fazia o que sentia vontade de fazer, na hora em que tivesse vontade, e a única regra era fazer o que sentia ser o melhor no momento. Ninguém sabia seu nome e você não conhecia ninguém, mas isso pouco importava. Tudo o que importava era ceder ao impulso doce e quente da vida. Israel sempre voltava para casa, depois que o apetite diminuía, depois de haver sido lembrada pela enésima vez que a grama do vizinho nunca era tão verde quanto parecia. Certa manhã, Yahweh ouviu a porta de tela bater e pôde sentir o cheiro dela, antes mesmo de vê-la: pontas de cigarro, lençóis bolorentos e cerveja rançosa. Então, ela entrou no quarto e recostou-se no batente da porta, olhando para ele, um corte no lábio superior e um hematoma esmaecido do aperto forte que alguém lhe dera no braço, [ali era] a casa do marido que a pegou pela mão, levou-a para o banho e tirou-lhe pela cabeça as roupas rasgadas, enquanto ela, como uma criança, levantava para ele os braços magros.⁷

FILME O TEXTO DE UMA NOVA PERSPECTIVA

Haddon Robinson relata o encontro entre Eva e Satanás em Gênesis como se fosse um filme. Ele lança mão do artifício do debate e faz uso de uma criativa licença literária para comunicar de forma vívida a passagem, mas sem distorcer a mensagem central que extraiu do texto. Embora desenvolva

o problema no texto, ele usa o humor. Quando o foco da análise está no problema, pode ser especialmente importante usar o humor, a fim de não transmitir a ideia de que o problema tem a última palavra. Ele intercala noções exegéticas na narrativa. E inclui breves diálogos entre o personagem central e Satanás, e assim torna a história mais direta e parecida com a vida.

Ele [Satanás] não apenas se disfarça, mas disfarça também seu propósito. Ele não sussurra para Eva: “Estou aqui para tentar você”. Simplesmente quer travar uma discussão religiosa. Satanás gosta de discutir teologia; não tem a intenção de falar sobre pecado. A serpente abre a conversa perguntando: “Deus realmente falou: ‘Não coma de nenhuma árvore do jardim?’”. Não se debate com uma pergunta dessa. Satanás apenas pede um esclarecimento: “Veja, eu quero estar seguro de sua exegese. Só quero entender a ideia que Deus estava tentando transmitir. Ele realmente disse que você não pode comer de nenhuma árvore do jardim?”. Perceba, ele é um Diabo religioso. Não vem bater na porta de sua alma dizendo: “Com licença, meu amigo. Conceda-me meia hora de sua vida. Eu gostaria de arruinar e destruir você”. Não, tudo o que ele quer fazer é conversar sobre um aspecto da teologia. Ele apenas quer interpretar a Palavra de Deus. É possível discutir teologia por nossa conta e risco, não é mesmo? Podemos falar sobre Deus de forma abstrata, como se ele fosse uma fórmula matemática. Você pode inventar uma teologia que o leve a desobedecer a Deus.⁸

Nancy Hastings Sehested faz um filme de Êxodo 1.8-22 usando uma nova perspectiva, a das parteiras. Suas alusões ao nosso tempo são fruto de uma imaginação bem instruída. A frase “deixe o faraó ir” torna-se um refrão, ao final do sermão, que carrega sua frase-tema “O Deus que sustenta a vida nos guia”:

O faraó não tinha ideia do que estava pedindo. [...] Mas Sifrá e Puá sabiam quem elas eram. Sabiam que sua vocação era cooperar para a

vida, e não para a morte. Elas sabiam que não tinham nenhum poder diante do faraó. Portanto, deixaram o faraó ir — maquinando os próprios pensamentos, seguindo o próprio caminho — enquanto elas seguiam o caminho de cooperar para a vida. Não demorou para o faraó ser informado da rebeldia delas. As mães hebreias estavam passeando com seus garotinhos para cima e para baixo nas ruas, orgulhosas por terem um filho. As parteiras foram chamadas para serem repreendidas. “Não é permitido praticar desobediência civil neste país”, disse o faraó.

As parteiras olharam diretamente nos olhos do faraó e contaram uma história convincente sobre como as mães hebreias eram mais vigorosas do que as egípcias quando davam à luz seus bebês, a ponto de estes já estarem mamando pela primeira vez quando as parteiras chegavam. Sifrá e Puá certamente imaginaram que essa nobre mentira poderia facilmente convencer o faraó. Afinal, o que ele sabia sobre gerar filhos? Mas quem são os nossos faraós?⁹

CRIE O EVENTO EM VEZ DE RELATÁ-LO

Podemos alterar a máxima “Não fale, mostre” para “Não relate, crie”, produzindo assim experiências, e não apenas resumos dos fatos relevantes. Em jornais ou mesmo em algumas reuniões, os fatos nus e crus são necessários; às vezes, isso também se aplica à pregação, por exemplo, quando fornecemos uma análise social breve, mas em geral esse não é o caso. Este sermão de Martin B. Copenhaver segue a máxima “Não relate, crie”, ao criar prontamente um jantar festivo com convidados (em vez de simplesmente dar a informação de que esse jantar ocorreu) para a exposição da passagem de Lucas 14.12-24:

Jesus deu orientações sobre como dar uma festa, enquanto ele mesmo participava de uma na casa de um indivíduo importante, uma pessoa de

boa reputação, um líder. Ao redor da mesa havia sacerdotes influentes, advogados bem-sucedidos e outras pessoas notáveis. Em resumo, esse era o tipo de festa que deixaria orgulhosa a Emily Post do primeiro século. [...] Foi na metade do encontro, quando começavam a servir o patê de codorna *kosher* que Jesus disse: “Quando oferecer um jantar ou um banquete, não convide seus amigos, irmãos, parentes ou vizinhos ricos, para que eles não o convidem também e você seja recompensado”.¹⁰

Em outro sermão, Copenhaver usa a imaginação para criar uma pessoa que possa ser apresentada aos ouvintes em vez de simplesmente relatar os fatos. Ele desenvolve uma perspectiva inédita do texto ao introduzir a viúva do tolo que armazenou riquezas em Lucas 12.16-21, e, por meio desse recurso, os ouvintes vivenciam mais do rico que se fez de tolo.

Eu tento imaginar como seria fazer uma ligação pastoral à viúva do fazendeiro na parábola de Jesus sobre o rico insensato. Não seria muito difícil imaginar, pois tenho feito muitas chamadas desse tipo. O fazendeiro acabou de morrer. Sua esposa está em choque. Ela pergunta: “O que faço agora? Ninguém me disse o que está por vir”. Ela continua a divagar, e sigo, na maior parte do tempo, apenas ouvindo. Então, nos voltamos para o ofício fúnebre, e eu pergunto algumas coisas sobre o homem que acabou de falecer. Como podem ver, não o conheço muito bem, embora em uma daquelas poucas ocasiões em que eu de fato o encontrei, por um momento ou dois, genuinamente gostei dele. Mas agora que estamos planejando o ofício fúnebre, sei que compete a mim falar sobre a vida dele com um todo, e não apenas daqueles poucos e efêmeros momentos que partilhei com ele. Então, pergunto: “O que era importante para ele?”. E sua viúva responde: “Sua família é, ou melhor, era muito importante para ele. Ele tinha muito orgulho dos filhos, embora não tenha certeza de que eles soubessem disso. Mas falava sempre deles. Sua carteira estava repleta

de fotografias dos filhos...”. Eu pergunto: “Como ele gastava seu tempo?”. Ela responde: “Ah, trabalhando na fazenda. E foi bem-sucedido. Quanto às outras áreas de sua vida, bem, elas tinham sido deixadas de lado por um tempo. Mas eu nem sempre tornei as coisas fáceis para ele. Muitas vezes, eu o questionei sobre quando tudo isso terminaria e nós prosseguiríamos com a nossa vida. Ele tentava sempre me tranquilizar, na maioria das vezes usando palavras como *amanhã* ou *em breve* e frases e expressões como *não será assim para sempre, algum dia e eu prometo*. E ele falava sério. Eu sei que falava...”.¹¹

FILME A HISTÓRIA IMAGINANDO O CONTEXTO DE PAULO

Eu preguei o sermão a seguir em um culto ecumênico, em uma Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos; baseia-se em Romanos 8.14-27. Pode parecer mais fácil analisar as epístolas como ensaios abstratos; isso, porém, pode ficar difícil para os ouvintes. Quando tenta dar mais vida a uma epístola, o pregador dispõe de duas opções de localização: ou procura imaginar o cenário para o qual a carta foi enviada ou o cenário no qual ela foi escrita. No caso da Carta aos Romanos, pode-se imaginar ou uma igreja-casa reunida em Roma, e a carta sendo lida como um sermão, ou o apóstolo Paulo em Corinto.

Nossa passagem da Carta de Paulo aos Romanos é uma das mais turbulentas de todo o Novo Testamento. Os cristãos estão clamando, em seu sofrimento: “Abba, Pai”, mas também testemunhando como filhos de Deus. “Toda a criação”, diz Paulo, “tem gemido em dores de parto até agora”. “Nós mesmos”, ele acrescenta, “gememos interiormente” enquanto aguardamos nossa “adoção”, a “redenção final de nosso corpo”. Mesmo o Espírito Santo, orando a Deus em nome da igreja, intercede “com gemidos profundos demais para serem expressos em palavras”. O verbo grego *stenazo* significa suspirar ou gemer, “com

suspiros tão profundos que palavras não conseguem expressar”. Até o Espírito Santo geme pela igreja, anseia pelo cumprimento dos propósitos de Deus.

Por que Paulo enfatiza os gemidos? Paulo está escrevendo para a igreja em Roma de seu refúgio de inverno em Corinto, na Grécia, no ano 56, e os gemidos estão em sua mente. Talvez o telhado de madeira esteja gemendo sob o peso do gelo da chuva congelante e dos ventos do Ártico, ou ele esteja ouvindo o rangido dos navios de madeira que passam ao lado, singrando as ondas, empenhados em chegar às docas do porto. Ele pode até estar ouvindo uma mulher, na casa ao lado, gemendo com dores de parto, pois escreve: “Toda a criação tem gemido em dores de parto até agora”. Talvez ele esteja se lembrando dos próprios gemidos, enquanto se recuperava de perseguições passadas: como declarou em outro texto, cinco vezes foi açoitado quarenta vezes menos uma, três vezes espancado com varas, uma vez foi apedrejado, muitas vezes foi abandonado à morte, e outras tantas ficou sem comida, abrigo e roupas (2Co 11.23ss.). Talvez ele até esteja gemendo em voz alta, enquanto dita a carta para Tércio (Rm 16.22), seu secretário, que está sentado ao lado da chama bruxuleante da candeia na sala gelada, registrando suas palavras, pois isto de fato sabemos: Paulo está agoniado por causa das divisões na igreja. Não tinha ele acabado de tratar de divisões em sua igreja em Corinto (2Co 1.23)?

Quando a primavera chegar e for novamente seguro navegar nas águas do Mediterrâneo com as velas alimentadas pelos ventos da África, Paulo deve embarcar para o Oriente, para evitar uma divisão em Jerusalém. Ele coletara dinheiro de suas igrejas na Grécia para os pobres da igreja de Jerusalém (Rm 15.26-29). Algumas pessoas em Jerusalém haviam dito que as igrejas de Paulo em Éfeso, Corinto e Galácia eram renegadas, que Paulo era um renegado. Paulo geme

diante da possibilidade de ver a igreja de Cristo dividida. Depois de Jerusalém, Paulo planeja navegar para as sete colinas de Roma, a fim de lidar com a questão da divisão ali também. No ano 49 d.C., o imperador Cláudio havia expulsado os cristãos judeus. Agora que Cláudio estava morto, envenenado pela própria esposa, os exilados voltavam a Roma, depois de seis anos, para suas antigas igrejas. Mas naquela época, assim como hoje, membros antigos e novos sempre têm sido uma constante fonte de conflitos. Há disputas por toda parte, e tudo o que Paulo prega está voltado para a unidade do corpo de Cristo.

CONHEÇA OS PERSONAGENS

Quando um pregador menciona um personagem bíblico ou alguma outra pessoa por ser importante para sua pregação, o pregador deve ter uma percepção viva de tal pessoa como de alguém real, de carne e osso, com todas as complexidades e as contradições que todas as pessoas têm. Suzan D. Johnson fez à personagem Ester o tipo de pergunta que os pregadores deveriam fazer. O que significa ser essa pessoa? Ao apresentar Ester, ela também descreve muitas pessoas nos bancos das igrejas; na verdade, ela faz referência a todos os que se sentem alienados e sozinhos hoje. Observe que ela não entra na mente de Ester para falar de seus sentimentos, mas se concentra principalmente nas coisas que uma câmera de cinema poderia filmar. Suzan Johnson conhece Ester:

Ester era uma mulher judia que vivia na Pérsia. Ela estava naquela terra pelas mesmas circunstâncias que trouxeram os africanos para a América: por causa da escravidão. Pertencia à segunda geração de judeus escravizados, e ninguém, a não ser um primo mais velho chamado Mardoqueu, sabia que ela era judia. Mas isso era segredo. Se a verdade viesse à tona. [...] Você já teve a sensação de ter de esconder sua identidade? Já passou pela experiência de não poder se deixar

conhecer? [...] É triste quando, mesmo fazendo parte da igreja de Deus, você se sente completamente sozinho. Ah, esse é um sentimento terrível. Se já se sentiu dessa maneira, consegue se identificar com o dilema de Ester? Ser judia e viver no Império Persa realmente não era uma boa combinação; era como óleo e água. Mas Ester precisava lidar com a vida da forma que esta se apresentava a ela, assim como nós também precisamos. [...] Ester não tinha uma estrutura de apoio real com a qual se identificar. Ela não tinha uma mãe para “abraçá-la e tocá-la”, nem irmãs ou irmãos de cuja existência soubesse; ela não tinha ninguém, a não ser o velho primo Mardoqueu. E esse primo a apoiou e cuidou dela. Ele trabalhava na corte do rei. Não tinha um trabalho importante; era apenas um servo da administração civil, alguém sem importância que tinha de trabalhar diariamente para pagar as contas, assim como você e eu. Mas Mardoqueu amava seu povo e queria que a geração futura vivesse em liberdade e tivesse uma vida melhor do que a dele, do mesmo jeito que muitos de nós sonhamos e oramos para que a vida seja mais fácil para nossos filhos.¹²

UMA LISTA DE VERIFICAÇÃO PARA A PÁGINA 1

A introdução (que talvez anteceda a página 1) é interessante?

Ela apresenta o tema do sermão ou dá indicações dele? A página 1 se concentra em um texto bíblico?

Será que reconstruí o texto, deixando algum material para a página 3?

Desenvolvi o problema no texto?

O problema é teológico (ou seja, é relacionado a Deus, e não a um problema psicológico ou sociológico)?

Essa página trata claramente de uma ideia?

Ela é exegeticamente coerente?

Filmei o texto de um novo ângulo?

O problema apresentado aqui se relaciona com a graça apresentada na página 3?

Essa página é principalmente um filme?

Focalizei pessoas em ação?

Evitei penetrar na mente dos personagens?

Criei um evento em vez de apenas relatá-lo?

Descobri maneiras de falar sobre Deus nessa página?

Permiti que minha doutrina específica guiasse a filmagem do texto?

Existe uma imagem nessa página que pode se tornar predominante para o sermão?

Essa página apela ao *lógos*, *páthos* e *éthos*?

Essa página se mantém coesa ao lançar mão da metonímia (frases sucessivas que retomam palavras-chave, parágrafos que começam com uma ligação intencional com o parágrafo anterior)?

Essa página gera uma experiência dos eventos e das pessoas que estão no texto bíblico, e não apenas traz informações sobre ele?

1Samuel D. Proctor, “The recovery of human compassion”, in: Samuel D. Proctor; William D. Watley, *Sermons from the black pulpit* (Valley Forge: Judson, 1984), p. 11-2.↵

2Barbara Brown Taylor, “Gospel medicine”, in: *Gospel medicine* (Boston: Cowley, 1995), p. 4.↵

3James O. Rose, “The big valley”, in: Haddon W. Robinson, org., *Biblical sermons: how twelve preachers apply the principles of biblical preaching* (Grand Rapids: Baker, 1989), p. 54-5.↵

4Duane A. Burnette, “Rock or lock”, em: *The Concordia pulpit for 1968* (St. Louis: Concordia, 1967), p. 200.↵

5John M. Rottman, sermão não publicado, usado com permissão.↵

6Elizabeth Mitchell Clement, "Being the Word", in: Ella Pearson Mitchell, org., *Those preaching women: African American preachers tackle tough questions* (Valley Forge: Judson, 1996), vol. 3, p. 22-3.↵

7Barbara Brown Taylor, "Betrothed by God", *Gospel medicine*, p. 51.↵

8Haddon W. Robinson, "A case in temptation", in: Haddon W. Robinson, org., *Biblical sermons*, p. 17-8.↵

9Nancy Hastings Sehested, "Let Pharaoh Go", in: David Albert Farmer; Edwina Hunter, orgs., *And blessed is she: sermons by women* (San Francisco: Harper & Row, 1990), p. 213-4.↵

10Martin B. Copenhaver, "How to throw a party", in: Gary W. Klingporn, org., *The library of distinctive sermons* (Sisters: Questar, 1996), vol. 2, p. 46-7.↵

11Martin B. Copenhaver, "Building barns, postponing life", in: James W. Cox, org., *Best sermons*, vol. 3, p. 256-7.↵

12Suzan D. Johnson, "God's woman", in: Ella Pearson Mitchell, org., *Those preachin' women: sermons by black women preachers* (Valley Forge: Judson, 1985), p. 120-1.↵

TERCEIRA SEÇÃO

**PÁGINA 2:
QUARTA-FEIRA**

CAPÍTULO 6

O PROBLEMA NO MUNDO

É quarta-feira. Hoje nos voltamos para a página 2, “Problema em nosso mundo”: os mandamentos de Deus às pessoas e o pecado, a corrupção, o sofrimento e o fracasso humanos. Com respeito à capa deste livro, vamos nos mover agora, em sentido horário, passando de azul para vermelho, de eventos trágicos na Bíblia para o derramamento de sangue e a angústia atuais. Apesar de todas as mudanças entre o então e o agora no que diz respeito a cenário, cultura, idioma e cosmovisão, algumas coisas permanecem as mesmas, como a natureza imutável de Deus e a natureza contínua do comportamento humano. Elas são as duas principais pontes do pregador entre a Bíblia e hoje. O Deus que falou “então” é o mesmo Deus que fala “agora”, e as pessoas continuam a ter problemas em seu coração e em sua vida.

A Bíblia é um cânon fixo. Seus significados, no entanto, mudam um pouco aos ventos do tempo, pois o mundo está sempre mudando em torno daqueles que a leem. O mundo à frente do texto influencia seu significado. As experiências que os leitores trazem para um texto influem nos sentidos que descobrem lá e que o Espírito Santo comunica. A maneira de interpretar um texto pode variar um pouco cada vez que o pregamos, e cada texto possui uma gama de ênfases legítimas. No entanto, Orígenes disse que Cristo lê as Escrituras para nós, um entendimento fundamentado no relato de Emaús, em Lucas 24.45: “Então [Jesus] abriu a mente deles para entender as Escrituras”. Calvino, analisando o mesmo texto, falou sobre o testemunho interior do Espírito. A palavra de Deus “não pode penetrar em

nossa mente, a menos que o Espírito, como mestre interior, mediante sua iluminação, entre nela”.¹

I. A NECESSIDADE DE O PROBLEMA SER PREGADO

Os nossos caminhos não são os caminhos de Deus. O *status quo* não é suficiente; o mundo está caído. O problema está em nós, e estamos com problemas. Somos culpados diante de Deus, mas nos esquecemos disso com facilidade. Precisamos ser convencidos de nosso pecado e de que nossos caminhos são muitas vezes a morte; precisamos ser expostos ao fato de que abusamos de nossa liberdade; precisamos ser persuadidos de nossos sistemas sociais falidos; precisamos ser desmascarados em nossas pretensões de amar os outros e ser conhecidos na profundidade de nossa negação de Deus.

Muitos na sociedade e na igreja são vítimas de sofrimento, opressão, vício ou maldade. Muitos suportam dificuldades constantes decorrentes de doenças, acidentes, vergonha, violência, prisão e desastres naturais; ou lhes são negadas oportunidades por causa de raça, religião, gênero, pobreza ou nacionalidade. Jesus disse: “Em verdade vos digo que, sempre que o fizeste a um dos menores de minha família, a mim o fizeste” (Mt 25.40). Os teólogos da libertação falam que Jesus fez uma “opção preferencial pelos pobres”, que Deus está do lado dos necessitados. A responsabilidade pelo sofrimento na sociedade recai sobre todos. Ao contrário do protesto de Caim (Gn 4.9), na fé somos de fato o guardião de nossos irmãos e irmãs. O. C. Jones Jr. declara: “O entretenimento favorito do Diabo no domingo é o sermão que não perturba. O púlpito deve ter algo relevante, sério e honesto a dizer sobre problemas e assuntos complexos”.² Como cristãos, podemos tentar evitar o conceito da culpa da sociedade, preferindo falar apenas do pecado individual. Uma abordagem mais responsável pode ser contar

histórias no sermão sobre aqueles menos afortunados que nós, voltando-nos com maior determinação a Deus em busca de ajuda.

II. PROCLAMAÇÃO FIEL DO PROBLEMA

Robert G. Duffett deseja aplicar uma moratória a sermões que são:

Mensagens geradoras de culpa, negativas, que consistem em “espancar as pessoas”. Independentemente da igreja em que eu vá, independentemente de qual seja a denominação a que essa igreja pertença ou da teologia que ela siga, a maioria das mensagens que escuto é uma tentativa de [punir] abertamente ou sutilmente os ouvintes. Nas igrejas ligadas à esquerda teológica, sou repreendido por votar nos republicanos, por não ter consciência social, por não me envolver em causas sociais. Nas igrejas mais ligadas à direita, sou admoestado por não amar mais a Deus, por não ganhar meu próximo para Cristo, por não participar dos cultos de domingo à noite e por ser muito “acolhedor” para com humanistas seculares e novos espiritualistas. Ambos, direita e esquerda, chegaram a um consenso quanto a um aspecto: “espancar as pessoas”.³

Que alternativas existem? Alguns dizem que deveríamos pregar o juízo, porque todas as pessoas enfrentarão o juízo diante de Deus. Outros declaram que temos de nos livrar dessa ideia de um Deus juiz, pois é antiquada e irrelevante para as necessidades de hoje. E ainda há pessoas que nos aconselham a transformar o sermão em uma “mensagem” semelhante àquela apresentada pelos *talk shows*, para torná-lo mais atraente. Nenhuma dessas soluções identifica a necessidade real de falar sobre o problema no sermão. O pecado e o mal são reais e não conseguimos nos salvar deles. Quatro abordagens mostradas a seguir talvez ajudem o pregador a expor o problema: desenvolva uma compreensão teológica do problema em duas

partes; pregue com uma consciência global; mantenha devoção e justiça lado a lado; e desenvolva a graça em tensão com o problema.

A. Desenvolva uma compreensão do problema em duas partes

A primeira parte do sermão é dedicada ao problema, e ele pode ser concebido de forma vertical, horizontal ou ambas ao mesmo tempo.

O problema vertical

De acordo com uma compreensão vertical do problema, Deus em sua soberania assenta-se no trono de julgamento nas alturas, enquanto a humanidade está aqui embaixo perante o tribunal, culpada segundo a acusação, necessitando de uma ação corretiva, por certo, mas também necessitando de perdão. Pense no problema vertical como um martelo. Ele desce sobre os culpados e os coloca de joelhos, em oração. Essa compreensão vertical é importante, mas ao usá-la não precisamos chegar à descrição feita por Duffett, de mensagens “geradoras de culpa, negativas, que consistem em ‘espancar as pessoas’”. A seguir estão alguns juízos típicos dessa forma de pregação:

Arrependa-se.

Você falhou com Deus.

Você não amou seu próximo como a si mesmo.

Abandone seu vício.

Vá à igreja.

Você deve participar mais.

Honre seus pais.

Você está errado.

No caso dos problemas verticais, conforme em geral são pregados, utiliza-se o modo imperativo; o pecado tende a ser um pecado pessoal ou individual diante de Deus; uma sentença de juízo é proferida do alto; quem recebe essa sentença sente culpa (ou raiva e ressentimento); arrependimento e perdão são a única saída; a responsabilidade pela mudança depende principalmente do indivíduo; o único recurso é voltar-se a Deus em busca de graça e misericórdia.⁴

Pregadores podem expor problemas verticais com diferentes graus de confronto e ameaça. Para esse tipo de problema, podemos pensar na pregação como um apontar do dedo indicador ou uma repreensão.

A Bíblia tem muitos problemas verticais. O perigo é que o pregador pode parecer estar montado em um cavalo alto, coberto de razão e acima da desordem, mais sábio que o povo, impondo o caminho certo de uma posição de poder. Muitas pessoas associam isso a modelos masculinos de pregação. Pregadores devem usar imperativos verticais apenas quando necessários. Imperativos efetivamente lidam com alguns males sociais. Eles podem ser usados de forma errada para fazer as congregações se sentirem mal em nome de Deus, talvez até mesmo mascarando a raiva não resolvida de um pregador em relação ao rebanho. As crianças aprendem a ignorar pais que criticam constantemente, e o mesmo acontece com os paroquianos quando têm pastores críticos.

O erro mais comum dos estudantes de homilética é servir à igreja um menu constante de problemas verticais. Muitos nem percebem que estão sendo críticos. Pregadores que se destacam por sua excelência aprendem a converter problemas verticais em horizontais em seus sermões, reconhecendo que a autoridade hierárquica está sob suspeita em muitos setores da sociedade atual. Muitas pessoas bem-intencionadas não respondem positivamente quando lhes dizem o que fazer, como se não tivessem escolha e devessem abandonar a capacidade de pensar por si mesmas. Isso não implica necessariamente falta de fé. Em grande parte,

consiste tão somente em uma questão de tom e ênfase. Deus é como um pai que não quer ver um filho sofrer por más escolhas.

O problema horizontal

O problema horizontal é uma ferramenta inestimável para os pregadores cultivarem. Pense nesse problema como um espelho. O pregador ergue um espelho para a congregação e para o mundo, o qual reflete evidências da Queda, da corrupção dos sistemas e do sofrimento dos vulneráveis. A humanidade não vive como Deus pretende e continua buscando a salvação nos lugares errados. Simplesmente segurando um espelho diante do mundo, o pregador pode mostrar uma discrepância entre o mundo que temos e o mundo como Deus deseja que ele seja. Esse problema é imanente; cerca o indivíduo, nele habita e permeia a sociedade. Descreve as consequências do mau comportamento social. A humanidade prossegue em sua rota muitas vezes autodestrutiva, como se não precisasse de Deus.

Aqui estão algumas declarações típicas de problema horizontal. Observe que elas tendem a ser descritivas e evitam um tom crítico:

Vivemos tempos de ansiedade.

Essa mulher sofre de câncer.

A vida parece sem sentido para muitos.

Muitos ficaram desempregados.

As guerras continuam no mundo.

O racismo continua.

O aquecimento global ameaça a vida como a concebemos.

Os ciclos de abuso infantil não são interrompidos.

Muitos sem-teto vagam pelas ruas.

A dependência de ajuda governamental é transmitida de geração em geração.

Uma nação inteira está morrendo de fome.

Ouvir mensagens calcadas em problemas horizontais pode gerar um senso coletivo de responsabilidade, de vergonha, de pesar e de urgência em ajudar outros ao redor. Em vez de se sentirem acima de tudo culpadas, como acontece com o problema vertical, as pessoas tornam-se mais conscientes da necessidade de servir aos outros, especialmente aqueles que ficaram esquecidos pelas decisões da sociedade. Algumas décadas atrás, uma palavra estranha, “conscientizar”, foi cunhada na América Latina para se referir ao processo de educar as pessoas a fim de agir contra as desigualdades sociais e políticas. Podemos usá-la para nos referirmos às pessoas que, por meio do sermão, tornam-se conscientes do problema e do sofrimento vividos pelos outros. Talvez elas se tornem conscientes do poder do mal presente nos sistemas humanos. Mesmo que todas as pessoas em uma empresa sejam santas, ainda assim algumas delas serão prejudicadas por suas políticas. As pessoas não conseguem evitar o mal sistêmico nem a participação no pecado coletivo. Uma mudança individual de cada coração é importante, mas alcançar o coletivo também é necessário. E isso implica que as pessoas se comprometam com o discipulado e a transformação social. Sistemas inteiros precisam de redenção, e, no final das contas, Cristo está fazendo novas todas as coisas (Ap 21.5).

Na página 2 do sermão, retratamos os poderes deste mundo que parecem ter a palavra final ou parecem ser mais fortes do que Deus. Nunca admitimos que são mais fortes e sempre pregamos da perspectiva da fé. Esses poderes de fato parecem ter a última palavra na Sexta-Feira da Paixão e, às vezes, é assim que as pessoas sentem a vida, como uma Sexta-Feira da Paixão. Na página 4, a boa notícia em resposta aos problemas horizontais é que Deus em Cristo destrói os poderes do mundo que parecem ter a última palavra. A ressurreição aponta para a derrota final até mesmo daqueles

principados e potestades: “Pois nossa luta é [...] contra os governantes, contra as autoridades, contra os poderes cósmicos da presente escuridão, contra as forças espirituais do mal nos lugares celestiais” (Ef 6.12).

O problema horizontal tende a ver Deus como o Servo Sofredor, ou como *O Curador ferido*, título de uma obra de Henri Nouwen. É, antes de tudo, cristocêntrico, usa a encarnação, o sofrimento e a crucificação de Cristo como formas centrais para entender nosso mundo. Embora a cruz e a ressurreição sejam eventos historicamente únicos, em certo sentido Cristo continua a sofrer e a ser crucificado hoje. O problema horizontal descreve pessoas específicas em situações de sofrimento. Às vezes, as pessoas se identificam. James Sanders vê problemas horizontais como parte de uma “hermenêutica constitutiva” que, no que concerne às boas-novas, é cristocêntrica e concentra-se em Deus como o Redentor, que é fiel às promessas de Deus feitas ao povo escolhido de Deus.⁵

Na composição do sermão, o problema horizontal pode, de maneira inadvertida, transformar-se em vertical, caso se torne uma ordem para agir. Quando o imperativo assume o controle, a tarefa do pregador fica mais difícil: deveres, obrigações e imposições exigem muito dos ouvintes e, portanto, são potencialmente alienantes e causadores de divisão. Até mesmo perguntas repetidas acabam funcionando como problemas verticais, porque sobrecarregam os ouvintes com demandas. Assim como acontece na física newtoniana, uma regra geral de comunicação é que, para cada ação, há uma reação igual e oposta: quando alguém empurra, é provável que seja empurrado de volta. Os pregadores devem continuamente tomar decisões retóricas sobre a maneira mais estratégica de alcançar o resultado desejado, dadas as diferentes perspectivas entre os cristãos comprometidos.

Eis a questão central: os pregadores podem escolher que tipo de problema usar. O problema vertical às vezes é essencial, mas não o tempo todo. Faz uso da Palavra e julga ou se coloca acima das pessoas. Para pregadores que carecem de habilidade para empregar problemas horizontais,

a empatia é fundamental. O problema horizontal é indicativo ou descritivo, e usa a empatia para se colocar ao lado das pessoas, sob a Palavra. O pregador identifica-se com elas. A empatia transforma o juízo em compaixão, o que é muito mais fácil para os ouvintes receberem. Se parte de um sermão é vertical, talvez seja bom ao menos considerar passar para uma abordagem horizontal, ajudando as pessoas a entender a raiz, a causa fundamental de seu comportamento. Investigar uma possível causa fundamental não isenta o mau comportamento, mas ajuda as pessoas a entenderem o que pode estar por trás do problema, bem como a graça que Deus tem a lhes oferecer.

Juízo vertical	EMPATIA HORIZONTAL
Consumismo/ganância	Temor de que não haverá o suficiente
Racismo	Temor da diferença/ ou experiências de racismo
Falta de disposição para mudar	Temor de perda de identidade/ ou temor de que não restará nada
Juízo vertical	EMPATIA HORIZONTAL
Sexismo	Necessidade de superioridade/ ou necessidade de vingança
Mesquinha	Aversão a si mesmo
Violência	Temor de ser fraco

O problema vertical ou imperativo julga ou se coloca acima das pessoas, com a Palavra. O problema horizontal é indicativo ou descritivo, e usa a empatia para se colocar ao lado das pessoas, sob a Palavra.

Os planos vertical e horizontal não podem ser totalmente dissociados, mas precisam ser diferenciados na composição. Se alguém é dependente de drogas, um pregador tem uma escolha quanto a como apresentar esse problema. A pessoa dependente está doente (horizontal), deve mudar

(vertical), anseia por encontrar um sentido para a vida (horizontal), ou é um juízo sobre nossa nação sujeita à condenação profética (vertical). A história de uma mulher sem-teto que foi despejada de sua casa de papelão debaixo de uma ponte pode ser contada para condenar a sociedade diante de Deus (vertical), para despertar a consciência da congregação para a responsabilidade pelos pobres (horizontal), para gerar culpa individual diante de Deus com respeito à riqueza pessoal (vertical), ou para identificar obrigações da própria mulher para mudar aspectos da sua vida (vertical).

Hoje, as congregações são geralmente muito mais receptivas a problemas horizontais do que a verticais, especialmente quando aplicados a si mesmas. Como trataremos em um capítulo posterior, a boa notícia para o juízo vertical é o perdão, e para o horizontal é a capacitação do Espírito Santo a fim de alcançar o que é necessário para o discipulado. O professor Andy S. Manzano, da Universidade do Sul do Caribe, explica como sua pregação foi revolucionada pela concepção de problemas horizontais e pela pregação no modo indicativo: “Em retrospecto, percebo que a maior parte das pregações que ouvi e a maioria das minhas próprias pregações foram dominadas pelo modo imperativo. [Agora,] estou empenhado em colocar mais ênfase na atividade e capacitação de Deus do que na exigência feita às pessoas e no desempenho humano”.⁶

ÊNFASE DOMINANTE NO PROBLEMA	
PROBLEMA vertical	JUÍZO HORIZONTAL
Dirige-se à consciência culpada	Desperta a conscientização quanto ao próximo
A lei como martelo	A lei como espelho
Mandamentos violados	Sociedade arruinada
Pecado individual	Pecado social
Teocêntrico	Cristocêntrico
Deus como Criador/Soberano	Deus como Servo Sofredor/ Salvador/Redentor
Doutrina da Criação/Queda	Doutrina da encarnação/crucificação
O pregador pode parecer estar acima da Palavra	O pregador coloca-se sob a Palavra

Indivíduos devem se arrepender	A sociedade precisa ser mudada
Indivíduos precisam do perdão de Deus	Indivíduos precisam da intervenção de Deus

B. Pregue com uma consciência global

A principal razão para pregar com uma consciência global é que todas as pessoas, próximas e distantes, são filhos de Deus. Pregar somente para os de casa torna Deus pequeno. Deixar de pregar sobre vítimas de males sociais prejudica o evangelho e, ainda que sem intenção, torna Deus irrelevante para muitos assuntos atuais. Mesmo quando tratar de grandes questões globais, conte histórias de indivíduos, tanto quanto possível; mantenha a discussão em um nível pessoal, e não em nível abstrato. Abstrações, teoria social e política podem desumanizar situações. Os ouvintes podem sentir-se sobrecarregados pelas demandas. Ao mencionar a situação de alguém na África quase tão prontamente quanto a de alguém em Cincinnati, os ouvintes experimentam a abrangência do amor de Deus por todas as pessoas.

Alguns leitores podem dizer: “Mas quem quer ir à igreja para ouvir o que está acontecendo no mundo?”. Algumas pessoas acham que a igreja deveria ser um “intervalo” das preocupações mundanas, um tempo para estar com Deus. Deus ama o mundo (Jo 3.16). O problema não transforma o sermão em noticiário. Há pouco tempo em um sermão para análises sociais complexas, que podem ser fornecidas nos programas educacionais da igreja durante a semana. No entanto, ao contar as histórias de pessoas em situações específicas, as questões sociais que as afetam podem ser levantadas. Histórias semanais de diversos lugares ajudam a estabelecer, ao longo do tempo, um vocabulário comum de semelhantes necessários. Os problemas do mundo estão além de qualquer solução simples ou individual, mas, até mesmo o vocabulário que usamos ajuda a ensinar a dependência de Deus.

Uma pregação que só olha para dentro, centrada em nós ou apenas focalizada na igreja pode parecer claustrofóbica. Preocupações com a igreja, por mais importantes que sejam, não são as questões mais urgentes na vida da maioria das pessoas. Ao mesmo tempo, a justiça nunca deve suplantiar a fé. Preocupações com justiça podem ser esmagadoras, por isso mencione, digamos, apenas uma questão social, e talvez não todas as semanas. Como Jesus disse: “O problema de hoje é suficiente para hoje” (cf. Mt 6.34).

C. Mantenha devoção e justiça lado a lado

Manter devoção e justiça lado a lado pode ser um desafio para a igreja. Preocupações com a justiça e o pobre eram essenciais no Antigo Testamento, e nunca vinham separadas da justiça (*hesed*) para com Deus. Um dos sentidos do radical da palavra hebraica para salvação (*yeshû‘â*) é “amplo espaço aberto”, o oposto de claustrofobia ou foco em si mesmo. As preocupações sociais eram centrais no ministério e na pregação de Jesus. Na verdade, a justiça tem sido uma parte tão considerável do que há de melhor no que se refere à vida e à missão da igreja, que fica difícil explicar a quase ausência desse tema em muitos sermões que sobreviveram na história da pregação. De fato, a justiça social anda em falta em muitas igrejas de hoje. No outro extremo, porém, parece haver muitas igrejas que pregam a justiça, mas dedicam pouca atenção à devoção e à fé.

Alguns pregadores ao longo da história vêm à mente por causa de suas evidentes preocupações com a justiça: Crisóstomo pregou contra a corrupção dos altos oficiais; Thomas Muntzer (m. 1525) pregou contra a matança dos camponeses; a Genebra de Calvino foi organizada para o bem-estar de todos; na América do Sul, Bartolomeu de Las Casas (m. 1566) pregou contra a dizimação dos ameríndios; o arcebispo Toríbio (m. 1606), de Lima, no Peru, antecipou a teologia da libertação; John Wesley pregou contra a escravidão; Phoebe Palmer foi uma das fundadoras da teologia

feminista; Martin Luther King Jr. foi parte da longa tradição homilética que culminou no movimento dos direitos civis; e o arcebispo Óscar Romero, que pregou contra a injustiça e a tortura, foi morto enquanto celebrava uma missa em El Salvador.

Ainda assim, ao longo da história da igreja, na maioria das pregações semanais parece que tem havido pouco interesse em pregar sobre questões sociais. As razões para isso são difíceis de identificar. Suspeito que as referências sociais que possam ter havido tenham sido editadas e cortadas dos sermões que foram preservados até os nossos dias. Além disso, a justiça social é um conceito relativamente recente, produto do Iluminismo e das grandes transformações decorrentes da Revolução Industrial. O entendimento de justiça mudou na transição histórica do direito divino dos reis para regras justas de conduta em um contrato social. O metodismo de John Wesley lançou as bases para o evangelho social, mas seus sermões quase não fazem referência ao extenso trabalho social do movimento; é como se a assistência social fosse uma consequência natural e pressuposta da fé que as pessoas tinham. David Buttrick, talvez com certo exagero, atribui a Karl Barth a responsabilidade por se negar a relevância social da pregação em nossos tempos.⁷ Outros fatores certamente estiveram envolvidos. Karl Marx e o crescimento das ciências sociais deram legitimidade global para a luta de classes, e muitos púlpitos liberais, como o da Igreja Riverside, em Nova York, identificaram-se com a justiça social. Outros púlpitos calaram-se sobre alguns problemas sociais porque justiça soava a socialismo ou parecia misturar religião com política. De uma perspectiva cristã, os sermões são o lugar apropriado para apresentar pessoas que passam por necessidades e para mostrar a diferença que indivíduos e congregações podem fazer ao ajudá-las em nome de Cristo. O pregador que identifica a ação de Deus no próprio texto ou por trás dele pode mais prontamente mostrar que Deus também atua hoje em favor dos necessitados, tanto em nosso contexto quanto no mundo todo.

D. Desenvolva a graça em tensão com o problema

O objetivo do sermão de quatro páginas não é pregar o problema nas páginas 1 e 2 e, depois, apagá-lo com a graça nas páginas 3 e 4. Antes, o propósito é estabelecer uma tensão entre problema e graça, porque ambos são reais. Essa tensão existe de forma adequada na fé — ainda que a ressurreição indique a solução definitiva para ela. A salvação pode ocorrer no fim dos tempos, mas também provamos dela no presente: na adoração, nos sacramentos e onde quer que o reino de Deus ou o reino do céu irrompa em nosso mundo com misericórdia, justiça, perdão e coisas semelhantes. Entre o que devemos fazer e o que Deus tem feito em Cristo, desenvolvemos nossa salvação com temor e tremor (Fp 2.12). Temos aqui tanto a possibilidade quanto a necessidade da fé.

Problema e graça estão às vezes entrelaçados na vida diária. Talvez as pessoas não consigam distingui-los ou não consigam enxergar Deus. As páginas do sermão separam o problema e a graça para possibilitar que cada um deles seja focalizado por tempo suficiente não apenas para ser entendido, mas também para ser experimentado por meio de ideia, imagem, metáfora e história. Cada página do sermão proporciona a experiência de conhecer pessoas tanto da Bíblia quanto dos nossos dias, e o sermão como um todo é um meio pelo qual Cristo se aproxima dos ouvintes. Nesse sentido, ele é sacramental.

Os textos bíblicos possuem vários movimentos. O movimento cronológico de um texto bíblico específico pode parecer ditar o movimento do sermão. Mas, se o evangelho é o objetivo, e o evangelho é um evento de salvação, o sermão flui do problema para a graça. Esse movimento é a assinatura de Deus. A criação move-se do caos para a ordem, a Queda em Gênesis move-se para a Nova Jerusalém em Apocalipse, Israel move-se da escravidão e do Êxodo para a Terra Prometida, a Sexta-Feira da Paixão move-se para a Páscoa, a velha criação move-se para a nova. Existem outros movimentos na Bíblia, como a própria Queda, a expulsão para o Egito, a

crucificação e o retrocesso daqueles que estiveram perto de Deus, mas tudo isso carrega a assinatura do pecado e do mal, e não de Deus.

O evangelho tem sido considerado com mais frequência um conteúdo informativo, e não um movimento e uma ação graciosa. A nova homilética era experiencial. Nosso propósito na pregação é comunicar não apenas informações sobre o evangelho, mas também gerar uma experiência de Deus, um encontro com a ação salvífica de Deus. Para tanto, o sermão segue o movimento do evangelho e termina em esperança. Seguir outros movimentos leva à ênfase final a ser posta na ação humana destituída de assistência divina.

Algo importante ocorre no final da página 2. O pregador reflete seriamente sobre as perguntas que as pessoas tenham feito durante a semana: “Por que isso está acontecendo comigo? Qual bem Deus pode estar operando nisso tudo? Quem sou eu? Quem Deus quer que eu seja? O que vai acontecer com meus filhos? De que maneira Deus ainda está no controle? Onde está o sentido da vida? Como posso encontrar Deus? Deus me encontrou?”. No final do sermão, o ideal é que as necessidades da página 2 encontrem resposta em Deus. Não são apresentadas soluções para os problemas de todos, mas os problemas da vida são colocados em perspectiva, e as pessoas ouvirem uma pregação na qual sentiram o cuidado de Deus e a suficiência de suas constantes provisões diárias.

As páginas 3 e 4 apresentam uma afirmação, uma proclamação, uma bênção, um encontro com o Deus que já está cuidando dos ouvintes até mesmo por meio do sermão. Os pregadores não precisam andar em torno do problema acanhados, na ponta dos pés, por medo de não terem palavras de encorajamento. Com boas-novas para proclamar, eles podem ir fundo, quando dão nome aos problemas, quando expõem o pecado e a ruína e quando convidam as pessoas à ação responsável, confiantes de que a vontade de Deus transformará esses fardos em alegria e esperança.

III. O USO TEOLÓGICO DE HISTÓRIAS COMO EXEMPLO DO PROBLEMA

Os pregadores podem usar histórias do cotidiano e notícias para desenvolver o problema no mundo. Três paradigmas singelos dirigem a maneira em que elas podem funcionar teologicamente.

Histórias do juízo de Deus sobre os seres humanos

Histórias podem ser contadas como metáforas para o juízo de Deus. Elas devem ser usadas com extrema cautela, para que, como pregadores, não nos tornemos juízes, violando a ordem “Não julgueis para não serdes julgados” (Mt 7.1). Duas famílias estão presas em uma contenda destrutiva (a história precisa de detalhes). Um pregador pode usar essa história: (1) como metáfora para expor a que o juízo de Deus se opõe ou (2) como ilustração das consequências de ignorar Deus, (3) para afirmar que, embora o mal possa reivindicar uma vitória momentânea, Deus limita o poder do mal na terra (Jó 1.12), e em Cristo a sentença de morte para todo tipo de mal já foi proferida, ou (4) para reconhecer que Deus muitas vezes frustra os propósitos de grupos e indivíduos que buscam fazer o que é errado. O colapso de um estado totalitário como o dos nazistas ou o fim da segregação política como a do *apartheid* na África do Sul podem ser efetivamente reivindicados como o juízo de Deus em ação. Histórias assim também podem funcionar como a misericórdia de Deus em ação. Alguns pregadores já usaram essa categoria de história para manipular e amedrontar ouvintes vulneráveis, por exemplo, retratando a aids, os vícios ou outros eventos trágicos como castigo de Deus. Nem todas as consequências do comportamento humano são castigo de Deus; muitas delas são castigos que o ser humano traz sobre si mesmo.

Histórias da condição humana depois da Queda

Um paradigma fácil para os pregadores usarem são histórias como metáfora da condição humana caída. A vida e os noticiários estão repletos de histórias que falam da ruína, do sofrimento e da tristeza de seres humanos: crianças que se voltam para as drogas, relacionamentos rompidos, intolerância racial, exploração de pessoas, abuso no ambiente familiar, desemprego, acidentes, morte prematura — a matéria em que consiste o cotidiano. Aponte o espelho para a vida, e os efeitos da Queda ficarão plenamente evidentes.

Cristo como o Servo Sofredor

As histórias podem ser contadas como demonstrações, imagens, símiles ou metáforas de Deus como Servo Sofredor, ou de Cristo sendo crucificado hoje. Salmos 22.24 declara: “Pois ele não despreza nem rejeita o sofrimento dos aflitos”, e Salmos 34.18 diz: “O Senhor está perto daqueles que têm o coração quebrantado, e salva os de espírito esmagado”. Qualquer história, desde uma que conte sobre o *bullying* no pátio da escola até outra que fale de camponeses na Índia sendo forçados por oficiais corruptos a deixarem suas terras, pode ser retratada como se fosse Cristo sofrendo hoje: “sempre que o fizeram a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizeram” (Mt 25.40).

IV. DIRETRIZES PARA A PÁGINA 2

1. Organização e foco

Cada uma das páginas tem uma frase que funciona como um princípio orientador. Essa frase pode vir escrita em um espaço em branco na parte de cima da página 2; ela pode ajudar o pregador a se manter no tema durante a elaboração do sermão. Incorpore essa frase logo de início na página 2 e

descubra maneiras de repeti-la, a fim de que ela funcione como um princípio organizador. Para uma transição suave, essa frase pode ser antecipada pela frase correspondente no final da página 1.

A frase da página 1 e aquela que é transposta para a página 2 podem ser apresentadas em paralelo da seguinte maneira:

Página 1		Página 2
Israel precisa mudar.		Nosso mundo precisa mudar.
Judá é ameaçada pela guerra.		Guerras confrontam as pessoas hoje.
O sal insípido não serve para nada.		Sem Deus, não servimos para nada.
Jesus desafiou as autoridades religiosas.		Nós desafiamos Deus.
Judas traiu Jesus.		O mundo está repleto de traições.
A mulher precisava de cura.		Muitos sofrem hoje.
Paulo condenou a desunião.		A desunião é a nossa condenação.

Desenvolva a página teologicamente

Sem dúvida, as frases acima precisam ser ampliadas e qualificadas. A página 2, como quaisquer das outras páginas, precisa desenvolver-se teologicamente. Não é suficiente começar a página 2 com a ideia de que “nosso mundo precisa mudar” e dar três exemplos de coisas que devem mudar. Dessa forma, o pensamento não se desenvolve, é apenas reafirmado. As histórias são importantes, mas devem vir acompanhadas de análise teológica. Na página 2, os ouvintes devem ser levados a compreender as possíveis razões pelas quais resistimos à mudança e por que Deus a exige.

Se a frase da página 2 for “Sem Deus, nada somos”, a página deve acrescentar qualificações e esclarecimentos teológicos a respeito dessa frase. Deus ama a todos, portanto ninguém é “nada”, mas muitas pessoas investem a vida em coisas perecíveis. E se sentem inúteis, até encontrarem seu valor em Deus. As páginas 1 e 2 preparam e antecipam a frase-tema da página 3.

2. Unidade do sermão

Tenha em mente elementos que contribuem para a unidade do sermão: um texto, um tema, uma doutrina, uma necessidade, uma imagem e uma missão (lembre-se do acrônimo TTDNIM: Texto Todo Dissipou-se No Incauto Mensageiro).

Uma necessidade

O problema deve ter dentes e morder. Aqui, na página 2, é o lugar para contar uma história que tenha relação com “uma necessidade”. Para a frase “Nosso mundo deve mudar”, a necessidade pode ser “Como posso/podemos me/nos sentir seguro(s)?”. Pense em uma pessoa a quem isso se aplica e conte a história dela. Antecipe como você poderá voltar a essa pessoa na página 4, com a garantia da provisão diária de Deus quanto a nossas necessidades. Para a frase: “Sem Deus, nada somos”, uma necessidade pode ser “Eu sou importante?”. Na página 4, retome a questão dando garantias a essa pessoa: embora sejamos tão pequenos quanto um grão de sal, Deus nos usa para acrescentar o sabor que faz a diferença. Essa retomada é um elo metonímico entre os muitos que ajudam a imprimir unidade ao sermão.

Uma doutrina

Use a frase-tema ou “uma necessidade” para descobrir a doutrina. Em relação à pergunta: “Como posso/podemos me/nos sentir seguro(s)?”, uma garantia é a provisão diária de Deus para nossas necessidades. Providência é a doutrina. Em relação à necessidade: “Eu sou importante?”, uma garantia é que “Deus nos usa para dar sabor ao mundo”, e a doutrina pode ser o propósito da vida humana.

Uma missão

A página 2 é um excelente momento para começar a identificar uma missão ou ação para alcançar pessoas que o sermão pode encorajar. Uma missão é

uma ação específica ou ato de ministério que a congregação pode colocar em prática em decorrência do sermão. É semelhante ao “propósito comportamental” de Henry H. Mitchell e menos abrangente que a missão geral da igreja a serviço da qual a pregação está.⁸ A missão surge, em parte, de histórias que são trazidas diante da Palavra de Deus. Até certo ponto, toda história que o pregador conta tem implicações na missão. Uma história sobre um morador de rua pode implicar a necessidade de cuidar dos pobres; uma história sobre problemas familiares pode implicar a necessidade de estar mais atento à família.

A missão aponta um ato específico cuja prática é sugerida à congregação. Ela não dita o que a congregação deve fazer. É um mero exemplo do que é possível à luz do texto bíblico do dia. Com a ajuda do Espírito Santo, é oferecida como um exemplo entre várias alternativas possíveis. Missão na página 2 é muitas vezes um dever ou algo que exige resposta; mais tarde, na página 4, as exigências desse ato de missão serão transformadas em oportunidade e privilégio e num convite para encontrar Cristo no ponto de necessidade.

Uma regra geral

Se o ônus da missão recai sobre os ouvintes, o material que a explica pertence à página 2. Se a liderança e o poder para a missão recaem sobre Deus, que capacita os ouvintes a cumpri-la, esse material pertence à página 4. Os pregadores também devem pesar o impacto emocional ou espiritual do que a missão sugere para determinar em qual página ela se encaixa melhor. Por exemplo, se a missão envolve algo controverso, sobre o qual alguns membros da congregação provavelmente dirão não, ela deveria ser apresentada antes de tudo na página 2, na qual essa resistência a ela pode ser identificada e analisada. Quase todas as solicitações para captação de recursos financeiros pertencem à página 2. Assim, o pregador pode dedicar a outra metade do sermão a apresentar a questão à luz da graça de Deus. Se o

pregador posterga o assunto, o impacto de pedir dinheiro na página 4 talvez seja tão grande que sabotará a graça que ele se empenhou tão arduamente em desenvolver: “Deus nos abençoa em nossa contribuição/nosso serviço”.

3. Use o problema vertical e o horizontal

Para a congregação, quase sempre é mais difícil ouvir uma pregação que trate do problema vertical do que do problema horizontal. O problema vertical tenta despertar a culpa nas pessoas e, se não for algo muito bem feito, pode parecer que o pregador está manipulando os ouvintes para que se sintam culpados. Isso lembra um pai muito crítico. Com certeza, às vezes falar do problema vertical é necessário, pois as pessoas podem fazer escolhas que são simplesmente egoístas, complicadas, rebeldes, ou até mesmo premeditar o pecado e o mal. Para converter o problema vertical em horizontal de novo, o pregador pode tentar ajudar os ouvintes a entender quais temores talvez estejam atrapalhando. Por exemplo, será que é o temor de ser generoso com o próximo, o temor de pessoas desconhecidas, o temor de não ter o suficiente ou o temor de ser enganado? Depois disso, o pregador pode pregar para dissipar esses temores à luz do texto bíblico e do que Deus conquistou em Cristo.

4. Use histórias

As páginas 2 e 4 podem usar para as histórias as mesmas categorias que são geralmente usadas para as orações pastorais: histórias pessoais, relacionadas a lutas individuais; locais; relacionadas à igreja (em geral); e ao mundo. A cada duas semanas, uma dessas categorias pode ser apresentada. Os pregadores não devem contar mais do que uma história sobre si mesmos em um sermão; do contrário, eles se arriscam a parecer que “é tudo sobre mim”. Mesmo essa história deve ser sobre uma fraqueza que todas as pessoas

compartilham, e não uma confissão particular; da mesma forma, não deve ser uma ladainha de feitos maravilhosos de visitação pastoral ou de palavras inspiradas à beira de um leito. Evite chamar atenção desnecessária para você mesmo e elimine todas as referências pessoais que não sejam essenciais (“eu fiz isso” ou “eu fiz aquilo”). Por exemplo, raramente diga “eu penso [tal coisa]”; os ouvintes presumem isso. A maioria das histórias pode ser contada sem dizer: “Conheço uma mulher..”, ou: “Um amigo meu...”. Apenas diga: “Uma mulher...”.

Cada vez mais as histórias nos unem como comunidade. Elas podem originar-se dos noticiários ou programas do gênero na internet. Use histórias sobre questões substanciais e profundas, e não de telenovelas. Mantenha a distinção entre valores culturais ou políticos e o evangelho (eles não são idênticos) e traga uma perspectiva nitidamente bíblica e teológica para as questões. Se um sermão puder ser pregado com a mesma facilidade em uma reunião do Lion’s Club talvez não seja adequado à igreja. Depois de uma história mais extensa, acrescente uma frase para ligar essa história às pessoas. Depois de contar uma história pessoal, faça o mesmo para que o foco não fique concentrado no pregador. Por exemplo: “Você pode ter passado por isso quando...”. Ou: “Isto não é incomum...”. Ou: “Podemos ser capazes de nos relacionar com isso...”. Esse tipo de ligação ajuda os ouvintes a passarem da identificação subconsciente para a identificação consciente de conexões com sua própria vida.

Crie ou mostre eventos em vez de simplesmente relatá-los ou resumí-los. Enquanto as ilustrações tendem a apresentar um único aspecto, as histórias geram experiências no sermão que se conectam em vários níveis, como a nova homilética nos ensinou. Depois de contar uma história, seja claro sobre a conexão específica que você, como pregador, faz entre ela e o que disse anteriormente — estabeleça o elo metonímico. A conexão pode dizer respeito à frase condutora da página. Princípios para contar histórias na página 1 devem ser usados: localize brevemente a história no âmbito

geográfico antes de mostrar uma ação; seja visual e sensorial; apresente a pessoa antes de descrever suas ações; evite abarrotar as histórias com descrição, mas ofereça detalhes especiais sobre objetos, pessoas e ações.

5. Preste atenção no impacto emocional e espiritual das histórias

Os cristãos defendem uma história que é mais ampla do que o presente imediato. É uma história mais ampla do que aquela que o mundo gosta de contar. Na pregação, mencionamos o sofrimento do mundo tal como ele é, mas sem nos rendermos a desespero, cinismo, amargura ou ira, pois sabemos que Deus tem a palavra final.

Algumas histórias devem incluir humor, algo que é especialmente útil na página 2, para que o sermão ou o pregador não sejam vistos como excessivamente severos, intensos ou deprimentes. O melhor tipo de humor é o que for mais natural ao pregador, seja ele antiquado, seja mais seco, seja irônico, seja absurdo. As tragédias shakespearianas apresentam essa espécie de alívio cômico — cenas ocasionais que proporcionam um humor mais leve.

Avalie o impacto emocional e espiritual das histórias antes de usá-las. Um ou dois exemplos de sofrimento humano, na maioria dos casos, é suficiente; os ouvintes podem não tolerar ouvir mais do que isso. Cada história deve levar os ouvintes a ir um pouco mais fundo no problema apresentado, e não apenas ilustrar o mesmo ponto repetidamente. Um bom teste para qualquer parte de um sermão talvez seja perguntar: “Isto é essencial? A qual propósito serve? Se eu o eliminar, o que vou perder?”.

Retire os detalhes explícitos de violência. Embora mencionemos e condenemos os atos de violência, devemos evitar retratá-los em detalhes gráficos. Dados os níveis elevados de violência doméstica e abuso sexual, é preciso ter extrema cautela em relação a isso. Mesmo uma alusão passageira a um estupro pode suscitar lembranças terríveis às quais o sermão não possa

se contrapor. Antes de levantarem questões delicadas, os pregadores devem verificar a questão com membros confiáveis da congregação. Nenhuma questão pode ser levantada se o pregador não tiver bálsamo para tratá-la. Em resumo, imagens violentas podem suplantar o evangelho. Não pregue o mal.

6. Seja empático e inclusivo

Seja empático antes de condenar a pior pessoa ou mencioná-la no sermão, pois pode haver alguém na congregação que se identifique com essa pessoa e que precisa ser alcançado, e não rejeitado. As histórias e experiências devem ser inclusivas. Em particular, ambos os gêneros devem ser igualmente representados no sermão. Certo estudante de homilética falou sobre seu pai, o Cavaleiro Solitário, Hércules e um jogador de futebol famoso; mas ele não tinha nenhuma história que falasse de mulheres nem histórias contadas da perspectiva feminina. Outra estudante contou várias histórias, mas todas mostravam os homens de uma perspectiva negativa. Também é preciso ter sensibilidade ao contar histórias de pessoas de diferentes idades, raças, culturas, níveis de riqueza, habilidades etc.

7. Vá além da igreja

Aqui está um conselho muito importante: mesmo que a página 1 lide com uma igreja de Paulo, devemos evitar fazer da igreja o único objeto do sermão, exceto em raras ocasiões. Mencione a igreja na página 2, mas esteja consciente de que, para a maioria dos membros, a igreja não é uma questão central por toda a semana. Em vez disso, os pregadores devem levar as controvérsias dos coríntios aos locais de trabalho e aos lares atuais ou a um nível nacional ou internacional, para que todos ouçam o que Deus tem a dizer sobre esses locais e sobre a igreja.

8. Vá mais fundo

Normalmente não se pode esperar que a página 1 toque em preocupações profundas dos ouvintes, pois ela lida com épocas e pessoas antigas; é a página 2 que aproxima esses problemas de nós. Ao final da página 2, a congregação deve estar no ponto de dor e quebrantamento mais profundo do sermão. Uma vez que tenha chegado nesse ponto, conclua a página 2 e vá para a graça. A congregação a essa altura estará lutando com a realidade e o peso do problema humano. Talvez estejam prontos e desejosos da ajuda que Deus oferece.

O filme que fizemos com o sermão pode ter levado os ouvintes a vários lugares do mundo, próximos e distantes; mas, pouco antes da página 3, o foco deve ser mais uma vez colocado de volta na vida e experiência dos próprios ouvintes, mesmo que seja por uma ou duas frases. Revise a página 2 para ver se ela claramente responde a: “O que está errado hoje? O que precisa ser feito? O que Deus quer ou exige?”. Enquanto a missão será uma força importante mais adiante no sermão, aqui é o lugar para algumas instruções específicas, deixando a capacitação do Espírito Santo para mais tarde no sermão [na página 4].

1John Calvin, *Institutes*, edição de John T. McNeil, tradução para o inglês de Ford Lewis Battles, The Library of Christian Classics (Philadelphia: Westminster, 1960 [edição latina: 1559]), vol. 22, 3:2:34 [edições em português: João Calvino, *As institutas*, tradução de Waldyr Carvalho Luz (São Paulo: Cultura Cristã, 2006), 4 vols.; *A instituição da religião cristã*, tradução de Carlos Eduardo Oliveira; José Carlos Estêvão (São Paulo: Unesp, 2008), 2 vols.].↵

2O. C. Jones Jr., “The preacher’s dilemma”, in: J. Alfred Smith Sr., org., *Outstanding black sermons* (Valley Forge: Judson, 1976), p. 47.↵

3Robert G. Duffett, *A relevant word: communicating the gospel to seekers* (Valley Forge: Judson, 1995), p. 80.↵

4A pregação de problemas verticais não precisa limitar-se ao indivíduo, embora essa seja a prática comum. James A. Sanders chamou os problemas verticais de uma “hermenêutica de crítica profética”, que na Bíblia tende a ser social, é predominantemente teocêntrica e apresenta principalmente Deus como Criador soberano. Veja James A. Sanders, *God has a story too* (Philadelphia: Fortress, 1979), p. 15-8. Quanto aos problemas sociais verticais, ele defende “aplicar o texto sociológica e politicamente a uma situação atual em que estejamos envolvidos”, como fizeram os profetas e Jesus em grande medida (p. 18).↵

5Ibidem, p. 15-8.↵

6Andy S. Manzano, “DMin reflection paper” (McCormick Seminary, 2017). Usado com permissão.↵

7David Buttrick, *A captive voice: the liberation of preaching* (Loisville: Westminster John Knox, 1994), p. 8.↵

8Veja Patrick W. T. Johnson, *The mission of preaching: equipping the community for faithful witness* (Downers Grove: IVP Academic, 2015). Ele concebe o desenvolvimento de uma comunidade de pregadores. Veja tb. Al Tizon, *Missional preaching: engage, embrace, transform* (Valley Forge: Judson, 2012). Nas páginas 163-4, Tizon oferece uma lista de verificação útil para avaliar o que ele entende ser um sermão missional.↵

CAPÍTULO 7

FAZENDO UM FILME COM O PROBLEMA PRESENTE NO MUNDO

Independentemente da forma de sermão que seja seguida, se o sermão for bíblico, ele terá algumas das páginas apresentadas neste livro, se não todas elas, por menores ou mais fortuitas que sejam. Por exemplo, o material da página 2 pode simplesmente não estar organizado como parte de um desenvolvimento mais coerente de problemas e, portanto, seu impacto teológico ou experiencial pode ser insignificante. Muitos sermões são dominados pela página 2, assim como em outros ela pode estar totalmente ausente. Nem todos os exemplos de sermões a seguir se referem diretamente a fazer um filme com palavras, mas todos eles de alguma forma contribuem para o produto final. Cada exemplo de sermão utiliza uma linguagem que apela aos vários sentidos, apropriada para pregar com excelência.

Mais uma vez, repito que um breve videoclipe pode ser usado nessa página do sermão, agora para retratar um evento contemporâneo, talvez algo do noticiário, uma cena de um filme, um breve vídeo do YouTube ou um programa na internet. Mas a tecnologia precisa permanecer a serviço do evangelho, e não o contrário. Alguns pregadores escolhem gastar mais tempo em tecnologia do que na elaboração de mensagens bíblicas; isso precisa ser evitado. Priorize seu tempo para compor a mensagem do evangelho e então, só então, pesquise os vídeos que podem ser usados.

CONTE A HISTÓRIA DE ALGUÉM QUE PRECISE DE PERDÃO

Na página 2, não faça apenas uma referência genérica a pessoas que precisam de perdão. Em vez disso, conte a história específica de alguém como uma forma de colocar os ouvintes em contato com sua provável necessidade de perdão. O perdão é a resposta do evangelho à culpa — é o problema na dimensão vertical. Seguem as linhas iniciais de algumas histórias que podem ser completadas pelos leitores, fornecendo histórias verdadeiras com base na própria experiência:

Quando pegou o dinheiro da empresa, o contador sabia que poderia arruinar seu patrão, mas esperava que as coisas não chegassem a esse ponto...

Raquel tinha permanecido longe do leito de sua mãe por mais de um ano, ainda culpando-a pelo rumo que sua vida tinha tomado. Quando finalmente foi para casa e decidiu ver a mãe na casa de repouso, parecia ser tarde demais...

Jason ficou preso por quatro anos antes de finalmente admitir em voz alta que fizera algo errado ao matar o dono da loja. Ele confessou esse crime por causa de um capelão que...

IDENTIFIQUE A QUE NECESSIDADE A FRASE-TEMA RESPONDE

Todos os elementos identificados pelo recurso mnemônico — Texto Todo Dissipou-se No Incauto Mensageiro — são apropriados para a página 2, mas central aqui é explorar “uma necessidade”. Às vezes, ela pode ser identificada bem rapidamente. Em pouco tempo, Chevis F. Horne descobre a necessidade à qual seu sermão fala: “Como posso não temer a morte?”. Quando essa necessidade é identificada, o problema em regra é horizontal, como é o caso aqui. Seu tema é: “Cristo enfrentou nossa morte”. A maioria

dos leitores prestaria bastante atenção à sincera e honesta revelação pessoal de Horne sobre um problema de interesse quase universal:

Assim como meus irmãos e irmãs, sou mortal. Estou sempre caminhando para a noite da minha morte. Eu morrerei, e sei duas coisas sobre minha morte. Ela chegará antes do que espero; não estarei pronto para ela. E a morte me encontrará quando eu ainda tiver tarefas inacabadas. Vou colocar minhas ferramentas de lado no final do dia, esperando utilizá-las na manhã seguinte. Mas a manhã não virá. Não apenas deixarei algumas tarefas inacabadas, mas também uma vida inacabada.¹

Uma frase-tema responde à pergunta feita por uma necessidade. Às vezes, o próprio texto bíblico apresenta a necessidade como uma pergunta. Ronald D. Sisk estava pregando no salmo 121 para sua congregação perto de São Francisco, no domingo seguinte ao terremoto devastador de outubro de 1989 (“Levantarei meus olhos para os montes”, KJV). Sua frase-tema era “O Senhor é nosso auxílio”. A necessidade já havia sido declarada no próprio texto, sob a forma de pergunta: “De onde vem meu auxílio?”.

As pessoas levantaram os olhos, como se estivessemos em nossa casa, na última terça-feira, e olhássemos para o teto de nossa casa enquanto ele tremia sobre nossa cabeça, ou como as vítimas na Rota 880 devem ter feito naquele último momento aterrorizante de sua vida. E olharam ao redor, como muitos de nós vinham fazendo, diante do impacto e da tristeza desta semana. E clamaram.

De onde vem minha esperança? Como vou sobreviver? Como posso estar em segurança quando o perigo chegar? Existe alguém que cuidará de mim? Tem sido encorajador, durante esta semana, ouvir sobre como muitos, na região em torno da baía de San Francisco, responderam às necessidades daqueles que foram atingidos mais fortemente pelo tremor. Vizinhos ajudando vizinhos. Estranhos

ajudando estranhos. Pessoas saindo de seu percurso para ajudar. Pessoas arriscando-se para ajudar onde houvesse necessidade. Podemos ajudar uns aos outros. Essa é uma parte da resposta à pergunta do salmista. Mas o cantor [do salmo] não estava realmente falando de ajuda humana. Na verdade, ele estava fazendo a pergunta que alguns de nós dessa região em torno da baía de San Francisco têm feito e que outros têm evitado fazer desde terça-feira à tarde, às 17h04. Ele estava perguntando: “De onde vem meu auxílio quando o auxílio humano chega ao fim?”.

“Meu auxílio vem do Senhor.”²

TRANSFORME OS EVENTOS DO DIA A DIA EM HISTÓRIAS TEOLÓGICAS

Às vezes, podemos alcançar com maior eficácia um problema horizontal simplesmente apontando um espelho para a vida e refletindo-a como ela é. Edmund Steimle, professor de homilética no Union Theological Seminary, na cidade de Nova York, fazia isso com rapidez e eficácia. A história está nos detalhes que ele fornece:

Um hotel de Nova York, caindo aos pedaços, e que já deveria ter sido demolido há muito tempo, ainda é habitado por alguns idosos que vivem sozinhos ali, pois não há outro lugar disponível que eles possam pagar. Uma residente de 75 anos, hospitalizada com mal de Parkinson e sem amigos ou vizinhos, pediu para ser mandada para “casa”, ou seja, do hospital para seu pequeno e velho quarto naquele hotel decadente. Em seu criado-mudo havia uma pequena figura do Papai Noel, e, ao lado dele, na cama, um bicho de pelúcia gasto de tanto ser abraçado. Quando se chega assim ao fundo do poço da vida, o que nos resta?³

Muitos sermões apresentam problemas que não são teológicos. Eles falam sobre um tema ou assunto de maneira semelhante a uma mera análise social, na qual o problema fere normas culturais em vez de apontar o pecado, a corrupção ou o sofrimento humanos diante de Deus. Não é esse o caso de um sermão pregado por Barbara Brown Taylor, em um programa nacional de rádio, *A Hora Protestante*. Ela começa narrando uma história inocente sobre garçons. Em vez de definir um bom garçom, ela dedica um tempo para colocar os ouvintes sentados à mesa e permite que sintam a experiência de serem servidos. O problema aproxima-se sutilmente da congregação e, ao alcançá-la, ele aparece de surpresa, como uma mordida. Também fica claro que essa história não está distante do texto bíblico que ela pregará:

Ainda me lembro do melhor garçom que já me serviu. [...] Ele sabia tudo sobre o cardápio e a carta de vinhos, mas falava apenas o que eu perguntasse. Ele tinha o nome gravado em um crachá de metal, no paletó, mas nunca o anunciava. Não queria que eu me lembrasse dele, mas, sim, da refeição, a qual chegou sob um tampo de prata arredondado e brilhante. Ele a colocou à minha frente, levantou o tampo e me deixou face a face com o mais lindo filé de salmão que eu já havia visto na vida. Uma faca de cortar peixe se materializou em minha mão direita. Derrubei o garfo e, antes mesmo que pudesse me abaixar para apanhá-lo, logo surgiu outro ao lado do meu prato. Três quartos do copo d'água permaneceram sempre abastecidos, e o cesto de pão era sempre recarregado com pãezinhos quentes, embora eu nem percebesse quem estava fazendo isso. O serviço foi impecável porque era invisível, e eu deixei o restaurante naquela noite com a maior consideração por aquela habilidade do garçom. Ele me fez sentir como uma rainha, mas, de acordo com Jesus, a estrela do espetáculo naquela noite não era eu. Era o garçom. “Pois quem é o maior? O que está à

mesa ou aquele que serve? Não é o que está à mesa? Mas estou entre vocês como aquele que serve.”⁴

PERMITA QUE O PROBLEMA CRESÇA EM INTENSIDADE

Muitos pregadores têm medo de deixar que o problema cresça em intensidade. Em vez disso, mencionam apenas alguns aspectos do problema e se apressam para falar das boas-novas e tornar as coisas melhores. Nem o problema nem a graça são vivenciados, pois um dilui o outro antes que algum impacto possa ser experimentado. A ferida é tratada aos poucos em vez de limpar o ferimento por completo de uma só vez e então aplicar o bálsamo.

Elizabeth Achtemeier mostra uma forma de crescimento sustentável para um problema vertical. Ela identifica a falha humana em não promover a paz e não viver conforme as expectativas de Deus. Então prossegue, aprofundando a acusação por vários minutos, não meramente como uma forma de fazer as pessoas se sentirem culpadas, mas como uma maneira de construir um argumento teológico essencial: o problema (como muitos dos problemas sociais de hoje) tem sua origem na rejeição humana da vontade de Deus. Ela explora primeiramente o problema vertical. Então, aprofunda o problema de maneira constante e impactante, pois também tem uma graça poderosa para proclamar, na segunda metade do sermão:

Mas nos esquecemos disso, não? Esquecemos que nunca poderemos ser compreendidos ou sequer entender a nós mesmos, se não em relação ao nosso Deus. E, então, desferimos nossos próprios golpes e decidimos seguir nossos caminhos e governar o mundo conforme nossos desejos conflitantes. E o resultado tem sido o caos que lemos todos os dias de manhã nos jornais.

Mas pensamos: Não somos responsáveis por esse caos. Não, é o sistema — o sistema está errado. E, se pudermos simplesmente consertar o sistema, reformulando nossa política, a economia ou a comunicação, então seremos capazes de criar a paz que tanto desejamos. No entanto, ainda temos o incômodo sentimento de que somos incapazes de fazer justamente isso — de que somos uma raça de seres humanos impotentes tentando manejar armas poderosas, como um historiador (Raymond Aron) bem observou, uma raça que sempre trabalha para produzir uma forma nova e mais criativa de autoaniquilamento. Quando o capitão Robert Lewis, copiloto do Enola Gay, olhou para baixo, para Hiroshima, ele se perguntou horrorizado: “Meu Deus, o que nós fizemos?”. Mas, é claro, fizemos o que sempre fazemos quando podemos escapar ilesos: matamos uns aos outros, e não nos preocupamos com o que Deus pensa a respeito disso.

As Escrituras nos ensinam que nunca teremos paz enquanto rejeitarmos nosso Deus, porque, como sabemos, nosso Deus nunca se contentará com nada menos que sua vida abundante em nós, e ele sabe que não podemos ter essa vida, a menos que obedeçamos e confiemos nele.⁵

Achtemeier chama a atenção para um aspecto importante da página 2: alertar sobre o perigo espiritual, da mesma forma que um bom médico diagnostica, avisa e aconselha. Seria negligência pastoral não alertar sobre os perigos do pecado.

Neste sermão em Lucas 14.25-33, Eric C. Kutzli permite que a tensão cresça, embora, ao mesmo tempo, seja sensível para não pressionar muito os ouvintes a ponto de que reajam na defensiva e parem de ouvir. O problema é horizontal, consiste em uma descrição, e não em uma crítica, e surge da inabilidade das pessoas em atender às demandas que se exigem delas, às vezes por circunstâncias criadas por si mesmas. Cada parágrafo move —

talvez impulsiona seja uma palavra melhor na pregação, uma vez que ela indica o ritmo apropriado aos ouvintes — o problema um pouco além do parágrafo anterior:

Todas as vezes que leio esse texto, tropeço na palavra dura do versículo 26: “Quem quer que não odeie [...] não pode ser meu discípulo”. É tão tentador tentar explicar isso de modo que soe bem, mas o texto diz: Odeie, Negue, Despreze, Desdenhe.

Desdenhe seu pai, sua mãe. Despreze sua esposa, filhos, irmãos e irmãs. Negue a si mesmo.

Eu amo minha esposa e meus filhos, meus amigos e minha família. Simplesmente não posso fazer isso. Mas tem mais!

Carregue a cruz. Tome-a. Não uma pequena cruz de ouro em uma corrente, mas uma verdadeira cruz pesada de madeira que resulta em morte. Se você quer se tornar um discípulo, deixe tudo e seja morto.

Isso é ainda pior! Não serei capaz de fazer isso também.

Abra mão de todos os seus bens. Livre-se de tudo. Nada de dinheiro, terras, casa, roupas. Livre-se de tudo, de raquetes de tênis a palitos de dentes. Isso tem de ser abandonado.

Eu lhe digo uma coisa. Eu topo [...] se você topar! Nenhum de nós topará. Toparemos? Irmãos e irmãs, temos um problema. Você já chegou no caixa de uma loja e descobriu que não poderia pagar?

Eu preciso dizer a vocês que, quando calculo o custo, não tem como eu me tornar um discípulo de Jesus Cristo, não importa quanto eu tente. Aquele bom e velho princípio de pagar somente pelo que for usar está cravado no coração. Não morre facilmente, é difícil de admitir.

Não sou capaz de me tornar um discípulo de Jesus Cristo. Nem você é capaz. Como ousamos nos chamar de cristãos? Não fizemos nada para merecer esse privilégio. O que vamos fazer? [O sermão agora se move para a página 3 e para a graça: “Alguém pagou o preço por nós”.]⁶

Observe os encadeamentos metonímicos feitos nesse exemplo de pregação, estabelecidos pela repetição de palavras como negar; desprezar; desdenhar; discípulo; eu não posso/você não pode; cruz; abandonar; pagar; preço, e assim por diante.

CONTE APENAS UMA HISTÓRIA SOBRE VOCÊ MESMO

O problema do sermão pode ser extraído de uma experiência pessoal, mas os pregadores devem tomar cuidado para limitar as histórias a respeito de si mesmos, a fim de não atraírem para si os holofotes que pertencem a Deus. Uma história a respeito de você mesmo, talvez a cada duas semanas, é o suficiente. Podemos usar algumas histórias sobre coisas que observamos pessoalmente, mas sem nos incluirmos na hora de contá-las, simplesmente evitando fazer referências a nós mesmos como “Eu vi” ou “Eu conheço uma mulher que”. De qualquer forma, as histórias a respeito de nosso próprio fracasso e quebrantamento podem ser importantes.

Joanna Adams contou uma impactante história sobre a falta de paz em sua própria casa. O problema aqui é horizontal. Ela se mostra vulnerável diante da congregação e diante da Palavra. Mas a história que ela conta é bem adequada, nem é tão particular (a ponto de tocar em questões que só se contam a um conselheiro) nem é de autoexaltação.

Cerca de um ano atrás, eu estava sentada na sala de casa, assistindo ao noticiário da noite. Eu estava sozinha. Todos tinham saído, exceto

Sam, nosso filho adolescente. Mais cedo, Sam e eu havíamos tido uma daquelas discussões que só um adolescente e uma mãe de adolescente podem ter. Foi uma discussão a respeito de um dos tópicos mais quentes de nossa era: quando o cesto de roupas sujas seria levado de volta para o quarto. Devo confessar que não resolvemos nossas diferenças, o Sam havia desaparecido, e o gato e eu tínhamos a saleta só para nós. O noticiário da “CBS” estava trazendo uma série naquela semana sobre a Segunda Guerra Mundial, e naquela noite específica o foco era a União Soviética. A estatística de mortes, de perdas que a União Soviética sofreu durante a Segunda Guerra Mundial era impressionante — 20 milhões de pessoas mortas.

A princípio, as câmeras apresentaram de forma panorâmica o firme e gigantesco monumento que os soviéticos pareciam amar tanto. Então, elas focalizaram um jovem casal de noivos com o rosto brilhante colocando um buquê de tulipas vermelhas ao pé da tumba de um soldado. Isso se tornara um costume local para casais que estavam começando a vida juntos naquela região. A noiva e o noivo não pareciam muito diferentes dos casais americanos no dia de seu casamento — as mesmas esperanças, os mesmos sonhos. No instante em que eu ficava com os olhos marejados por causa disso e pensava no próximo encontro da Força-Tarefa de Pacificação de que eu poderia participar, lembrei do amor do nosso mundo pela guerra. Ao lembrar-me disso, fiquei profundamente atemorizada, e, bem na hora em que eu me lembrava disso, o Sam entrou na sala e sentou-se. De repente, parecia que a coisa mais importante do mundo para nós era conversar e fazer as pazes.⁷

Histórias como essa sobre pessoas de bem inspiram um comportamento ético. Depois de contar uma história sobre você mesmo, é muito importante voltar rapidamente o foco para as pessoas, antes de seguir em frente. Isso coloca o foco no ponto em que ele deve estar, e não no

pregador, mas na vida de quem está na audiência. Pode-se dizer: “Mas muitos de nós já tivemos esse tipo de experiência, por exemplo, quando...”.

DESENVOLVA UMA PERSPECTIVA NOVA SOBRE O PROBLEMA

Os pregadores precisam às vezes surpreender os ouvintes com algo original ou criativo em relação ao pensamento, à história ou à imagem. Richard Groves aborda assim um assunto difícil e surpreendente: “O sexo é sempre seguro?”. Certamente, o assunto em si já gera interesse, mas observe o truque que ele usa para manter o interesse no começo do segundo parágrafo da citação a seguir. Ele prevê a reação dos ouvintes e escolhe um caminho ético perspicaz. O problema facilmente se tornaria vertical nesse tema, mas ele o mantém principalmente horizontal, descrevendo em vez de acusar.

Em última instância, amor e confiança são as únicas precauções que podemos tomar para tornar o sexo seguro em seu sentido mais profundo. Pois amor e confiança criam um ambiente em que somos livres para ser nós mesmos, para relaxar, baixar nossas defesas e ser vulneráveis.

“Ah! Já sei o que está por vir”, ouço você dizendo. “Finalmente chegaremos naquela parte do ‘só quando casar’.” Não, não estou dizendo isso. Estou dizendo mais do que isso. Estou dizendo que, mesmo no casamento, o sexo tem o potencial de ser perigoso. Converse com uma esposa que sofreu abusos, caso discorde. O pecado separa o físico do espiritual, tanto dentro quanto fora do casamento. E o sexo torna-se superficial e coercitivo, raso ou ameaçador, tanto dentro como fora do casamento. Amor e confiança, que tornam possível o “esta[rem] nus sem se envergonha[rem]”, nunca podem ser presumidos, mesmo no casamento e especialmente no casamento. Devem receber cuidados como as mais delicadas flores. Quando cuidamos deles assim, eles

formam um jardim que não é o Éden, mas é, à sua própria maneira, ainda mais belo.⁸

James Ayers apresenta uma perspectiva nova e criativa para uma pregação sobre as consequências das ações humanas em Gálatas 6.1-10. Ele faz considerações sobre como o caráter se desenvolve. Sua imaginação pode ter sido despertada por Billy Sunday [1862-1935], que certa vez pregou um sermão intitulado “Nenhum homem começa com a intenção de tornar-se um bêbado”.⁹ Observe-se o excelente ritmo de seu fluxo de ideias, à medida que cada parágrafo avança paulatinamente. O primeiro parágrafo soa vertical; o segundo é descritivo e horizontal.

Neste exato instante, cada um de nós está fazendo escolhas sobre quem somos. Neste exato momento, estou preso ao ato de ser quem sou. Neste preciso momento, estou envolvido no ato de semear — as loucuras da juventude? —, de semear ou de plantar o tipo de pessoa que sou e que serei. Não se engane. De Deus não se zomba. O que plantamos e cultivamos agora é o tipo de pessoa que seremos. Pense sobre isso por um momento. Com que frequência você encontra alguém que diga: “Quando eu crescer, quero ser uma pessoa má e odiosa. Miserável. Invejosa. Avarenta...”. Ou alguém que diga: “Quero ser uma pessoa raivosa. Vingativa. Maliciosa. Desejo ser uma pessoa rancorosa. [...] É isso o que eu quero ser”.

Ninguém diz que deseja ser assim. Mas muitos de nós estão se tornando justamente esse tipo de gente. Por que existem tantas pessoas raivosas? Invejosas? Ou amargas? [...] Elas sonhavam com uma vida repleta de amor, alegria, paz, paciência, bondade, mansidão, fidelidade, gentileza e domínio próprio. É com isso que elas sonhavam. Mas não foram essas as escolhas que fizeram. E foram pegas fazendo outras escolhas repetidamente. E o que plantaram dia após dia em sua vida foi

o que vieram a colher: tornaram-se o tipo de pessoa que elas mesmas haviam cultivado.¹⁰

SEJA EXEMPLO DE BOM COMPORTAMENTO

As histórias que servem de modelo para escolhas éticas corretas são adequadas para a página 2. Elas sugerem ou declaram o que os ouvintes devem fazer e representam escolhas difíceis e de alto custo, nas quais a responsabilidade é posta sobre os indivíduos ou a comunidade. Às vezes, a mesma história pode ser levemente revisada à luz da ação de Deus, que capacita pessoas para as boas obras, e pode ser usada também na página 4. No sermão intitulado “Deus retratado em cicatrizes e beleza”, John N. Jonsson conta uma história sobre a atuação de sua mãe contra o *apartheid* na África do Sul, a qual de maneira eficaz modela Cristo como o Servo Sofredor. Certa tarde, Jonsson chegou em casa, vindo da escola onde cursava o ensino médio, e encontrou a mãe de joelhos, na igreja episcopal que ficava atrás de sua casa. Quando perguntou por que ela estava chorando, ela respondeu que era por causa da maneira de os vizinhos brancos lhe dizerem que os negros deveriam ser mantidos em seus lugares.

Com a minha exuberância juvenil, retruquei: “Não se preocupe, mãe. Um dia você terá sua recompensa!”. [...] Minha mãe respondeu: “Mas não é por essa razão que estou fazendo tudo isso”. Eu fiquei um pouco atônito e de certa forma surpreso. “Bem, então por que você está fazendo tudo isso e sendo magoada por quem não deveria agir assim?”. Minha mãe respondeu baixinho, mas com determinação: “Faço tudo isso porque sei que é a coisa certa a ser feita”.

[...] Eu estava em uma reunião [ministerial]. Estávamos discutindo os méritos de diferentes versões da Bíblia. Todos nós havíamos tido a oportunidade de compartilhar qual era a nossa versão

bíblica favorita. “Bem, qual é sua versão favorita, John?”, alguém me perguntou. Eu respondi: “Gosto da versão da minha mãe”.¹¹

Não conte histórias antiquadas sobre o duque e a duquesa de Wellington durante as guerras napoleônicas, a menos que você tenha uma nova perspectiva que as atualize, como, por exemplo, ter assistido a algo a respeito em um documentário recente. As pessoas perguntam-se, e com toda a razão, se não há questões atuais da vida cotidiana que mereçam atenção. Toda história precisa de uma ligação contemporânea explícita, como no caso acima: Jonsson não estava relatando um acontecimento antigo, mas, sim, refletindo sobre de que modo sua infância o influenciava até agora. Até mesmo uma ligação acidental com uma experiência atual pode ser suficiente para tornar a história mais próxima e relevante. Em regra, as histórias mais próximas de nós no tempo e no espaço tendem a ser mais eficazes.

ABORDE QUESTÕES DIFÍCEIS

Pode ser difícil abordar a questão dos grandes problemas sociais de maneira que seja eficaz, teológica e de um novo ângulo. Samuel D. Proctor pregou um sermão impactante em que chamou os jogos de azar de pecado social, e não um mero pecado individual. Ele foi particularmente convincente, porque incluiu uma experiência pessoal, quando esteve em Atlantic City, no auge dos tempos dos cassinos. Em trabalhos acadêmicos, a experiência pessoal não tem importância, mas, na pregação, as experiências (não necessariamente as do próprio pregador) às vezes podem ser mais importantes do que estatísticas. O problema apresentado por Proctor aqui é vertical:

Em meu estado de Nova Jersey, enfrentamos escassez orçamentária. [...] e, sem nenhuma controvérsia, instalamos cassinos com jogos de azar em Atlantic City. Se acha que isso não é um problema social,

observe, quando for até lá, quem está jogando ali: idosos apostando seus proventos de aposentadoria, pessoas pobres, mulheres sem marido e que vivem sozinhas e pessoas com os já conhecidos sinais de insegurança. Ali estão todos eles, agarrando-se à última chance de conseguir aumentar seus meios de sustento. Seria preferível cuidar de pessoas pobres como essas a levantar recursos de outras formas para cuidar das necessidades de nosso estado. Durante toda a minha vida, eu vi o caminhão da Brinks fazendo transporte de dinheiro, mas nunca tinha visto um caminhão de catorze rodas, com o símbolo “Brinks” estampado na lateral, até que certa noite vi um desses saindo de Atlantic City. Um caminhão carregado com o dinheiro de pessoas pobres! O orçamento de nosso estado conta com muitos milhões de dólares por ano vindos de Atlantic City. Isso sem mencionar nada do que acontece em Miami Beach e Las Vegas. Fazemos isso com uma facilidade desconcertante: simplesmente passamos para o outro lado da rua.

E aqui estamos nós, livres da varíola e da febre amarela. Erradicamos a poliomielite e a tuberculose. Somos capazes de transplantar membros decepados e reproduzir tecidos de pele. [...] Mas não conseguimos transformar esse clima moral de nossa cultura. Não conseguimos transformar o coração das pessoas. Não conseguimos criar um espírito de cuidado entre nós.¹²

Brian L. Harbour pregou sobre Clarence Jordan, que na década de 1940 fundou uma fazenda em Americus, na Geórgia, que chamou de Koinonia Farm [Fazenda da Comunhão]. Pobres brancos e negros poderiam cultivar a terra e viver juntos ali. Em 1954, após anos de intimidação e perseguição, a Ku Klux Klan incendiou todos os prédios, exceto a casa de Jordan, e afugentou a todos, com exceção apenas de uma família que se recusou a sair. Clarence Jordan reconheceu a voz de um dos

homens da KKK como a de um repórter de um jornal local, que foi entrevistá-lo no dia seguinte:

“Eu ouvi a terrível notícia sobre a tragédia da noite passada e vim aqui para fazer uma reportagem sobre o fechamento da fazenda.” Clarence apenas continuou cavando e plantando. O repórter continuou insistindo e provocando, tentando conseguir a atenção daquele homem quieto e determinado, que parecia estar fazendo planos em vez de fazer as malas. Finalmente, com voz arrogante, o repórter disse: “Bem, dr. Jordan, o senhor tem dois doutorados, dedicou catorze anos a esta fazenda, e não sobrou nada dela. Quão bem-sucedido o senhor acha que foi?”. Clarence parou de cavar, voltou-se na direção do repórter com seu olhar penetrante e disse de maneira calma, mas firme: “Senhor, acredito que não conheça bem a nós, os cristãos. Não procuramos o sucesso. Estamos preocupados em ser fiéis”.¹³

O LAMENTO É APROPRIADO EM QUALQUER SERMÃO

Sharon E. Williams lamenta a questão da violência em sua comunidade. Seu problema horizontal caminha progressivamente para uma verdadeira declaração das questões enfrentadas por sua congregação.

Sabemos que em nosso tempo a paz é interrompida pela violência, mesmo na jornada cristã. Não estamos livres de sofrer estupro, roubo e assassinato. Nossa paz com Deus, na família e de uns com os outros nos é arrancada pela violência. [...] No começo deste ano, nossa igreja realizou o funeral de uma mãe e dois filhos pequenos que foram brutalmente assassinados na própria casa. O filho mais velho foi preso pelo crime: a paz e a alegria daquela família foram ceifadas pela violência. A união e o amor foram substituídos por separação e luto.

De repente, a violência surge para atacar o reino. De repente, do nada, ela ataca! Por trás de rostos mascarados, violência e destruição! Vinda dos céus e de debaixo da terra, sofrimento e morte. O reino sofre. O reino é arrancado. Não parece justo Deus nos ter criado para a paz e o amor e, então, permitir toda essa violência.

Não parece justo permitir que a violência tire o reino de nós. Acaso o reino de Deus é assim tão frágil e vulnerável? Seria correto que nós, os mansos e humildes, usássemos armas contra essa violência, ao menos para nossa segurança, neste mundo violento?¹⁴

CULTIVE UMA CONSCIÊNCIA GLOBAL

A maioria das coletâneas de sermões contém poucas referências a acontecimentos globais, e é assim que tornamos Deus pequeno. Se Deus é irrelevante para as necessidades das pessoas que aparecem nos noticiários, como ele pode se preocupar com nossos problemas mais mundanos? Referências mais globais não precisam ser longas. John Killinger fala de forma global nesse sermão e, ao fazê-lo, dá um testemunho poderoso do amor de Deus. Ele apresenta uma extensa lista de frases que começam com “Deus se envolve com...”. Essas frases poderiam ser apresentadas como graça, algo mais apropriado à seção posterior do sermão. Entretanto, o impacto emocional do parágrafo é o sofrimento e “a questão da dor”. A necessidade da ação divina torna-se óbvia ao final da página 2, quando ele passa para a página 3.

Além do mais, Deus se envolve com a dor e o sofrimento de todas as pessoas. Deus se envolve com a criança faminta de 7 anos de idade lá na África, que come grama para colocar alguma coisa em seu ventre distendido. Deus se envolve com o medo e a solidão de uma adolescente que acabou de descobrir esta manhã que está grávida. Deus se envolve com a agonia de um jovem casal que sepultou seu bebê na

semana passada. Deus se envolve com os pensamentos suicidas de um idoso que sente desesperadamente a falta da esposa com quem viveu por meio século. Deus se envolve com os ferimentos, a dor e a perplexidade de uma criança de 3 anos que é torturada e morta por seus pais. As palavras dos discípulos são icônicas: “Mestre, estamos afundando! Não te importas?”. Claro que Deus se importa. Deus se envolve com todos os nossos problemas. Deus se envolve com a questão da dor.¹⁵

UTILIZE A DOUTRINA

Reflexão doutrinária explícita é algo apropriado em qualquer página. No trecho a seguir, uso a doutrina da expiação para preparar o terreno para a página 3, que começa com o último parágrafo daqui. Utilizo a metáfora estendida da estrada do ressentimento para tornar a discussão doutrinária mais fácil de seguir e visualizar. O problema, aqui, atua principalmente em um eixo horizontal, pois essa passagem descreve a corrupção do mundo.

Não é apenas Hollywood que escolhe a violência. Você e eu também a escolhemos, quando nos agarramos ao ressentimento, ao ódio e desejamos o mal para aqueles que nos prejudicaram. Não precisamos ir muito longe na estrada do ressentimento para começar a enxergar a obra de outros que a tomaram antes de nós, o último terrorista que explodiu uma bomba ou um ato de violência racial ou religiosa. Sob uma ótica distorcida, o ódio contra aqueles que praticam esses atos parece justificável. Eles têm de pagar por seus atos. Aqueles que caminham pela estrada do ressentimento sentem isso até os ossos. Quando as coisas não são justas, alguém tem de pagar.

Todos nós já sofremos danos causados por outros, talvez a traição do cônjuge ou a perda de um emprego. Alguns de nós já experimentaram o que parecia ser uma traição por parte de Deus, ao

perder a saúde ou pela morte de um cônjuge. Deus não deveria ter deixado isso acontecer. É correto ajustar as contas. Rejeite Deus, se necessário. A estrada do ressentimento é onde devemos estar.

No entanto, deveríamos saber que a estrada do ressentimento é como um beco sem saída. Ela está bem sinalizada. Fim da linha. Sem saída. Viaje por sua conta e risco. Embora outros tenham determinado o caminho, escavado a terra, pavimentado a rota, colocado as placas, apontado o caminho e nos encorajado a seguir adiante, somos nós que escolhemos seguir por ela. Deveríamos fazer uma pausa antes de prosseguir. Todos nós já fizemos mal a alguém. Já traímos outros. Não somos inocentes. Nós mesmos já empurramos alguns para a estrada do ressentimento. Verdade seja dita, no fim da estrada do ressentimento existe um campo de extermínio, e no centro há um monte, e no topo do monte está erigida a cruz em que Cristo morreu. Todos nós já recusamos misericórdia [a alguém]. Se não houver misericórdia para nossos inimigos, não haverá misericórdia para nós também.

[Página 3:] É claro que existe misericórdia. Ela vem de um Deus que decidiu que alguém deveria pagar pela injustiça do mundo, de um Deus que abriu totalmente os braços na cruz a fim de que todas as pessoas possam vir e receber o amor dele.

UTILIZE PONTOS SE DESEJAR DESENVOLVER UMA MISSÃO

Uma missão é algo que diz respeito ao sermão inteiro, e não apenas à página 2. Mas começamos a tratar dela aqui. À medida que os ouvintes reconhecem o problema em que se encontram, o pregador pode começar a perguntar: O que podemos fazer? Garry W. Downing utiliza pontos para sustentar seu argumento na página 2. Ao tratar do racismo, ele identifica três atitudes que os membros da congregação poderiam assumir como sua missão para a semana seguinte: (1) reconhecer, (2) crer e (3) se

comprometer. O problema que Downing apresenta é um golpe duro, de condenação, um problema do tipo vertical (i.e., “deve [...], deve [...], comprometa-se”).

Devemos escolher se olharemos uns para os outros com olhos naturais, humanos e racistas ou se vamos amar uns aos outros como irmãos e irmãs em Cristo. Podemos nos aproximar uns dos outros com um punho fechado ou uma arma. Ou podemos abraçar uns aos outros como filhos do Pai celeste. Existem três passos de ações concretas que podemos tomar, em resposta às Escrituras, para vencermos o racismo pecaminoso em nossa vida. Primeiro, devemos reconhecer sua presença. Alguma vez já contamos uma piada racista, insultamos alguém ou nos comportamos de forma racista? A segunda ação que devemos tomar é crer que Jesus nos dará a capacidade de vencer o racismo por seu poder que opera em nós. [...] O terceiro passo para vencer o racismo é comprometer-se de todo o coração a seguir Jesus pelo resto de sua vida.¹⁶

Os pontos podem ser uma ferramenta didática eficaz em qualquer das páginas. Ou podemos ter três ou quatro pontos espalhados pelo sermão, ou seja, ter um ou dois pontos dedicados ao problema e um ou dois dedicados à graça. Outra opção seria, na página 4, o pregador retomar os seus três pontos e lidar com eles da perspectiva da ação graciosa de Deus — (1) reconhecer: Deus reconheceu a injustiça, (2) crer: Deus está capacitando nosso trabalho, e (3) comprometer-se: o compromisso de Deus estende-se da Páscoa até a eternidade.

No final da página 2 do sermão, os ouvintes devem sentir a necessidade urgente de uma ajuda que está além deles mesmos. Nisso está grande parte do propósito de ter as páginas 1 e 2. Nossa mensagem não trata apenas da responsabilidade humana; ela é a ação redentora de Deus. Na página 3, para

a qual nos voltamos agora, proclamamos o que Deus está fazendo em relação ao problema das páginas 1 e 2.

UMA LISTA DE VERIFICAÇÃO PARA A PÁGINA 2

Essa página desenvolve o problema em nosso mundo?

Grande parte do problema é horizontal?

Essa página é a respeito de uma ideia?

Ela se aprofunda teologicamente?

Essa página tem uma clara ligação com a página 1?

Essa página é sobretudo um filme? Há uma doutrina evidente?

Existe uma sensação de aprofundamento do pensamento teológico à medida que a página progride?

As questões do dia a dia são devidamente transformadas em questões teológicas?

Foi identificada uma necessidade da congregação?

Essa página conduz os ouvintes a suas possíveis lutas pessoais?

Ela reflete o mundo deles?

As ações das pessoas são o meu foco?

Será que exerço cuidado e responsabilidade pastorais ao advertir acerca dos perigos do pecado e das escolhas erradas?

Permito que os principais personagens falem ao mesmo tempo em que fico fora da mente deles o máximo possível?

Usei humor e evitei parecer muito intenso?

As histórias são inclusivas?

Elas refletem uma diversidade de experiências?

Elas estão a serviço de bons comportamentos morais?

As histórias e sua linguagem são apropriadas para o púlpito?

A missão é identificada? Há uma questão importante identificada?

Evitei utilizar detalhes de violência?

A história com maior impacto emocional ou espiritual aparece no final dessa página?

Como pregador, conto mais de uma história cuja câmera esteja voltada para mim (e não histórias contadas através do olhar do pregador)?

Demonstrei a devida sensibilidade pastoral e humildade ao relacionar as histórias?

Demonstrei empatia para com a pior pessoa mencionada?

Demonstro minha própria vulnerabilidade diante da Palavra de Deus?

Falo de uma perspectiva de fé, mesmo quando reconheço a dúvida?

Essa página apela ao *logos*, ao *páthos* e ao *éthos*?

Essa página se mantém coesa por meio do uso da metonímia (frases sucessivas que usam palavras-chave, parágrafos que começam com uma ligação intencional com o parágrafo anterior)?

1Chevis F. Horne, “He is going before you”, in: James W. Cox, org., *Best sermons* (San Francisco: HarperCollins, 1991), vol. 4, p. 94.↵

2Ronald D. Sisk, “The big one and the not-so-big-one”, in: James W. Cox, org., *Best Sermons*, vol. 4, p. 102.↵

3Edmund Steimle, “Gifts and the giver”, in: Edmund Steimle, *God the stranger: reflections about resurrection* (Philadelphia: Fortress, 1979), p. 65.↵

4Barbara Brown Taylor, “The headwaiter”, *The past speaks to the future: 50 years of the Protestant hour* (Nashville: Abingdon, 1995), p. 155-6.↵

5Elizabeth Achtemeier, “The things that make for peace”, in: James W. Cox, org., *Best sermons*, vol. 4, p. 135-56.↵

6Eric C. Kutzli, “The fourteenth Sunday after Pentecost, September 10, 1995”, in: John Michael Rottman; Paul Scott Wilson, orgs., *Season of preaching: 160 best sermons from the preaching resource Word & witness* (New Berlin: Liturgical,1996), p. 237-8.↵

7Joanna Adams, “Near your house”, in: James W. Cox, org., *Best sermons* (San Francisco: Harper & Row, 1988), vol. 2, p. 343-4.↵

8Richard Groves, “Is sex ever safe?”, in: James W. Cox, org., *Best sermons*, vol. 4, p. 166.↵

9Billy Sunday, “The Devil’s boomerangs (hot cakes off the griddle)”, in: Clyde E. Fant; William M. Pinson, orgs., *Twenty centuries of great preaching* (Waco: Word, 1971), vol. 7, p. 254.↵

10James Ayers, “Caught in the act”, in: James W. Cox, org., *Best sermons*, vol. 4, p. 156-7.↵

11John N. Jonsson, “God depicted in scars and beauty”, in: James W. Cox, org., *Best sermons* (San Francisco: HarperCollins, 1993), vol. 6, p. 228-30.↵

12Samuel D. Proctor, “The recovery of human compassion”, in: Samuel D. Proctor; William D. Watley, *Sermons from the black pulpit* (Valley Forge: Judson, 1984), p. 14-5.↵

13Brian L. Harbour, “Found faithful: a daily commitment”, in: James W. Cox, org., *Best sermons* (San Francisco: Harper & Row, 1990), vol. 3, p. 97. ↵

14Sharon E. Williams, “Studying war some more”, in: Ella Pearson Mitchell, org., *Those preachin’ women: sermons by black women preachers* (Valley Forge: Judson, 1985), p. 78.↵

15John Killinger, “The ‘aye’ of the storm”, in: Gary W. Klingsporn, org., *The library of distinctive sermons* (Sisters: Questar, 1996), vol. 2, p. 294. Retirado de *The library of distinctive sermons*, 1996, de Questar Direct e reimpresso com a permissão de Multnomah Publishers.↵

16Gary W. Downing, “Mommy, why am I different?”, in: Gary W. Klingsporn, org., *The library of distinctive sermons*, vol. 2, p. 188-9. Retirado de *The library of distinctive sermons*, 1996, de Questar Direct e reimpresso com a permissão de Multnomah Publishers.↵

QUARTA SEÇÃO

**PÁGINA 3:
QUINTA-FEIRA**

CAPÍTULO 8

A AÇÃO DE DEUS NA BÍBLIA

Os ventos que a igreja enfrenta em nossa era são tão tremendos quanto qualquer outro que a igreja enfrentou desde a Reforma. O argumento aqui não é que precisamos de novas formas de sermões ou de testar novas ideias, mas, sim, que precisamos de sermões e abordagens fiéis que contribuam para que o evangelho seja proclamado. Uma vez que a igreja normalmente deixa a desejar nesse quesito, ela poderia tentar pregar o evangelho. A homilética precisa de um conjunto de elementos fundamentais do evangelho que possam ser usadas com qualquer forma de pregação bíblica. Ela precisa reconhecer elementos formais que potencializem a proclamação do evangelho. A excelência em homilética demanda padrões práticos que possam ser ensinados e avaliados e que possam ser direcionados a essas regras elementares e a resultados.

Com base na roda de cores que está na capa deste livro, se nos movermos em sentido horário a partir da cor vermelha, que representa o problema em nosso mundo, chegamos à página 3 [no canto superior direito], que é a graça no texto bíblico, e está em amarelo porque simboliza o alvorecer de uma nova era na Páscoa. As páginas podem ser reorganizadas, mas os sermões precisam que esses componentes elementares funcionem de maneira coordenada. Todos os pregadores bíblicos precisam de habilidade ao usá-los, pela simples razão de que já os utilizam inconscientemente, com frequência variada, mas têm pouco controle sobre eles. Usando outra metáfora, eles são equivalentes às escalas do teclado que os pianistas devem praticar se quiserem tocar bem. Pregadores aperfeiçoarão sua pregação se

forem capazes de reconhecer o material apropriado para cada página como segunda natureza. As páginas permitem falar sobre o evangelho como conteúdo e pôr em prática o evangelho como evento. As formas de sermões existentes podem ser aprimoradas do ponto de vista teológico, pastoral e profético, se focalizarem os atos graciosos de Deus na segunda metade do sermão. Deus é revelado nas Escrituras, interveio na história em Jesus Cristo, permanece ativo no mundo por meio do Espírito Santo e está fazendo todas as coisas novas; ainda assim, os pregadores continuam a direcionar o foco de suas câmeras homiléticas principalmente em outra direção, a da atividade humana.

I. UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA DA AUSÊNCIA DE FOCO EM DEUS

O foco em Deus surge dos textos bíblicos. A ideia do que é um “texto” mudou no decorrer da história. Ao longo da história, os textos da pregação eram principalmente trechos da Bíblia. Pregadores eruditos como Orígenes, Jerônimo, Lutero e Calvino escreveram comentários sobre livros da Bíblia e, em um sermão, podiam expor vários versículos. Normalmente, eles falavam de Deus. Os relatos bíblicos, ao longo da história, não eram comumente pregados como unidades narrativas; em geral, eram reduzidos a uma ideia abstrata.¹ Com maior frequência no passado, um texto de sermão era uma frase ou versículo que não dependia de seu contexto. Em anos mais recentes, os textos tornaram-se unidades textuais ou perícopes entendidas em seus contextos literários e históricos. Nenhuma dessas últimas abordagens, por si só, garante uma interpretação teológica.

Por isso, a igreja tem tradicionalmente confiado em ferramentas ou lentes para interpretar as Escrituras que contribuam para a *regula fidei*, a regra de fé. Os textos oferecem significado dentro do âmbito do que a igreja comumente entende que eles significam. Os credos tradicionais são centrais

para a interpretação teológica. Relembrando, em um tempo anterior à Reforma, as Escrituras eram comumente interpretadas segundo os “quatro sentidos das Escrituras”, o que ela dizia sobre eventos passados (o sentido literal/gramatical/histórico), o comportamento moral no presente (o sentido moral), esperanças em relação ao céu (o sentido anagógico ou da alma) e Cristo (o sentido alegórico). Os pregadores usaram isso para se concentrar no que chamo de “sentido de Deus” ou significado divino.² Ainda assim, dos quatro sentidos, o moral era mais valorizado porque dava às pessoas simples um caminho para aprimorar a alma. É antropocêntrico; volta o foco para a ação humana. Lutero e Calvino afirmam que as Escrituras têm apenas um sentido, o literal. Os reformadores negaram os múltiplos sentidos e, por implicação, a autenticidade de um sentido moral, mas os pregadores ainda o usam quase toda semana. Cada vez que um texto é lido visando ao que as pessoas devem fazer, o velho sentido moral ou problema é invocado. Sermões que usam as páginas 1 e 2 — em outras palavras, quase todos os sermões bíblicos — usam o sentido moral.

Os reformadores entendiam que, para discernir a Palavra de Deus, as Escrituras deveriam ser interpretadas de acordo com o que elas diziam sobre Deus e o próximo. Lutero e Calvino, de fato, utilizavam um “sentido literal duplo”.³ O verdadeiro sentido literal não era o significado gramatical, mas o que o texto diz sobre Deus. A interpretação teológica também se apoiava nos credos antigos e nas cinco convicções sobre a salvação, conhecidas como os cinco *solas*: *sola Fide*, somente pela fé (e não por obras); *sola Scriptura*, somente pelo que as Escrituras dizem; *sola gratia*, somente pela graça (e não por mérito); *solus Christus*, somente por meio de Cristo (por nenhum outro mediador); e *solī Deo gloria*, glória somente a Deus (e não a pessoas — a interpretação estrita disso levou à proibição das palmas nas igrejas tradicionais). Finalmente, a interpretação teológica se apoiava na teologia sistemática ou dogmática.

John Wesley e outros usavam frequentemente o texto do sermão como um ponto de partida. Ele tomava um único versículo ou frase da Bíblia e encontrava uma doutrina, a qual, então, ele expunha, usando versículos de qualquer passagem da Bíblia para apoiar ou provar o argumento. Cada doutrina da igreja é baseada em muitos trechos das Escrituras, e os pregadores leem a Bíblia mediante filtros de categorias de ensino (*loci*). Na prática, para muitos pregadores, o texto do sermão era a Bíblia toda. Essa é uma ideia da qual podemos nos beneficiar para expandir nossa própria abordagem mais restrita, sem deixar de ver a importância da honra que a crítica histórica presta ao texto bíblico em mãos. Quando o sermão durava uma hora e as doutrinas eram o foco, os pastores podiam levar seus rebanhos a qualquer pasto na Bíblia que parecesse verde, com a expectativa de encontrar Deus. Nossos antepassados, no entanto, muitas vezes não eram muito melhores em pregar a graça do que nós. O propósito dominante da pregação, ao longo da história, era salvar almas, o problema era quase sempre vertical e as boas-novas eram principalmente para os salvos.

O propósito da pregação hoje vai além da salvação, para a atividade redentora de Deus em nossas comunidades e no mundo ao nosso redor. Atualmente, usamos muitas lentes diferentes para interpretar as Escrituras, fornecidas por várias teologias: negra, feminista, da libertação, narrativa, minjung, pós-colonial e outras. Elas estão principalmente fundamentadas na experiência de grupos minoritários ou silenciados. Essas teologias fazem afirmações importantes sobre a ação humana, mas, em sua maioria, não se esforçam efetivamente para interpretar os textos bíblicos pensando em Deus, muito menos na graça. Nossa questão inicial ao lidar com o texto fica ainda mais essencial: O que Deus está fazendo no texto bíblico ou por trás dele?

II. A NECESSIDADE DA PÁGINA 3

A página 3 é novidade para muitos pregadores bíblicos, ainda que eles a utilizem de maneira inconsciente. A página 1, exposição, e a página 2, aplicação, são tão familiares para a maioria dos pregadores que se assemelham a um campo já arado, semeado e colhido muitas vezes. Pregadores conhecem o terreno com seus desníveis e sulcos, mas talvez não notem que as plantas que crescem são, em grande parte, oriundas das sementes do problema. A colheita feita é distribuída para a congregação, durante o sermão, mas, então, quando as pessoas da igreja tentam levantar-se, elas têm dificuldade para ficar de pé em razão do grande peso que lhes é dado para carregar. Por seus passos, notamos que, ao sair da igreja, têm mais dificuldade para andar do que quando chegaram. Isso é o que ocorre quando não há ajuda de Deus. Segundo a perspectiva apresentada aqui, eles são, em certo sentido, sermões pela metade, que terminam na página 2.

Uma vantagem da nova homilética está em levar os pregadores a pensarem nos sermões segundo categorias como enredo, movimento, experiência e evento em vez de uma progressão de ideias estáticas ou gradativas. Na obra *Poética*,⁴ Aristóteles dizia que o enredo progride de uma situação inicial para uma complicação e reversão e, então, chega a um fim ou resolução. Em outras palavras, a complicação cria tensão, e o enredo finalmente a resolve. Ouvintes são atraídos, querendo ver o que acontece. A resolução não é “felizes para sempre”, mas ela de fato une as pontas soltas, e o caminho a seguir fica claro. *The homiletical plot* [O enredo homilético], de Eugene Lowry (1980),⁵ baseou-se em Aristóteles e explicou a resolução em três etapas: revelar o segredo para a resolução, experimentar o evangelho e antecipar as consequências. Seu enredo progredia para o evangelho. Pregadores apegaram-se à ideia de enredo para estruturar o sermão. No entanto, como o evangelho foi presumido por Lowry, em vez de ser definido e analisado, os pregadores o tomaram como favas contadas — na verdade, ele não analisou o papel da Bíblia em seu enredo —, portanto a maneira de chegar ao evangelho por meio de um texto não havia sido investigada. Além

disso, ele não esclareceu de forma específica quanto do sermão deveria ser dedicado ao evangelho. Mais tarde, porém, ele sugeriu que fosse um mínimo da pregação.⁶ Na nova homilética em geral, o enredo como um movimento que progride para a resolução obscureceu o enredo como evangelho, como um movimento que progride para as boas-novas.

O enredo de Lowry indicou algo significativo: o evangelho envolve movimento. O evangelho é enredo, e não conteúdo como pensamento abstrato e estático. Talvez ele estivesse ecoando Frederick Buechner, que apresenta o evangelho dessa forma em sua já considerada clássica reflexão sobre a pregação *Telling the truth: the gospel as tragedy, comedy and fairy tale* [Dizendo a verdade: o evangelho como tragédia, comédia e conto de fadas]. Ele imagina uma cena de hotel em que Henry Ward Beecher se corta fazendo a barba, enquanto medita sobre seu pecado de adultério, antes de realizar a primeira da série de palestras Lyman Beecher, na Universidade de Yale, em 1872:

O evangelho é má notícia antes de ser boa notícia. É a notícia de que o homem é pecador [...], de que ele é mau no que imagina seu coração, de que, quando ele se olha no espelho, todo cheio de espuma de barbear, o que vê são ao menos oito partes de covardia, falsidade e indolência. Essa é a tragédia. Mas também é a notícia de que, de qualquer maneira, ele é amado, estimado, perdoado, alguém que está sangrando, com toda a certeza, mas também alguém por quem outro sangrou. Essa é a comédia. Então, e daí? E se, mesmo em seu pecado, esse indolente é amado e perdoado, quando a própria característica e substância de seu pecado e de sua indolência é que ele continua recusando o amor e o perdão porque ou não acredita neles ou não os quer ou simplesmente não dá a mínima para eles? Em resposta, a notícia do evangelho é que coisas extraordinárias acontecem a ele, assim como nos contos de fadas acontecem coisas extraordinárias. [...] Zaqueu sobe em um sicômoro como um trapaceiro e desce de lá um

santo. Paulo sai como um capanga dos fariseus e volta como um louco pela causa de Cristo. É impossível alguém deixar para trás a escuridão do mundo, que carrega nas costas como um caracol, mas para Deus todas as coisas são possíveis. Esse é o conto de fadas. Todos esses elementos juntos são a verdade.⁷

Hoje, as definições do evangelho precisam ser relacionadas ao enredo ou movimento. O evangelho não é apenas uma lista de afirmações de um credo, nem um catálogo de doutrinas, nem mesmo um registro de acontecimentos bíblicos importantes. O evangelho tem um centro, mas precisamos de toda a Bíblia para proclamar isso. É o movimento de Deus, em momentos da história, por atos salvíficos individuais e também no cenário mais amplo. Poderíamos adaptar o enredo de Lowry para ser o enredo teológico da realidade em si: situação (Criação), complicação (o mundo caído), reversão (a cruz e a ressurreição), experimentando o evangelho (a igreja) e antecipando as consequências (redenção de toda a criação). Ou poderíamos simplesmente dizer que o enredo mais amplo é redentor e se move do problema para a graça.

III. A PÁGINA 3 COMO UMA CONVERSÃO A DEUS

A página 3 abre o acesso ao terreno teológico que, para muitos pregadores, antes tinha uma placa de “Acesso restrito”, simplesmente porque não tinham sido ensinados como pregar a graça. Eles não aprenderam as regras elementares do evangelho. Não são treinados para nutrir a fé. A maioria nunca cogitou perguntar ao texto bíblico: “O que Deus está fazendo no texto ou por trás dele?”.

Na página 3, os pregadores anunciam o amor incondicional de Deus e seus atos de salvação sem mais colocar um fardo sobre a congregação. O problema pode ser mencionado, mas somente de modo breve. A graça não

elimina a responsabilidade de os ouvintes agirem. Ao contrário, a graça coloca o problema em perspectiva diante da cruz de Cristo. Ele tomou nosso lugar, entrou em nosso sofrimento, morreu nossa morte por nós, ressuscitou da morte, deu-nos sua nova vida e nos formou como uma comunidade por meio do Espírito, realizando assim algo tão decisivo que toda a vida é transformada por ele. O problema ainda é real, mas a possibilidade de ele ter a palavra final acabou. Os antigos caminhos que levavam à morte são substituídos pela morte daquele que dá liberdade de vida.

Para distinguir entre o problema do ponto de vista teológico e a graça, lembre-se de nossa regra: no nível mais simples, o problema coloca o fardo da responsabilidade sobre as pessoas para que ajam. A graça põe o foco sobre Deus em Cristo, que já agiu decisivamente em nosso favor. Quando falamos de graça, pensamos, antes de tudo, em Deus como soberano, fazendo provisão para todos, e como redentor, que em liberdade nos restaura à comunhão no amor da aliança. O propósito de Deus não é meramente tornar-nos justos, mas, sim, que estendamos essa justiça uns aos outros e à ordem criada. Isso é o que significa ser humano, que nos deleitemos em Deus.

IV. A TÍPICA PRÁTICA DA PREGAÇÃO

Se perguntarmos aos pregadores se eles pregam a graça, geralmente respondem: “Sim”. No entanto, se forem ouvidos na prática, falam pouco, se é que falam algo, daquilo que Deus faz para aliviar o fardo das pessoas. Pegue uma coletânea de sermões da prateleira de uma biblioteca e verifique quantos deles falam sobre a ação de Deus no texto bíblico e no mundo. Caso falem sobre isso, podemos facilmente detectar: Deus, em uma das pessoas da Trindade, será o sujeito das frases. As ações graciosas de Deus em favor da humanidade serão o foco.

Por exemplo, o volume 1 de uma belíssima série de sermões intitulada *The library of distinctive sermons*⁸ [A biblioteca dos sermões excelentes] contém sermões de vinte pregadores americanos, alguns bem conhecidos, e é impressionante em razão de sua gama de denominações ali representadas, desde a Bible Fellowship até a Episcopal. Cada sermão tem seu mérito. Seis dos vinte sermões não mencionam Deus agindo em favor das pessoas e deixam os ouvintes completamente à mercê de sua própria capacidade de mudar. Esse tipo de pregação é antropocêntrica, focalizando as pessoas ou mencionando Deus apenas em relação à responsabilidade humana. Pregações do tipo “faça isso”, caracterizadas pelas expressões “deve, deveria e tem de”, são encontradas em todos os campos teológicos e em todas as denominações. Sete dos vinte sermões apresentam breves comentários referentes às ações de Deus, geralmente apenas uma parte do parágrafo. Os sete sermões restantes enfatizam as ações de Deus em vários parágrafos que, mesmo assim, muitas vezes representam apenas um décimo da totalidade do sermão. Apenas um sermão dedica metade do seu conteúdo à ação de Deus em favor do povo de Deus.

Certamente, a extensão dedicada à graça no sermão não é o único critério; a disposição do material sobre a graça também importa. Muitas vezes, diversos parágrafos podem fazer a preparação para apenas uma frase impactante. De modo geral, porém, um sermão deveria desenvolver-se com base na graça, investigá-la, ampliá-la, aplicá-la e demonstrar como Deus continua agindo da mesma maneira.

Há outro problema: os sete sermões que contêm algo das boas-novas se baseiam em textos em que a graça é evidente ou que possuem caráter positivo, como o texto em que Jesus aparece aos discípulos na estrada de Emaús, ou em que o perdido é achado. Em outras palavras, os sermões pregam a graça somente quando o texto é facilmente entendido como graça. Alguém poderia argumentar que isso é tanto natural quanto adequado. Eles apresentam o texto no estado em que se encontra.

Em contrapartida, a interpretação não é neutra. A igreja sabe disso desde o início com a “regra de fé”. Friedrich Schleiermacher argumentava que a experiência influi na interpretação; ele apontou o movimento de vai e vem que se dá entre a experiência do leitor do texto e as circunstâncias do autor.⁹ Em nossos tempos atuais, a experiência parece ter dominado: a perspectiva é fundamental e o significado depende da cultura, raça, gênero, posição social, e assim por diante. O que a igreja diz que um texto significa é, na verdade, um conjunto de significados, e não está mais restrito a uma hierarquia ou grupo privilegiado. Ao mesmo tempo, nenhum grupo ou indivíduo pode reivindicar neutralidade ou objetividade na leitura de um texto. Toda leitura depende de pressuposições que precisam ser identificadas, articuladas e reavaliadas — uma das lições da filosofia pós-moderna.

Pregadores que pregam a graça apenas quando a veem em um texto não são neutros nem objetivos, como talvez possam reivindicar. Eles refletem um mau hábito na igreja de não procurar pela graça, ou talvez manifestem a própria falta de experiência em identificá-la. A graça pode estar presente, mas os pregadores podem não ter as lentes necessárias para vê-la, e, de forma não intencional, deixam Deus de fora. A ação de Deus pode ser detectada em quase todos os textos bíblicos ou por trás deles. O problema e a graça, o dilema e a dádiva, o juízo e o perdão, a ameaça e a promessa, a exigência e o socorro divinos, o mandamento e a bênção são dois lados da mesma moeda — ainda assim, mesmo a metáfora da moeda sugere um mero relacionamento binário. No entanto, a palavra que vincula pode ser a palavra que liberta. O evangelho demanda as duas ênfases.

Outra excelente coleção, *Best sermons 7* [Melhores sermões 7], organizada por James W. Cox, demonstra outra apropriação do evangelho.¹⁰ Dos 41 sermões, dezoito, ou quase a metade, praticamente excluem a graça; dez sermões fazem breves referências à graça; e treze apresentam de modo substancial a graça, embora raramente tal exposição chegue à metade do

sermão inteiro. Novamente, em quase todos os casos em que a graça é pregada, o texto claramente fala sobre a graça (mais uma vez, como as parábolas de Jesus sobre o perdido que é encontrado). Em contraste, muitos textos que são claramente sobre a graça geraram, de modo surpreendente, sermões sobre o problema.

É como se os pregadores tivessem aprendido excelentes habilidades exegéticas, mas não fizessem o uso necessário da teologia na interpretação das Escrituras. Mesmo esse teste dos sermões para verificar a presença da graça, como o que fizemos, é uma novidade na homilética, embora se possa pensar que esse aspecto devesse ser óbvio. Se os pregadores não perguntam: “O que Deus está fazendo nesse texto ou por trás dele?”, eles não são treinados para ver Deus no texto bíblico e dispõem de menos formas de falar sobre Deus, que pode parecer distante em seus sermões.

Coletâneas com títulos ousados, como *Best sermons* [Melhores sermões], são supostamente o melhor e mais confiável indicador do que ocorre nas igrejas ao redor do mundo. Se a graça de Deus recebe atenção mínima, como os sermões podem ser jubilosos e conduzir vidas ao serviço cheio de alegria? Não é de admirar que a igreja esteja com problemas. Por que até mesmo os evangélicos deixam de fora o evangelho (i.e., as boas-novas) quando pregam?

V. A FRASE-TEMA

Na página 3, retorne ao texto bíblico e às ações salvíficas de Deus. A frase-tema deve aparecer logo, talvez em primeiro lugar. Ela responde à pergunta: “O que Deus está fazendo no texto ou por trás dele?”. Ela anuncia um retorno à Bíblia e traz associações metonímicas com as duas páginas anteriores, formando uma cadeia de pensamento. É a direção à qual as páginas 1 e 2 estavam conduzindo, e o ideal é que a congregação já tenha experimentado a necessidade da ajuda de Deus.

Relembrando... Na segunda-feira,

- defina a frase-tema para a página três; por exemplo: “Deus cria uma nova identidade para Isaías” (Is 6.1-10);
- transponha isso para a página 4: “Nós recebemos uma nova identidade em Cristo”;
- faça a inversão da frase-tema para definir a página 1: “Isaías não se sentia bom o suficiente”;
- transponha isso para a página 2: “Muitos não se sentem bons o suficiente”;
- e defina uma necessidade: “Como posso ser suficientemente bom?”.

Escreva cada uma dessas quatro frases na parte de cima de quatro páginas em branco.

A graça na Bíblia é o único assunto de que trata a página 3. Apresente-a em contraste com um pano de fundo de palavras concretas, histórias e pensamentos aprofundados, examinando minuciosamente e desenvolvendo elementos de seu significado. A frase-tema “Deus cria uma nova identidade para Isaías” pode soar trivial ou superficial a princípio, mas, ao final do sermão, confere propósito e significado teológico à vida cotidiana comum. Essa nova identidade nos foi dada em Cristo. A simplicidade da frase-tema pode ser uma força para a composição do sermão. Os pregadores podem querer qualificar, elaborar ou explicar palavras-chave — isso é o sermão começando a se autocompor. Fique com a frase-tema em sua simplicidade e use-a para gerar pensamentos. Imagine o evento do qual a frase surge. A frase-tema traz à tona elementos da unidade do sermão, as quatro frases e agora a composição.

A nova homilética enfatizou o enredo. O evento e o movimento orgânico são fundamentais. O sermão fica fácil de escutar, como uma

conversa; soa como uma narrativa mesmo que tenha uma dose substancial de pensamento proposicional. Por exemplo, em um de seus sermões, Jeremiah A. Wright Jr. move-se do silêncio de Deus (página 1) para nossa frustração quando Deus está em silêncio (página 2), então segue para a comunicação de Deus no silêncio (página 3) e para a comunicação divina mediante nossa expectativa de Deus (página 4).¹¹ Ele respondeu a uma necessidade: “Como posso saber que Deus está presente?”. O enredo é narrativo e teológico. Se o sermão for encurtado, os ouvintes perceberão que algo está faltando.

VI. PROBLEMAS COMUNS AO PREGAR A GRAÇA

Se a maioria dos sermões contemporâneos coloca tão pouco seu foco em Deus e na graça, então o que eles enfatizam? Quais ênfases são geralmente pregadas? Oito problemas comuns na pregação da graça podem ser identificados a seguir:

1. Os pregadores identificam a ação de Deus em uma frase ou um parágrafo e em seguida mudam o foco de volta para as responsabilidades humanas, como se tivessem receio de continuar.

Por exemplo: “Deus tem dado tanto para cada um de nós” rapidamente se torna “Quando permitiremos que a nossa vida seja transformada por Deus?”. A frase “Deus nos ama” torna-se com muita rapidez “Creia em Jesus”. Pisamos na flor da graça antes mesmo que ela desabroche. Na página 3, devemos permanecer focalizados na ação salvífica de Deus. Já proclamamos a responsabilidade humana nas páginas 1 e 2; qualquer coisa além de um brevíssimo lembrete é desnecessária. Confie que o Espírito Santo está ativo na tensão entre o problema e a graça. Além

disso, mesmo que os seres humanos fracassem, não fazendo o que lhes é exigido, o fracasso não é a palavra final. Deus pode encontrar um modo de contornar a resistência humana.

2. Os pregadores confundem imperativos com a graça.

Não importa quão bom e importante seja o imperativo, ele coloca um fardo sobre o ouvinte: “precisamos reconhecer...; deixe que o Cristo ressurreto venha até você; você deve se voltar para Deus; reivindique o Espírito de Cristo em sua vida”. Devemos colocar afirmações como essas na página 1 ou 2, às quais elas pertencem. Se as mesmas afirmações aparecerem na página 3 de um esboço de sermão, elas podem ser reformuladas como afirmações da graça, se usarmos o processo de inversão sobre o qual já falamos: “A verdade de Deus está buscando você; o Cristo ressurreto veio até você; Deus voltou-se para você; o Espírito de Cristo dominou sua vida”.

3. Os pregadores confundem verbos que sugerem uma atitude mais passiva de Deus com a graça.

Afirmações como “Deus está presente”, “Deus ouve”, “Deus se importa” são boas, mas não muito melhores do que um trecho da música de Bette Midler: “À distância Deus está observando”. Por si sós, palavras como essas não são de grande ajuda, se os ouvintes estiverem com problemas e precisando que Deus faça algo. Deus não é um mero espectador, observador, turista ou *voyeur*. Deus se importa o bastante para fazer algo, envolver-se, engajar-se na confusão das questões humanas, atuar para nosso bem, promover transformação, ficar vulnerável, sofrer e até mesmo morrer em uma cruz.

4. Os pregadores não chegam a expressar de forma plena a graça.

Talvez eles deixem implícita a graça, mas não a tornam explícita. Por exemplo, se pedirmos que as pessoas imaginem como seria não ter uma casa, podemos não deixar claro que é Deus quem busca um lar para todos. Ou, se afirmarmos: “Deus nos convida para...”, estamos supondo que o convite de Deus será aceito. O convite em si é apenas parte das boas-novas. Até mesmo uma porta aberta pode ser ignorada ou rejeitada por causa do pecado humano. Apresente Deus vencendo a resistência ou conduzindo pessoas para o evento. Evite declarações como: “Deus nos convida para sermos filhos da luz”; “Deus nos chama a sermos transformados”; “Deus deseja que nós...”. Altere essas declarações para: “No batismo, Deus fez de você um filho da luz”; “Deus está operando uma transformação poderosa em sua vida e na vida desta comunidade”; “Deus não apenas quer que façamos isso, mas ele já começou a obra em nós e está nos capacitando neste momento...”. De modo semelhante, as palavras de Jesus: “Venham a mim, todos os que estão cansados...” (Mt 11.28) agora se tornam, por inversão à luz da cruz: “Eu vim para você que está cansado”.

5. Os pregadores falham em construir uma tensão entre o problema e a graça, e acabam enfatizando um ou outro, ou ficam alternando entre um e outro.

Uma tensão entre o problema e a graça é fundamental, pois nenhum dos dois sozinho se sustenta como uma declaração de fé apropriada. Além disso, cada um permite que o outro seja ouvido com mais clareza: o problema pode ser investigado de maneira mais profunda se o pregador tiver uma palavra de esperança igualmente profunda para apresentar. Por exemplo, um pregador pode desenvolver a tensão entre

fé, esperança e amor (1Co 13.13) como responsabilidades humanas, por um lado, e, por outro, como dons que Deus nos concede pelo poder do Espírito Santo.

6. Os pregadores adiam a introdução da graça no sermão, guardando-a como se fosse o auge de uma história engraçada, que pode ser arruinada se a graça for usada antes da hora.

A graça costuma aparecer em apenas um parágrafo do sermão, em regra no último. A sugestão aqui é que a graça comece a aparecer por volta de 50% a 60% da extensão do sermão, o que muitas vezes vai depender da extensão do conteúdo introdutório necessário. Por exemplo, em ocasiões especiais, como aniversários ou dias santos, a introdução talvez precise ser longa. Como observado, Eugene Lowry apresenta sua inversão e a “experiência do evangelho” muito mais tarde do que recomendamos, quando chega a “cerca de três quartos do sermão. Talvez cinco sextos seja melhor [segundo ele]. Em raras ocasiões, pode aparecer na última linha”.¹² Quando os pregadores fazem isso, a graça fica insuficiente para combater o problema. Esse adiamento dramático para apresentar o evangelho de forma surpreendente não deve ter prioridade sobre o fato de os ouvintes se encontrarem com Deus e discerni-lo. A ação de Deus é o que as pessoas mais precisam de ajuda para conceber. A graça oferecida no último minuto com frequência é pouco valorizada e logo esquecida.

7. Os pregadores confundem problema e graça com problema e solução.

Seria absurdo falar da relação entre Sexta-Feira Santa e Páscoa como problema/solução. Talvez algumas pessoas estruturem sermões como problema/solução, mas esse não é o modelo que apresentamos aqui. O

problema representa as dificuldades; mas o evangelho não é simplesmente uma resposta ao problema, um curativo ou um conserto. Antes, o evangelho é um relacionamento no qual podemos discernir a direção a seguir. Exortamos as pessoas a um relacionamento de fé e confiança em Deus. Deus, em Jesus Cristo, vem a nós pelo poder do Espírito Santo em meio à alegria ou à tristeza. Não é esse o objetivo da pregação? Embora as soluções para os problemas sejam muitas vezes ilusórias na vida, ainda assim pregamos confiança e dependência contínuas em Deus. Os problemas geralmente não são eliminados, mas podem se tornar suportáveis ou nossas atitudes em relação a eles podem mudar. Nem tudo se torna melhor, mas todas as coisas estão se fazendo novas. À luz desse relacionamento, problemas serão resolvidos, mas o relacionamento é o foco central. A ambiguidade está presente em quase todos os eventos da vida cotidiana; o pecado existe e os sinais da atividade de Deus raramente são inequívocos. As melhores histórias sobre a graça refletem essa ambiguidade e não oferecem soluções simples, mas, em contrapartida, oferecem Deus em meio às perplexidades da vida.

8. Os pregadores usam formas de sermão que trabalham contra a graça.

Por exemplo, (1) uma simples forma de exposição/aplicação (i.e., páginas 1 e 2); (2) um formato de palestra/dissertação que realça a comunicação como informação; (3) uma forma proposicional, sem histórias, que oferece ideias sobre Deus, mas nenhum encontro com ele; e (4) uma forma única de narrativa que talvez impeça a proclamação da graça de Deus de maneira direta às pessoas da congregação.

VII. UM EXEMPLO PRÁTICO

Philip Yancey fala de sua experiência com a graça:

Frequentei uma faculdade cristã. Anos depois, quando viajei ao lado do diretor dessa escola em um avião, ele me pediu que avaliasse minha instrução. “Coisas boas, outras ruins”, respondi. Encontrei na escola muita gente piedosa. Na verdade, encontrei Deus ali. Quem pode avaliar uma coisa dessa? Contudo, mais tarde percebi que, em quatro anos, não aprendi quase nada a respeito da graça. Talvez seja a palavra mais importante da Bíblia, o centro do evangelho. Como pude ignorá-la?

Relatei nossa conversa em uma preleção subsequente que fiz na capela e, ao fazê-lo, ofendi os professores. Alguns sugeriram que eu não fosse mais convidado para falar. Uma alma gentil escreveu-me perguntando se eu não deveria ter dito aquilo de maneira diferente. Será que eu não poderia ter dito que, como estudante, não tive os receptáculos necessários para receber a graça que me rodeava? Pensei muito a respeito dessa pergunta porque amo e respeito esse homem. Finalmente, porém, concluí que experimentei tanta carência de graça no *campus* de uma faculdade cristã como em qualquer outro lugar na vida.¹³

Essa situação é comum em muitas escolas. Pregadores foram instruídos em tradução e exegese, mas seus estudos bíblicos deixam de fora uma dimensão importante da teologia da Palavra: eles nunca aprenderam uma hermenêutica da graça. Se um indivíduo é incapaz de notar a graça no texto bíblico, também terá dificuldade para apontar as ações de Deus no mundo e encorajar a fé.

Tive uma aluna, em uma das minhas classes introdutórias de homilética, que não foi capaz de notar a graça em seu texto. Seu marido,

pregador há vinte anos, também não conseguia encontrá-la. Ele não havia sido ensinado a fazer isso. O texto da minha aluna era 1Coríntios 8.1-13, que trata das instruções de Paulo acerca do alimento oferecido a ídolos. Um olhar superficial sobre essa passagem poderia confirmar as suspeitas dela: Paulo exorta os coríntios a não comerem alimentos sacrificados a ídolos, pois os cristãos mais fracos poderiam se desviar. Entretanto, ela não perguntou: “O que Deus está fazendo nesse texto ou por trás dele?”. Ao olhar o texto mais de perto, ela descobriu muitas possibilidades promissoras, em vários versículos e expressões: “o amor edifica” (v. 1); “quem ama a Deus é conhecido por ele” (v. 3); “só existe um Deus” (v. 4); “esse irmão fraco, por quem Cristo morreu” (v. 11). O versículo 8 menciona Deus de passagem (“A comida, porém, não nos aproxima de Deus”), contudo sua implicação teológica inversa é clara: Cristo nos aproxima de Deus.

O versículo 6 diz: “para nós há um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas e para quem existimos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e por meio de quem nós também existimos”. Somente nesse versículo há inúmeras possibilidades ao menos a serem consideradas na definição de uma frase-tema: Deus é o único Deus; Deus fez todas as coisas; Deus é o sentido da vida. Jesus Cristo é o único Senhor; Cristo é o agente de todas as coisas vindouras; Cristo chamou-nos para a vida. Geralmente devemos reformular as palavras da Bíblia, em vez de usar literalmente palavras específicas de um versículo, quando elaboramos a frase-tema: assim, o foco em Deus ficará mais claro. Podemos buscar mais verbos que exprimem ação. Também devemos escolher a declaração sobre Deus que tenha associações mais próximas à ênfase geral do texto bíblico, que nesse caso poderia ser “Deus é o sentido da vida”, porque essa é a verdade da qual os coríntios haviam se esquecido.

VIII. DIRETRIZES PARA A REDAÇÃO DA PÁGINA 3

Este é o momento para recontar o texto bíblico com o foco nas ações salvíficas ou capacitadoras de Deus. Nosso objetivo principal não é falar de Deus de maneira abstrata nem transformar o texto bíblico em proposições, mas, sim, expor as ações de Deus da maneira mais visual possível, por meio dos eventos e ideias que o próprio texto apresenta.

Criando um filme: visualizando a página 3

Um pregador cria um filme com palavras ou mostra um videoclipe do texto bíblico não para estar na moda nem para entreter as pessoas, mas para comunicar de maneira eficaz a ação de Deus em uma sociedade que está saturada de mídia. Muito do que dizemos aqui se aplica também à página 1. Apresente o texto antes de comentá-lo. Se alguém comentar um texto antes de apresentá-lo, os ouvintes não conseguirão relacionar os comentários. Parta do pressuposto que os ouvintes não ouviram o texto bíblico. Mesmo que tenham suas Bíblias abertas, a passagem das Escrituras não está gravada na mente e no coração deles. Regras de contação de histórias são úteis aqui: mostre, não diga. Antes de tudo, apresente o cenário para que os ouvintes consigam visualizar o evento. Não gaste muito tempo descrevendo, mas focalize as pessoas e Deus em ação e deixe a descrição aparecer por meio das ações. Comece em meio à ação. Envolver os cinco sentidos. Não tente entrar na mente dos personagens. Esse é um problema dos monólogos, pois, a menos que sejam bem executados, os ouvintes acabam sendo levados a um *tour* cansativo pela mente e pelos sentimentos do personagem, e tanto as ações quanto a linguagem sensorial são deixadas de lado. Provavelmente isso também acarreta uma distorção do texto, como ocorre na psicologização de uma passagem literária, atribuindo motivações quando o texto não indica nenhuma. Se o pregador assume toda a *persona* de algum indivíduo da Bíblia, isso pode se tornar uma barreira para a congregação. E se a congregação não gostar do personagem ou o personagem não for confiável?

E se alguém estiver em um momento de necessidade desesperadora e ansiar que o pregador anuncie de maneira direta as boas-novas como pastor, e não como personagem, mas isso não ocorre?

Use a imaginação para filmar o texto em detalhes que sejam fiéis à época, à geografia e aos costumes. Apresente informações e observações interessantes como parte da ação. Mantenha a congregação continuamente focalizada no texto. David Buttrick afirma: “Enquanto em uma conversa individual podemos dizer em um piscar de olhos ‘Deus é um mistério’, formar esse mesmo entendimento em uma consciência de grupo — que seja orientado, imaginado, explicado — pode demorar de três a quatro minutos! Uma congregação composta de algumas centenas de pessoas não captará ideias rapidamente”.¹⁴ Quando os ouvintes conseguem visualizar na própria mente o que estamos dizendo, a comunicação torna-se plenamente eficaz.

Evite distorcer o texto bíblico. Se o texto menciona multidões, mostre as multidões. Colocamo-nos em terreno instável quando começamos a inventar personagens que não estão no texto. Por exemplo, certo aluno pregou sobre a entrada de Jesus em Jerusalém, em Lucas 19.28-47, e fez um trabalho extraordinário ao criar um filme sobre Jesus e os discípulos vindos de Betânia e passando pelo monte das Oliveiras, com detalhes exatos do cenário. Entretanto, esse aluno depois mencionou duas pessoas da multidão e apresentou uma conversa longa entre elas; o foco do texto passou de Jesus para essas duas pessoas. Se os personagens não fossem mencionados e a conversa entre eles fosse breve, o aluno teria evitado o problema. Entretanto, na versão desse aluno, essas duas pessoas tornaram-se o foco, e não Jesus, e elas entendiam quem Jesus de fato era, o que é uma representação incorreta da multidão no texto.

Descreva a passagem bíblica talvez como quem “ora o texto”. Pregadores estão prontos para escrever a página 3 quando são capazes de dizer que estiveram ali, pisaram aquele antigo chão, sentiram os ventos alísios soprando a chuva do Mediterrâneo, observaram idosos assentados

junto aos umbrais das portas, ouviram bebês rindo e chorando, brincaram com as crianças, viram as uvas amadurecerem nas vinhas, trabalharam e conversaram com os trabalhadores nos campos, sentiram o cheiro do pão assando nas brasas da pedra quente, tiraram água do poço, enfiaram os dedos nas tigelas de comida e dormiram em um tapete no chão sujo. Em 1906, Alfred E. Garvie orientou seus alunos, que eram pregadores leigos, a “não conceberem [suas] mensagens como doutrina, mas percebê-las como experiência”.¹⁵ O mesmo conselho aplica-se ao texto bíblico: perceba-o como experiência — não digo que tudo deva ser experiencial ou tornar-se um filme, mas ofereça uma percepção de como a realidade é vivida, ainda que seja de dois mil anos atrás ou mais.

Nem todos os textos se prestam facilmente a criar um filme. Mesmo assim, continue trabalhando com esse ideal em mente, porque a prosa dissertativa é inadequada para a pregação. Ela impõe grandes demandas sobre os ouvintes e exclui muitos com seus jargões e abstrações. Textos que não apresentam o contexto histórico, como muitos dos salmos e das epístolas, representam um desafio especial para as câmeras de vídeo (sejam elas literais ou verbais). A tarefa pode assemelhar-se à filmagem de um artigo acadêmico. No entanto, há eventos da vida real por trás das palavras que uma câmera pode focalizar.

Por exemplo, Tiago 5.7-20 traz uma lista de instruções: sejam tão pacientes quanto os lavradores; fortaleçam o coração para o fim; não se queixem; perseverem; não jurem; os que sofrem devem orar; aqueles que estão alegres devem cantar louvores; os doentes devem chamar os presbíteros; os pecadores devem se confessar; orem uns pelos outros. Esse texto diz respeito, em grande parte, ao problema. Peter Jonker recomendou que percorrêssemos o texto bíblico por inteiro para registrar todas as imagens. Ao fazer isso aqui, descobrimos uma grande variedade de histórias ou cenas da vida da comunidade de Tiago: um lavrador espera com tranquilidade, dia após dia, a chuva necessária; as pessoas esforçam-se um

pouco mais, sabendo que o fim não está longe; mordem a língua tentando não reclamar uns dos outros; pequenos grupos reúnem-se para orar uns pelos outros, e assim por diante. Imagine a ação em algumas dessas cenas. Conte as histórias. Trate o texto como se fosse a vida real, e não como uma lista de tarefas. Imagine-se lá. Leve seus ouvintes com você em um *tour* pelo texto. Com a inversão teológica, cada instrução é acompanhada pela capacitação da graça de Deus, como Tiago reconhece antes de citar os mandamentos: “mas [Deus] dá ainda mais graça” (4.6). A frase-tema poderia ser “Deus provê todas as necessidades deles”.

Não escreva mais que um parágrafo de reflexão teológica ou comentário (o que David Buttrick chamou de pregação no modo reflexivo) antes de retornar à linguagem concreta, sensorial e experiencial (pregação no modo imediato).¹⁶ Mesmo esse parágrafo de reflexão pode ser mais sensorial, ou pode ser produzido para incluir elementos retóricos que despertem interesse, como uma frase repetida, uma estrutura de frases paralelas, uma série de comparações e contrastes ou um arranjo de acordo com a importância crescente ou decrescente.

Ao imaginar a situação humana a que Paulo se dirigia, um sermão sobre 1Coríntios poderia dizer:

Quando Paulo estava em Éfeso e escreveu à comunidade de Corinto (veja 1Co 16.8), na primavera do ano 54 d.C., ele tinha uma viagem em mente, mais especificamente uma jornada para ver aquelas pessoas. Talvez tivesse sido tocado pelo clima primaveril. Viagens marítimas não eram feitas no inverno. As expedições ainda eram arriscadas e levaria mais um mês para que os navios pudessem navegar em segurança pelas águas abertas dos mares Egeu e Mediterrâneo, embora muitos barcos de pesca já cruzassem as águas costeiras. Enquanto escrevia de seu quarto, de onde avistava o porto, Paulo podia vislumbrar gaivotas pairando no ar e, ao longe, ante a visão do

horizonte de águas ocidentais, ele imaginava ver os céus de Corinto, também límpidos, sem nuvens.

Comentários desse tipo são genéricos, introdutórios e, portanto, dizem pouco a respeito do texto em si, mas já começam a trazer à tona a situação da vida real do apóstolo Paulo. A informação contida nessa descrição anterior sobre 1Coríntios consiste em fatos colhidos de comentários, dicionários bíblicos, atlas e outras fontes.

Unidade do sermão

Na página 3, fique atento à unidade geral do sermão e aos elementos representados pelo acrônimo Texto Todo Dissipou-se No Incauto Mensageiro.

Um texto

Escolhemos um texto sobre o qual pregar. Apresente outras referências bíblicas conforme achar apropriado, se não precisarem de explicação. Para os pregadores que seguem o lecionário, as outras lições prescritas para um domingo nem sempre são as melhores, dependendo de sua frase-tema. Ao pregar sobre João 12.1-8, passagem em que Maria unge os pés de Jesus com um perfume caro, lembre-se de 2Coríntios 2.15: “Pois, para Deus, somos o aroma de Cristo entre os que estão sendo salvos e entre os que estão perecendo”. Talvez esse texto precise ser lido duas vezes no sermão, para auxiliar os ouvintes a notá-lo, mas ajuda a relacionar o texto com a situação de hoje, pois somos o perfume de Cristo no mundo.

Um tema

Escreva a frase-tema já no início da página 3; não desenvolva uma ideia que leve à frase-tema e então a apresente — isso resultaria em outra página 1.

Uma frase de transição da página 2 é possível (e.g., “Mas a boa notícia é...”; ou: “Deus tem uma perspectiva diferente sobre esse assunto”; ou: “Podemos pensar que Deus está distante, mas a verdade é o contrário disso”; ou: “Em nosso texto bíblico, Rute sabia de algo que precisamos saber”), mas a frase-tema sozinha pode ser suficiente. Se a página 2 focalizou a frase central que lhe foi designada, então ela constrói uma transição suave para a frase-tema.

Descubra o máximo de formas possíveis de repeti-la. A congregação depende da repetição para descobrir um princípio unificador. No entanto, repetir e reformular a frase-tema não é suficiente; Deus também deve permanecer como o sujeito de muitas frases dessa página. Estudantes de homilética muitas vezes declaram a frase-tema e voltam rapidamente a colocar os seres humanos como o sujeito das frases subsequentes. Isso tira o foco de Deus e nos leva de volta às páginas 1 e 2. Frases desse tipo não precisam ser descartadas inteiramente na composição do sermão. Elas podem ser invertidas. Por exemplo, no caso de Tiago 5.14, a implicação de que os presbíteros devem visitar os doentes torna-se, quando invertida: “Deus capacita os presbíteros para visitar os doentes” — o que também é verdade na mensagem de Tiago.

Demonstre ao público a validade da frase-tema. Prove com evidências concretas do texto que ela é, de fato, o assunto da passagem. A pregação pressupõe confiança, estabelecida em parte mediante a apresentação do texto de tal maneira que, se os ouvintes o lessem novamente, perceberiam a exatidão do que é dito. Se a frase-tema for “Deus provê para Rute e Noemi”, mostre o que justifica a afirmação. Três informações para apoiar uma afirmação literária são suficientes. Deus uniu Rute ao filho de Noemi; Deus ligou Rute a Noemi; Deus adotou Rute e tinha um propósito especial para ela na genealogia de Jesus (Mt 1.5). Não apresente as informações necessariamente como pontos, mas relacione-as umas com as outras ao recontar a história como se fosse um vídeo (ou usando um vídeo). Inclua na

página 3 material que não foi desenvolvido na página 1 e que foi guardado para esse propósito.

Uma doutrina

Reflexões sobre Deus devem se aprofundar, e é nesse momento que ter “uma doutrina” pode ajudar. Todas as doutrinas cristãs têm uma dimensão de graça; mesmo a doutrina do pecado aponta para o fato de que Cristo o vence. Leia teologia sistemática ou construtiva. Por exemplo, sobre a doutrina da provisão de Deus, pode-se encontrá-la em um livro como *Faith seeking understanding: an introduction to Christian theology* [Fé em busca de compreensão: uma introdução à teologia cristã], de Daniel Migliore.¹⁷ Procure até mesmo frases que tenham Deus como sujeito. Migliore desenvolve três pontos do ensinamento de Karl Barth sobre a providência: (1) Deus preserva a criação como um aspecto de sua aliança com os eleitos em Cristo Jesus, (2) Deus acompanha os seres humanos enquanto exercem sua liberdade e (3) Deus guia a criação a seu objetivo.¹⁸ Todos os três pontos falam da graça, e não do problema. Eles poderiam ser três pontos de um sermão proposicional ou tópicos para três sermões em uma série sobre a providência. Como alternativas, qualquer uma dessas ideias poderia ser suficiente para desenvolver a página 3 ou 4, ou todas as três poderiam ser brevemente abordadas em uma ou em ambas as páginas, intercaladas com histórias. Por inversão, um dos pontos poderia servir para a página 1.

Até as doutrinas têm um enredo, pois estão fundamentadas em narrativas das Escrituras; elas começam em algum ponto das Escrituras, algo acontece, e terminam em outro ponto. A encarnação começa no pecado persistente e no sofrimento dos seres humanos, caminha para Deus fazendo algo a respeito disso em Cristo e termina na ressurreição e na ascensão. Parte desse enredo pode ser detectado no texto bíblico em análise e pode ser usado para desenvolvê-lo.

Uma imagem

Às vezes, uma imagem predominante reflete a mudança do problema para a graça. No Domingo da Santíssima Trindade, preguei sobre João 16.12-15, parte do discurso de despedida de Jesus na Última Ceia. Os discípulos tentam colocar Jesus em uma caixa; ele os corrige por desconsiderarem os planos de Deus. A primeira metade do sermão concentrou-se nas tentativas humanas de controlar Deus. A segunda metade passou a falar que Deus não se limita às nossas caixas, incluindo a da lógica estrita: $1 + 1 + 1 = 1$. Isso é algo bom, porque Deus rompe todas as caixas com as quais categorizamos a vida e deseja ser conhecido por nós de todas as maneiras possíveis. A imagem mudou ligeiramente para refletir a graça.

Uma necessidade e uma missão

Normalmente, os elementos relativos a uma necessidade e uma missão aparecem nas páginas 2 e 4, já que ambas dizem respeito ao momento atual. Uma necessidade também pode ser apresentada na introdução ou nas páginas 1 e 3, se refletir a situação de uma pessoa no texto. Com a frase “Deus provê para Rute e Noemi”, uma necessidade pode ser “Quem cuidará de mim?” (Noemi muda seu nome para “amarga” em Rt 1.20). Na página 3, a necessidade começaria a ser respondida.

A situação é semelhante em relação a uma missão. Normalmente ela não apareceria na página 3, a menos que apareça no texto bíblico. Mesmo assim, para estar na página 3, ela precisaria ser apresentada da perspectiva da graça capacitadora. A missão em “Deus provê para Rute e Noemi” poderia ser “Devemos compartilhar”. Declarada como graça, essa frase pode tornar-se “Deus nos dá oportunidades para compartilharmos”.

Agora passaremos a analisar como os pregadores têm desenvolvido a página 3 na prática.

-
- 1Veja Hans Frei, *The eclipse of the biblical narrative* (New Haven: Yale University Press, 1974).↵
- 2Paul Scott Wilson, *God sense: reading the Bible for preaching* (Nashville: Abingdon, 2001).↵
- 3Ibidem; a respeito do sentido literal duplo, veja o cap. 3.↵
- 4Aristóteles, *Poética*, Editora 34, 2015.↵
- 5Eugene L. Lowry, *The homiletical plot: the sermon as narrative art form* (Atlanta: John Knox, 1980).↵
- 6Eugene L. Lowry, *The sermon: dancing the edge of mystery* (Nashville: Abingdon, 1997), p. 78.↵
- 7Frederick Buechner, *Telling the truth: the gospel as tragedy, comedy and fairy tale* (San Francisco: Harper & Row, 1977), p. 7-8.↵
- 8Gary W. Klingsporn, org., *The library of distinctive sermons* (Sisters: Questar, 1996), vol. 1.↵
- 9Friedrich D. E. Schleiermacher, “The hermeneutics: outline of the 1819 Lectures”, *New Literary History* 10, n. 1, Literary Hermeneutics (Autumn 1978): 1-15.↵
- 10James W. Cox, org., *Best sermons* (San Francisco: HarperCollins, 1994), vol. 7. ↵
- 11Jeremiah A. Wright Jr., “When God is silent”, in: Jini Kilgore Ross, org., *What makes you strong: sermons of joy and strength from Jeremiah A. Wright, Jr.* (Valley Forge: Judson, 1993), p. 111-26.↵
- 12Eugene L. Lowry, *The sermon: dancing the edge of mystery* (Nashville: Abingdon, 1997), p. 78. ↵
- 13Philip Yancey, *What’s so amazing about grace?* (Grand Rapids: Zondervan, 1997), p. 14-5 [edição em português: *Maravilhosa graça*, tradução de Yolanda M. Krievin (São Paulo: Vida, 2001)].↵
- 14David Buttrick, *Homiletic: moves and structures* (Philadelphia: Fortress, 1987), p. 26. ↵
- 15A. E. Garvie, *A guide to preachers* (London, Reino Unido: Hodder & Stoughton, 1906), p. 242.↵
- 16David Buttrick, *Homiletic* (Philadelphia: Fortress, 1987), p. 321-90, esp. p. 362-3. ↵
- 17Daniel Migliore, *Faith seeking understanding: an introduction to Christian theology* (Grand Rapids: Eerdmans, 1991).↵
- 18Ibidem, p. 109.↵

CAPÍTULO 9

FAZENDO UM FILME COM A GRAÇA PRESENTE NA BÍBLIA

Embara vários sermões não cheguem à página 3, há muitos que chegam. Nem todos eles dedicam um quarto do sermão a essa página, e, segundo nossos padrões expostos neste livro, talvez não focalizem o suficiente a atividade fundamental de Deus. Podemos aferir a excelência de qualquer sermão tomando por base nossas páginas. Elas não são uma inovação deste autor, mas já existem como um conjunto de regras elementares que servem de base para os sermões bíblicos. Então, por que não usá-las na avaliação e no ensino da pregação? No caso das páginas 3 e 4, sempre que em um texto separamos a graça do problema, da maneira que fazemos nos exemplos a seguir, distorcemos o texto e perdemos parte de sua importância e poder. No entanto, esses exemplos apontam para o que é possível e podem incentivar a imitação das melhores práticas a seguir.

A pintura de um artista ou um videoclipe feito sobre o texto bíblico poderiam substituir alguns dos exemplos aqui. Essas formas de arte já são em si uma interpretação de texto e podem ser tratadas como tal. O pregador pode narrar aquilo que o artista faz, conduzindo-nos através da história. Na pintura de Michelangelo, os dedos de Deus e de Adão não se tocam. Às vezes, as obras dos artistas medievais deixam algo para a imaginação e, nesse aspecto, podem ser quase melhores do que os vídeos.

DESENVOLVA A FRASE-TEMA

No sermão a seguir, sobre a passagem em que Jesus cura o homem no tanque de Betesda, em João 5.1-9, Hank Langknecht coloca sua frase-tema logo no início da página 3, de modo que a página toda desenvolve a questão da graça no texto: “Jesus pura e simplesmente cura o homem”. Depois, ele a repete oito vezes — o bastante para que os ouvintes a experimentem. Ao pregar sobre um milagre, assegure-se de que o milagre ocorra no sermão. Descreva-o. Dedique tempo a ele. Um pouco antes, Langknecht havia retratado de forma bem-humorada o homem à beira do tanque como alguém que gritava: “Eu quero ser curado, eu quero ser curado”, mas, durante todo o tempo, “ele ficou agarrado a uma coluna, e Jesus lhe puxando os pés, tentando arrastá-lo para dentro da água”.

E se você pensa que [a imagem do homem agarrado à coluna] é irrealista [...] saiba que ela não é. Porque ela é exatamente como um retrato da minha própria vida, só que não estou com os braços em volta de uma coluna. Meus braços estão agarrados a um pote gigante de sorvete de chocolate crocante. [...] [Fim da página 2]

Mas isso não importa. Jesus não se deixa enganar pelo homem. Ele não entra nesse jogo; Jesus pura e simplesmente cura o homem. Não é necessário arrependimento, nem pular na água, nenhum desejo especial do homem em ser curado; ele nem sequer pede a Jesus para curá-lo. Jesus pura e simplesmente cura o homem. “Levante-se! Pegue a sua maca e ande.” Imediatamente o homem ficou bom. Jesus pura e simplesmente cura o homem.

Embora fosse sábado, Jesus pura e simplesmente cura o homem. E, com certeza, minha suspeita revela-se verdadeira: uma vida saudável e íntegra revela-se um fardo com o qual esse sujeito não está preparado para lidar. Por isso, quando alguns líderes religiosos começam a pressionar um pouco, ele cede e entrega Jesus: “Este é o homem. Jesus”. E os líderes passam a vigiar Jesus.

Mas Jesus continua curando. Um homem nasceu cego? Jesus não pergunta se ele quer enxergar, não exige nenhum arrependimento, não há indicação específica de que o homem deseja ser curado. Jesus apenas diz: “Vá! Lave-se e veja!”. Jesus pura e simplesmente cura o homem. E os líderes continuam observando.

Lázaro encontra-se no túmulo? Jesus não pergunta se ele quer levantar-se de novo, não exige nenhum arrependimento dele, não há indicação específica de que Lázaro quer se levantar de novo. Jesus apenas diz: “Lázaro, saia!”. Jesus pura e simplesmente o cura.

Finalmente, os líderes já tinham visto o bastante, e a ferida que corroía a política de Jerusalém e de Roma apodrece a ponto de eles não suportarem mais. E fazem o pior. O mundo estava arruinado? Claro, mas Jesus não ficava perguntando: “Quem quer ser curado?”. Não exigia nenhum arrependimento, não havia nenhuma indicação específica de que o mundo desejasse ser curado. Jesus apenas disse: “Está consumado!”.

Jesus pura e simplesmente cura o mundo.¹

USE UMA IMAGEM PREDOMINANTE QUE POSSA SER LIGEIRAMENTE MODIFICADA NA PÁGINA 3

Shirley Prince pregou um sermão sobre a ação restauradora de Deus com base em Joel 1.4 e 2.25. As páginas 1 e 2 lidam com o lixo a ser descartado por Deus, e, em associação com o evangelho, a imagem muda de lixo para a reciclagem. Ao usar humor e o artifício retórico de uma conversa entre Deus e Joel, ela transmite um conteúdo exegético e histórico relevante e desenvolve a graça, embora ela a delimite com a repetição do uso metonímico de “Diga-lhes” (que pode ser, na verdade, uma alusão à página 1, e não à página 3):

Mas nós, que somos a igreja, o corpo de Cristo, estamos ocupados destruindo uns aos outros, e, então, Deus diz: “Vocês precisam ser reciclados. Não se preocupem, pois não vou deixar vocês destruírem meu planeta nem a minha igreja”. Deus disse: “Sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do Hades não poderão vencê-la”. [Fim da página 2]

Deus diz: “Eu tenho um processo de reciclagem sobre o qual vocês nunca ouviram falar”. Entre os profetas do Antigo Testamento, havia um homem chamado Joel. Deus disse: “Joel, quero que você lhes diga, diga-lhes de antemão, Joel, que você é um profeta menor, mas não que suas mensagens não sejam importantes; diga-lhes que você é um profeta menor porque tem uma mensagem mais curta. Diga-lhes, Joel, que a mensagem é simples e direta. Você não precisa mais do que três capítulos, Joel, diga-lhes. Diga que eu tenho um processo de reciclagem sobre o qual eles nunca ouviram falar. Joel, só quero que você lhes diga que o Senhor está voltando...”. Deus disse: “Joel, quero que você use imagens da sua própria época. Em uma sociedade agrária, quero que lhes diga que dependem da terra para sobreviver. Eles dependem dos campos para obter alimento. Mas diga-lhes que um dia o gafanhoto virá e levará tudo. [...] Avise-os de que o campo não será mais produtivo, que os rebanhos morrerão no meio do campo. Até mesmo a oliveira resistente não será capaz de dar fruto. Joel, você precisa lhes dizer. Você precisa lhes dizer que o Senhor está voltando, mas, até lá, Joel, quero que os avise de que não será agora. Vou colocar uma vírgula no meio da frase e dizer: ‘O Senhor está voltando, mas vocês ainda têm tempo’. Então, diga-lhes, Joel: o Senhor está voltando...”.

Deus falou: “Diga-lhes, Joel. Diga-lhes sobre a devastação que virá, diga que eles ainda têm tempo, diga-lhes que sou um Deus tão bom e tão misericordioso que não deixo de cumprir minha palavra e

que tudo o que eles precisam fazer é clamar, arrepender-se e voltar-se novamente para mim. Sei que eles precisam ser reciclados, Joel. Então, diga-lhes: o ano que o gafanhoto comeu eu restaurarei”.²

CRIE A EXPERIÊNCIA

John M. Rottman cria a experiência de estar com Jesus quando Bartimeu o chama, em Marcos 10.46-52. Rottman não pressupõe simplesmente que a congregação já conhece a história. Ele separa tempo em seu sermão para recontar ou reconstruir o texto bíblico. Além disso, acrescenta pequenos detalhes (como as moedas caindo), que correspondem à realidade da história e ajudam a criar o filme. Observe a transição suave que ele faz do final da página 2 para a página 3. Observe também que ele não acha necessário permanecer no modo filme a página inteira, mas no último parágrafo ele muda para o que David Buttrick chama de pregação no modo reflexivo, no qual assume o papel de comentarista, que se distingue da imediatez da pregação no modo em que a ação está se desenrolando.

Mas a realidade é que muitos de nós mantemos os problemas mais profundos e obscuros silenciados em nosso íntimo, e nem mesmo nos preocupamos em mencioná-los para Deus ou para outra pessoa. Fingimos que as coisas estão bem, ou que pelo menos elas estão bem melhores do que realmente estão. [Fim da página 2]

Todavia, o cego Bartimeu era diferente. Ele não finge e talvez nem consiga fingir. Lá estava ele, gritando a plenos pulmões: “Ei, Jesus, Filho de Davi, tem misericórdia de mim!”. E, quanto mais vigorosamente a multidão tentava fazê-lo calar-se, mais alto e com mais entusiasmo Bartimeu gritava: “Jesus, Filho de Davi, tem misericórdia de mim!”.

E eis que Jesus não apenas ouve o homem cego gritando, mas também para e chama Bartimeu. E, quando Jesus o chama, a multidão hostil torna-se prestativa. “Ei, anime-se!” “Ei, hoje é o seu dia de sorte.” “Fique de pé, amigo”, diz outra pessoa. Bartimeu sacode sua capa, e as moedas caem. Rapidamente, levanta-se e vai ao encontro de Jesus.

A multidão observa em silêncio. “O que você quer que eu lhe faça?”,

Jesus lhe pergunta. Bartimeu não economiza palavras. Algo nele lhe diz que Jesus pode curar o que o aflige. “Mestre”, diz Bartimeu, “eu quero ver”. “Vá”, disse Jesus, “a sua fé o curou”. No mesmo instante, os olhos cegos de Bartimeu passaram a enxergar. E ele seguiu Jesus pelo caminho. De seu lugar na multidão, Bartimeu precisou de Jesus e o chamou. Jesus ouviu Bartimeu, chamou-o e curou seus olhos da cegueira.

Agora, creio que é importante observar que Jesus não fez tudo que poderia fazer por Bartimeu. Jesus não fez com que Bartimeu se tornasse rico. Ele não fez com que Bartimeu se casasse com uma linda modelo. Ele não concedeu grandes talentos esportivos a Bartimeu nem o transformou em um herói nacional. Ele não transformou esse cego mendigo em alguém como Wayne Gretzky. Veja que a intenção de Jesus não era tornar tudo fácil para Bartimeu, mas, sim, lhe mostrar algo a respeito de Deus. A importância da cura é vista no que Deus fez por Bartimeu.³

USE UMA DOUTRINA NO DESENVOLVIMENTO DO TEXTO

Textos como o da Estrada de Emaús (Lc 24.28-38) oferecem uma resposta clara para a pergunta: “O que Deus está fazendo no texto ou por trás dele?”. O Cristo ressurreto escuta o que dizem os discípulos. Charles B. Bugg

mantém a atenção em Jesus, ao passo que pregadores menos experientes concentrariam seu foco na reação dos discípulos. A doutrina em questão é a ceia do Senhor. Mesmo ao analisar essa doutrina, Bugg continua usando uma linguagem concreta:

Ou será que seus olhos [dos discípulos] estavam abertos porque Jesus se encarregou da ceia e os serviu? Lucas é bem claro. A casa pode não pertencer ao estranho, mas a ceia, sim. Ele “deu o pão a eles” (Lc 24.30b). O pão representava a vida, e, quando Jesus o tomou e lhes deu, estava lembrando-os de que ele é o Senhor que tem toda a vida em suas mãos. Isso era importante para estes discípulos. Com seu líder morto, esses homens estavam desamparados, não tinham nada que desse um propósito à sua vida. A dimensão divina estava morta, e a vida estava confusa. A única ação de graças que podemos dar quando não há nada além de nós é: “Façamos o melhor de tudo isso” [...] Não é de admirar que esses seguidores estivessem dominados pelo desespero. Mas naquele local algo abriu seus olhos. No lugar para o qual haviam convidado o estranho, os discípulos foram convidados à mesa por ele. A mesa, o pão, a vida eram dele; e, ao entender isso, eles puderam viver novamente.

O fato é que não sabemos realmente o que abriu os olhos daqueles homens e o que lhes deu novo vigor. Mas naquela sala, em torno da mesa, aconteceu alguma coisa que lhes revelou a identidade do estranho e lhes deu uma nova identidade. Nesse momento, o Evangelho de Lucas registra algo extraordinário: “Levantaram-se [os discípulos] e voltaram imediatamente para Jesuralem” (Lc 24.33). Eles nem sequer passaram a noite em Emaús! Voltaram para Jerusalém — lugar de dor e perplexidade —, mas voltaram com uma nova presença e um novo poder.

[Página 4:] Qual é a força que nos move e nos faz prosseguir? O que nos traz de volta ao calor dos acontecimentos da vida, para viver com um senso de esperança?⁴

No sermão seguinte sobre a missão dos setenta, em Lucas 10.1-17, Christine Smaller concentra-se na doutrina da ordenação, num tom bem-humorado, para extrair o significado teológico do momento:

Quando Jesus olhou para aquela nova safra de ministros recém-ordenados, prestes a ingressar em seus primeiros desafios pastorais, o que ele viu? Suponho que seria possível que ele estivesse olhando para um grupo excepcional, para oradores brilhantes, pastores habilidosos, talentosos na arte da cura, administradores experientes, mas duvido disso. Acho que ele estava olhando para um grupo de pessoas comuns, que tinham sido chamadas para uma vocação extraordinária. Jesus sabia que eles não eram capacitados para o seu chamado, porém sabia também que Deus não escolhe os capacitados, mas capacita os escolhidos. Graças a Deus! Ele capacita os que são chamados.

Jesus condensou quatro anos de seminário em um breve serviço de comissionamento para esses setenta ministros, e, no fim, ele diz algo estranho: quem der ouvidos a vocês dá ouvidos a mim, quem rejeitar vocês rejeita a mim e quem me rejeita está rejeitando aquele que me enviou. Seria impossível desdobrar por completo as implicações teológicas dessa declaração em uma série de sermões de seis semanas, quanto mais em uma mensagem de dez minutos. Mas uma das coisas que essa declaração ousada nos promete, como prometeu aos que foram enviados há tanto tempo, é que quem nos ouve está ouvindo a Cristo — não por causa de nossas palavras, mas porque, quando respondemos ao chamado para pregar a palavra de Deus, Deus nos capacitará a fazer exatamente isso.⁵

RECONSTRUA O TEXTO ANTES DE ANALISÁ-LO

Os ouvintes não conhecem o texto simplesmente porque o ouviram ser lido. Antes de oferecer qualquer análise, devemos reconstruir o texto na página 3. William D. Watley prega com base em sua frase-tema “Deus envia Josué” (Js 1.1-5) e recria a cena de envio. Watley usa a imaginação para expandir a declaração de Deus a Josué. Um discurso longo em um sermão é algo difícil de sustentar, e geralmente advirto os alunos contra isso. Mantenha os personagens apenas com discursos ocasionais e breves; monólogos facilmente soam tediosos e perdem a linguagem sensorial. Watley evita isso. Observe o uso de paralelos ao começar várias frases do primeiro parágrafo com “Então...”, e do segundo com “Às vezes...”. Os ouvintes escutam Deus falar com Josué e com eles também. Em geral, na página 3, o pregador tenta o máximo possível tornar Deus o sujeito da frase usando uma linguagem na voz ativa em relação a Deus. Essa regra pode ser deixada de lado porque Deus está falando, mas um uso mais frequente de uma linguagem como essa tornaria a graça ainda mais poderosa:

Esse mesmo Deus falou com Josué, o segundo na cadeia de comando e que agora se tornaria o primeiro. Ele falou com Josué, o tenente de Moisés: “Agora, preste atenção, filho [...] Moisés está morto. E, quando você parar de chorar e lhe prestar homenagens, ele ainda estará morto. Nada poderá mudar isso. Então, levante a cabeça e olhe ao redor. Ainda há trabalho a ser feito; ainda há uma missão a ser cumprida; ainda há uma responsabilidade a ser assumida. Então, levante-se de seu lugar e siga em frente. A terra que prometi a seus antepassados ainda tem de ser conquistada; a selva precisa ser desbravada; as cidades ainda têm de ser construídas. Então, levantem-se, você e todo o seu povo, e atravessem o Jordão para a Terra Prometida. Cada lugar sobre o qual a sola dos seus pés pisarem será de

vocês. Cada pedaço de chão sobre o qual os seus olhos pousarem, desde o nascer do sol até o entardecer, será de vocês. Nenhum homem será capaz de se levantar contra você durante todos os dias da sua vida. Então, levante-se e vá.

Mas não pense que será fácil. Às vezes, você fará o seu melhor, e o seu melhor não parecerá suficiente, e você começará a ter dúvidas se realmente foi chamado para fazer esse trabalho, mas apenas siga em frente. Às vezes, você sairá do caminho para ajudar alguém, e essas mesmas pessoas a quem você tentará ajudar serão as primeiras a falar de você assim que virar as costas, mas apenas siga em frente. Às vezes, quando tentar defender o que é certo, parecerá que está sozinho, mas não se preocupe com isso; apenas siga em frente. Às vezes, a oposição parecerá grande demais”.⁶

ESTABELEÇA UMA LIGAÇÃO COM CRISTO SEMPRE QUE POSSÍVEL

Não é todo sermão cristão que precisa falar sobre Cristo. Mas, afinal, por que não falaríamos dele se isso fortalece a fé? Talvez as pessoas tenham de ser lembradas de que experimentaram a ressurreição em sua própria vida. Professores que ensinam a Bíblia nos dizem para deixar o Antigo Testamento falar por si próprio. Ainda assim, como um princípio básico, podemos permitir que o texto fale sua própria verdade em seu próprio contexto e, depois de estabelecida, identificar como essa verdade aponta para o Novo Testamento ou como a encontramos reforçada nele. Este sermão de Betsy DeVries, com base em Gênesis 50.15-21, faz exatamente isso.

Os irmãos de José estavam inconsolavelmente ofendidos pelas reivindicações que José fizera quanto a seu poder e autoridade futuros. E isso chegou a tal ponto que, de fato, planejaram matá-lo — ou ao

menos fazê-lo desaparecer de sua vida para sempre. Mas as coisas não ocorreram conforme planejado, porque Deus transformou o plano maligno deles em um final bom, e elevou esse homem a uma posição de poder e autoridade. Então, quando os irmãos de José ficam cara a cara com seu poder e sua autoridade, sem o pai deles como mediador, prostram-se a seus pés — uma postura de adoração. Mas ele levanta o rosto de seus irmãos para que olhem nos olhos dele, enquanto lhes diz: “Não tenham medo”.

José promete não apenas que não lhes fará mal, como pretendiam fazer com ele, mas também que proveria de modo abundante para eles e suas famílias. Esse homem poderoso tem o direito e o poder de fazê-los pagar por seus atos malignos. Mas, em vez disso, ele lhes oferece perdão e vida. Os propósitos de Deus para a bondade e a vida em sua criação prevaleceram, apesar do mal e do pecado dos irmãos. E essa bondade e vida são estendidas a pessoas que não as merecem, porque um homem sofreu terrivelmente para que muitas vidas fossem salvas. José poderia ter ido atrás de seus irmãos com ira justa em seus olhos e tê-los condenado com todo o poder do Egito. Mas, em vez disso, olhou para eles em seu estado patético e impotente e disse: “Eu perdoo vocês”.

Essa história soa familiar? Deveria, pois ela ocorreu novamente centenas de anos depois. Havia outro homem, Jesus de Nazaré, que ofendeu as pessoas com suas reivindicações de poder e autoridade. Ele as ofendeu tanto que, de fato, planejaram matá-lo — para fazê-lo desaparecer de sua vida para sempre. Mas as coisas não ocorreram conforme planejado, porque Deus realmente transformou seu plano maligno de crucificação e sepultamento em um final feliz, quando ressuscitou Jesus dos mortos para assumir uma posição de poder e autoridade superior àquela que José havia experimentado. Então, quando suas seguidoras Maria Madalena e a outra Maria enfrentaram

o poder e a autoridade da ressurreição de Jesus, elas caíram a seus pés — uma postura de adoração. Mas ele levanta o rosto delas para que olhem nos olhos dele, enquanto lhes diz: “Não tenham medo”.

Esse homem poderoso tem o direito e o poder de fazer a humanidade pagar por seus atos malignos. Mas, em vez disso, ele lhes oferece perdão e vida. Os propósitos de Deus para a bondade e a vida em sua criação prevaleceram, apesar do mal e do pecado da humanidade. E essa bondade e vida são estendidas a pessoas que não as merecem, porque um homem sofreu terrivelmente para que muitas vidas fossem salvas. Jesus poderia ter perseguido a humanidade com ira justa em seus olhos e tê-los condenado com todo o poder do céu e da terra. Mas, vez disso, ele olhou para os seres humanos em seu estado patético e impotente e disse: “Eu perdoo vocês”.⁷

USE UMA IMAGEM PREDOMINANTE ESPECIALMENTE EM UMA EPÍSTOLA

Textos de epístolas muitas vezes carecem de uma narrativa, caso em que se pode encontrar alguém por trás do texto, na situação histórica, ou à frente dele, ao engajar a passagem bíblica no mundo de hoje. Pode-se também usar uma imagem predominante para transmitir o texto como vida real. Edmund Steimle visualiza seu texto: “Portanto, não durmamos como os demais, mas estejamos vigilantes” (1Ts 5.1-11), usando a imagem de alguém que permanece acordado para apresentar as boas-novas. Observe que ele permite que um cenário contemporâneo à frente do texto (um despertador e um café) se misture ao seu texto:

Então Deus envia o que alguém já chamou de seu despertador, Jesus, clamando: “Arrependam-se, pois o reino de Deus está próximo”. Para despertar as pessoas de todo tipo de sono, do sono da fuga ou do sono rebelde do incrédulo. “Desperte, desperte, revista-se de força, ó Sião”

(Is 51.1). E isso também pode acontecer de maneira milagrosa. Pois o que é esse processo de despertar, esfregar os olhos, tomar suco de laranja e café, apoiar os pés no chão para enfrentar um novo dia? É um milagre. Como ressuscitar dos mortos. Um novo dia. Não houve jamais outro dia como esse, e nenhum como ele jamais surgirá. É um ato diário de criação divina. Não importa que um dia se pareça tanto com outro dia. Não é igual. Cada dia Deus chama você para uma nova vida. Sem dúvida, os velhos problemas ainda estão lá. Mas há o milagre do novo dia para enfrentá-los, para aceitá-los também como dom de Deus. Então, somos chamados a despertar para os mesmos velhos problemas: em nossa família, nossas cidades — a doença e a morte, a poluição, a pobreza e tudo o mais. Mas isso não é tudo. Há também a possibilidade de riso, beleza e alegria: na família, nas cidades, no mundo. Arrependam-se, com certeza, mas somente porque o reino de Deus está próximo. O mundo — o seu mundinho, assim como o grande mundo do qual o seu pequeno mundo faz parte — nunca escapou das mãos de Deus.⁸

USE UMA ESTRUTURA DE FRASES PARALELAS PARA AJUDAR A MANTER O INTERESSE

Mark Trotter, em um sermão intrigante sobre Filipenses 2.1-11, conseguiu proclamar as boas-novas e exortar as pessoas a agirem. Ele retrata os filipenses discutindo e, em sentenças consecutivas, usa uma declaração do que Cristo fez no texto bíblico em paralelo com outra dizendo o que as pessoas fazem. Funciona como a página 3 porque, na passagem, a graça fala um pouco mais alto do que o problema, que é direcionado principalmente à igreja de Paulo, e não à contemporânea. Como essa graça está abrandada,

pode funcionar também na página 1. Ou, se revisada, a graça poderia facilmente ser ampliada.

A igreja de Filipos estava envolvida em uma briga interna. As pessoas estavam humilhando umas às outras, insultando-se, gabando-se de serem melhores do que as outras. A reação de Paulo a essas brigas mesquinhas foi apontar a eles o maior ato da história do mundo, como se dissesse: Cristo se humilhou para salvar o mundo. Por que vocês não podem se humilhar o suficiente para pôr fim a uma discussão? Cristo não esperou que vocês viessem até ele; ele veio até vocês, encarnou em forma humana, viveu a vida de vocês; e vocês ficam aí sentados, cheios de presunção, achando-se os mais justos de todos, esperando que quem os ofendeu venha rastejando em busca de perdão. Cristo se humilhou como um servo, mas vocês se recusam a se humilhar da mesma forma. Ele, sendo encontrado em forma humana, tornou-se obediente até a morte, e morte de cruz, para que vocês pudessem viver. E vocês não sacrificarão o seu orgulho, para dizer a palavra que trará nova vida à pessoa que está morrendo para ouvir isso de vocês. Assim era o jeito em que Paulo escrevia. Ele toma as coisas mesquinhas que fazemos e as expõe pelo que são, comparando-as à melhor coisa que Deus já fez.⁹

USE UM RECURSO RETÓRICO COMO A REPETIÇÃO DE UMA IMAGEM

Luke A. Powery, pároco da Duke Chapel, pregou, com base em Lucas 18.1-8, sobre a parábola da viúva e do juiz injusto que finalmente concedeu seu pedido. O texto refere-se à fé (“quando o Filho do Homem vier, encontrará fé na terra?”, v. 8), e Powery usa a personificação: a fé torna-se o nome de uma mulher (Fé) cujo coração é trazido de volta à vida pela interpretação que Jesus acrescenta à sua parábola:

Ouçam o que o juiz injusto diz. “E Deus não concederá justiça aos seus escolhidos que clamam a ele dia e noite? Será que ele demorará muito para ajudá-los? Eu digo a vocês que rapidamente ele concederá justiça a eles.” Isso fez toda a diferença para Fé, porque a ênfase está no juiz injusto, que finalmente cede ao persistente apelo da viúva, e não na própria viúva. Jesus basicamente proclama que o vilão aqui é o juiz injusto, e não a viúva. Ele não diz para observá-la, segui-la, imitá-la. Ele diz: “Ouçam o juiz”. Jesus enfatiza a oferta de justiça, o Doador da Justiça, um Deus generoso. Se um juiz injusto fará justiça e responderá a pedidos, quanto mais um Deus justo não fará justiça e responderá às orações? Como todo bom sermão, Jesus tem um tema no sermão sobre oração — não somos nós, mas Deus: Acaso Deus não concederá justiça? Deus se atrasará? Deus concederá justiça rapidamente. Deus fará o certo por você — isso é justiça. Deus endireitará o que está errado.

Fé está aprendendo que Deus fará o que é certo por ela, apesar de suas circunstâncias. Fé está aprendendo que a oração diz respeito totalmente a Deus. Fé está aprendendo que o sustento da vida cristã depende de Deus, e não da Fé.¹⁰

CRIE UM FILME COM BASE NO TEXTO

Criar um filme com base em um texto significa, em certo aspecto, basicamente ser visual. Visualize-o, antes de produzi-lo. Em 2Coríntios 3.7-18, concentro-me em uma palavra ou imagem central no texto: glória. Nas epístolas, muitas vezes temos pouco acesso à situação histórica por trás do texto e precisamos fazer o máximo de associações com Paulo, o lugar de onde ele está escrevendo e para quem ele está escrevendo:

Paulo sabe do que estamos falando. No entanto, para ele, a dor e as dificuldades desta terra tornam-se pálidas sombras quando comparadas

à glória que ele vê. Apesar de toda a glória de seu antigo estilo de vida, de fato, apesar de toda a glória de sua antiga forma de entender as Escrituras, agora essa glória se parece com a morte para ele quando a compara com a glória do momento presente. Para o apóstolo, é como se houvesse uma ligação clara entre sofrimento e glória. Ele está sofrendo agora por estar longe de sua amada igreja em Corinto, para que a visita não seja, mais uma vez, dolorosa (2.2), mas ele usa a palavra “glória” onze vezes em quatro versículos (v. 7-11). Isso é um caminhão repleto de glória. Ah, Paulo não é nenhum tolo: ele não vê mérito no sofrimento em si. Ele sabe que não há glória no sofrimento sem sentido e não sai de seu caminho para experimentá-lo. Mas ele diz que, como um seguidor de Jesus, quando o sofrimento vem, também vem a glória de Deus. Deus lhe dá a esperança para continuar. O Espírito revela a glória de Deus no ministério. Paulo usa a palavra grega traduzida por glória para falar da natureza revelada de Deus e do esplendor divino, e também a utiliza ao falar sobre a condição de ser introduzido na presença de Deus, cuja natureza é a glória.

Quando Paulo deveria se sentir mais sozinho, de acordo com os padrões do mundo, quando ele é mais desprezado, quando é totalmente rejeitado em nome de Cristo, a glória de Deus está por toda parte. Ele vê Deus, experimenta o amor de Deus e é sustentado por Deus. O mesmo Deus cuja glória foi anunciada pelos anjos no nascimento de Jesus e no topo da montanha; o mesmo Deus cuja glória foi manifestada em Cristo no seu batismo, cuja glória foi deslumbrante para os discípulos na transfiguração, cuja glória era evidente no ministério e nas palavras de Jesus, cuja glória anunciava uma nova era na manhã da Páscoa; essa mesma glória de Deus em Cristo Paulo experimentou naquela luz ofuscante na estrada para Damasco.

Para que ninguém pense que a experiência de glória que Paulo teve é exclusivamente dele, o apóstolo diz que essa mesma glória é vista

agora na igreja, em nosso ministério, em nossa vida. “Verifique o medidor de glória por si mesmo”, ele diz. Em suas palavras: “E todos nós, com rosto desvelado, contemplando a glória do Senhor como em um espelho, estamos sendo transformados na mesma imagem de glória em glória; porque isso vem do Senhor, o Espírito”. Paulo diz que, se você quer ver a natureza de Deus, se quer alguma certeza da presença de Deus em sua vida, apenas olhe em um espelho. “Agora vemos em um espelho de forma obscura” (1Co 13.12). Em seu ministério, você está se tornando cada vez mais semelhante a Cristo. O Espírito está santificando você, tornando você santo. A glória de Cristo é vista em você. A glória de Deus é vista em você. O Espírito revela a glória de Deus no ministério. Temos um pé na velha criação de morte e outro pé na nova criação de Cristo, e a glória está aumentando.

TRATE O TEXTO COMO VIDA REAL, E NÃO COMO DISCURSO ABSTRATO

Todos os pregadores lutam para não pregar epístolas como discursos acadêmicos ou palestras. John Richard Foulkes Sr. traz Filemom à vida, imaginando um evento da vida real. Ele visualiza um encontro entre Paulo e Onésimo, o último na condição de escravo fugitivo que pertence a Filemom. O apóstolo agora o manda de volta para casa, com uma carta de Paulo em mãos, pois agora ele pertence a Cristo — e Paulo pede a Filemom que honre o novo relacionamento. A declaração do tema aqui é: “Cristo reivindica Onésimo como seu”.

Quando estava em pé junto à porta da casa de Filemom, com a carta [de Paulo] nas mãos, Onésimo provavelmente considerou a razão por que Paulo o enviara de volta a Filemom. O apóstolo deve ter encontrado Onésimo como uma pessoa praticamente perdida em meio ao anonimato, vagando por uma das ruas de Roma, a mais de 160

quilômetros da casa de Filemom. Depois de ter construído um relacionamento com Onésimo, sido um instrumento para levar Onésimo à fé em Cristo Jesus e experimentado o cuidado de Onésimo, Paulo poderia dizer ao escravo para continuar fugindo. Poderia ter imaginado uma justificativa que apoiasse a hipótese de Onésimo não retornar a Filemom, por causa das possíveis consequências de sua fuga e do ultraje a Filemom. Mas Onésimo sabia que Paulo o havia apresentado a uma nova liberdade — a liberdade em Cristo Jesus. Essa nova liberdade elevou Onésimo acima de seu status socioeconômico e deu-lhe uma nova base para o relacionamento. “Com base no amor”, Filemom não era mais seu senhor, mas, sim, seu irmão em Cristo. [...] Paulo diz a Filemom que deseja que este receba Onésimo como se estivesse recebendo ele próprio, Paulo. Esse escravo parado diante de você, Filemom; essa pessoa que o ofendeu, Filemom; esse indivíduo que você poderia legalmente matar, Filemom; receba-o como se estivesse me recebendo, e, se ele lhe deve alguma coisa, coloque na minha conta. Se precisar do dinheiro de volta, eu pagarei. Se ele estiver em apuros, eu o defenderei. Deus enviou o Filho de Deus ao mundo para que ele pudesse ficar em nosso lugar por causa do pecado.¹¹

Observe quão fundamental são as últimas frases, pois o pregador apresenta Paulo realmente falando com Filemom.

MANTENHA DEUS COMO FOCO

Pregadores que têm dificuldade inicial em responder à pergunta “O que Deus está fazendo no texto ou por trás dele?” também podem tentar estas perguntas: “Quem representa Deus neste texto? O que este texto me diz sobre o amor de Deus?”. Barbara Jurgensen parece ter feito uma dessas perguntas secundárias para descobrir as boas-novas em Rute. Sua frase-tema é: “Deus restaura Rute e Noemi a uma nova vida”. Se fôssemos pregar

sobre esse texto, a primeira página do sermão poderia ser: Para Noemi, Deus parece ausente. Jurgensen usa toda a história de Rute, e não apenas a parte lida na igreja naquele domingo. Observe como ela atribui a mudança de Noemi a Deus e a forma inteligente como, no último parágrafo, ela liga a história a Cristo:

Tudo o que restara a Rute e Noemi era o amor de Deus por elas. Mas isso, com certeza, é suficiente. Na verdade, é tudo. Com isso, elas podem voltar a Belém, seguindo talvez o mesmo caminho que os sábios do Oriente fizeram, mais de mil anos mais tarde, para homenagear alguém que seria descendente direto de Rute e Noemi. [...] Noemi ficou muito amargurada por tudo o que teve de passar. [...] Mas, gradualmente, a amargura de Noemi vai embora, e a noite escura de sua alma dá lugar ao amanhecer, de modo que, quando Rute retorna um dia dos campos e lhe conta que foi ajudada por um bom homem chamado Boaz, Noemi é capaz de dizer: “Que ele seja abençoado pelo Senhor, cuja bondade não abandona vivos nem mortos!”. O amor, afinal, tem origem em Deus. “Nós amamos”, diz João, “porque ele nos amou primeiro”. Até o amor de Rute parece pálido em comparação ao amor que Deus tem por nós. Rute podia ficar com sua sogra enquanto vivesse, mas nosso Senhor promete ficar com seu povo por todo o tempo e por toda a eternidade.¹²

EVITE ENFRAQUECER A GRAÇA

A seguinte passagem é excelente para seus próprios propósitos; contudo, se os pregadores combinarem a graça com o problema dessa mesma maneira, nenhum dos dois recebe completamente o foco da atenção ou é plenamente experimentado pelo ouvinte. Ambos permanecem como coisas abstratas. Este sermão em Gênesis 3.1-6, mostrado a seguir, em que Satanás tenta

Eva, evidencia como a combinação entre graça e problema destrói o impacto.

Quando Satanás se aproxima de nós, ele nunca vem arrastando correntes que nos escravizam. Ele [...] apenas promete que teremos todos os desejos de nosso coração satisfeitos. É assim que somos destruídos. E esta é a lição: as tentações que nos destroem atacam o coração de Deus, [Problema] a integridade de Deus e a bondade de Deus. [Graça] Quando negamos a bondade de Deus, rejeitamos sua Palavra. Quando rejeitamos sua Palavra, fazemos isso por nossa conta e risco. [Problema] Escutem bem. Não defendo um tipo de religião rígida. O cristianismo não é moralidade — não é andar na linha e cumprir as regras. O cristianismo é um relacionamento com um Deus que ama tanto vocês a ponto de lhes dar seu Filho. Todo dom de Deus é bom e perfeito. Ele jamais poderá lançar uma sombra sobre a vida de vocês virando as costas para sua bondade. [Graça] A essência do pecado está em duvidar da bondade de Deus e, depois, em rejeitar sua Palavra. [Problema] O jardim pertence a vocês como um presente da mão dele. [Graça] Aproveitem. Confiem nele. [Problema]¹³

Uma segunda dificuldade comum ao pregar a graça surge quando pregadores voltam o foco para a capacidade humana, e não para a ação de Deus na página 3, como fica evidente neste sermão sobre Lucas 8.41-56. Não imite isto:

Quando a mulher tocou em Jesus, aconteceu a ele algo que estava fora de seu controle, e [...] a mulher imediatamente curou a si mesma. Sua cura não foi concedida como recompensa por sua honestidade em admitir depois ter tocado nele nem dependeu das palavras de Jesus. Ela o tocou e, ao fazê-lo, causou sua própria cura. Ela não pediu permissão: “Tudo bem para você, Jesus?”. Ela sabia o que precisava fazer e tomou posse disso. Ela literalmente ajudou a si mesma. [...] Jesus não a

repreende. Em vez disso, ele diz algo como: “Excelente para você!”. Ela tomou posse, e Jesus disse: “Muito bem”.¹⁴

As frases acima não precisam ser descartadas; elas podem ser retrabalhadas para fazer Deus o ator. Por exemplo: “O poder de Jesus fluiu por suas vestes quando a mulher tocou nelas”. Ou um pregador poderia dizer: “É possível que a mulher tenha se aproximado de Jesus porque Deus orientou que ela o tocasse?”. De uma perspectiva teológica, poderíamos alegar que isso é verdade, porque Deus é o autor de todo bem.

ÀS VEZES, AS PÁGINAS 3 E 4 PODEM SER FUNDIDAS

Quando essas duas páginas são fundidas em uma só, o texto e a aplicação estão presentes no mesmo momento. O “então” do texto torna-se “agora”, ou o “agora” se torna “então”. Paul Yung pregou sobre “Quem é meu próximo?” na Igreja Presbiteriana Young Nak, em Los Angeles. Foi no domingo após os tumultos de 1992, provocados pela sentença de absolvição dos policiais brancos acusados do espancamento brutal, gravado em vídeo, do taxista Rodney King. Foi um dos primeiros casos de violência desse tipo registrados em vídeo. Nos tumultos subsequentes, muitas empresas coreanas foram destruídas. As boas-novas que Yung encontrou em seu texto: Jesus vem como o bom samaritano para nós. Mais uma vez, o pregador faz uma ligação importante com a história cristã mais ampla.

Quero que prestem atenção nisto. O bom samaritano, quando veio ao encontro desse homem que havia sido roubado, não disse nada em tom de crítica. Toda essa estrada de Jerusalém a Jericó era famosa. Era conhecida por ser uma região perigosa. Ninguém que conhecesse a área ousaria passar por ali após o pôr do sol. Estudiosos dizem que a estrada tinha um apelido: a “estrada de sangue” ou o “caminho de sangue”. Esse bom samaritano aproximou-se do homem, mas não disse: “Você

não sabia que essa área é perigosa?”. Ele apenas cuidou do homem que fora agredido e fez o melhor que pôde para que se recuperasse dos ferimentos. Dessa mesma maneira, nosso Senhor Jesus Cristo vem até nós. Ele não dirá: “Você não sabia que o tipo de comércio que você tem está onde a maioria dos crimes acontece?”. Nem todos os cidadãos americanos de ascendência coreana perderam seus negócios porque estavam na área do crime, a área perigosa. Mas o Senhor não disse nada sobre isso. Ele apenas veio. Sem repreender, ele ofereceu cuidado e cura. Esse é o nosso Senhor!¹⁵

ENCONTRE A GRAÇA EM TEXTOS DIFÍCEIS USANDO A INVERSÃO

Muitas vezes, a graça não fica imediatamente evidente em certo texto, e devemos nos esforçar para discerni-la. Nesses casos, tornamo-nos como Jacó lutando com o estranho no Jaboque, exigindo uma bênção. Barbara Brown Taylor pregou um sermão sobre a Parábola dos Trabalhadores da Vinha (Mt 20.1-16), todos pagos em quantias iguais. Quais são as boas-novas nessa injustiça? Para descobrir, ela inverte o problema: Deus concede misericórdia de maneira injusta. Observe-se como ela é eficaz ao levar adiante seu pensamento em pequenos passos por vez, de um parágrafo para o seguinte:

No que diz respeito a Deus, é totalmente possível que estejamos no meio do caminho, que haja todo tipo de pessoas à nossa frente na fila, pessoas muito mais merecedoras do amor de Deus do que nós, pessoas que têm mais estrelas em sua coroa do que jamais teremos. [...] [Fim da página 2]

Deus não é justo, mas, dependendo de onde você está na fila, isso pode soar como uma boa notícia, porque, se Deus não é justo, então há uma chance de recebermos uma paga bem superior ao que valemos, de

ganharmos mais do que merecemos, de atravessarmos as portas mesmo sendo os últimos da fila — não por causa de quem somos, mas por quem é Deus. Deus não é justo; Deus é generoso. E reclamamos dessa generosidade somente porque nos esquecemos de onde nos encontramos. Em um dia qualquer de nossa vida, quando o Sol se puser e uma brisa fresca agitar o crepúsculo, quando o trabalho estiver feito e o trabalhador dirigir-se ao final da fila para pegar seu pagamento, há uma boa chance de que os aplausos e a palmadinha nas costas, o riso e a gratidão com que ele for cumprimentado se tornarão nossos também.¹⁶

IDENTIFIQUE QUEM FALA COMO REPRESENTANTE DE DEUS NO TEXTO

Fred B. Craddock prega sobre o ministério de João Batista no deserto, em Marcos 1.1-8. Boas-novas são difíceis de encontrar nas palavras duras de João, no entanto Craddock, ainda assim, consegue começar a desenvolver a graça com base nelas, ao responder à nossa pergunta “O que Deus está fazendo no texto ou por trás dele?”. Deus está presente em João Batista:

Persuasivo. Você alguma vez já ouviu [João Batista] pregar? É meio assustador. Ah, não apenas as imagens que ele usava. Ele usava algumas imagens fortes. O machado já está posto à raiz da árvore. Deus pode levantar filhos de Abraão destas pedras. O rastelo para separar o joio do trigo está em sua mão. Trigo e joio. O joio é queimado, e o trigo é salvo. Você está pronto? Arrependa-se! (Pausa.) [...] Isso é meio [assustador], sabe. [...] Mas não era isso que assustava. O que assustava ao ouvir João pregar é que ele coloca você na presença de Deus. É isso que todo mundo quer, e é isso que todo mundo não quer. Porque a luz no altar é diferente de todas as outras luzes do mundo.¹⁷

PERGUNTE PARA OS TEXTOS DIFÍCEIS: “PARA QUEM ISSO PODERIA SER BOAS-NOVAS?”.

Pavel Filipi pregou sobre o “servo” em Isaías 42.1-4 e transformou o versículo 4 (“Ele não falhará nem será dissuadido até que tenha ministrado o juízo sobre a terra; e as terras do mar esperam por sua lei”), que talvez pareça apropriado para a página 1, em uma boa-nova para a página 3. Ele estava pregando em Praga, então Checoslováquia, no primeiro Domingo do Advento de 1989, quando seu país estava passando por tumultos. Talvez essa situação radical tenha contribuído para sua percepção a respeito da graça nesse texto, a percepção de que o próprio juízo de Deus pode ser graça. Quando deparamos com um texto complicado em que a graça parece difícil de encontrar, podemos perguntar: “Há alguém para quem o texto possa soar como uma boa-nova?”. Filipi também vai de seu texto específico para o livro mais amplo de Isaías. Observe que Filipi não faz um filme com palavras, mas ainda assim é uma passagem eficaz.

“Até que ele exerça o juízo sobre as nações.” Quando falamos de juízo, não nos sentimos confortáveis. A maioria das pessoas prefere evitar juízos, e pensamos sobre os juízos de Deus com alguma dose de incerteza e ansiedade. Mas as testemunhas bíblicas falam de maneira diferente. “Julga-me, Senhor”, suplica o salmista. Para ele, o juízo de Deus é algo desejável, que precisa ser exigido, pois é um juízo que põe fim à desordem e ao caos. O juízo do Senhor colocará um fim ao capricho dos juízes humanos e dos responsáveis pelas decisões e trará à luz a justiça, o direito e a aliança de Deus. O juízo do Senhor significa corrigir as coisas, e não destruí-las. Significa normalização, retorno à normalidade, deixando para trás as condições anormais em que vivemos em nossos relacionamentos com Deus, com o próximo e com a natureza. Momentos atrás, ouvimos estas palavras, extraídas de outra profecia de Isaías, sobre o indivíduo prometido que executaria o juízo

de Deus: “Ele não julgará pelo que seus olhos veem nem decidirá pelo que seus ouvidos ouvem; mas com retidão ele julgará os pobres e decidirá com equidade para os mansos da terra”. Tudo isso — incluindo o cordeiro que se deita com o lobo — é o que o juízo de Deus significará, o que ele trará. “Ninguém fará mal nem dano.” Essa é a tarefa da qual o servo de Deus [no texto] é encarregado: corrigir tudo o que está errado na criação de Deus, que foi danificada pelo pecado humano: restaurá-la à sua condição normal; corrigir a injustiça; pôr fim à guerra; destruir o orgulho; pôr fim à exploração dos fracos e à opressão daqueles que não têm poder algum.

É para isso, para corrigir as coisas dessa maneira, que o nosso Deus já está trabalhando. É por isso que ele está chamando e preparando seu servo. Imagine só: ele mesmo está assumindo a responsabilidade de consertar tudo o que nós danificamos por nosso egoísmo, nosso desejo por prazer, nossa avareza, nosso pecado. Relacionamentos humanos fragmentados, inimizade com Deus e com a humanidade, vidas que foram assoladas e natureza que foi devastada — tudo isso, conforme Deus decidiu, não deveria permanecer assim. Ele já está trabalhando nisso. Ele já escolheu e preparou seu servo.¹⁸

PERGUNTE COMO A RESSURREIÇÃO INFLUI NO SENTIDO DE UM TEXTO

Em muitos textos, acho que ajuda perguntar: “Que diferença a cruz, a ressurreição e a ascensão fazem para as próprias palavras de Jesus? Acaso Cristo não governa sobre até mesmo o pior que a criação de Deus pode enfrentar?”. Lucas 21.25-36 fala de sinais no Sol, na Lua e nas estrelas, de pessoas com angústia e de que tudo isso é o tempo da vinda do Filho do Homem:

De fato, em todas as épocas tem havido mais do que umas poucas pessoas totalmente dispostas a jogar a toalha, a torcer as mãos em desespero, a ceder à condição negativa do momento, a querer o fim e a desejar a morte de si mesmas e de outros. O certo e o errado não são tão difíceis de determinar quanto o bem e o mal, pois o mal se mascara como bem. O mal espreme com suas garras o coração de um filho de Deus que está fora de combate e o convence de que a vida não tem mais sentido; o mal faz a desistência parecer boa. [Fim da página 2]

Não devemos ceder. Devemos olhar para cima. Quando as coisas estiverem tão ruins a ponto de pensarmos que a vida não pode ficar pior e que não vai melhorar, quando sentirmos que não há para onde ir, quando o mal nos tentar a pensar que a vida não tem mais sentido e estender o tapete vermelho em direção à sepultura, dizendo: “Venha”, não vá. Olhe para cima, olhe para fora, prepare-se, levante a cabeça, fique em pé, na ponta dos pés, pois sua redenção está se aproximando. Seu resgate está perto. Seu Salvador não abandonou você. Cristo está se aproximando. Você o verá se aproximando nas nuvens. Ele é a palavra final. Sua voz está chamando do sepulcro vazio, onde a morte já foi derrotada, a falta de sentido, confinada ao inferno, e a vida sem amor, aniquilada. Sua voz também chama do fim dos tempos, dizendo: “Quando parecer que não há propósito, olhe novamente. Toda a criação tem um propósito. Deus opera todas as coisas para o bem”.

Não desista, exceto se for para desistir de suas preocupações e entregá-las a Deus. Não ceda, exceto se for para ceder ao poder do amor de Deus de realizar as intenções dele para este mundo e para a sua vida, apesar de todas as aparências e independentemente do que alguém possa dizer. Apenas expresse o amor de Deus, alcance aqueles que estão ansiosos, seja a mão de Deus para ajudar os necessitados. Se você não tem mais muito amor de sobra, gaste o que tem e você terá mais. Se você não tem mais o que orar, fique em silêncio diante de

Deus, que é o que Deus provavelmente mais gostaria a maior parte do tempo, e outra oração lhe será dada. Se você está com pouca coragem, mais coragem está vindo em sua direção. Dê graças a Deus, se você não tem mais nada. São boas notícias! Pois Jesus diz que, quando pensamos que é o fim, devemos olhar para cima, “porque a sua redenção está se aproximando”.

Jamais a vida termina quando chegamos ao fim de nossos próprios recursos: é aí que a vida começa. A vida começa quando ficamos sem recursos, porque então passamos a colocar nossa fé em quem ela deveria estar, em Deus, na força de Deus e no propósito de Deus. Portanto, não deveria nos surpreender que, quando Jesus retrata o fim dos tempos, uma hora que ninguém sabe, quando tudo parecer desmoronar, também será tempo de confiar no eterno propósito de Deus, pois o amor de Deus, demonstrado tão claramente para nós na cruz, será escrito no alto de todas as nuvens para que ninguém deixe de percebê-lo, dizendo que o amor de Deus é o fim, os propósitos de Deus dominarão; portanto, não tenha medo. Não tenha medo.

O texto acima é um exemplo de exortação encorajadora, uma forma particular de proclamação do evangelho que analisaremos no próximo capítulo.

MENCIONE OUTROS TEXTOS RELEVANTES, SE NÃO EXIGIREM EXPOSIÇÃO

Qualquer texto que aponte para a virtude da ação humana provavelmente afastará o pregador de proclamar Deus. Essa é a tentação em Lucas 18.1-8 (a viúva e o juiz injusto). Mary Harris Todd habilmente evitou a dificuldade ao pregar sobre a necessidade de persistência na primeira metade de seu sermão; então ela passou a desenvolver o texto da perspectiva de Deus. Ela

descobriu um novo ângulo, imaginando Deus como uma das pessoas no texto, nesse caso como a viúva. Ela traz dois outros textos cuja relevância é óbvia. As Escrituras interpretam as Escrituras. Observe que Todd desenvolve a doutrina da natureza de Deus em uma conversa. Ela utiliza linguagem multisensorial e concreta, e não linguagem abstrata que costumamos associar à doutrina:

Vez após vez a viúva ia até os aposentos do juiz e batia à porta. E por muito tempo ele se recusou a ajudar. Ela continuou, até que os nós dos dedos sangraram. Era desanimador. Aposto que ela chegou perto de desistir, ao menos uma vez. É tentador desistir quando parece que você não está fazendo nenhum progresso e tem as mãos machucadas e sangrando pelo esforço. É doloroso e difícil de aguentar. Tenho certeza de que todos os indivíduos que acabei de mencionar poderiam lhe contar sobre os momentos em que o mesmo ocorreu com eles.

Depois de contar a parábola, Jesus disse: “Ora, Deus não julgará em favor de seu próprio povo, que clama a ele por ajuda dia e noite? Será ele lento em ajudá-los?”. Como Deus ajuda as pessoas que bateram na porta até os nós dos dedos sangrarem? Bem, não é isso que o próprio Deus faz o tempo todo? “Eis que estou à porta e bato”, diz Deus (Ap 3.20, RSV). Deus ora sem cessar. Deus procura e bate e trabalha pelo que é certo o tempo todo. O Espírito Santo de Deus ora e geme constantemente com “gemidos profundos demais para expressar em palavras” (Rm 8.26, NRSV). Eis que Deus está à porta e bate. Deus não está simplesmente de braços cruzados e deixando tudo para que façamos, até que esse grande dia chegue, quando o governo de Deus será absoluto, e o reino virá em toda a sua plenitude. Deus está batendo à porta, clamando por justiça, agora! Deus é como aquela implacável viúva que não descansa até que a justiça seja feita. Deus continua confrontando um mundo que é como o juiz injusto e não tem

nenhuma consideração por Deus ou pelos outros. Lá está Deus, exigindo justiça na ex-Iugoslávia.¹⁹

PROVE AS AFIRMAÇÕES LITERÁRIAS QUE VOCÊ FIZER ACERCA DO TEXTO

Textos como a história de Sansão e Dalila (Jz 16.4-31) são difíceis de pregar como boas-novas. Jeremiah A. Wright Jr. identifica Sansão como alguém preso. Ele apresenta a seus ouvintes ao menos três evidências para sustentar sua afirmação de que o Espírito é a fonte da força de Sansão, e não seu cabelo, ao mesmo tempo que faz um filme do texto:

Mas o que Dalila não percebeu e o que o inimigo de Sansão não percebeu foi a resposta completa sobre o que o fazia tão forte. Observe, eles confundiram o símbolo de sua força com a fonte de sua força. Eles não prestaram atenção a toda a resposta de Sansão. Seu cabelo era o símbolo, e não a fonte [de sua força]. Olhe para a resposta completa de Sansão. Ele disse: “Meu cabelo nunca foi cortado”. Isso é um símbolo. Por quê? “Porque fui dedicado a Deus como nazireu desde que nasci.” Ora, essa é a fonte de sua força. O último versículo do capítulo 13 diz: “O poder do Senhor começou a fortalecê-lo”. Mas o hebraico diz que o *rûah*, o Espírito do Senhor, começou a conduzi-lo.

No capítulo 14, quando um leão o atacou (v. 6), ele diz novamente que o *rûah*, o Espírito do Senhor, veio sobre ele. No capítulo 15, quando agarrou aquela queixada de jumento, o versículo 14 diz que o *rûah*, o Espírito do Senhor, veio poderosamente sobre ele. A fonte de sua força era Deus e o *rûah*, o Espírito de Deus. Então, ele orou (16.28) depois que seu cabelo, o símbolo de sua força, começou a crescer de novo: “Senhor, prova-me mais uma vez. Eu sei que te decepcionei antes, mas tenta só mais uma vez. Dá-me forças apenas mais uma vez”. O que ele está pedindo é o Espírito de Deus, o *rûah*, a

força de Deus, e não a dele. O que nos faz tão fortes? A força de Deus.²⁰

Esse também pode ser o nosso poder na pregação, quando buscamos proclamar o problema e a graça em um texto bíblico. A terceira página, assim como a página 4, a seguir, torna-se uma oportunidade para falar de Deus com foco persistente e alegre.

UMA LISTA DE VERIFICAÇÃO PARA A PÁGINA 3

O conteúdo apresentado aqui é exegeticamente correto?

Será que reconstruí o texto usando material novo não apresentado na página 1?

Essa página diz respeito a uma ideia, ou seja, à frase-tema?

A frase-tema concentra o foco em Deus?

Ela volta o foco para a ação da graça de Deus, que está no texto ou por trás dele?

A frase-tema é curta e memorável?

Acaso ela está na parte superior da página e eu a repito com frequência para que os ouvintes percebam sua importância?

A ação de Deus ou a natureza de Deus é o sujeito da página toda?

Quando prego sobre um milagre, esse milagre realmente ocorre ou é apenas mencionado?

Essa página é principalmente um filme?

O que os ouvintes podem ver nessa página?

Utilizei outros sentidos?

Filmei o texto de um novo ângulo?

A graça aqui tem relação com o problema mencionado antes?

Enfatizo as pessoas em ação?

Evito entrar na cabeça dos personagens?

Será que retratei o evento em vez de relatá-lo?

O texto trata de uma necessidade?

Permiti que uma doutrina que escolhi instrísse a filmagem que fiz do texto?

Se eu estiver usando uma imagem predominante, ela está presente nessa página?

Essa página apela ao *logos*, *páthos* e *éthos* (razão, paixão e integridade)?

Essa página mantém a coesão pelo uso de metonímia em vários níveis como elos de uma cadeia de pensamento?

Essa página gera uma experiência de Deus e dos eventos e pessoas no texto bíblico?

1Hank Langknecht, sermão não publicado, pregado primeiramente na igreja Runnymede United Church, Toronto, em 1 de fevereiro de 1998. ↵

2Shirley Prince, “You still have time”, in: Daryll M. Trimiew, org., *Out of mighty waters: sermons by African-American disciples* (St. Louis: Chalice, 1994), p. 181-2.↵

3John M. Rottman, “Blind Bartimaeus”, sermão pregado na igreja Grace Christian Reformed Church em Scarborough, Ontário, Canadá, no domingo de 25 de outubro de 1998. ↵

4Charles B. Bugg, “What keeps us going?”, in: James W. Cox, org., *Best sermons* (San Francisco: HarperCollins, 1994), vol. 7, p. 238-9. ↵

5Christine Smaller, “Preach it, preacher!”, sermão pregado em uma aula de doutorado na Toronto School of Theology em novembro de 2015.↵

6William D. Watley, “Go on”, in: Samuel D. Proctor; William D. Watley, *Sermons from the black pulpit* (Valley Forge: Judson, 1984), p. 48.↵

7Betsy DeVries, “The third option”, sermão não publicado, pregado em 28 de setembro de 2014, na igreja Mayfair Christian Reformed Church, Grand Rapids, Michigan, Estados Unidos.↵

8Edmund Steimle, “Asleep or awake?”, *God the stranger: reflections about resurrection* (Philadelphia: Fortress, 1979), p. 32-3.↵

9Mark Trotter, “The sure sign of status”, in: James W. Cox, org., *Best sermons* (San Francisco: Harper & Row, 1988), vol. 1, p. 221. ↵

10Luke A. Powery, “The heart of faith”, sermão não publicado, pregado no Calvin Symposium of Worship, Calvin Seminary, em 29-31 de janeiro de 2009.↵

11John Richard Foulkes Sr., “From paternalism to partnership”, in: Trimiew, org., *Out of mighty waters*, p. 161-2.↵

12Barbara Jurgensen, “The lesson of history”, em: *Augsburg sermons: Old Testament lessons*, series C (Minneapolis: Augsburg, 1979), p. 240-1.↵

13Haddon W. Robinson, “A case in temptation”, in: Haddon W. Robinson, org., *Biblical sermons: how twelve preachers apply the principles of biblical preaching* (Grand Rapids: Baker, 1989), p. 22.↵

14Hazel Addy, “The woman with bleeding”, in: Heather Walton; Susan Durber, orgs., *Silence in heaven: a book of women’s preaching* (London, Reino Unido: SCM, 1994), p. 103.↵

15Paul Yung, “Who is my neighbor?”, in: Ignacio Casteura, org., *Dreams on fire, embers of hope: from the pulpit of Los Angeles after the riots* (St. Louis: Chalice, 1992), p. 20-1.↵

16Barbara Brown Taylor, “Beginning at the end”, *Seeds of heaven* (Cincinnati: Forward Movement, 1990), p. 79-80 [artigo republicado em: Thomas G. Long; Cornelius Plantinga Jr., orgs., *A chorus of witnesses: model sermons for today’s preacher* (Grand Rapids: Eerdmans, 1994), p. 19-20].↵

17Fred B. Craddock, “Have you ever heard John preach?”, in: Long; Plantinga Jr., orgs., *A chorus of witnesses*, p. 39.↵

18Pavel Filipi, in: James W. Cox, org., *Best sermons* (San Francisco: HarperCollins, 1991), vol. 4, p. 198-9.↵

19Mary Harris Todd, “The pleading widow”, in: James W. Cox, org., *Best sermons* (San Francisco: HarperCollins, 1994), vol. 7, p. 261-2.↵

20Jeremiah A. Wright Jr., “What makes you so strong?”, in: Jini Kilgore Ross, org., *What makes you strong: sermons of joy and strength from Jeremiah A. Wright, Jr.* (Valley Forge: Judson, 1993), p. 158.↵

QUINTA SEÇÃO

**PÁGINA 4:
SEXTA-FEIRA**

CAPÍTULO 10

A AÇÃO DE DEUS NO MUNDO

Recentemente, uma mulher cujo marido morreu há quatro anos ouviu com atenção um sermão que interpretava a ressurreição de Lázaro. O tema era “Cristo tem poder sobre a morte”. Ao sair da igreja, ela disse que, quando ouviu Jesus ordenar a seus seguidores que removessem de Lázaro os panos em que estava envolto no sepulcro — “Desatai-o e deixai-o ir” (Jo 11.44, ESV) —, ela percebeu duas coisas. A primeira é que o marido dela está vivo. A segunda é que ela deve deixar os panos de sua dor. Esse foi um lindo testemunho, uma demonstração poderosa do que pode acontecer por causa do evangelho nas páginas 3 e 4.

O evangelho é belo. Tendemos a associar beleza principalmente com arte, música e natureza. Essas três coisas apelam aos sentidos e evocam emoções. Seu impacto pode ser visceral e imediato. Cientistas e matemáticos falam sobre beleza em soluções para problemas. Homiletas falam sobre beleza em versículos bíblicos, imagens, histórias, filmes e poemas, mas têm falado menos sobre a beleza do evangelho. O que Karl Barth disse sobre a beleza de Mozart, ele teria dito sobre o evangelho: “O ‘centro’ mozartiano é diferente daquele do grande Schleiermacher — uma questão de equilíbrio, neutralidade e, finalmente, indiferença. O que ocorre em Mozart é mais uma reviravolta gloriosa do equilíbrio, uma virada na qual a luz se eleva e as sombras caem [...], em que o Sim soa mais alto que o Não sempre presente. [...] Em algum nível, alto ou baixo, é uma disputa a ser vencida; na verdade, ela já está ganha”.¹

É isso o que ocorre com as páginas 3 e 4, as mais importantes e mais negligenciadas na maioria dos sermões. Seguindo a perspectiva da capa deste livro, as páginas se movem em sentido horário, do azul do lamento ao vermelho do sangue, seguindo para o amarelo da aurora da Páscoa, e agora o verde da nova criação iniciada em Cristo na página 4, nova criação que já está evidente ao nosso redor. É aqui que todas as coisas fazem sentido. Agora vemos o arco-íris completo da aliança de Deus. O sim da graça é maravilhosamente mais elevado que o não do problema, da mesma forma que o sim do coral e das trombetas da Páscoa supera o não do trovão da Sexta-Feira Santa. Essa é a harmonia do evangelho, não que tudo seja melhor nem que a ressurreição remova a crucificação, mas Deus introduz em toda a criação um sim muito mais forte do que todos os coros de não e uma garantia de que, no final, o sim vencerá. Como David Buttrick declara: “Nós pregamos com base na promessa futura para o tempo presente, identificando as linhas do enredo nos eventos humanos que estão sendo conduzidos ao propósito final de Deus, a saber, a comunhão de pessoas umas com as outras e com Deus”.²

As páginas 3 e 4 são tão importantes e, de certa forma, tão difíceis que talvez os pregadores pudessem começar a escrever sermões por elas. Separamos um dia da semana para cada página, começando na terça-feira com a página 1, algumas horas por dia, para permitir o máximo de tempo para a gestação do sermão. Mesmo fazendo isso, o problema atrai a maior parte da atenção, recebendo, na verdade, quatro dias de pensamento, quando a graça normalmente precisa de mais cuidado e nuances e recebe em grande parte dois dias. Se o pregador ficar sem tempo para produzir o sermão durante a semana, por causa de eventos pastorais, o que fica prejudicado no sermão? As boas-novas.

O problema tem lá seus próprios desafios, mas, para quase todas as pessoas, falar dele é mais natural do que falar sobre a graça. O mundo inteiro ensina as pessoas a falar de problemas, ainda que não seja em todos

os sentidos teológicos que afirmamos aqui. Cada pregador talvez precise fazer testes com a produção do sermão. Uma vez que defina as quatro frases orientadoras do seu sermão, na terça e quarta-feiras, no início da semana, pode trabalhar nas páginas 3 e 4 apenas delimitando o problema e complementando-o à medida que o domingo se aproxima. A maioria dos pregadores, se necessário, pode pregar um sermão sobre problemas, mas a graça requer um tipo especial de linguagem, habilidade, arte e beleza. Ela requer tempo, oração e cuidado adicionais.

I. IDENTIFICANDO AS AÇÕES DE DEUS

A página 3 começou enfatizando a graça de Deus em relação ao problema na vida das pessoas. Os fundamentos e salvaguardas exegéticos e teológicos estão agora postos em seu devido lugar, de modo que a página 4 possa proclamar o amor e o cuidado contínuos de Deus. O assunto nos parágrafos muda. Um estudante de doutorado fez este comentário perspicaz: “Para passar com destreza por essas quatro páginas, devo dominar a arte das transições. Também percebi que o movimento de uma página para a seguinte exigia que eu mudasse os sujeitos. Ou seja, o sujeito na página 1 é o/os personagem/personagens no texto que enfrenta/enfrentam o problema; o sujeito na página 2 somos nós; o sujeito na página 3 é Deus/Jesus; e o sujeito na página 4 é Deus e nós”.³

Declarações sobre a atividade de Deus podem ser difíceis, pois os sinais de Deus no mundo são muitas vezes ambíguos. No entanto, Deus nunca nos deixa sem esses sinais, e Jesus prometeu: “O Defensor, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, lhes ensinará tudo e os lembrará de tudo o que eu disse a vocês” (Jo 15.26). Jesus também disse: “Eu estou sempre com vocês até o fim dos tempos” (Mt 28.20), portanto sinais da presença de Cristo devem ser esperados.

Declarações sobre a ação de Deus são biblicamente garantidas, mas como lidamos com elas ainda é arriscado. Podemos estar errados: podemos declarar muito sobre as coisas erradas, afirmar muito pouco sobre as coisas certas ou deixar de perceber a Deus por completo. Mesmo quando estamos próximos da verdade, a nuance correta das declarações pode nos escapar. Alegações abstratas e gerais sobre o amor e o cuidado de Deus são fáceis e seguras: elas exigem poucas evidências, mas também nutrem menos a fé do que os testemunhos reais. No entanto, Deus quer ser conhecido.

Textos bíblicos individuais orientam os pregadores para as ações de Deus hoje. Jesus pregou sobre a irrupção do domínio ou reino de Deus. Em sua pessoa, ele era e é aquele que irrompe, proclama e executa ações características de Deus: encontrar, salvar, procurar, restaurar a vida, trazer para casa, reconciliar, perdoar, curar; e estabelecer justiça, misericórdia, cura, paz, esperança, alegria e retidão. Para identificar Deus no mundo, procure por algum sinal desse domínio que irrompeu em nosso mundo. Deus é o autor de tudo o que é bom; portanto, quando vimos coisas boas e discernirmos que elas são de fato autênticas (i.e., o amor nem sempre é o que o mercado apresenta como amor), temos de proclamá-las como sinais de Deus.

Aqui estão as mais importantes diretrizes, em duas etapas, para narrativas na página 4:

Etapas 1

Conte uma história sobre uma experiência vivida por alguém que demonstre um dos valores associados ao domínio de Deus, como amor, retidão, fé, justiça, misericórdia, salvação, paz, hospitalidade, perdão, e assim por diante.

Etapas 2

No final da história, apresente Deus, em uma das pessoas da Trindade, como o ator principal na história ou por trás dela. Aponte para a assinatura de Deus no canto inferior direito do quadro. Esse recurso simples e essencial cria duas coisas básicas: faz a história deixar de ser antropocêntrica, modelando o que devemos fazer, para ser teocêntrica. Também ajuda os ouvintes a confiarem que Deus age de maneira similar na própria vida e ações de ministério de cada um, capacitando-os.

Muitas vezes, quando procuram histórias sobre Deus, os pregadores buscam histórias de pessoas religiosas. Essas histórias são boas, mas semana após semana são difíceis de encontrar. Se forem usadas exclusivamente essas histórias, no entanto, elas mantêm Deus confinado à igreja. Queremos que as congregações sejam capazes de identificar a atividade de Deus em qualquer lugar do mundo e entre todas as pessoas, em eventos mundanos e também nos espetaculares. O mundo inteiro pode ser a fonte de nossas histórias. As histórias não precisam ser explicitamente religiosas. Aqui está o segredo: nós as tornamos religiosas ao contá-las da perspectiva da fé.

II. CINCO FUNÇÕES DA PÁGINA 4

Recentemente, uma mulher reagiu a um sermão da seguinte maneira: “É tão bom ouvir um sermão que liga a Bíblia à vida diária”. O fato de um sermão fazer isso não deveria ser novidade. A página 4 tem cinco funções teológicas principais, além de encerrar o sermão:

1. A página 4 aplica a graça de Deus na Bíblia aos dias de hoje. As páginas 3 e 4 seguem o modelo exposição/aplicação, assim como as páginas 1 e 2, mas desta vez da perspectiva do que Deus está fazendo no texto e por trás dele.

2. Ela mantém um foco constante na ação de Deus no mundo. Ela transmite não apenas informação sobre a graça de Deus, mas também uma

experiência da graça de Deus no presente. Cristo se encontra com os ouvintes: “Quem dá ouvidos a vocês, dá ouvidos a mim” (Lc 10.16).

3. Ela oferece um equilíbrio para os problemas da página 2. Se a página 2 apresenta basicamente um problema vertical, os ouvintes precisam de graça vertical, ou seja, de perdão, na página 4. Se a página 2 apresenta um problema principalmente horizontal e o sofrimento, a condição caída e a ruína do mundo, a página 4 precisa desenvolver graça horizontal. Deus subverte os poderes deste mundo e restaura o que precisa de restauração. Há cura onde existia doença, alegria onde existia tristeza e esperança onde havia desespero. Não se fala de alguém sofrendo de falta de moradia (= problema horizontal) na página 2 e em seguida se oferece perdão (= graça vertical) na página 4, embora isso também possa ser necessário. Essa pessoa precisa de um lar (= graça horizontal). Aponte para Deus trabalhando agora contra aqueles poderes e principados que resistem à vontade de Deus. Isso talvez esteja em uma solução inovadora de habitação e/ou na ação escatológica de Deus, trazendo seus filhos para casa.

4. A página 4 trata de uma necessidade. Lembre-se do nosso exercício de quatro frases. Com João 11.1-44, a página 3 é: “Jesus ressuscita Lázaro dos mortos”. Transponha a frase para a página 4: “Jesus nos ressuscita dos mortos”. Inverta e transponha para a página 1: “Lázaro morre (durante o atraso de Jesus)”, e para a página 2: “Jesus parece atrasado hoje”. Uma coisa é dizer “Jesus ressuscita Lázaro dos mortos”, mas os pregadores nunca devem subestimar a reação “E daí?” nas congregações. Estabeleça a necessidade ou a relevância na mente dos ouvintes: “Posso confiar em Jesus?”. Esse é um sermão que muitos desejarão ouvir.

Indique a necessidade na introdução. Na página 2, conte a história de alguém (ou algum grupo) que está perguntando: “Posso confiar em Jesus?”. Na página 4, volte a essa pessoa ou a uma situação semelhante: mostre como a boa-nova tem um ponto de contato com a situação. Nesse caso, podemos confiar em Jesus porque fomos ressuscitados dos mortos. Deixamos a morte

atrás de nós, mediante nosso batismo em Cristo, e o que está à nossa frente é apenas uma sombra de morte. Nós já participamos da nova vida que Cristo oferece. Conte também a história de alguém (como a daquela viúva após o sermão sobre Lázaro, no início deste capítulo) cuja experiência confirma essa nova vida. Sim, Jesus é digno de toda a confiança.

5. A página 4 coloca o mundo, conforme normalmente experimentado, em tensão com a graça. Dividir uma história pode ser bom se ela tiver uma boa notícia para o final. Anuncie o problema na página 2 e a graça na 4. Certifique-se de retomar a história ou a questão mais impactante ou emotiva da página 2, caso contrário as pessoas ficarão imaginando o que aconteceu. Identifique na página 4 quais são as boas-novas para essa situação conturbada à luz da graça de Deus. Se a situação é recente demais para discernir as boas-novas, apresente uma história relacionada que tenha alguma resolução ou esclarecimento sobre Deus. A página 4 não elimina a página 2, mas estabelece ao lado desta uma poderosa indicação alternativa da graça. Portanto, os pregadores oferecem às pessoas uma visão transformada da vida comum, que agora tem um significado e propósito teológicos mais profundos. Ao vir por último no sermão, a graça soa como uma indicação escatológica mais poderosa, fundamentada na Páscoa e antecipando a vitória final de Deus.

III. PERIGOS AO REIVINDICAR A AÇÃO DE DEUS

Certamente, há perigos ao apontar Deus no mundo. Pregadores inexperientes talvez associem Deus com algo relativamente trivial ou banal, como o sorriso de uma balconista para um estranho. A associação não é necessariamente falsa, mas o sorriso poderia significar algo mais do que um ato de gentileza. A menos que seja bem contado, um incidente assim não

tem importância suficiente para sustentar o valor do evangelho em uma proclamação pública. Deus é sempre mais do que apenas algo bom.

Outro perigo é “empilhar” as ações de Deus. Um aluno de homilética apresentou várias ações na página 4: Deus nos perdoa; Deus ajuda diferentes pessoas; Deus usa seres humanos para transformar outros; Deus cerca as pessoas com amor; Cristo capacita pessoas a reagirem em amor; Deus dá esperança em meio ao desespero; e Deus trabalha criando novas comunidades. O sermão começa a soar trivial ou superficial. Ele precisava de uma frase-tema, uma doutrina específica e de uma ação, história ou experiência principal de Deus.

Alguns pregadores podem retratar a ação de Deus como se ela fosse automática ou mecânica quando coisas ruins acontecem, como parte da ordem do Universo. Por exemplo, um pregador pode dizer: “Em meio a todo esse sofrimento, a vida vence. O bem é mais forte do que o mal”. O perigo aqui é duplo: (1) o pregador generaliza [e transforma] a ação de Deus em uma lei da natureza, como se a vitória de Deus sobre a morte em Jesus Cristo tivesse resultado em uma espécie de piloto automático de um carro, que é acionado quando a vida se torna uma luta árdua. Pelo contrário, cada ação de Deus no presente deve ser honrada. Cada uma dessas ações é pessoal e específica no tempo e no espaço, um presente da graça imerecida. (2) O pregador nega o custo da obra consumada por Jesus. A encarnação, a cruz e a ressurreição são eventos únicos no tempo e na história. A vida não “vence” simplesmente; na morte e ressurreição de Jesus Cristo, Deus derrotou o poder da morte de um modo único, sem igual, e por meio do Espírito Santo continua a lutar contra o sofrimento e a injustiça. O pecado e o mal persistem, mas o resultado final é claro.

Os pregadores também cometem outro erro quando retratam a graça como se fosse em grande parte ou unicamente uma atividade futura de Deus. Se a graça de Deus está apenas no futuro, então, por implicação, não a experimentamos ainda. Por exemplo, um pregador poderia dizer: “Deus

talvez faça isso ou Deus fará aquilo...”, mas essa graça no tempo futuro não é em absoluto tranquilizadora. E se isso não ocorrer? Outra hipótese seria o pregador dizer: “Quando fazemos isso, Deus irá...”, ou: “Se apenas nos afastarmos disso...”, mas a graça se torna então condicional, dependente de nós, e nos deixa com o problema. As condições talvez precisem ser satisfeitas, mas são para a página 2. Em vez disso, coloque declarações sobre a graça no passado, como algo que Deus já fez ou começou, no batismo, na eucaristia, na oração ou ao nos chamar como indivíduos para esse culto de adoração.

Outro perigo pode surgir quando retratamos a natureza como um sinal inequívoco da graça de Deus. A criação e o sustento contínuos de Deus são atos de graça, e a maioria de nós consegue perceber a graça na natureza. Reflita sobre o milagre da vida neste planeta, as maravilhosas harmonias e equilíbrios que Deus criou na natureza e no espaço sideral, a beleza de um pôr do sol. Evoque admiração e mistério. Contudo, tratar um nascer do sol em particular como se fosse um sinal objetivo de graça pode ser excessivamente pessoal para a pregação: podemos projetar na natureza nosso próprio estado emocional ou espiritual no momento, esquecendo-nos de que alguém que tenha acabado de ouvir que seu marido morreu pode experimentar esse mesmo nascer do sol como indiferença ou zombaria divina. Ainda podemos falar do nascer do sol como um sinal do amor contínuo de Deus: simplesmente devemos reconhecer a ambiguidade dele como sinal e que outras pessoas podem não ser capazes de vê-lo dessa maneira, por algum motivo, nesse mesmo dia.

Além disso, alguns pregadores procuram minimizar a ambiguidade quando contam histórias sobre Deus. Para que as alegações sobre Deus sejam convincentes e correspondam à experiência real das pessoas, alguma ambiguidade ou ambivalência é essencial. Convide as pessoas a ter a certeza da fé, e não a fazer prova de Deus. A ação de Deus na vida presente nem sempre resulta em finais do tipo “felizes para sempre”. Temos de fato

histórias de alguém que se livrou de maneira permanente de um vício em drogas ou de uma família que finalmente permanece junta, mas mesmo essas histórias têm suas lutas, pois o pecado e o mal são realidades diárias. As histórias mais convincentes sobre a ação de Deus geralmente incluem ambivalência: cura em meio a doenças, alegria em meio a problemas, esperança em meio a sofrimento ou riquezas em meio a perdas. Reconhecer a ambivalência pode torná-las mais confiáveis.

Por fim, alguns pregadores relutam em apresentar a ação de Deus porque não sabem o que acontecerá depois. Hananias foi condenado por encorajar o povo a confiar em uma mentira (Jr 28.15,16). Isso é um aviso para todos os que alegam falsamente estar falando em nome de Deus. Como alguém pode ter certeza, mesmo em atitude de fé, para indicar a ação de Deus? Por exemplo, alguém pode querer reivindicar a mão de Deus em unir inimigos nas discussões sobre a paz no Oriente Médio, mas ao mesmo tempo ficar hesitante porque esse acordo pode desmoronar, como já aconteceu a tantos outros antes. Ainda assim, não é preciso esperar pela paz definitiva para falar da atividade de Deus hoje. Todos os sinais de paz apontam e incorporam a paz definitiva que Deus implantará. Afirme a ação de Deus nesse momento e, se a paz cessar depois, identifique os poderes do mal que ainda se opõem a Deus. Se sempre esperarmos por finais definitivos, ignoramos a atividade de Deus nos intervalos. Desse modo, daremos a nosso povo pouca razão para acreditar que Deus está envolvido nos assuntos mundiais, e menos ainda de que ele está no controle.

IV. UMA MISSÃO COMO GRAÇA

Na segunda-feira, indicamos uma missão ou consequência comportamental do sermão, e na quarta-feira, na página 2, começamos a identificar isso, mencionando situações em nosso mundo que precisam de nossa ajuda e indicando ações específicas que são necessárias. O sermão participa do

milagre presente da Palavra de Deus, transformando a dúvida em fé. Vidas curvadas para dentro de si mesmas são voltadas, pela graça, para ministérios de evangelismo e serviço jubiloso. Na página 4, a água é transformada em vinho, e o perigo é que evocar a missão transformará o vinho de novo em água. Os pregadores podem cair de volta na linguagem da página 2, lançando pessoas à própria sorte de suas habilidades e seus recursos, e falar que elas “deveriam, devem, tem de, são convidadas a, são chamadas a fazer algo”. Pregadores devem reler seus sermões passados e circular o número de vezes que essas palavras aparecem nas últimas páginas. Circule também o número de vezes que as frases têm Deus como sujeito de um verbo associado à capacitação, ao empoderamento.

Cada sermão pode tanto comissionar ouvintes para o ministério como coenviá-los em missão; eles não são enviados sozinhos, mas como parceiros da aliança com Deus. O terceiro uso da lei para Calvino é o incentivo à obediência. Stephen Farris identifica esse entendimento da lei como “nem martelo nem espelho, mas, sim, um guia muito amado”.⁴ Esse uso da lei pode ser entendido de certa maneira como graça, pois até mesmo o incentivo à obediência é uma dádiva concedida pelo Espírito da qual escolhemos participar, o que constitui um privilégio. Daniel Migliore diz que temos emocionantes vislumbres da natureza de Deus sempre que deparamos com uma comunidade autêntica.⁵

A missão está ligada à profecia e aos sonhos. Deus é o ator que manifesta os propósitos nos quais temos uma parte da aliança a desempenhar. A missão na página 4 não é apenas dever; é privilégio, honra e oportunidade. Geralmente consiste em sugestões do que podem ser respostas apropriadas ao amor de Deus. Estas devem parecer formas úteis de agradecer a Deus. Identificar essas possibilidades é como sugerir algo que uma criança pode comprar para seus pais ou oferecer uma oportunidade para os pais passarem tempo brincando com seus filhos. É uma oportunidade de expressar alegria e gratidão.

A mensagem do evangelho das páginas 3 e 4 transforma os deveres em experiências de plenitude de vida. Para cada situação a que somos chamados, Cristo vai adiante de nós e o encontraremos lá (Mt 28.7). A missão nessa página é um convite a encontrar Cristo, a servir aos outros, a ter a fé fortalecida e a vida consumida e renovada pelo Espírito Santo. Imperativos como “deve”, “deveria” e “tem de” tornam-se indicativos; “nós podemos agora”, ou “não há nada que possa nos impedir”. Declarações condicionais como “se quisermos” ou “quando nós” são lançadas na página 2. O evangelho apresentado no tempo futuro pode ser revisado como passado ou presente: em vez de dizer que “Deus pode fazer a diferença”, proclame que “Deus já fez a diferença em sua vida e não cessará de trabalhar até...”.

V. USO TEOLÓGICO DAS HISTÓRIAS

Pregadores muitas vezes têm dificuldade para encontrar a graça em histórias sobre fatos da vida cotidiana e das notícias diárias.

Eles podem usar três paradigmas simples ou temas teológicos básicos para ajudá-los a discernir uma história com potencial de aplicação para a graça (seguimos o mesmo processo para o problema no capítulo 6). Quase todas as histórias que falam de graça se enquadram em um desses paradigmas. Primeiro, as histórias podem ser metáforas do *perdão de Deus*. Esse é o evangelho no eixo vertical do problema. Pense em histórias importantes de pessoas que oram por perdão e o recebem ou que têm a vida transformada porque experimentam Deus. Uma história sobre uma pessoa perdendo outra, de duas pessoas reconciliando-se ou de alguém que está disposto a confiar novamente podem ser metáforas para demonstrar como é o perdão de Deus ou para declarar que Deus capacita todas as pessoas para ações que se conformam à vontade de Deus.

Segundo, as histórias podem ser contadas como metáforas, símiles ou demonstrações de *Deus transformando o mundo*, tornando possível o impossível. Esse é o evangelho em seu eixo horizontal. J. R. R. Tolkien falou da “eucatástrofe” (lit., uma boa inversão das coisas) do evangelho, o feliz oposto de uma catástrofe, a surpreendente e agradável reviravolta dos eventos na direção de Deus: “isso nega (diante de muitas evidências, se assim desejar) a derrota universal final e, por isso, é *evangelium*, oferecendo um rápido vislumbre de alegria, alegria além dos muros do mundo, intensa como a tristeza”.⁶ As histórias de oprimidos que encontram justiça, de enfermos que encontram a cura e de sem-teto que encontram um lar tornam-se instrumentos para proclamar Deus.

Finalmente, as histórias podem ser usadas para demonstrar *Deus agindo por meio das pessoas* para levar adiante aqueles mesmos propósitos da vontade divina. Claro que Deus escolhe atuar na vida de todas as pessoas, mas muitas decidem não reconhecer Deus ou a alguns daqueles por ele escolhidos para agir. Todavia, se como pregadores começarmos a ver o mundo da perspectiva desse paradigma de um Deus que está presente no outro, todos os atos individuais de bondade se tornam oportunidades para louvar a Deus. Se todo bem vem de Deus, quaisquer pessoas que praticarem uma boa ação autêntica, de forma intencional ou não, são inspiradas ou movidas por Deus.

VI. O CARÁTER GERAL DO PREGADOR

Na retórica antiga, e ainda hoje em certos contextos, o caráter de um orador (*éthos*) é mais importante para o convencimento dos ouvintes do que aquilo que é dito (*logos*) ou as emoções associadas ao discurso (*páthos*). *Éthos* é o caráter do pregador segundo é percebido pelo ouvinte, cujas avaliações podem mudar dependendo do tema tratado. Na igreja, o caráter do pregador tende a ser pressuposto como bom, e, por isso, é provável que o

logos como argumento seja o mais importante. Ainda assim, todos os três são importantes para um sermão impactante. E todos os três falam aos ouvintes sobre o caráter do pregador. Um pregador que permaneça no nível intelectual e nunca discuta ou apele às emoções será ouvido de forma diferente de alguém que o faça.

Alguns aspectos centrais do caráter do pregador são facilmente transmitidos pela pregação semanal:

1. **Ele é preparado?** A falta de preparo talvez seja observada em sermões desorganizados que não têm foco, na tecnologia que não funciona ou em uma maneira excessivamente casual ou improvisada de pregar.

2. **Ele é fiel?** Fidelidade é transmitida pelo ministério como um todo de um indivíduo e com frequência é indicada no sermão por meio de inferências a vida devocional, estudo das Escrituras, defesa dos ensinamentos centrais da igreja, estilo de vida, bem como nos elementos a seguir.

3. **Ele é pastoral?** Uma presença pastoral pode ser comunicada de várias formas e muitas vezes está ligada à bondade e à empatia que o pregador demonstra em relação a pessoas nas histórias do sermão e à atenção semanal para com “uma necessidade”.

4. **Ele é autêntico?** Geralmente, a avaliação desse aspecto leva em conta se ele crê e segue aquilo que fala. Isso também diz respeito a estar integrado, com conhecer a si mesmo, ter auxiliado no crescimento pessoal por meio de aconselhamento, e assim por diante. Os gestos faciais e outros precisam corresponder aos temas analisados (e.g., não sorrir ao falar de fatos preocupantes).

5. **Ele é profissional?** Pregar é uma vocação, e não uma profissão, mas ser profissional está relacionado com expectativas sociais básicas de uma pessoa que esteja servindo ao público, como ter um estilo de vida

equilibrado, fazer exercícios físicos regulares, prestar atenção à higiene pessoal e vestir-se adequadamente ao contexto, à cultura e ao ambiente.

6. Ele é tranquilo? Uma presença de púlpito tranquila é importante. Maneirismos vocais que causam distração, como limpar a garganta, levantar ou abaixar a voz no final de uma frase, ou maneirismos pessoais, como fungar ou ajeitar a franja do cabelo, podem desviar a atenção da Palavra.

Em relação a qualquer um desses aspectos, pregadores devidamente sensíveis a *feedbacks* podem obter orientação e ajuda de membros confiáveis da congregação.

VII. RETRATANDO JESUS COMO SALVADOR, E NÃO COMO EXEMPLO

Muitos alunos veem-se em dificuldades na página 4 quando retratam Jesus como nosso exemplo, e não como nosso Salvador. Certo aluno falou, na página 4, sobre várias ações de Jesus Cristo, mas a maioria delas colocava o fardo da ação sobre os ouvintes: Jesus nos mostra o que fazer; Jesus nos conclama; Jesus nos permite tomar nossa cruz; Jesus nos lembra o que é correto; e Jesus roga que sejamos suas testemunhas. Não existe nada de errado com essas afirmações em si. Elas simplesmente pertencem à página 2. Quando Jesus é um exemplo a ser imitado, geralmente dependeremos de nossas próprias e inadequadas habilidades para cumprir a tarefa.

A ação de Deus com frequência envolve parceiros humanos de aliança. Ao pregar justiça social, podemos facilmente relegar Jesus ao papel de modelo e exemplo. Podemos esquecer de reconhecê-lo como aquele cujo Espírito equipa e capacita à prática da justiça, a cujos esforços nos unimos e cujo poder da ressurreição está operando em nós e na igreja. O Salvador salva, mas nós, não. Evite afirmações diretas do que podemos fazer (i.e., somos capazes de abrir nosso coração para nosso próximo, ou podemos tornar as pessoas conscientes), e fale com mais modéstia ou proclame mais

alto o que é possível em Cristo, no poder do Espírito Santo ou com a ajuda de Deus.

VIII. DUAS ESTRATÉGIAS PARA EXALTAR O EVANGELHO

Nossa fórmula básica é evangelho = problema + graça. O evangelho surge do texto bíblico quando perguntamos logo de início: “O que Deus está fazendo no texto ou por trás dele?”. As boas-novas não estão apenas no passado do texto bíblico ou no futuro, mas também no presente. Outras duas estratégias são importantes para compreender o evangelho.

A. Referência à narrativa cristã mais ampla

Nós dissemos que o ponto inicial da pregação é perguntar: “O que Deus está fazendo no texto ou por trás dele?”. A esperança cristã está presente, mas geralmente não é percebida por completo em um único texto; ela surge (a) do testemunho coletivo da Bíblia e (b) da experiência da comunidade de fé, [mostrando] que Jesus Cristo está vivo hoje. Um apelo a essas duas fontes de testemunho pode ampliar a mensagem do evangelho de um único texto. À medida que contemplo esses elementos por mim mesmo, minha própria fé em quaisquer dos milagres de Jesus começa com sua ressurreição. Porque o encontrei, afirmo que ele está vivo agora, que ressuscitou dos mortos. Portanto, não tenho dificuldade em afirmar seu poder para dar visão ao cego, curar a mulher com o fluxo de sangue ou ressuscitar Lázaro dentre os mortos. Minha própria fé é beneficiada, se um pregador acessar o milagre central no cerne da fé pascal, não importa qual texto seja pregado. Mesmo se alguém pertencer a uma tradição litúrgica que semanalmente celebre a ceia do Senhor após o sermão, em que as orações resumem a história da fé, essa referência à ressurreição pode ser uma boa prática.

Todo texto oferece uma perspectiva sobre o evangelho. Cada texto precisa ser tratado como uma portinhola em um barco: precisamos da portinhola específica, mas também precisamos da visão mais abrangente que ela oferece da história da fé. Ou, mudando a metáfora, todo texto é como um mirante em uma estrada nas montanhas que oferece uma visão do horizonte ao longe e da cruz em uma colina distante. Assim como em muitos mirantes encontramos binóculos instalados [para quem quiser apreciar a vista], os pregadores precisam de lentes teológicas para ler os textos bíblicos. Essas lentes permitem ver o que está lá para ser visto, mas que de outra forma poderia passar despercebido. Uma hermenêutica da ressurreição é comumente necessária. Uma afirmação mais ousada: a ressurreição é o ponto de partida e o ponto de chegada de todo texto dos quatro Evangelhos. Não fosse pela ressurreição, eles não teriam sido escritos, e é nela que todo Evangelho termina.

Na ótica da igreja, a ressurreição faz parte de todo texto. Não significa dizer que todos os textos tratam da ressurreição, nem que Jesus é o sujeito de todos eles, mas, uma vez que um texto tenha sido entendido pelo que é, à luz de seu contexto literário e histórico, é legítimo e certamente útil de uma perspectiva do evangelho lê-lo à luz do evento Cristo, mais amplo.

A referência feita não precisa se restringir à Páscoa. Todos os elementos dessa história mais ampla estão interligados, e qualquer parte dela pode ajudar a reforçar e a ampliar as boas-novas em textos específicos. A história mais ampla inclui Cristo presente na Criação, os atos salvíficos de Deus ao longo da história, antecipações do Messias através dos séculos, a encarnação, vida e ministério de Jesus, a ascensão, o dom de seu Espírito no Pentecostes, o nascimento da igreja, sua vinda no final dos tempos. A referência a algum dos símbolos da fé cristã também está relacionada à história mais ampla: a mesa da comunhão, o cálice e o pão, a pia batismal, o púlpito, a Bíblia aberta, a cruz, as bandeiras, vitrais, e assim por diante. Muitos textos do Novo Testamento, assim como do Antigo Testamento,

não mencionam Cristo, e neles as boas-novas são facilmente ampliadas quando os relacionamos ao que Deus fez e está fazendo em Cristo.

Como fazer a ligação do texto com a história mais ampla que não seja simplesmente voltando-se para a cruz? Um caminho é a tipologia, ou o uso de símbolos que ecoam, reverberam. Um texto que menciona alianças tem ligações com a nova aliança em Cristo (Lc 22.20); a participação em uma refeição tem ligações com a comunhão; a lavagem ou a água tem ligações com os atos de morrer e ressuscitar com Cristo no batismo; Deus falando tem ligações com o Verbo, que é Cristo; as palavras de Deus tem ligações com as palavras de Jesus; sofrimento e derramamento de sangue têm ligações com a cruz; a noite tem ligações com a Sexta-Feira Santa; a luz tem ligações com a aurora da Páscoa; a contemplação de Deus em um estranho tem ligações com Emaús; finais têm associações com o fim dos tempos, e assim por diante.

Fazer ligações dessa maneira viola nossa diretriz sobre a necessidade de ter “um texto”? Não. Não se aprofunde em mais de um texto, mas fazer associações rápidas com outros textos pode realçar o texto em mãos.

Ao fazer ligações metonímicas com outros textos, a associação livre é combinada à reflexão teológica. Por exemplo, Eliseu diz a Naamã para lavar-se no Jordão sete vezes que assim ele será purificado de sua lepra (2Rs 5.1-19). Se você pregar sobre esse texto, o que deve falar? Quem é Naamã ou Eliseu para as pessoas de hoje? A resposta é que o mesmo Deus que ordenou a Naamã que mergulhasse sete vezes no Jordão ministra a nossa própria imersão na água do batismo, por três vezes, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Um sermão sobre as tentações de Cristo (Mt 4.1-11) é reforçado quando apontamos para Cristo vencendo a maior tentação, a de evitar a cruz (Mt 26.39) por nossa causa. Um sermão sobre o filho pródigo pode fazer referência à encarnação como se Cristo estivesse viajando para um “país distante”, por nossa causa, para nos encontrar lá e nos levar para casa. Um sermão em Romanos 3.9, “Não há quem seja justo,

nem um sequer”, praticamente implora que o pregador fale daquele que é justo e em cuja morte somos considerados justos. Um sermão sobre o texto que diz: “deixando a falsidade, falemos todos a verdade ao nosso próximo” (Ef 4.25) poderia falar da verdade que bane toda falsidade, ou seja, Jesus saindo do túmulo.

B. Proclamação

Proclamação é ousar falar em nome de Deus. A palavra “proclamação” é utilizada por muitos pregadores como um mero sinônimo de pregação cristã. Mas a proclamação também tem um significado inestimável e mais especializado como um tipo especial de discurso dentre os sermões, e esse é o significado aqui buscado. Na proclamação, o pregador atreve-se a falar as palavras de amor que Deus diria à comunidade ali reunida se Deus, e tão somente ele, estivesse ali pregando. Proclamação pode ser problema ou graça, como veremos em um momento. Quando empregada na segunda metade do sermão, a proclamação pode ser concebida como apresentação do evangelho ao povo.

A proclamação é distinta do ensino, e juntos representam duas dimensões essenciais da pregação. O ensino pode tratar de muitos assuntos: a Bíblia, Deus, doutrinas da igreja, eventos atuais, ética, e assim por diante. Ensinar é explicar ou instruir com o objetivo de transmitir sabedoria, conhecimento e entendimento da fé e da vida. A maior parte do sermão é dedicada ao ensino sob a forma de instrução, comentário, exposição, proposições, narrativas, metáforas e exemplos. A nova homilética foi, em certo nível, uma revolução em como o ensino deve ser realizado na pregação; em grande parte, foi um movimento de reforma pedagógica e retórica. O ensino fala sobre Deus. A proclamação apresenta Deus às pessoas por meio das palavras e do testemunho do pregador.

A proclamação requer que haja uma sólida base de ensino no sermão. Muitas vezes implica colocar palavras na boca de Deus — tarefa ousada e corajosa que pode ser facilmente mal utilizada. Alguns pregadores gostariam de evitá-la por esse motivo. No entanto, eles colocam palavras na boca de Deus toda vez que pregam. Eles são ouvidos como quem fala em nome de Deus. O que difere aqui é o fato de dizerem “eu amo vocês” em nome de Deus, de maneira direta, inspirada, mas não filtrada por um texto. Mesmo assim, as palavras a serem colocadas na boca de Deus não são diferentes em tom ou importância das palavras das Escrituras, e o texto específico da pregação motiva ou sugere as palavras a serem usadas.

A proclamação como uma subcategoria de pregação pode ser entendida de maneiras diferentes. O teólogo reformado suíço Emil Brunner definiu a proclamação como “um evento inteiramente pessoal, com natureza de um encontro pessoal”⁷ e descreveu-a como “discurso que desperta fé, auxilia a fé e persuade à fé”.⁸ Ele a distinguiu da doutrina e do ensino. Gerhard Ebeling, que sucedeu a Brunner na Universidade de Zurique, descreveu-a como “a palavra que traz certeza, que nos dá o poder de assumir a linguagem da fé”.⁹ Gerhard O. Forde usou essa palavra de forma mais específica. Ele afirma que a teologia deveria levar à proclamação, a qual é definida como “promessa no tempo presente, [feita] da primeira pessoa para a segunda, promessa incondicional e revestida de autoridade pelo que ocorre em Jesus Cristo segundo as Escrituras”;¹⁰ em outras palavras, o discurso divino “eu-tu/vós”. Em contraste com o ensino, ele chama as palavras da proclamação de sacramentais, pois “criam a fé que as recebe”,¹¹ concedendo o que o texto fala e autoriza.¹² Portanto, se Jesus cura o paralisado ou oferece perdão, os pregadores devem pronunciar cura ou perdão no momento presente.¹³ Enquanto Forde fala de “fazer o texto para os ouvintes”,¹⁴ nós falamos de “fazer o evangelho” para eles. David Lose chama a proclamação de “discurso supremo” que representa o “centro de gravidade” de um sermão.¹⁵

C. Quatro passos práticos em direção à proclamação

1. Colha proclamação na Bíblia

Esteja atento ao discurso divino “eu–tu/vós” em qualquer trecho da Bíblia para possível uso em seu sermão. A passagem não precisa vir do texto da pregação em si. Aqui estão três exemplos das muitas ocorrências, as quais são tão abundantes na Bíblia quanto as flores na primavera:

Eu olharei com favor para vós [...] Eu mantereí minha aliança convosco. [...] Porei a minha habitação no meio de vós, e não vos detestarei. E andarei entre vós e serei o vosso Deus, e sereis o meu povo (Lv 26.9-12).

Não vos lembreis das coisas passadas nem considereis as antigas. Estou prestes a fazer uma coisa nova. Ela está brotando! Vós não a percebeis? Farei um caminho no deserto e rios no ermo (Is 43.18,19).

Deixo-vos a paz; a minha paz eu vos dou. Não a dou como o mundo a dá. Não se perturbe o vosso coração, nem tenhais medo (Jo 14.27).

2. Transforme a Bíblia em proclamação

Muitos textos podem ser facilmente adaptados para se tornarem uma proclamação. Considere este exercício simples de proclamação que dou aos alunos: encontre um texto bíblico com base no qual você fará uma passagem de proclamação. Revise o texto, transformando-o em uma “promessa no tempo presente, [feita] da primeira pessoa para a segunda, promessa incondicional”; em outras palavras, transforme a mensagem em um discurso de Deus. Por exemplo:

Salmo 23	Torna-se uma proclamação
O Senhor é o meu pastor,	Eu sou o seu pastor;

de nada terei falta. Em verdes pastagens me faz repousar; ele me conduz a águas tranquilas; restaura-me o vigor. Guia-me nas veredas da justiça por amor do seu nome. Mesmo que eu ande por um vale de trevas, não temerei mal algum, pois tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado — eles me confortam.	de nada você terá falta. Eu o faço repousar em verdes pastagens; eu o conduzo a águas tranquilas; eu restauro seu vigor. Eu o guio nas veredas da justiça por amor do meu nome. Mesmo que você ande por um vale de trevas, não temerá mal algum, pois eu estou com você; a minha vara e o meu cajado — eles o confortam.
1Coríntios 10.13	Torna-se uma proclamação
Deus é fiel, e ele não permitirá que vocês sejam tentados além das suas forças. Mas, quando forem tentados, ele mesmo lhes providenciará um escape, para que o possam suportar.	Eu sou fiel; e não permitirei que vocês sejam tentados além das suas forças. Mas, quando forem tentados, eu mesmo lhes providenciarei um escape, para que o possam suportar.
Apocalipse 21.3,4	Torna-se uma proclamação
Eis que o tabernáculo de Deus está com os mortais. Ele viverá com eles; eles serão seus povos, e o próprio Deus estará com eles. Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima.	Eis que meu tabernáculo está com os mortais. Eu viverei com vocês; vocês serão meus povos, e eu mesmo estarei com vocês. Eu enxugarei dos seus olhos toda lágrima.

Mesmo lendo essas palavras aqui, temos a percepção de quão significativo pode ser esse “fazer o evangelho” para as pessoas. Essas palavras se tornam ainda mais poderosas quando faladas a almas necessitadas, por um pastor confiável, como representante de Deus.

3. Planeje sua proclamação com base na frase-tema

Uma das maneiras de os pregadores produzirem trechos de proclamação é improvisar usando a frase-tema. Uma característica distintiva da nossa frase-tema é que, ao contrário da maioria das outras abordagens homiléticas, ela focaliza Deus. E nós temos notado outras características

distintivas; ela identifica a ação de Deus no texto ou por trás dele; concentra-se na graça; gera vários elementos de unidade do sermão; indica quatro frases para guiar cada página; e, aqui, oferece um ponto inicial para a proclamação.

A proclamação pode ser basicamente um discurso apaixonado inspirado por Deus, como o de um testemunho, e não necessariamente falado de forma direta por Deus. James A. Forbes, da Igreja Riverside, em Nova York, proclama usando um testemunho em sua frase-tema de Natal: “Jesus nasce nosso Salvador”. Forbes dá seu testemunho a Jesus de maneira direta, como se ele estivesse fisicamente presente no santuário, e Jesus responde (isso é apenas uma parte da seção de proclamação de Forbes):

Jesus, tu não és apenas meu ideal, mas também meu libertador. Tantas vezes tu vieste a mim e, no meio das lutas entre a esperança e o medo, me libertaste da culpa pelas coisas erradas que fiz. Vieste a mim e me levantaste — quantas vezes! — da depressão. Tu me ajudaste a superar longos períodos de insignificância, e, quando estou com medo, tu vens até mim e dizes: “Não tema; eis que estou com você”.¹⁶

Os pregadores podem adaptar sua frase-tema para transformá-la em um discurso divino “eu-tu/vós”, caso desejem. Depois de estudar o texto e produzir a maior parte do sermão, defina o que Deus diria agora ao povo ali reunido, se estivesse presente fazendo a pregação (o que, de muitas maneiras, é o caso). Use as palavras que mais expressem intimidade, que sejam as mais amáveis possíveis:

Texto: “No princípio...” (Gn 1)

Frase-tema: Deus criou todas as coisas.

Proclamação: *Eu criei todas as coisas.* No princípio, quando nada havia, eu disse as palavras “Eu sou”. E minha voz ressoou e criou luz e noite, mas não foi suficiente. Pela minha palavra, criei o céu e os céus, as águas e a terra, o Sol e a Lua, as plantas e os peixes, os animais e os pássaros, e isso

não foi suficiente. Então, eu disse: “Isso é bom”. No princípio, eu tinha você em mente. Eu o conheci no ventre de sua mãe e eu estava lá no seu nascimento. E soprei fundo meu fôlego em você e disse: “Você é bom”. Eu lhe dei meu Filho, para que você me conhecesse e nunca estivesse sozinho. Eu lhe enviei seu Espírito. E aqui, agora, há um novo começo. E isso é maravilhoso.

Texto: As dez virgens (Mt 25.1-13)

Frase-tema: Deus vem a qualquer momento.

Proclamação: *Eu venho a qualquer momento*. Quando você pensa que estou longe, estou próximo. Quando pensa que me esqueci de você, estou cuidando de você. Quando teme que chegarei atrasado, já estou presente. Quando se preocupa se meu tempo para fazer as coisas não é o mais adequado, eu ainda estou no controle. Eu venho a qualquer momento e vou me certificar de que você esteja pronto. Você não vai ficar sem óleo antes de eu vir. Eu ungi sua cabeça com óleo. A marca da minha cruz foi colocada na sua testa, no batismo. E eu lhe digo: Nunca abandonarei você.

4. Use o que outros pregadores têm feito como modelo

Proclamação é um discurso peculiar. É um discurso amável e íntimo que “persuade à fé”. Ela precisa de variedade e de preparação cuidadosa: deve brotar de um forte ensino sobre problema e graça. É um discurso apaixonado que geralmente usa frases breves, e talvez paralelas, ou outras estruturas retóricas. É uma prosa poética que comunica, até mesmo por meio de sua forma, uma urgência no amor de Deus.

Tradicionalmente, a proclamação assume a forma de nove gêneros na Bíblia e na história da pregação. Examinei esses gêneros em capítulos separados de um estudo detalhado sobre ensino e proclamação, *Setting words on fire: putting God at the center of the sermon* [Ateando fogo às palavras: situando Deus no centro do sermão].¹⁷ Nem todas as nove formas

de proclamação são apropriadas para a página quatro, uma vez que três delas são gêneros relacionados ao problema e pertencem à primeira metade do sermão: condenação (forma a ser usada raramente), lamento (forma a ser usada comumente) e exortação severa. As outras seis formas consistem em gêneros relacionados à graça e são apropriadas para a segunda metade do sermão: testemunho, oração, exortação edificante, declarações proclamatórias, doxologia e celebração.¹⁸ No capítulo anterior, tivemos um exemplo ampliado de exortação edificante com base em Lucas 21.25-36; no próximo capítulo mais exemplos serão oferecidos.

IX. A CONCLUSÃO DO SERMÃO

A conclusão do sermão é muito importante. É a última coisa que as pessoas ouvem no sermão. Existe relativamente pouco tempo para concluir, mas ainda assim a conclusão deve alcançar muitas coisas, sem ficar meramente recapitulando todo o sermão. Ela pode levar o sermão a um desfecho; apontar novamente para a frase-tema e a doutrina; ligar a frase-tema à imagem predominante; apontar adiante para a semana que começa; ou inspirar as pessoas para a missão.

A conclusão deve enfatizar que o sermão diz respeito a uma ideia. Não é necessário resumir o argumento ou recapitular tudo, a menos, é claro, que o sermão seja muito longo e tenha um propósito didático que se beneficiaria desse resumo. Geralmente, se a essa altura a congregação ainda não captou a mensagem, o trem já partiu da estação.

Entre as estratégias para a conclusão estão as seguintes:

1. *Retorne à história ou use uma história nova que complemente a introdução do sermão ou a página 2.* Uma história pode ser um bom desfecho se ela encarnar a graça, tiver valor e poder suficientes e se captar o cerne do sermão. Uma frase conclusiva impactante atrai a atenção dos ouvintes para a frase-tema. Retornar a uma história contada na abertura da mensagem

quase sempre indica a conclusão do sermão, portanto o pregador precisa encerrar o sermão logo após isso.

2. *Retorne à doutrina.* Ao retornar à doutrina aqui, de uma forma ou de outra (i.e., por meio de ideia, história ou imagem), as bases teológicas do sermão são reforçadas. Aqueles que seguem um calendário litúrgico sabem que o ano eclesialístico é organizado ao redor de doutrinas (e.g., Advento, escatologia, a segunda vinda e a encarnação); ao voltar-se para a ocasião ou dia especial, o pregador geralmente retorna à doutrina.

3. *Retorne à imagem predominante.* Retirada do texto bíblico (como uma vara, uma lâmpada a óleo ou a mulher que andava curvada) ou de uma experiência contemporânea (como uma criança no balanço, uma flor em uma jardineira ou uma motocicleta), uma imagem predominante oferece um retrato agora associado à frase-tema.

4. *Retorne a “uma necessidade”.* Seja claro em demonstrar como a frase-tema realmente corresponde à necessidade.

5. *Retorne à missão, se ainda não tiver feito isso.* Lembre-se de que a missão é transformada pelo evangelho nessa página. Sugira algo prático que os congregantes possam fazer durante a semana que os leve a encontrar Cristo; ou aponte para alguma ação específica que alguém tenha feito e mencione Deus como o autor; ou sonhe com alguma possibilidade que, pela fé, afirmamos que Deus deseja e para a qual ele capacita. Os indivíduos determinarão o que farão em relação ao Espírito, mas as pessoas muitas vezes precisam de ajuda para discernir a melhor maneira de glorificar a Deus.

6. *Faça referência à história cristã mais ampla.* Ela pode ser necessária para levar o sermão à cruz e à ressurreição, ou à mesa da comunhão, ou a alguma outra parte da história que focalize o coração do evangelho.

7. *Proclame o evangelho.* Isso pode ser feito em qualquer página, mas próximo ao fim do sermão, quando as boas-novas estão evidentes e as

peças experimentam o amor de Deus, é um momento apropriado para celebrar. A celebração deve ocorrer de maneira apropriada à personalidade, cultura e contexto social do pregador. Os sermões não devem apenas falar sobre o evangelho; eles devem encená-lo. É o evento do encontro entre um Deus amoroso e um povo necessitado. O evangelho é o que alimenta tudo o mais na vida e no ministério da igreja. Vale a pena ficar animado com ele. A página 4 é o lugar para declarar, proclamar, confirmar que Deus já está trabalhando na vida dos ouvintes, trazendo transformação de acordo com a nova vida que eles têm em Cristo. Esse fim é um paralelo próximo a uma bênção no final de um culto de adoração: é literalmente bênção, é dizer (dicção) a bondade (*bene*), é conceder a bênção à comunidade reunida.

É claro que um sermão eficaz não termina quando o pregador para de falar nem mesmo quando o culto de adoração termina — ele finaliza durante a semana, na vida das pessoas. Um sermão não precisa seguir a forma de uma sequência de quatro páginas, como veremos no próximo capítulo, mas precisa de alguma sequência que traga esperança, alegria e um senso apropriado de celebração, para proclamar o que Deus realizou em Jesus Cristo, para fomentar a confiança em Deus no presente e para abrir novas possibilidades na vida dos indivíduos e da coletividade.

1Karl Barth, *Wolfgang Amadeus Mozart*, tradução para o inglês de Clarence K. Pott (Eugene: Wipf & Stock, 2003; ed. or.: Grand Rapids: Eerdmans, 1986), p. 55.↵

2David Buttrick, *Preaching the new and the now* (Louisville: John Knox, 1998), p. 135.↵

3Andy Manzano, “Sermon one reflection paper”, Doctor of Ministry, McCormick Seminary, curso de pregação de 2019, 25 de novembro de 2016 (texto não publicado).↵

4Stephen Farris, “Preaching law as gospel: some reflections on and from Psalm 119”, Papers of the Annual Meeting of the Academy of Homiletics (Toronto, 1998), p. 34.↵

5Daniel L. Migliore, *Faith seeking understanding* (Grand Rapids: Eerdmans, 1991), p. 70.↵

6J. R. R. Tolkien, “On fairy stories”, in: C. S. Lewis, org., *Essays presented to Charles Williams* (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), p. 81-4.↵

7Emil Brunner, *Truth as encounter* (Philadelphia: Westminster, 1963), p. 179.↵

8Ibidem, p. 178.↵

9Gerhard Ebeling, *Theology and proclamation: a discussion with Rudolph Bultmann*, tradução para o inglês de John Riches (London, Reino Unido: Collins, 1966 [citação extraída da seguinte edição: German 1962]), p. 32.↵

10Gerhard O. Forde, *Theology is for proclamation* (Minneapolis: Fortress, 1990), p. 2.↵

11Ibidem, p. 164.↵

12Ibidem, p. 148.↵

13Ibidem, p. 156-7.↵

14Ibidem, p. 155.↵

15David J. Lose, *Confessing Jesus Christ: preaching in a postmodern world* (Grand Rapids: Eerdmans, 2003), p. 222-3.↵

16James A. Forbes Jr., “The battle of Bethlehem”, in: Milton E. Owens Jr., org., *Outstanding black sermons* (Valley Forge: Judson, 1982), vol. 3, p. 35.↵

17Paul Scott Wilson, *Setting words on fire: putting God at the center of the sermon* (Eugene: Wipf & Stock, 2016; Nashville: Abingdon, 2008). O ensino na pregação é analisado em contraste com a proclamação, nas páginas 17-76; e a proclamação é examinada nas páginas 78-255.↵

18Ibidem; formas de proclamação do evangelho são estudadas nas páginas 116-226.↵

CAPÍTULO 11

FAZENDO UM FILME COM A GRAÇA PRESENTE NO MUNDO

A página 4 identifica Deus em ação no mundo atual. Seu propósito não é provar a existência de Deus, algo que não pode mesmo ser feito de qualquer forma que seja, mas indicar os sinais da atividade de Deus. Além de desenvolver uma visão da graça em nossa época, a página 4 apresenta possibilidades de boas-novas para situações de problema na página 2. A página 4 identifica Deus no mundo não somente pela razão e experiência, mas também em relação às Escrituras e tradição, reveladas pelo Espírito.

Talvez o maior perigo no uso de videocliques esteja na página 4. As palavras precisam ser esculpidas com excepcional cuidado, pois o evangelho é como uma flor delicada cujas pétalas são facilmente danificadas. Os momentos de graça exigem muita preparação no ensino e nas histórias que conduzem até ela. Usar um videoclipe pode parecer disruptivo. Os filmes em si são capazes de comunicar momentos de graça com extraordinária sensibilidade, mas, se cortados e retirados do contexto, perdem facilmente seu efeito. Passar para um videoclipe pode criar distância entre o pregador e as pessoas em um momento potencialmente de mais proximidade. Pregadores precisam avaliar se vale a pena o risco. A congregação precisa de que o pregador seja seu pastor e profeta, e não o narrador de algo em uma tela. É claro que, se o sermão desconsidera o evangelho, isso não tem importância.

DESENVOLVA A GRAÇA

As páginas 3 e 4 devem apresentar as boas-novas com o maior impacto possível, em tensão com os problemas das páginas 1 e 2. Mencione brevemente o problema nas páginas 3 e 4, como forma de lembrança, mas não o desenvolva — se precisar de mais do que umas duas frases sobre o problema, passe-as para as páginas anteriores. Haddon Robinson muitas vezes prega usando pontos, e, nos últimos pontos, ele normalmente desenvolve a graça. Neste sermão sobre Oseias, ele encontra a graça no texto e a prega como doutrina de uma maneira envolvente e poética.

Quando os teólogos falam sobre essa questão, falam da graça. E você diz a um teólogo: “Bem, o que você quer dizer com graça?”. E eles respondem em sua maneira abstrata característica: “Bem, graça é favor imerecido”. Você sabe o que isso significa? Graça significa que o favor que Deus concede a nós não se baseia em mérito. Não há nada que possamos fazer por isso. Ouça bem. Sublinhe essas palavras. Coloque-as onde você coloca a verdade sagrada. Deus não o ama por quem você é. Deus não o ama por causa do que você faz. Ele o ama apesar de quem você é, apesar do que você faz. Mas, quando isso se torna claro para você, quando você percebe o amor incondicional de Deus, sem amarras, então você reage com amor e adoração, louvor e serviço. Essa é uma implicação que extraímos da profecia de Oseias.

Mas há uma segunda lição, e ela é direcionada àqueles que ainda não vieram a colocar sua fé em Jesus Cristo. E alguns de vocês podem estar a caminho, mas ainda não estão lá. Essa lição também vem do capítulo 3. Você pode se sentir abandonado às vezes. Você pode clamar nas profundezas do seu coração: “Onde está Deus? Onde ele está, para que eu possa conhecê-lo?”. E a resposta do livro de Oseias é que Deus não está perdido; você é que está. Ele o buscou em um monte chamado Calvário, e através do túnel de uma tumba vazia, e pelos labirintos da vida, até este lugar, nesta noite, ou onde quer que você esteja enquanto

escuta esta mensagem. E ele o busca incessantemente, pois quer muito trazê-lo para si.¹

PASSE PARA A PROCLAMAÇÃO

Proclamação é discurso apaixonado que anuncia o amor de Deus pelos ouvintes. A realidade da morte em um funeral significa que não é preciso gastar muito tempo nas páginas 1 e 2. A diferença entre pregar em um funeral e pregar no domingo é que, no domingo, devemos investir tempo definindo que morte ocorreu, que lamentos estão sendo emitidos ou que morte é necessária no comportamento humano, caso contrário a graça de Deus pode parecer irrelevante. Joanna Adams traz esperança na página 4 de um sermão fúnebre, embora esta pudesse pertencer a qualquer outro tipo de sermão. Embora a passagem seja breve, há graça abundante nela, incluindo a proclamação, à medida que Jesus fala diretamente ao povo.

Onde está Deus em tudo isso? Lamentando conosco, chorando por nós, porém, mais do que isso — secando nossas lágrimas, criando vida da morte, [criando] esperança do desespero, perdando o pecado, restaurando a integridade. Deus está tão implacavelmente comprometido em ser o Deus da vida que pode usar até o pior acontecimento, por caminhos que não podemos entender, para os bons propósitos dele. A questão não é por que coisas ruins acontecem, mas: Podemos confiar em Deus quando essas coisas ruins ocorrem? Devemos ter esperança de novo? Podemos viver de novo? E, caso isso seja possível, como? O evangelho é tão maravilhosamente claro e simples neste ponto: “Permaneça em Cristo”, diz. “Fique perto de mim”, diz Jesus. “Traga seu coração aos pedaços para mim.” Separado dele, como alguém poderia viver? Mas, permanecendo nele, permanecendo próximo à igreja, que é seu corpo, podemos perseverar.²

APRESENTE PESSOAS AOS OUVINTES

É surpreendente quantos sermões se concentram em verdades abstratas ou genéricas e não mencionam uma pessoa viva sequer nas partes finais. A página 4 pode ser um bom momento para ouvir testemunhos sobre como Deus toca a vida individual e comunitária hoje. As histórias são a melhor maneira de comunicar experiência, e não precisam ser longas para causar impacto. Apresente os ouvintes a alguém e certifique-se de permitir que essa pessoa fale, mesmo que apenas umas poucas palavras, pois o simples fato de ouvir alguém falar algumas palavras torna essa pessoa real. A história pode ter sido contada por outra pessoa, e ela pode ser citada pelo nome ou não. Em seu sermão intitulado “Crenças estacionadas”, que fala sobre o episódio em que os discípulos ficaram a portas fechadas (Jo 20.19-31), Casey Baggott recita uma breve, porém impactante história contada por William Willimon:

William Willimon conta que certa vez visitou um homem a quem restavam apenas uns poucos dias de vida. Ele perguntou ao homem se estava com medo. Para surpresa de Willimon, o homem respondeu: “Medo? Não! Eu não estou com medo por causa da minha fé em Jesus”. O homem continuou explicando: “Eu olho para minha vida, e vejo todos os erros que cometi, todas as vezes em que me afastei de Jesus e segui meu próprio caminho, desviado e perdido. E, todas as vezes, vejo também que ele encontrou um jeito de chegar até mim, procurou por mim quando eu não estava procurando por ele. Não acho que ele deixará algo como minha morte derrotar seu amor por mim”.³

ATRIBUA A DEUS A AUTORIA DAS BOAS OBRAS

Como vamos saber onde Deus está? Deus é o autor de tudo o que é bom. Nós dissemos o seguinte sobre as histórias da página 4: a primeira etapa é “falar de alguém que faz o bem”; e a segunda etapa é “atribuir a autoria disso a Deus, da mesma forma que a identidade de um pintor em geral é colocada no canto inferior direito de uma pintura”. Mencione Deus como o autor. Alguns pregadores têm dificuldade em apontar Deus para o mundo e, em vez disso, apontam para alguém que está praticando aquela boa ação. Eles ordenam que seus ouvintes façam o mesmo, sem perceber que isso é um problema. Mostre a boa ação, mas atribua sua fonte a Deus. Boas obras estabelecem exemplos a serem imitados, mas podem condenar os ouvintes por não as praticarem. Uma história maravilhosa sobre os atos de bondade de Madre Teresa nas favelas de Calcutá pode funcionar como julgamento sobre os ouvintes, pois suas ações não se comparam às dela. No entanto, ao apontar para a assinatura de Deus no canto inferior direito daquele evento, o pregador faz uma afirmação importante: “O Deus que age por meio da vida dela é o mesmo Deus que age por meio de seu ministério”. Os ouvintes não experimentam juízo e fracasso, mas encorajamento e capacitação.

John M. Rottman contou esta história ao pregar sobre a necessidade de estar vigilante na passagem de Marcos 13.32-37 (“Mas acerca daquela hora ninguém sabe”). No final, ele a transforma em uma história sobre a ação graciosa de Deus:

Durante vários anos, trabalhei no turno da noite na equipe de enfermagem de um hospital psiquiátrico. O turno começava às 23h e terminava às 7h, e os funcionários eram alertados para que não dormissem, sob o risco de perder o emprego. Mas ficar acordado enquanto os demais dormiam era muitas vezes uma verdadeira batalha, especialmente depois de um fim de semana de longas madrugadas e pouco sono. Às vezes, eu tomava café; outras vezes, molhava o rosto com água fria. Nessas noites, eu vivia com medo mortal de adormecer e ser despertado pelo toque frio do supervisor, e ouvi-lo anunciar que

eu deveria procurar outro emprego. E, então, isso aconteceu certa noite. Eu tinha tido um final de semana especialmente exaustivo e, por volta de 5h, por mais que tentasse evitar, adormeci. Algum tempo depois, senti uma onda de pânico, quando alguém chamou meu nome e me deu um tapinha no ombro. “John, acorde.” Mas, quando me virei para encarar o supervisor, vi o rosto da enfermeira que trabalhava na unidade no final do corredor. “Eu vi o carro do supervisor vindo”, ela me informou. “Eu sabia que você estava com sono mais cedo, de modo que vim para ter certeza de que você estava acordado.” A boa notícia do evangelho hoje é que, de forma semelhante, aqueles de nós que pertencem a Jesus Cristo não vigiam sozinhos. [...] Nosso bem-estar espiritual não depende de uma vigília heroica e temerosa. Não, Jesus vigia conosco e também em nosso favor.⁴

Thomas G. Long, ao pregar sobre “O Bom Samaritano” (Lc 10.24-37), contou a história de Jack Casey, um paramédico que atendeu o motorista de uma caminhonete, o qual ficou preso em seu veículo, de cabeça para baixo, depois de um acidente. A gasolina estava pingando em ambos, enquanto operários usavam ferramentas elétricas para cortar o metal; uma faísca poderia ter causado uma explosão. O motorista imobilizado estava aterrorizado. Observe, novamente como, no final, a autoria é atribuída a Deus:

“Olhe, não se preocupe” [Jack] disse: “Estou bem aqui com você, não vou a lugar algum”. Ao dizer isso, Jack lembrou-se mais tarde: “Eu me lembrei de como minha ama de leite [quando eu era criança] tinha dito a mesma coisa, e ela nunca me abandonou”. Dias depois, o motorista de caminhão resgatado disse a Jack: “Sabe de uma coisa, você foi um idiota, tudo poderia ter explodido e nós dois teríamos torrado!”.

“Eu simplesmente não poderia deixar você lá”, disse Jack.

Algo aconteceu com Jack Casey que o transformou, que fez dele um bom samaritano. Alguma coisa assim já aconteceu com você? Sim, já. Esse é o ensinamento da Parábola do Bom Samaritano, contada por Jesus. O que o mestre da lei descobriu — e nós também — é que não podemos ficar de fora e descobrir como ser bons segundo nossos termos — afinal, essa pessoa é meu próximo ou não? —, [nem ficar] imaginando exatamente o que precisamos fazer para herdar a vida eterna. A despeito de todas as nossas virtudes e atitudes religiosas, simplesmente não podemos fazer isso. Somos incapazes de ser bons samaritanos por nossas próprias forças. Em outras palavras, somos a pessoa que está naquela vala, a pessoa que está desamparada e ferida à beira da estrada, aquela que precisa ser resgatada. Mas eis que surge um bom samaritano, um bom samaritano chamado Jesus — desprezado e rejeitado — que vem para nos salvar, fala carinhosamente conosco, ergue-nos em seus braços e nos leva para o lugar de cura. Quando ainda éramos inimigos de Deus, como disse Paulo, Deus nos viu na vala e teve compaixão e, em Jesus, veio para nos salvar.

Portanto, a pergunta não é a que foi feita pelo mestre da lei: “Qual é a definição de ‘próximo’?”. A pergunta é quem tem sido próximo para você. Jesus Cristo tem sido próximo para você. Aquele que foi crucificado tem sido próximo para você. Você já sentiu a misericórdia dele tornar misericordioso o seu coração? Então, em seu coração, você saberá o que significa “Vá e faça o mesmo”.⁵

Tom Long, em outro sermão sobre a profecia de Zacarias, em Lucas 1.68-79, contou a história do início do movimento dos direitos civis no sul dos Estados Unidos, onde, como forma de protesto pacífico, grupos de afro-americanos participariam de cultos em igrejas só para brancos. Em uma igreja presbiteriana feita de tábua, na zona rural de Atlanta, onde a família Long assistia aos cultos, os anciãos se reuniram para decidir o que fariam. Por ocasião da assembleia, o secretário anunciou na igreja que sua política

seria dar assento a eles, se houvesse lugar. Na quarta vez em que ele disse “se houver lugar”, ficou claro que não haveria lugar. Ao ouvir isso, uma “mulher de oração” idosa, chamada Flora Miller, com cerca de 80 anos de idade, que usava um “chapéu preto com um véu de tule”, levantou-se e disse: “Sr. secretário, se não houver lugar, eles podem se assentar em meu banco”. Long não terminou a história nesse ponto, mas continuou, a fim de atribuir a verdadeira autoria dessa boa ação: “Flora Miller sabia que Deus estava agindo por justiça aqui e agora”.⁶

CONTE HISTÓRIAS QUE ABRANJAM A AMPLITUDE E A DIVERSIDADE DE EXPERIÊNCIAS DA COMUNIDADE

Para as pessoas se sentirem bem-vindas em uma igreja, as histórias no sermão precisam refletir sua experiência. Aqui está uma história sobre uma mãe solteira, contada da perspectiva de uma mulher, sobre uma mulher em um papel não convencional de construtora. Karen L. Bloomquist conta isso como uma analogia de Deus. Mais uma vez, a história funciona tanto para modelar a ação amorosa (i.e., boa paternidade) quanto para fazer uma afirmação sobre Deus. Sua frase-tema, com base em Colossenses 1.21-28, é: “A presença de Deus está entre nós”. Ela inclui breves trechos de conversa para deixar sua história mais realista:

Somos como um menino que implorou à mãe, durante meses, por uma casa de brinquedo. Ele disse à mãe repetidas vezes: “Eu quero uma casa de brinquedo igual à da Mary, que pode ser colocada sobre a mesa”, ao mesmo tempo que mostrava com as mãos que o brinquedo tinha o tamanho de uma caixa porta-pão. A casa deles tinha uma velha cabana no quintal, que nunca tinha despertado muito o interesse dele. Certo dia, ele observou que a mãe estava ocupada dando marteladas na velha cabana, mas não deu atenção ao que ela estava fazendo. “Deve ser para adultos”, pensou ele. Um dia, quando chegou em casa, ele entrou no

quintal e, diante de seus olhos, não viu a velha cabana, mas uma casa de brinquedo atraente em tamanho real. Ele podia entrar nela com seus amigos, eles podiam brincar lá dentro, olhar pelas janelas e correr dali para o mundo. [...] “Estava aqui o tempo todo, mas só agora se tornou parte da nossa vida”, ele exclamou. [...]

O mistério [da presença permanente de Deus] foi revelado não no céu, mas aqui mesmo, na terra. Tinha estado aqui o tempo todo, mas não foi reconhecido. Agora, na revelação de Jesus, o Cristo, o que era misterioso ficou claro, a saber, que Cristo está presente onde quer que estejamos. [...]

Deus é como a mãe do menino, que apareceu com um presente muito maior do que a pequena casa de brinquedo para colocar sobre a mesa, o que já seria suficiente. Deus nos surpreende ao nos dar de presente seu próprio Filho!⁷

USE O TESTEMUNHO E PERMITA A AMBIGUIDADE

O evangelho não torna tudo melhor, mas coloca as coisas na devida perspectiva diante de um Deus amoroso e redentor que governa sobre tudo. Quando contamos histórias sobre a ação de Deus, a ambiguidade não precisa ser eliminada — na verdade, muitas vezes, ela reforça o testemunho, pois parece real.

T. D. Jakes prega que nada é impossível com Deus, usando Romanos 8.28-39 como texto-base. O poder do seu testemunho a respeito de seu próprio medo nessa passagem não é que Deus fez tudo melhor; o medo permaneceu, mas, em relacionamento com Cristo, ele conquistou a vitória sobre o medo:

Minha irmã quase se afogou quando criança, e isso gerou em mim um medo que me fazia sempre ficar na parte rasa da piscina. Eu até ia à

praia, mas entrava na água apenas até a parte que batia no meio da coxa. Minha esposa, que compartilhava desse medo, se juntava a mim nas águas rasas, onde nos ajoelhávamos e fingíamos nadar; nós balançávamos os braços e ríamos histericamente, quando a maré voltava, e ficávamos ali, expostos, com os joelhos dobrados, presos na areia, e não realmente nadando. Era divertido e engraçado, mas a verdade é que, por trás do riso, havia um medo gélido.

Eu finalmente resolvi tratar dessa fobia. Agora posso nadar por toda a piscina [...] contanto que eu esteja boiando de barriga para baixo. Vire-me de costas e eu sou um garotinho de novo, sentindo-me fora de controle e inseguro. Você pode estar pensando: “Como você pode dizer ter fé em Deus e ainda assim sentir esse medo?”. É simples. A questão é que eu simplesmente não minto. Tenho fé, mas é uma fé humana, que às vezes trava uma batalha feroz com o medo. Como todo mundo, preciso me lembrar que nada nem ninguém pode me separar do meu Deus. Ele sempre estará ao meu lado.⁸

UMA IMAGEM

Na Páscoa de 2016, Bryan Chapell segurava na mão uma daquelas pequenas vasilhas individuais de cerâmica japonesa, muito bonita, enquanto tentava fazer uma demonstração (alguns pregadores podem projetar uma imagem dessa vasilha). Ele já havia contado a história de um homem que fora ferido de várias maneiras pela vida. A tigela tornou-se uma imagem poderosa da graça com a qual Deus responde ao clamor daqueles que chegam ao ponto de se fragmentar, de ficar aos pedaços em razão de certas experiências na vida:

Então, por que Deus ouviria um homem que se sentia quebrado, aos pedaços? Porque Deus sabia o que era se sentir assim. A razão pela qual achamos Cristo tão belo é que ele foi quebrado em uma cruz. E

ele nos acha belos quando chegamos aos pedaços diante dele e dizemos: “Deus, eu preciso de ti”.

Os mercados japoneses vendem uma espécie de cerâmica chamada Kintsugi. As vasilhas de cerâmica Kintsugi são peças que foram quebradas e depois consertadas com emendas de ouro, e são conhecidas por serem mais bonitas justamente por terem sido quebradas. Por que Cristo é belo para vocês? Sim, porque ele ressuscitou, mas também porque foi quebrado, moído, para que vocês saibam que ele é o Senhor em quem podem confiar. E a beleza de saber isso é que, quando vocês estiverem quebrados, ele não se afastará de vocês. Ele realmente nos acha ainda mais belos por termos sido quebrados. E ele nos repara com o ouro da sua misericórdia e da sua graça, à medida que nos aproximamos dele e dizemos: “Deus, não posso viver essa glória pelas minhas forças nem pelas minhas habilidades, mas venho a ti pedir tua misericórdia e tua graça. Lança fora meu pecado”. E ele diz: “Agora sim você é belo para mim. Mais belo por ter sido quebrado”. Vamos correr para esse Deus.⁹

COMBINE UMA IMAGEM COM A FRASE-TEMA

Jana Childers pregou sobre Lucas 23, na igreja Allen Temple Baptist Church, em Oakland, em uma Sexta-Feira Santa. As últimas palavras de Jesus na cruz — “Em tuas mãos entrego o meu espírito” (v. 46, KJV) — levaram-na a se concentrar na imagem das mãos de Deus, e ela ligou isso à sua frase-tema: Deus está no controle. Aqui, novamente, temos um discurso apaixonado que marca esse testemunho como uma subcategoria da proclamação.

Lucas fornece as palavras. E, caso não saiba, são palavras do Espírito Santo. “Em *tuas* mãos entrego meu espírito.” Em meio ao fracasso e à

morte, Jesus confia sua vida às mãos de Deus. A mão invisível em que ele confiara ao longo dos 33 anos de vida é a mesma mão em que confia a cada momento de sua morte. A mão que amparava suas costas quando andou por Nazaré, Samaria e Galileia, desceu a rua principal de Jerusalém e subiu a colina de lixo — é a mesma mão em que ele repousa sua vida. A mão que o tirou do Jordão é a mão que o tirará do túmulo. Quando viveu o fracasso e a morte, Jesus confiou nas mãos de Deus.

E o que digo a vocês, nesta tarde, não é nada que já não saibam: ele tinha todos os motivos para confiar — para acreditar que tudo daria certo —, para *saber* que tudo ficaria bem. Ele tinha todos os motivos para dizer com confiança: “Pai, em *tuas* mãos” [...] não nas mãos dos meus inimigos, não nas mãos do sistema, não nas mãos das trevas. Mas em *tuas* mãos, em *tuas* preciosas mãos.

Nas mãos que me geraram e me fizeram nascer, que me criaram e me educaram. Nas mãos que me protegeram e me refrearam, que me guiaram e me amaram. Em *tuas* mãos, nas mãos invisíveis que sempre estiveram mais perto de mim durante toda a minha vida do que o próprio ar que respiro — mais perto do que mãos e pés. Em *tuas* mãos entrego meu espírito. Porque eu *sei*. Eu sei. Eu sei de quem são essas mãos.

De quem é a mão que está conduzindo sua vida?¹⁰

USE UM CATÁLOGO DE IMAGENS E HISTÓRIAS

Joni Sancken pregou sobre Josué 3.7-17 usando a frase-tema “Deus vai com Israel”. Ela usou um catálogo de histórias para ajudar a argumentar que, assim como Deus vai com Israel pelos perigos da travessia da Terra

Prometida (página 3), ele também nos acompanha (página 4). Ela lista várias histórias no primeiro parágrafo, a seguir, e desenvolve uma história final em seu segundo parágrafo.

Depois de anos de reabilitação e aconselhamento para toda a família, um alcoólatra reconcilia-se com sua esposa e seus filhos. Essa experiência tinha transformado a todos e os levou a um novo começo. O marido e a esposa deixam carreiras corporativas rentáveis e dedicam sua vida a cuidar dos outros. Um homem anteriormente mantido em cativeiro pelo álcool é agora um conselheiro de pessoas viciadas, e sua esposa é uma pastora cujo ministério testemunha a presença permanente de Deus. Ela procura representar o mesmo Deus que acompanhou sua família através das águas escuras do vício para outros que estão em meio a transições e desafios na vida.

Uma jovem mãe em busca de cura para um abuso sofrido na infância dá entrada em uma instituição. Ela precisa de um espaço seguro para se curar. Há muitos dias difíceis quando se atravessa as águas do quebrantamento e da raiva. No entanto, Deus está presente ali também. Sua congregação acompanha a família, oferecendo cuidados e refeições para o marido e os filhos. E, em uma fria manhã de janeiro, ela olha pela janela e Deus lhe dá uma visão: ela vê a neve branca do inverno manchada de vermelho do sangue de um cordeiro abatido. Deus em Cristo ainda está com ela e assumiu sua dor e sofrimento. É um passo fundamental em seu processo de cura, que a leva de volta ao lar, à sua família e à sua comunidade não mais com medo, mas com a certeza da presença constante de Deus.¹¹

USE HISTÓRIAS DOS NOTICIÁRIOS

Roger Lovette contou a seguinte história sobre a notícia de uma fuga da prisão federal em Mason, Tennessee. Ele não só relata os fatos, mas

também faz um filme deles e os faz acontecer. Ele segue princípios importantes: apresenta o cenário antes de introduzir a ação. Começa com a ação já em curso (i.e., a fuga da prisão já ocorreu) em vez de começar no início da fuga. A história também modela a missão (i.e., a atitude que os ouvintes devem ter para com aqueles com quem deparam), mesmo que isso implique uma analogia a respeito do amor materno de Deus. As histórias costumam fazer várias coisas ao mesmo tempo.

Certo dia, Louise Degrafinfried estava limpando sua pequena casa. Ouve uma batida na porta e vai atender. De pé, diante dela, estava um homem de aparência terrível com uma arma. “Abra”, ele sussurrou. Ela abriu a porta. Ele olhou em volta para ver se havia alguém ali, enquanto a sra. Degrafinfried o examinava. Ele tinha uma aparência medonha. Sujo. Cabelo emaranhado. Malcheiroso. Ele havia escapado da prisão estadual, estava fugindo e era muito perigoso. Ela tinha ouvido falar disso na televisão. Depois de olhar para ele por um longo tempo, ela disse: “Você está com fome?”. Ele olhou para ela como se fosse louca. “O quê?” “Você está com fome?”, ela perguntou novamente. “Sim, estou.” “Bem”, disse ela, “venha para a cozinha e sente-se. Vou lhe preparar um pouco de bacon e ovos. Antes de fazer isso, quero que você vá até o banheiro e lave o rosto e as mãos. Lave bem. Você está com aparência terrível”.

O prisioneiro fugitivo ficou perplexo. Mas ele seguiu pelo corredor até o banheiro. A sra. Degrafinfried pegou o bacon e começou a fritar. Quando terminou de lavar a louça, ela voltou para a sala e o inspecionou. “Bem, você parece muito melhor.” Então ela lhe disse para colocar a arma no chão, porque a deixava nervosa. E então ele a colocou no chão. Ela começou a falar com ele, enquanto ele comia. Ela lhe contou sobre sua pequena igreja batista, sobre Jesus, como ele havia entrado em sua vida e como isso havia feito tanta diferença. Ela conversou com o fugitivo sobre como Deus amava todo mundo e não

queria que nenhum de seus filhos invadisse a casa de ninguém e assustasse os moradores. Ela lhe perguntou sobre a família, e ele lhe respondeu que o pai e a mãe estavam mortos. O homem lhe disse que ela lembrava sua avó, que morrera quando ele tinha 8 anos. E ela lhe contou mais sobre o Senhor Jesus. E, quando terminou de comer seus ovos e bacon, ele fez a coisa mais estranha do mundo: pegou o telefone, ligou para a polícia e se entregou. Os guardas vieram e o levaram embora. Quando estava saindo, a sra. Degrafinfried estendeu a mão, acariciou sua bochecha e disse: “Agora, seja um bom rapaz. Ouviu?”.¹²

FAÇA USO DO HUMOR

O humor é uma importante parte da pregação, especialmente nas páginas 3 e 4, em que o evangelho põe um fim aos poderes do mundo. Frederick Buechner afirmou que o evangelho é “tragédia, comédia e um conto de fadas”.¹³ Jeremiah A. Wright faz bastante uso de uma pintura e de humor e torna-se o alvo de sua história. Em seu sermão, ele conta que, certa vez, foi pregar em Cuba com uma tradutora que nada sabia de Jesus Cristo. Muitas vezes, durante a viagem, ele falou com ela sobre Cristo. Em uma pregação, próximo ao final de sua viagem, ele contou à sua congregação sobre uma pintura intitulada *Xeque-mate*, que sua tradutora também havia visto. Ele descreveu a pintura em detalhes: No jogo de xadrez, Mefistófeles coloca o rei de Fausto em xeque-mate. No sermão, ele descreveu um evento na galeria de Londres onde está esse quadro:

Ninguém percebeu quando o grupo seguiu em frente e uma pessoa ficou ali, parada na frente da pintura, olhando e andando de um lado para o outro. Eu disse isso, e minha tradutora traduziu. Aquele homem no museu estava olhando para a pintura e continuou olhando a pintura. Ela traduziu isso. Enquanto se movimentava em frente ao quadro, o grupo afastou-se e estava a dois corredores de distância quando, de

repente, ao atravessar os corredores de mármore, ouviram aquele homem berrando a plenos pulmões: “É mentira! Não foi xeque-mate! O rei tem outro movimento!”. E ela traduziu isso. Ninguém sabia que aquele homem que estava ali no museu era o campeão internacional de xadrez da Rússia. [...] E a mesma coisa é verdade quando se trata do Rei dos reis; o Rei sempre tem outro movimento. [...] Enquanto eu estava pregando [em Cuba] e ela estava traduzindo, observei que o grupo da América do Norte [...] tinha parado de olhar para mim. Eles estavam olhando para ela e acenando lenços e dizendo: “Vá em frente, baby. Vá em frente, baby”. Mas era eu quem estava pregando o sermão. Quando olhei para ela, percebi (porque tinha estudado espanhol durante seis anos) que ela não estava traduzindo uma palavra do que eu estava dizendo. Ela havia aceitado o Senhor Jesus Cristo e estava ali louvando-o. [...] O Rei sempre tem outro movimento.¹⁴

UMA MISSÃO

Louise Sallese, pregando em Isaías 2.1-5 (“Eles converterão suas espadas em arados”) para o Advento 1, atribuiu de forma brilhante a Cristo o poder aludido em Isaías, isto é, o poder de ser capaz de nos fazer soltar nossa espada, e relacionou lindamente esse poder a vários outros milagres de Jesus. Ao fazê-lo, ela se comprometeu a agir de forma diferente, e isso consiste em um convite à missão para todos os que a ouvem. Observe-se que ela não transforma a missão em uma nova lei para os ouvintes, portanto mantém a ênfase na graça de Deus. Este é o parágrafo final de seu testemunho:

[Neste Advento] nós damos um passo para trás, aprendemos, confiamos e imitamos o Príncipe da Paz, que é aquele que nos capacita a entregar nossos medos, ansiedade e insegurança e transformá-los em ferramentas que nutrem.

Então, neste Natal, quando a atendente mal-humorada do caixa me tratar de forma ríspida, eu darei um passo para trás e observarei que ela também é feita à imagem de Cristo e que o amor de Cristo repousa sobre ela. Aprenderei com o grande Reconciliador e o imitarei, para que, se outro motorista me cortar na estrada, eu não o amaldiçoe, mas o abençoe. Entrarei no Advento inspirada por aquele que transforma espadas em arados, lanças em enxadas, água em vinho, doença em saúde, morte em vida, violência em paz, ódio em amor e pode transformar nossa ansiedade em paz.¹⁵

MOVA OS OUVINTES À AÇÃO

Um efeito da graça de Deus é abrir novas possibilidades de vida. A missão na página 4 não é uma questão de “devemos”, “precisamos”, “temos de” e “somos chamados para”, mas de entusiasmo e de um senso de capacitação em nos juntarmos a Deus em uma grande tarefa, como Gary W. Downing demonstrou, quando falou sobre superar as diferenças raciais, culturais e econômicas. Missão não é descrever “aquilo que é”; missão é muito mais, é sonhar pela fé com “o que pode ser”. É profetizar. Em qualquer sermão, pregadores podem tomar uma história da página 2 e imaginar na página 4 a que ela se assemelharia quando o governo de Deus for completo.

O resultado? Seremos libertados para tratar a todos, incluindo nós mesmos, como filhos preciosos da família eterna de Deus. Podemos começar a desenvolver relacionamentos com estranhos. Podemos convidar pessoas diferentes de nós para nossa casa, nossa igreja, nossas vidas. Podemos na verdade amar as pessoas que são diferentes de nós. Se você tem seguido Jesus pela maior parte de sua vida ou está considerando entregar sua vida a Cristo nesta manhã, uma das formas concretas pelas quais você pode sentir a presença de Deus é descobrindo que está amando pessoas diferentes de você em vez de

temê-las e odiá-las. Como membros da família de Cristo, podemos reconhecer as diferenças que nos tornam únicos e especiais. Mas não faremos acepção de pessoas quando conhecermos novas pessoas, vendermos propriedades, contratarmos trabalhadores, fizermos empréstimos, oferecermos bolsas de estudo, elegermos líderes políticos, trabalharmos por justiça e paz ou adorarmos e orarmos.¹⁶

Quando os pregadores apresentam à congregação uma tarefa a ser feita na semana seguinte, isso pode ser um importante meio de graça e cuidado pastoral, um caminho concreto para ajudar as pessoas a expressarem sua fé. A obra pode ser tão pequena quanto se aproximar de alguém solitário ou de pessoas em situação de necessidade. Katie G. Cannon oferece uma sugestão desse tipo. Não soa como um fardo, mas como uma oportunidade que os ouvintes ficariam gratos em receber como sugestão prática para viver uma vida fiel.

Havia um pôster no Seminário Union em Nova York no qual estava escrito: “Se você tivesse somente mais cinco minutos de vida, para quem ligaria para dizer ‘eu te amo’? Por que esperar até os últimos cinco minutos de sua vida?”. Eu faço essa pergunta agora. Por que esperar até os últimos cinco minutos de nossa vida para expressar abertamente às pessoas quanto nós as amamos? Se conhecemos um irmão, ou irmã — que está vagando pelo mundo, perdido em si mesmo —, que não sabe qual caminho tomar ou para onde ir, que está inclinado à destruição da própria vida e privado da alegria de viver, pois foi lançado ao deserto da vida, então vamos nos abrir para o Espírito de Deus, de forma que possamos ajudar a oferecer a água espiritual que aquele irmão, ou irmã, precisa para voltar para casa. Vamos nos abrir à graça de Deus e compartilhar as muitas bênçãos que Deus tem derramado sobre nós.¹⁷

Ao pregar em Lucas 14.12-14, Martin B. Copenhaver contou uma história maravilhosa que não é apenas sobre missão, mas motiva à ação, como as boas-novas devem mesmo fazer. A frase-tema do sermão é: “Deus ama fazer festas”. No jantar do Dia de Ação de Graças que ele relatou, claramente existe uma antecipação do reino de Deus no presente. A referência ao hino *Agora todos nós agradecemos a nosso Deus* efetivamente reconhece o agir de Deus nesse evento.

Durante nove anos, servi em uma igreja no centro de Burlington, Vermont. Estávamos cientes de que muitos em nossa igreja passavam sozinhos o Dia de Ação de Graças. Então, em determinado ano, convidamos nossos membros para vir a um jantar de Ação de Graças na igreja. [...] Tínhamos mais perus e geleia de *cranberry* e batatas-doces caramelizadas e tortas de abóbora do que poderíamos consumir. [...]

No ano seguinte, alguém sugeriu que convidássemos pessoas dos abrigos para moradores de rua para se juntarem a nós, para a refeição de Ação de Graças em nossa igreja. Outros sentiram que isso seria um desserviço aos pobres moradores de rua, que poderiam se sentir desconfortáveis em vir à igreja e se sentar com um punhado de pessoas de classe média para fazer essa refeição. Eles sugeriram que, uma vez mais, levássemos a comida ao abrigo. No final, entretanto, decidimos convidar os residentes do abrigo para se juntarem a nós na igreja. Enviamos os convites para o abrigo e postamos uns poucos anúncios ao redor da cidade. Poucos de nossa própria igreja apareceram naquele ano, embora, é claro, eles tenham sido convidados. Talvez tenha sido porque eles é que se sentiam desconfortáveis em compartilhar o jantar de Ação de Graças com um grupo tão diversificado de pessoas.

Mas cada assento foi ocupado. Estudantes de faculdade, impossibilitados de ir para casa no feriado, apareceram. Os residentes

do abrigo vieram em grande número. Havia membros da igreja, alguns dos quais estavam sozinhos e outros que trouxeram sua família. Pessoas que estavam vestidas em trajes especiais de festa sentadas ao lado de outros que, por viverem nas ruas, não tinham trocado de roupa há dias, se não semanas. [...]

Um jovem estudante de faculdade que ficara preso na cidade no feriado foi convidado para cortar o peru, algo que provavelmente nunca pediriam para ele fazer se estivesse em casa. Uma mulher que vivia sozinha assumiu o papel de anfitriã em sua mesa. Um residente do abrigo [...] conduziu todos, com entusiasmo, a cantar o hino *Agora todos nós agradecemos ao nosso Deus*.¹⁸

RETORNE A “UMA DOUTRINA”

Ellen Davis pregou recentemente sobre a doutrina da unidade cristã. Ela entende que parte do problema é que muitas vezes nossas conversas uns com os outros começam com uma questão que nos divide acerca da salvação. Ela se pergunta se, em vez disso, não deveríamos “começar com uma doutrina da criação informada pela ressurreição de Jesus Cristo, evento que abala o mundo”:

Mudanças saudáveis na igreja sempre decorrem de uma reflexão mais profunda sobre a doutrina da criação e de vivê-la mais plenamente. Esse é um desafio fundamental para todo o nosso modo de fazer teologia na igreja americana contemporânea. Muitas vezes, os cristãos concentram-se exclusivamente na doutrina da salvação: “Você é salvo?”. E a implicação [dessa pergunta] é: “Provavelmente não”. Essa forma de pensar leva inevitavelmente a uma visão da igreja e do mundo que é do tipo “nós *versus* eles”. Mas se, em vez disso, começarmos com a doutrina da criação, “então já estamos pensando da perspectiva de um “nós” totalmente abrangente”.

Se começarmos por esse ponto, então não seremos capazes de imaginar, por exemplo [...] que apenas alguns seres humanos são feitos à imagem de Deus — digamos, aqueles que comem, oram ou amam como eu, ou que têm a pele da mesma cor que a minha, ou que apoiam os candidatos políticos que eu apoio. Se a criação à imagem de Deus significa algo, então certamente significa que somos todos muito mais semelhantes uns aos outros do que diferentes uns dos outros.¹⁹

USE PONTOS PARA DESENVOLVER A GRAÇA

Andy Manzano, da University of Southern Caribbean, pregou um sermão em João 6.3-14 em que usou três pontos para desenvolver a graça na página 4. Sua frase-tema foi: “Jesus alimentou as multidões”, e o título do sermão era: “Ministério que faz a diferença”. Na página 4, ele destaca a diferença que Cristo faz:

Então, Jesus alimentou a multidão até que ela estivesse saciada. [Fim da página 3]

Há três benefícios dos quais o Senhor deseja que nos apropriemos por meio dessa experiência registrada em João 6.

Benefício 1: Um relacionamento mais profundo com Jesus. Quando o Senhor nos envia para ministrar aos outros, ele nos coloca em situações em que a missão sempre será grande demais para ser realizada por nossas próprias forças. O tamanho da tarefa será sempre grande demais para caber no orçamento, e o volume de suas necessidades será sempre intenso demais para que os recursos satisfaçam. Mas, mesmo diante desses contratempos, somos chamados a servir; porque é a nossa deficiência que nos faz confiar na suficiência de Deus.

Benefício 2: Um respeito mais saudável pelos outros. Esse milagre me diz que a igreja não pode enfrentar todos os desafios sociais sem aceitar ajuda externa. Às vezes, podemos não ter os recursos, e o Senhor trará os meios de fora da igreja. Podemos apenas ter de receber a ajuda de outras pessoas. Sim, Deus proverá, mas não podemos dizer a Deus de onde ele deve enviar os recursos. A independência denominacional pode ser um grande obstáculo para a obra do evangelho. Nem mesmo o governo pode lidar com todas as necessidades da sociedade.

Benefício 3: Uma quantidade maior de recursos na igreja. João 6.12,13 (KJV) diz o seguinte: “Quando estavam satisfeitos, Jesus disse aos seus discípulos: ‘Juntai os pedaços que sobraram, para que nada seja perdido’. Recolheram-nos, pois, e encheram doze cestos de pedaços dos cinco pães de cevada, que sobraram dos que haviam comido”. Os discípulos tinham mais alimento quando todos terminaram. A igreja não é enriquecida quando economiza mais de seus recursos. A igreja é enriquecida pelo serviço. Quanto maior o fluxo de saída para a comunidade, maior o fluxo de entrada da comunidade. Quanto mais você abençoar, mais será abençoado. O Senhor está nos chamando para nos unirmos a ele no ministério que toca as pessoas como nenhum outro. Os recursos de que dispomos sempre parecerão insuficientes para realizar o trabalho. Mas o Senhor pode usar apenas essa quantia para fazê-lo acontecer. João diz: “[Jesus] sabia o que estava para fazer”. Jesus está nos chamando para um “ministério que faz a diferença”.²⁰

FAÇA UMA LIGAÇÃO COM A CRUZ E A RESSURREIÇÃO

É importante fazer uma ligação com a cruz e a ressurreição na maioria dos sermões, para lembrar a congregação de que a ressurreição é o centro da nossa fé. Essa referência pode dar credibilidade às nossas alegações e renovar

as forças para a vida diária. Se essa ligação não foi feita na página 3, pode ser feita agora; não precisa ser extensa. O pregador pode realizar uma ligação direta com a cruz ou com outros símbolos relacionados à história mais ampla da fé.

David W. Crocker, pregando em 1Reis 18.20-39, faz em seu sermão um movimento que vai da bênção de Deus sobre o sacrifício de Elias para o próprio sacrifício de Deus em Cristo. Ele, então, conta esta história impactante, que termina exemplificando o amor sacrificial de Cristo.

E.V. Hill é um pregador afro-americano bem conhecido em Los Angeles. Ele conta a respeito de uma crise pessoal que ele e sua família enfrentaram durante os tumultos ocorridos no distrito de Watts, anos atrás. Outro pastor já havia sido assassinado, e o que se dizia é que Hill poderia ser o próximo. Ele recebeu uma ameaça por telefone. Quando sua esposa perguntou quem havia ligado, ele disse: “Algumas coisas você não precisa saber”. Percebendo o perigo, ela pressionou o dr. Hill para saber o que estava havendo. Finalmente, ele cedeu, dizendo: “A pessoa que me ligou disse: ‘Não se surpreenda se você encontrar uma bomba em seu carro’”. Na manhã seguinte, ele acordou e descobriu que seu carro havia sumido da garagem. Em poucos minutos, ele viu seu carro virar a esquina e entrar na garagem. Sua esposa saiu do carro e entrou na casa. Hill perguntou à esposa: “Onde você estava?”. Ela disse: “Eu decidi que, se fosse para alguém ser assassinado, essa pessoa seria eu”. Ele disse que, depois disso, nunca mais perguntou à esposa se ela o amava.²¹

Essa história pode ser usada como uma imagem da ação de Deus em Cristo, sem eliminar a natureza sem igual da autodoação de Deus em Jesus Cristo.

Frederick Buechner fez esta ligação com a cruz, breve, mas eficaz, no final de um sermão sobre a arca de Noé:

Noé parecia um tolo em sua fé, mas salvou o mundo da destruição; e não devemos nos esquecer daquele que Noé prefigurou, que igualmente parecia um tolo com os braços estendidos lá naquela cruz, os olhos pesados de dor, mas que também salvou o mundo da destruição. Não podemos esquecê-lo, pois ele ainda salva o mundo, e onde quer que a arca esteja, onde quer que encontremos e toquemos em algo com amor, é porque ele também está lá.²²

ENCORAJE AS PESSOAS A VEREM CRISTO

Scott Hoezee pregou em Hebreus 2.1-12. Nós ainda não vemos tudo sujeito a Jesus, “mas vemos Jesus” (v. 9). Jesus faz-se conhecido:

Na aula de ministério pastoral, no seminário, recebemos um dia uma convidada que era capelã de um hospital especializado no atendimento de crianças em estado terminal. Ela nos contou várias histórias, uma das quais era sobre um garotinho, talvez com 6 ou 7 anos, que sofria de leucemia em estágio terminal. No que veio a ser sua última semana de vida no hospital, o garotinho teve dores tão intensas, que sem dúvida eram a causa de algumas alucinações. Várias vezes, o garotinho viu um homem estranho passando perto da porta do quarto dele, o que deixava o pequeno tão alarmado, que a mãe precisava acalmá-lo. Uma tarde, enquanto a mãe embalava o filho mortalmente doente em seus braços, o corpo do garotinho enrijeceu, quando ele gritou novamente: “Aquele homem está de volta, mamãe!”. A mãe estava prestes a tranquilizá-lo novamente quando, de repente, seu corpinho magro relaxou. O menino olhou nos olhos da mãe e, com um sorriso, disse: “Oh, mamãe! Eu não o reconheci, mas é Jesus! Eu tenho que ir agora”. E, em grande paz, ele morreu.

No momento, não vemos tudo sujeito a Jesus. Certamente não vemos, não neste mundo de leucemias, guerras, tristezas e sofrimentos.

Mas pela fé nós vemos Jesus. Quão grande graça Deus nos ter permitido vislumbres inéditos de Jesus, mesmo em meio aos mais duros golpes da vida e às mais completas tragédias humanas. Deus nos dá fé suficiente, graça suficiente para ver a verdade do que Jesus fez. E, pela graça, isso basta. Nós conseguimos seguir em frente.²³

PASSE PARA A CELEBRAÇÃO

Qualquer um dos gêneros de proclamação do evangelho pode ser usado para encerrar um sermão: testemunho, oração, exortação edificante, declarações proclamatórias, doxologia e celebração. A celebração é uma forma híbrida, que lança mão de qualquer um dos outros gêneros. Quando os pregadores anunciam a graça, ao final do sermão pode ser gerado um tom de celebração que seja apropriado ao caráter e à cultura a quem ele se dirige. Esse é um dos pontos fortes de grande parte da pregação afro-americana, embora seja o segredo para uma pregação impactante em qualquer tradição. Luke A. Powery identifica quatro indicadores de celebração: (1) amplifica a ação de Deus no mundo, (2) enfatiza a natureza e a identidade do divino, (3) proclama a esperança ou (4) capacita para o ministério.²⁴

Harold F. Dicke pregou um sermão cuja conclusão antecipa o que os ouvintes experimentarão à mesa da ceia do Senhor e celebra a natureza de Deus. O tom é otimista, positivo e fortemente enraizado na tradição e na fé. Ele combina exortação edificante e testemunho.

Mas as palavras de Simeão também são muito apropriadas nesta manhã, por uma razão muito especial. Daqui a alguns minutos, viremos à frente, no altar do Senhor, para receber a Santa Ceia abençoada de seu corpo e sangue. Então, quando retornarmos aos nossos bancos, levantaremos e cantaremos: “Senhor, permita que teu servo vá em paz, segundo a tua palavra; porque os meus olhos viram a tua salvação, que preparaste diante da face de todos os povos, uma luz

para iluminar os gentios e a glória de teu povo Israel” [Lc 2.29-32, KJV]. E agora essas palavras se tornarão verdade quando as cantarmos, pois teremos retornado desse banquete celestial, no qual teremos visto a salvação de Deus, no qual teremos nos unido a Cristo na mais próxima comunhão que é possível deste lado dos céus, no qual teremos experimentado o amor e o perdão de Deus e, em decorrência disso tudo, devemos estar verdadeiramente em paz. Nesta paz devemos deixar a igreja. Nesta paz devemos viver hoje e por todos os dias e anos daqui em diante.²⁵

USE UMA ESTRUTURA DE FRASES PARALELAS PARA GERAR INTERESSE

Toinette M. Eugene usa um recurso retórico, uma estrutura de frases paralelas (“Porque [...] Porque...”), para sua celebração ao final do sermão, e não resta dúvida sobre as boas-novas que ela anuncia.

Porque o Filho de Deus assumiu a forma de escravo, porque Jesus veio ao mundo por meio de um nascimento humilde, porque ele comeu com pecadores e pessoas malvistas, podemos sonhar. Porque ele fez amizade com os párias, defendeu a causa dos explorados, proclamou a libertação dos cativos, porque ele colocou em liberdade aqueles que são oprimidos, somos capazes de agir com a coragem que ele agiu. Porque Jesus morreu a morte de um criminoso e assumiu as chaves do reino, somos libertos do pecado e chamados a ser discípulos. Porque Jesus Cristo viveu, morreu e ainda vive por nós, podemos vestir a capa de Elias e viver o corajoso espírito de libertação que faz desse sonho uma realidade de paz, misericórdia e justiça para o nosso mundo. Recebemos o presente mais precioso de Deus, o amor que liberta. Receba esse amor, revista-se dele, segure-o bem alto e passe-o adiante!²⁶

Scott Hoezee prega sobre a aparição do Jesus ressurreto aos sete discípulos, enquanto eles estavam fazendo algo tão trivial quanto pescar no mar de Tiberíades, em João 21. O primeiro e o terceiro parágrafos são celebração:

João 21 não parece suficientemente espetacular para ser digno do Senhor dos senhores, ressuscitado bem aqui no solo desta terra. Mas fico extremamente feliz porque João 21 está na Bíblia, em toda a sua simplicidade mundana e caseira. Porque nos relembra que, quando enfrentamos dias entediados e tempos difíceis em que não ocorrem milagres, ainda assim podemos, de vez em quando, ter um vislumbre daquele que nos faz exclamar: “É o Senhor!”. Jesus está aqui quando estamos de mau humor. Jesus está aqui quando fazemos coisas bobas, como pular na água completamente vestidos. Jesus está aqui quando nada mais dramático do que uma refeição apetitosa está a caminho. De vez em quando, captamos um pouco de sua voz, temos um rápido vislumbre de seu rosto.

Eu não sei quanto a você, mas isso soa para mim como uma grande graça do evangelho. Porque em qualquer domingo nos reunimos com irmãs e irmãos, alguns dos quais choraram até dormir a noite passada porque ainda sofrem a perda de um cônjuge que partiu. Reunimo-nos com pessoas que estão sendo lentamente sufocadas, cinco dias por semana, por um trabalho que lhes parece um beco sem saída. Reunimo-nos com pessoas que estão literalmente com medo da morte porque essa tosse persistente é como uma grande seta vermelha apontando diretamente para o câncer.

Toda semana, chegamos à igreja, adoramos o Senhor da vida que vive e depois vamos para casa. Mas não vamos todos para casa curados. Não, jamais. O mundo continua girando. E nossas perguntas mais difíceis continuam sem resposta. E, no entanto, João 21 nos diz que,

mesmo em meio a tudo isso, o Senhor dos senhores está aqui. Talvez ele diga não mais do que “Entendeu alguma coisa?”, mas ele está aqui. O céu não precisa se abrir ao meio, não precisamos ver grandes milagres para saber que o Senhor está próximo. “Venham comer.” Essa é a última coisa que Jesus diz nessa pequena história. E, no entanto, a mais simples de todas as linhas contém mais glória do que conhecemos. É a glória do cotidiano.²⁷

Carlyle Fielding Stewart III transforma circunstâncias de pecado e quebrantamento em celebrações do amor de Deus. Ele prega: “Aqueles que encontrarem a sua vida a perderão, e aqueles que perderem a vida por minha causa a encontrarão” (Mt 10.39); a ligação da página 4 com o texto bíblico nunca deve ser perdida. Em relação às categorias de Powery para celebração, Stewart amplifica a ação de Deus em Cristo no mundo. Ele também inclui a proclamação como discurso direto de Jesus:

A vitória que vem da aparente derrota é um paradoxo da espiritualidade cristã que as pessoas têm dificuldade em compreender. Mas Deus, juntamente com Cristo, instituiu um novo plano com um novo homem. Nesse novo plano, cegos veriam, surdos ouviriam, mudos falariam, abatidos seriam levantados, coxos andariam e endemoninhados seriam libertados de suas prisões. Nesse novo plano, seria reivindicada a vitória sobre as forças do mal, a destruição e a morte! Quem perder encontrará. Aquele que encontrar, perderá. Se você se divorciou, reivindique a vitória. Se você tem passado por dificuldades com colegas de trabalho, reivindique a vitória! Se você está abatido, desapontado, se sentindo deslocado, clame ao ungido de Deus e reivindique a vitória agora mesmo, em nome de Jesus! Seja qual for sua condição ou situação, você tem o poder de reivindicar a vitória, não permitindo que gritos de cinismo e desespero turvem os céus da sua mente. Os filhos de Deus nunca caem derrotados porque eles têm um Defensor, um Salvador, um Conselheiro, um Libertador! A vitória por

meio da derrota é o lema dos cristãos fiéis. Justamente quando o mundo está excluindo você, Jesus o está incluindo. Justamente quando os outros dizem que você está acabado é que Jesus diz: “Estamos apenas começando”. Justamente quando pensou que não havia saída, você descobriu um caminho, um caminho para suas bênçãos, um caminho para sua misericórdia, um caminho para sua alegria, um caminho para suas promessas, um caminho para o filho de Deus. Nós transformamos nossas derrotas em vitórias e consideramos tudo motivo de alegria.²⁸

A principal ênfase aqui é a graça, mas, quanto mais usarmos uma linguagem em que Deus está ativo, mais a graça será reforçada.

UMA LISTA DE VERIFICAÇÃO PARA A PÁGINA 4

Ao examinarmos cada uma de nossas quatro páginas, tivemos a oportunidade de observar exemplos de trechos de vários sermões. Não falamos ainda de como as quatro páginas soariam quando colocadas juntas. Antes de nos voltarmos para o próximo capítulo, com dois exemplos, aqui está uma lista de verificação para a página 4.

Essa página é sobre uma ideia?

O foco dela permanece na ação graciosa de Deus em nosso mundo?

Ela soa e parece esperançosa?

A doutrina é clara?

Será que eu desenvolvo essa doutrina?

Utilizei recursos retóricos para ajudar a manter as passagens doutrinárias interessantes?

Os ouvintes veem Deus e as pessoas em ação?

A necessidade específica dos ouvintes foi abordada?

Alguma história foi usada?

A história mais impactante na página 2 pode ser vista sob uma perspectiva de esperança por causa da página 4?

Deus foi identificado como o verdadeiro autor das boas ações mencionadas?

Será que permiti a ambiguidade apropriada ao declarar a autoria de Deus?

As boas-novas foram oferecidas para a pior das pessoas mencionadas neste sermão?

A missão está clara?

A missão é apresentada aqui como graça e convite, e não como problema?

Os ouvintes são encorajados a pensar globalmente e agir localmente?

A relação com a história cristã mais ampla é clara?

Pode ser feita uma ligação com a cruz e a ressurreição?

Essa página é predominantemente um filme?

A frase-tema aparece na conclusão?

A imagem predominante aparece na conclusão?

A conclusão combina a frase-tema com a imagem predominante (caso isso ainda não tenha ocorrido)?

Essa página apela ao *logos*, *páthos* e *éthos*?

Essa página se mantém coesa mediante o uso da metonímia em vários níveis, como associações de cadeias de pensamento?

Essa página se move para a proclamação usando um ou mais dos gêneros do evangelho: testemunho, oração, exortação edificante, declarações proclamatórias, doxologia e celebração?

Essa página gera uma experiência da graça?

1Haddon Robinson, “The world’s best love story”, *Preaching Today*, disponível em: <http://www.preachingtoday.com/sermons/sermons/2012/january/bestlovestory.html?start=7>, acesso em: 20 mai. 2017.↵

2Joanna Adams, “The only question”, in: Thomas G. Long; Cornelius Plantinga Jr., orgs., *A chorus of witnesses: model sermons for today’s preacher* (Grand Rapids: Eerdmans, 1994), p. 269-70.↵

3Casey Baggott, “Parked beliefs”, April 12, 2015, Day 1 Radio, disponível em: http://day1.org/6463-parked_beliefs, acesso em: 5 fev. 2020. Baggott cita William H. Willimon, *The best of William H. Willimon: acting up in Jesus’ name* (Nashville: Abingdon, 2012).↵

4John M. Rottman, “Mark 13:32-37”, in: John Michael Rottman; Paul Scott Wilson, orgs., *Seasons of preaching: 160 best sermons from the preaching resource Word and witness* (New Berlin: Liturgical, 1996), p. 24-5.↵

5Thomas G. Long, “Meeting the good Samaritan”, July 15, 2007, Day 1 Radio, disponível em: http://day1.org/1051-meeting_the_good_samaritan, acesso em: 20 mai. 2017. Essa história é uma narrativa parafraseada por Long de uma história de Robert Wuthnow, in: “Stories to live by”, *Theology Today* 49/3 (October 1, 1992): 296-310.↵

6Thomas G. Long, “When Zachariah sang”, Duke Chapel, Sermon Archives, November 20, 2016, disponível em: <https://chapel.duke.edu/events/university-worship-1479657600-1479661200>, acesso em: 5 fev. 2020.↵

7Karen L. Bloomquist, “Christ present in us”, *Augsburg sermons: Epistles, series C* (Minneapolis: Augsburg, 1976), p. 210-1.↵

8T. D. Jakes, “Evidence that demands a verdict”, *The great investment: faith, family and finance* (New York: Berkley, 2000), p. 204-5.↵

9Bryan Chapell, “Glory”, sermão pregado na igreja Grace Presbyterian Church in Peoria, Illinois, Estados Unidos, na Páscoa de 2016, disponível em: <http://media.gracepres.org/5999/6111/26705>, acesso em: 20 mai. 2017.↵

10Jana Childers, sermão não publicado, pregado na igreja Allen Temple Baptist Church, Oakland, Sexta-Feira Santa, 2005.↵

11Joni Sancken, sermão não publicado sobre 1Coríntios 1.18-23, pregado em 13 de janeiro de 2017.↵

12Roger Lovette, “Midwives of hope”, in: James W. Cox, org., *Best sermons* (San Francisco: Harper & Row, 1990), vol. 3, p. 12-3.↵

13Frederick Buechner, *Telling the truth: the gospel as tragedy, comedy, and fairy tale* (San Francisco: Harper & Row, 1977), esp. p. 7, 49-72. Seu uso da tragédia corresponde às páginas 1 e 2, e a comédia e o conto de fadas juntos correspondem às páginas 3 e 4.↵

14Jeremiah A. Wright, Jr., “When God is silent”, in: Jini Kilgore Ross, org., *What makes you so strong? Sermons of joy and strength from Jeremiah A. Wright, Jr.* (Valley Forge: Judson, 1993), p. 125-6.↵

15Louise Sallese, sermão pregado em sala de aula, não publicado, Emmanuel College, 23 de novembro de 2016.↵

16Gary W. Downing, “Mommy, why am I different?”, in: Gary W. Klingsporn, org., *The library of distinctive sermons* (Sisters: Questar, 1996), vol. 2, p. 189.↵

17Katie G. Cannon, “On remembering who we are”, in: Ella Pearson Mitchell, org., *Those preachin’ women: sermons by black women preachers* (Valley Forge: Judson, 1985), p. 50.↵

18Martin B. Copenhaver, “How to throw a party”, in: Gary W. Klingsporn, org., *The library of distinctive sermons*, vol. 2, p. 48-9.↵

19Ellen Davis, “Fighting like Christians”, sermão pregado em 24 de abril de 2016, na Duke Chapel, Sermon Archive, disponível em: <https://chapel.duke.edu/sites/default/files/04.24.16%20Ellen%20Davis%20Sermon.pdf>.↵

20Andy Manzano, “Ministry with a difference”, sermão não publicado, pregado em 2 de novembro de 2016, como parte de uma tarefa de aula do D.Min. no McCormick Seminary.↵

21David W. Crocker, “King on the mountain”, in: James W. Cox, org., *Best sermons* (San Francisco: Harper & Row, 1990), vol. 3, p. 64.↵

22Frederick Buechner, “A Spring of hope”, in: Thomas Long; Cornelius Plantinga Jr., orgs., Jr. *A chorus of witnesses: models sermons for today’s preacher*, p. 232-3. ↵

23Scott Hoezee, “Yet at present”, sermão pregado no Calvin Symposium on Worship [Simpósio Calvino de Adoração] em Grand Rapids, janeiro de 2008.↵

24Luke A. Powery, *Spirit speech: lament and celebration in preaching* (Nashville: Abingdon, 2009), p. 127-9.↵

25Harold F. Dicke, “Depart in peace”, *The Concordia pulpit for 1968* (St. Louis: Concordia, 1967), p. 28.↵

26Toinette M. Eugene, “Liberating love”, in: David Albert Farmer; Edwina Hunter, orgs., *And blessed is she: sermons by women* (San Francisco: Harper & Row, 1990), p. 166.↵

27Scott Hoezee, “Always”, sermão não publicado, pregado no Calvin Symposium on Worship [Simpósio Calvino de Adoração], em Grand Rapids, janeiro de 2018.↵

28Carlyle Fielding Stewart III, “Paradoxes of the Christian faith”, *Joy songs, trumpet blasts, and hallelujah shouts: sermons in the African-American tradition* (Lima, Estados Unidos: CSS, 1997), p. 108-9.↵

SEXTA SEÇÃO

**VARIEDADES
DE SERMÕES**

CAPÍTULO 12

REORGANIZANDO E MODIFICANDO AS QUATRO PÁGINAS DO SERMÃO

Neste capítulo, nosso objetivo foi oferecer ferramentas teológicas para os pregadores analisarem sermões, os seus próprios, bem como os de outros, tendo em vista a excelência na pregação. Especialistas em homilética, como eu, ajudam a criar sermões, mas as caixas de ferramentas que oferecemos são limitadas. Oferecemos tesoura e cola para cortar e reorganizar. Temos um fio de prumo com o qual testamos a conformidade com este ou aquele ensino teológico, ou uma fita para medir a distância em que a aplicação se moveu do que pensávamos ser o centro do texto na exegese, ou um alarme para sinalizar quando os pensamentos se tornam muito abstratos, ou uma campainha quando a linguagem fica insensível, ou um giz para traçar o caminho do pregador no sermão, ou um termômetro com o qual medir o calor pessoal das histórias, ou um metrônomo para medir o ritmo e o tom do pregador, talvez até mesmo uma bandeira quadriculada para sinalizar quando o sermão deve terminar. Podemos ser capazes de citar ainda outras ferramentas em nossa caixa de sermões que nos permitem discutir a forma do sermão e o uso que o pregador faz da exegese, de textos bíblicos, histórias e doutrinas, introduções e conclusões, ou da dedução e indução, análise contextual e social, e assim por diante.

Em sua maioria, essas ferramentas, ainda que úteis e importantes, deixam-nos a certa distância de nos tornarmos capazes de analisar os propósitos e objetivos da pregação, ao menos os que foram estabelecidos aqui. Parte do problema pode estar na homilética como disciplina: o

compromisso com padrões comuns, incluindo padrões de medição de excelência, ou mesmo em edificar com base no trabalho de antecessores, é algo muitas vezes superado pela necessidade individual de publicar e, às vezes, uma tendência a conceber homilética como um campo que nunca viu arado.

As quatro páginas são um importante passo no estabelecimento de padrões para avaliar a excelência que todos os pregadores precisam conhecer. Essas páginas já existem nos sermões bíblicos ao longo da história, mas a homilética em grande parte as ignorou. Também tomou por garantido o evangelho, deixando de avaliar como as notícias poderiam ser boas. Os pregadores devem ser capazes de ler um sermão e determinar de imediato quais páginas o sermão usa, a proporção de tempo dada a cada uma, que sequência foi usada, quais páginas reiteram o tema (em uma versão ou outra), e assim por diante. Ao fazê-lo, deveriam ser capazes de articular por que um sermão foi eficaz, por que uma parte dele foi mais eficaz que outra, ou como identificar o que estava faltando teologicamente nele, ou como um sermão poderia ser reorganizado para ser mais eficaz.

Desenvolvemos aqui uma homilética integrada que aborda o sermão como evangelho. A versão da frase-tema aqui é diferente de outras, no sentido de que se concentra em Deus, na ação de Deus, no evangelho. Com base nela surgem elementos da unidade do sermão (acrônimo TTDNIM: Texto Todo Dissipou-se No Incauto Mensageiro), quatro frases e uma necessidade, problema e graça, e diretrizes para a produção de filmes e proclamação.

I. RESPONDENDO A THOMAS G. LONG E OUTROS CRÍTICOS

Um projeto como este gera reações positivas e negativas, e muitas vezes as negativas são as mais úteis para o esclarecimento de objetivos. Não está claro por que algumas pessoas podem rejeitar a abordagem sugerida aqui,

visto que nossas quatro páginas, de alguma forma, já estão presentes nos sermões bíblicos. Alguns críticos podem achar essa abordagem muito inovadora, mas talvez lhes pareça assim porque a pregação em geral se afastou do evangelho. Outros críticos distorcem a abordagem e a consideram um modelo, e não um conjunto de regras elementares para a maioria dos modelos. Essa rejeição pode ser uma maneira conveniente de não ter de se envolver em assuntos que podem se aplicar a toda pregação bíblica. As quatro páginas não são algo mais limitador do que outros tipos de conjuntos de regras elementares da língua, por exemplo, que guiam as estruturas das frases, ou da música, que estabelecem regras para composição e execução. Quando esse conjunto de regras elementares da homilética se torna uma segunda natureza, isso facilita a criatividade e a clareza da comunicação, bem como a avaliação da excelência.

Thomas G. Long tem sido um colega e amigo prestativo, por ter sido um dos poucos especialistas em homilética a reagir de maneira apreciativa e crítica, agora por duas vezes, em edições separadas de seu livro *The witness of preaching* [O testemunho da pregação].¹ Ao fazê-lo, ele é um exemplo do que os estudiosos devem fazer, responsabilizando-se respeitosamente uns pelos outros. Long concorda que o problema e a graça são bons princípios para os pregadores manterem em mente e que “um sermão deve incluir algum aspecto da condição humana e algum anúncio da ação de Deus”.² Ele também concorda que “qualquer proclamação da graça que fique alheia ao quebrantamento humano é graça barata, e qualquer ênfase em problemas humanos e pecado que também não fale uma palavra sobre a graça é meramente moralizante”.³ Responder aqui às suas críticas mais recentes pode ser uma boa maneira de antecipar as preocupações de outros leitores:

1. Uma “inversão” na “etapa três do sermão” não é fiel à “plena dimensão dos textos bíblicos”.⁴

Talvez a questão principal na homilética atual seja: “Pregamos o texto bíblico ou pregamos o evangelho?”.⁵ Long e eu podemos concordar que precisamos pregar as duas coisas, mas ele tende a identificar textos bíblicos com o evangelho, quer representem as boas-novas quer não, daí seu chamado a honrar a “plena dimensão dos textos bíblicos”. Essa tem sido a abordagem padrão da crítica histórica por muitas décadas, geralmente resultando em sermões que oferecem pouco foco em Deus ou no evangelho. A análise crítica responsável dos textos bíblicos precisa ser complementada com a recuperação da leitura teológica do texto, do tipo que foi padrão na igreja até os últimos dois séculos. Os reformadores ensinaram uma hermenêutica redentora, e a redenção implica uma inversão. Lemos as Escrituras de acordo com os propósitos redentores de Deus.

2. Sermões que seguem “o padrão que vai ‘do problema para a graça’ são, no final das contas, versões teologicamente matizadas da forma problema-resolução”.⁶

Não. A descrição comum do evangelho como “felizes para sempre” ou “problema resolvido” é equivocada. De modo semelhante, descrever a pregação do evangelho como “sentir-se bem” é errado, embora o evangelho traga evidentemente esperança e deva mesmo trazer. Uma mulher pode ter câncer, mas ela ainda pode se sentir abençoada. O evangelho é um relacionamento com Jesus Cristo, e não uma solução para um problema. Os problemas podem encontrar soluções, mas também podem persistir. Mais importante é a profunda consciência da permanente presença, força e constante encorajamento do Salvador por meio do Espírito, ao longo de todos os eventos difíceis. Os modelos de solução de problemas colocam as soluções como foco, com Deus ou sem ele.

3. Lei e evangelho “não são suficientemente abrangentes para servir de organizadores principais da estrutura do sermão [porque eles] nem sempre são polos opostos”.⁷

Temos dito reiteradamente que a palavra que obriga pode ser uma palavra libertadora, e que problema e graça não são binários. Sua inter-relação é muito mais complexa do que Long a faz parecer. Eles não são um simples binário. Ambos são verdadeiros; eles se sobrepõem, são às vezes idênticos; a tensão entre eles gera um terceiro significado que encoraja a fé; ambos são essenciais; eles se apoiam um no outro; normalmente eles são copresentes (embora precisemos de treinamento para ver os dois) e se espelham mutuamente; e, na análise final, eles não são de igual força teológica (as boas-novas são algo mais poderoso). Eles representam uma relação tensiva, ações (não coisas ou conceitos estáticos) e, mais importante, um evento dinâmico de encontro divino. Esse evento de encontro com Deus no juízo e na graça é mais do que suficientemente abrangente para servir em capacidade organizacional. O que poderia ser melhor? Isso está relacionado com a natureza de Deus que vem a nós em nosso quebrantamento — e de Cristo — para nos levar à integridade.

4. “‘Problema’ e ‘graça’ [...] são, antes de tudo, categorias da doutrina mais abrangente da redenção ou salvação [...] nem todo aspecto da fé cristã está sob a doutrina da redenção. Criação e providência, a eternidade e a beleza de Deus [...] não são equivalentes à redenção.”⁸

A redenção é pela graça, mas, ao contrário do que diz a alegação acima, a graça é muito mais abrangente do que a doutrina da redenção. A graça é uma parte de cada doutrina da igreja; até mesmo a doutrina do pecado implica perdão. O fato de a Palavra de Deus conter graça não reduz toda doutrina à redenção; o fato de o Sol brilhar todos os dias não reduz todas as

conversas a tratar sobre a luz do Sol. A boa notícia é sobre quem é Deus, e, mesmo ressaltando a graça de Deus, a pregação ainda precisa de toda a gama de ensinamentos da igreja que se originam da Bíblia.

5. “Em resumo, o evangelho é muito rico, demasiadamente complexo e diversificado para ser proclamado de uma única forma.”⁹

As quatro páginas podem ser usadas com qualquer forma de sermão e de muitas maneiras. Elas nunca foram apresentadas como uma única forma, embora tenham sido superficialmente tratadas desse modo por algumas pessoas. Tratá-las assim pode ser um meio de evitar o engajamento com suas alegações essenciais como um conjunto de elementos fundamentais a serem usados para falar do evangelho e para avaliar o desempenho e a excelência da pregação.

Quando vários estudiosos dizem que o evangelho não tem uma forma única, é difícil saber o que isso significa. Eles querem dizer que o evangelho envolve um movimento que vai do “problema para a graça”? A confusão surge porque a maioria dos estudiosos não aborda nem define o que quer dizer por evangelho, além da mensagem genérica da igreja. Aqui, declaramos que o evangelho tem forma, movimento e conteúdo, e é a ação com a assinatura de Deus. A preocupação com uma única forma pode ser uma previsão de que as pessoas se cansarão dos sermões que terminam em esperança. Essa poderia ser uma questão, mas as pessoas não se queixam do fato de que o dia sucede a noite. Na minha experiência, as pessoas vêm à igreja em busca de relevância e esperança.

Quando nos voltamos para os quatro sermões completos que Long oferece como exemplos no apêndice de sua obra *Witness*,¹⁰ descobrimos que cada um de fato se move do problema para a graça. Levando em conta sua argumentação contra o movimento que vai do problema para a graça, isso é

surpreendente. Nesse sentido, parece haver uma dissociação entre a teoria homilética (não apenas a de Long) e a prática. A linguagem desenvolvida aqui fornece um aparato crítico com o qual se analisa como esses sermões funcionam teologicamente em relação aos propósitos da pregação.

Cada um dos quatro sermões contém quatro elementos básicos do nosso conjunto de regras homiléticas. Todos, exceto um, têm partes substanciais sobre as boas-novas. O sermão da véspera de Natal pregado pelo professor de Long, Edmund Steimle, que ironicamente ensinou uma versão homilética anterior de lei/evangelho (ou problema/grça), se beneficiaria enormemente de uma crítica que usasse as quatro páginas. A terceira página de Steimle contém algumas frases — a ideia central, “Deus tem a última palavra”,¹¹ nunca é desenvolvida ou explicada; Deus quase não recebe atenção. A quarta página consiste apenas em dois breves parágrafos, de modo que o evangelho, embora presente, quase não é ouvido. Ele tem pouco impacto — a seção final, algo em torno de um décimo do total do sermão, é dedicada a esse impacto. Cada um dos outros sermões chega ao evangelho de maneiras que a própria homilética de Long não prevê, reconhece, considera, encoraja de forma particular ou instrui. Seus próprios sermões em geral demonstram as quatro páginas, como é o caso de todos os excelentes pregadores bíblicos. Em relação ao evangelho, a maioria das abordagens homiléticas fica aquém de representar com precisão teológica crítica o que muitos de seus autores de fato praticam quando pregam.

Alguns estudiosos abordam a forma que uma série de movimentos planejados e associáveis em um sermão, e outros estudiosos oferecem um esboço de sermão. Essas e outras abordagens semelhantes à forma de sermão podem basear-se em pontos, imagens, narrativas, estruturas lógicas ou algum outro elemento, como observamos no capítulo 1. Elas têm seus pontos fortes, embora não haja nada inerentemente teológico nelas. Muitas das mesmas instruções poderiam ser apresentadas a quem escreve um ensaio em uma aula de redação. Para algumas pessoas, o esboço funciona bem e,

para outros, é quase impossível fazê-lo de antemão. Movimentos ou esboços geralmente não ajudam a gerar as reflexões teológicas de um pregador; eles simplesmente tentam organizar e tornar coerentes esses pensamentos, uma vez que venham à tona. Não há nada que impeça essas ferramentas de serem usadas com as quatro páginas. Elas simplesmente oferecem uma pequena ajuda teológica ao estudante de pregação. O argumento aqui é que a homilética é teológica. Ela fracassa como disciplina se oferecer uma breve orientação sobre os assuntos mais importantes sob sua supervisão. Também é problemático o fato de muito ser escrito em homilética como se nada tivesse sido escrito antes ou sem uma visão da inter-relação essencial entre teoria e prática, na qual uma apoia e avalia a outra.

É justo pedir aos pregadores e estudiosos da homilética que articulem suas respostas a perguntas centrais: O que é a Palavra de Deus? Pregador é uma tarefa teológica? Os sermões precisam mencionar a condição humana? Como a relevância do sermão pode ser estabelecida sem permitir que o cenário contemporâneo estabeleça as prioridades bíblicas? Os sermões devem promover esperança? Eles precisam de ajuda de Deus e do próprio Deus? Eles precisam apresentar o evangelho? Em caso afirmativo, como isso pode ser mais bem expresso, ensinado e avaliado? O que se entende por evangelho? É suficiente para o evangelho soar como más notícias? Será que o evangelho tem forma e conteúdo específicos? Ele é estático ou dinâmico? Existem outros elementos mais básicos e comuns à pregação bíblica do que as quatro páginas? Se a frase-tema não faz referência a Deus, precisamente como o sermão fará isso e que diretrizes podem ser oferecidas? O que é excelência na pregação? Como isso pode ser avaliado e analisado? A excelência na pregação está relacionada com a teologia? Será que as características literárias e retóricas dos textos necessariamente superam as preocupações teológicas? O que constitui uma leitura das Escrituras no contexto da igreja? Se uma hermenêutica redentora não é padrão para a igreja, o que seria o padrão? Essas e outras questões precisam ser encaradas

por estudiosos de homilética e pregadores, independentemente de as respostas concordarem com aquelas apresentadas aqui. A igreja precisa oferecer seus melhores dons por meio da pregação, pois é disso que o mundo necessita de forma mais urgente.

II. UM SERMÃO EM QUATRO PÁGINAS

Como se analisa um sermão em quatro páginas? De forma bem simples, o conteúdo da página 1 lida com o problema no texto, a página 2 trata do problema hoje, a página 3 fala da graça na Bíblia, e a página 4 trata da graça hoje. Leia um sermão e assinale nas margens qual página é representada por cada parágrafo ou seção. Se o objetivo é, de fato, pregar as boas-novas, pergunte se a ordem das páginas é a melhor. Faça perguntas sobre a unidade do sermão relacionadas a um texto, um tema, uma doutrina, uma necessidade, uma imagem e uma missão. Procure a proclamação. Tudo isso fornece um vocabulário muito necessário e essencial para discutir e avaliar os sermões. O evangelho tem seu conjunto de elementos fundamentais.

O sermão a seguir adota como forma as quatro páginas, seguindo a ordem mais evidente de organização: páginas 1, 2, 3, 4. Este sermão está incluído aqui porque lida com um dos textos mais difíceis para encontrar as boas-novas. As Escrituras interpretam as Escrituras. Esse é o caso a seguir:

A. Apresentação analítica prévia

Mateus 25.31-46 é a Parábola das Ovelhas e dos Bodes:

1. Quatro frases mais uma necessidade

Página 1: Os bodes serão punidos.

Página 2: Nós somos bodes.

Página 3: Jesus morreu pelos bodes.

Página 4: Jesus nos fez ovelhas.

Uma necessidade: Que esperança existe diante do juízo?

2. Unidade do sermão: Texto Todo Dissipou-se No Incauto Mensageiro

Um texto: Mateus 25.31-46.

Um tema: Cristo nos faz ovelhas. (Neste caso, uso a frase para a página 4.)

Uma doutrina: juízo.

Uma necessidade: Que esperança existe?

Uma imagem: ovelha.

Uma missão: Cada um cuide do Cristo que há no outro.

3. Proclamação

Três passagens de proclamação estão presentes. A cruz e a ressurreição são centrais aqui, ainda que como pano de fundo e que vários textos relevantes venham à tona na conclusão.

B. O sermão: A perspectiva de um bode sobre o fim dos tempos

Observação: Elementos da análise do sermão estão em [**negrito**] abaixo:

[**Introdução:**] Uma aluna apareceu na aula de pregação, no dia que lhe fora designado para pregar, sem um sermão preparado. “Eu tive uma semana ruim e tinha motivos para esperar que você me permitisse apresentar a pregação na semana que vem”, ela propôs. Quando expliquei que as coisas não funcionavam assim, talvez ela tenha me achado um bode velho. Mas ela tinha um argumento: “Eu tinha motivos para ter esperança”, disse minha aluna. Se ela aprendesse

apenas essa única verdade na aula de pregação, poderia ter sido o suficiente para passar. Nós temos razão para nutrir esperanças. Ela veio para a aula com a mesma pergunta de muitas pessoas no mundo: [**Uma necessidade:**] Que esperança existe? Lembrei-me de nosso texto sobre o dia do juízo, em Mateus 25. Ao lê-lo, eu me sinto como um bode, ouço como um bode e responderia a ela como um bode. Mas então eu lhe demonstrei misericórdia, porque me lembrei de que não sou exatamente um bode, [**Frase-tema conforme seria escrita na página 4**] Cristo me fez uma ovelha. [**Uma imagem**]

[**Página 1:**] Em algum momento no futuro, Jesus declara, todas as nações se reunirão diante do Filho do Homem em todas as cores do arco-íris. Será como na quadra de esportes na escola de ensino fundamental, e todos serão divididos em duas equipes. A boa equipe à direita será chamada de Ovelhas e a equipe ruim à esquerda será chamada de Bodes. O capitão que faz a escolha é Jesus Cristo, o capitão de nossas alma, e as pessoas são selecionadas não com base em sua capacidade atlética, ou em seu sucesso terreno, nem mesmo em suas crenças doutrinárias, mas com base em sua bondade. Todos querem estar na equipe de ovelhas porque Jesus Cristo lhes diz: “Recebam como herança o reino que lhes foi preparado desde a criação do mundo. Pois eu tive fome e vocês me deram de comer; tive sede e vocês me deram de beber; fui estrangeiro e vocês me acolheram; necessitei de roupas e vocês me vestiram; estive enfermo e vocês cuidaram de mim; estive preso e vocês me visitaram”. Esses não são atos isolados apenas ou eventos ocasionais; eles apontam para uma atitude de gratidão e de bondade para com os outros. E Jesus volta-se e diz aos bodes ímpios: “Apartem-se de mim para o fogo eterno, preparado para o Diabo e os seus anjos. Pois eu tive fome e vocês não me deram de comer; tive sede e nada me deram para beber; fui estrangeiro e vocês não me acolheram; necessitei de roupas e vocês não

me vestiram; estive enfermo e preso e vocês não me visitaram”. Ambos os grupos ficam admirados e respondem de maneira idêntica: “Senhor, quando foi que te vimos com fome ou com sede ou estrangeiro ou necessitado de roupas ou enfermo ou preso e não te ajudamos [ou te ajudamos]?”. E ele responde a ambos: “Digo-lhes a verdade: O que vocês fizeram [ou deixaram de fazer] a algum desses pequeninos, a mim o fizeram [ou deixaram de fazer]”. [Uma doutrina: juízo] De uma perspectiva, o dia do juízo acontece no final dos tempos e, de outra, acontece em todas as ocasiões em que nos recusamos a reconhecer Cristo no próximo. Não há tribunal de apelação sobre a seleção da equipe porque essa é a corte de apelação, a última corte, a corte suprema, o supremo tribunal de justiça. Não há graus de culpa. Ovelhas à direita. Bodes à esquerda. Pelo menos é assim que as palavras de Jesus foram entendidas.

[Página 2:] As palavras de Jesus são boas notícias para muitas pessoas. Neste ano, a Syrian Network for Human Rights [Rede Síria de Direitos Humanos] relata que, nos seis anos da guerra na Síria, 207 mil civis foram mortos, 94% dos quais estavam nas mãos da Aliança Sírio-Iraniana-Russa.¹² Que boa notícia para suas famílias se esta vida não é tudo o que existe, e os culpados não vão escapar, e a punição será executada. Que boas notícias há para os pais de crianças que são feridas em atentados terroristas em todo o mundo? Terroristas, estupradores, assassinos e racistas, espoliadores da terra ao redor do globo e em nossa terra, cuidado: toda vida que você prejudicou é preciosa aos olhos de Deus. Queremos justiça, e [Proclamação n.o 1: condenação:] Jesus diz que logo virá o tempo de prestação de contas, a conta que é devida, o tempo para pagar. Você está indo para o balcão de *check-out* da letra C [de condenação]. Todo pecado tem um preço. Cada ação será examinada. Você pode ter pensado que poderia acumular suas *boas* ações. Elas não poderão pagar o preço. Você não tem uma carteira

suficientemente gorda que possa pagar o preço. Você não tem pontos de bônus suficientes em seus cartões de crédito que possam pagar o preço. Você não tem parentes ricos o suficiente que possam pagar o preço. Você não tem propriedades o suficiente para hipotecar que possam pagar o preço. Você não tem amigos importantes para ajudá-lo que possam pagar o preço. São notícias boas para as ovelhas e péssimas para os bodes. A justiça será feita. A verdade triunfará. A vontade de Deus será cumprida. E o povo dirá: “Aleluia!”. As pessoas dirão: “Amém”.

Estou justamente aqui, comemorando com todos os outros e, então, lembro que sou um bode e não me orgulho disso. Antes que qualquer um de nós fique muito empolgado com a doce perspectiva de que os outros receberão o que merecem, lembremo-nos de que todos estaremos diante do julgamento de Deus naquele grande balcão de *check-out* no céu. **[Essa é uma imagem poderosa, mas não é dominante porque não se repete no sermão.]** Existe apenas uma fila: nenhuma pista expressa separada para aqueles com treze pecados ou menos, nenhum caixa amigável que ignore um pecado bizarro aqui ou ali, e nenhuma fila especial para terroristas, assassinos, ladrões e estupradores. Nós todos estaremos na mesma fila. Todos nós vamos dar uma olhada nos cestos de compras uns dos outros para ver o que tem ali: “Você tem isso? Você fez aquilo?”. Podemos não ter feito algo criminoso, mas sei que, quando meus próprios pecados forem escaneados no caixa, verdade seja dita, não poderei pagar o preço. É por isso que eu estava me perguntando admirado por que talvez estejamos todos tão prontos a comemorar. Esperamos ter sido bons, mas sei que voluntariamente passei por algumas pessoas sentadas nas esquinas, com um chapéu na mão, que precisavam de água, comida ou abrigo, e nem sempre me ocorreu que aquele era o Cristo sentado ali. Quando passei pela penitenciária federal, nem sempre saí da rodovia

para fazer uma visita a Cristo atrás das grades. Pela definição do nosso texto, eu sou um bode. Somos todos bodes. **[Uma necessidade] Que esperança existe diante desse julgamento?**

Aqui está o problema: se cada pecado tiver um preço, quando a soma final indicar o que devemos, nenhum de nós poderá ir para casa. Se todas as nações forem divididas em ovelhas e bodes, as equipes não serão equilibradas: haverá uma infinidade de bodes no lado dos bodes e, do lado das ovelhas, haverá uma única ovelha. **[Página 3:]** Haverá apenas um que é inocente, e não muitos, e esse alguém será **[Frase-tema: / versão da página 4]** Jesus, o único que é verdadeiramente uma ovelha, o Cordeiro de Deus. Uma ovelha e muitos bodes.

Bem, as coisas eram assim. Mas, então, Jesus foi para a cruz. Como um bode que ama Jesus, imagino que ele já soubesse da composição das equipes quando contou essa parábola. Assim que Jesus termina de contá-la, ele se volta para seus discípulos e anuncia que o Filho do Homem será crucificado em uma semana [Mt 26.1,2]. Ele termina a parábola e imediatamente diz que está indo para a cruz para morrer. Por que contar essa parábola e depois falar da cruz? **[Uma doutrina: o outro lado do juízo:]** A relação entre esses dois temas é a seguinte. Até certa altura de nossa vida, éramos todos bodes. Como Jesus disse anteriormente aos fariseus, em Mateus: “Os que têm saúde não precisam de médico, mas, sim, os doentes. Vão e aprendam o que significa: ‘Desejo misericórdia, e não sacrifício’. Porque eu não vim chamar os justos, mas os pecadores” [Mt 9.12,13]. E Cristo foi para a cruz para morrer, a fim de que qualquer bode que o amasse e desejasse seguir seus caminhos pudesse fazê-lo, e ele, então, o consideraria sua ovelha. Ele os escolheu. E eles seguiram os caminhos de Jesus, cuidaram dos famintos e sedentos, dos estrangeiros, dos nus, dos doentes e dos presos. Eles amam a Deus e ao próximo como a si mesmos [Mt 22.34-40].

Quando Jesus fala em sua parábola da volta do Filho do Homem no fim dos tempos, o Filho está pronto para escolher as equipes e reconhecer as ovelhas. Ele lhes diz: “Eu estava com fome, com sede, nu, doente, aprisionado e era um estrangeiro e você cuidou de mim”. Ele os conhece. Ele os viu fazerem o bem não apenas uma ou duas vezes, mas repetidamente, como prática e hábito. Ele os reivindica como seus. Eles seguem o Filho e os seus caminhos. Eles se importam com os excluídos e os solitários e os impopulares e os doentes. Como Jesus diz em João 10.27: “As minhas ovelhas ouvem a minha voz. Eu as conheço e elas me seguem”.

[Proclamação n.o 2: celebração:] Jesus veio para salvar os pecadores. Ele morreu pelos bodes. Ele é o juiz divino. É o juízo de Deus. Ele é a graça de Deus. Ele morreu para salvar os bodes. Ressuscitou novamente para sentar-se à direita de Deus em favor dos bodes, para que todos os que escolhem o amor, que o amam e amam como ele amou, sejam contados como suas ovelhas. Ele está vindo novamente para reunir suas ovelhas e levá-las para que herdem o reino.

[Página 3/página 4 — há uma associação entre o então e o agora:] E quanto a você e a mim? Ele é o pagamento de Deus pelos nossos pecados. Jesus é quem paga por nós quando chegamos no balcão do caixa. Ele vem até nós, enquanto estamos em vão sacudindo os bolsos e limpando nossas bolsas à procura dos meios para pagar, e diz: “Vejo que você é um bode. Bode, eu amo você. Eu amo *você*. Deixe-me pagar para *você*. Eu desejo misericórdia, e não sacrifício. Você permitirá que eu lhe ofereça meu manto, para que você possa participar em minha inocência e glória?”. Para todos que desejam mudar seus caminhos, para todos que querem seguir os caminhos dele, para todos que querem jogar em sua equipe, para todos que querem o que ele dá livremente, ele coloca sobre nossos ombros o manto de ovelha não apenas para que pareçamos ovelhas, mas também para que sejamos considerados

ovelhas por nosso Deus. Somos bodes em roupas de ovelha. Quando verificamos a etiqueta colada naquele manto que nos envolve, descobrimos que é feito 100% de lã pura de cordeiro, lã do Cordeiro de Deus.

[**Página 4:**] Ouvi uma mulher chamada Jane Graves contar sua história inspiradora. Ela mora em Brantford, Ontário. Quando chegou aos 65 anos, ela, que havia criado a família e concluído sua carreira, ainda assim sentia que tinha muito a oferecer. Por isso, candidatou-se para ser missionária. Mas foi recusada; disseram que seu certificado de ensino era muito antigo e que ela também era idosa. Então ela foi aceita como voluntária em um orfanato no Malawi, onde cuidava de gêmeos de 2 anos de idade que estavam desnutridos. Eles subiam na cama para dormir com ela, porque era o costume naquele país; ela pegou sarna deles e cuidou da saúde dos meninos. Quando o pai das crianças se casou novamente, ele veio buscar os meninos, na esperança de poder cuidar deles. Ela não os viu por vários meses e, depois, sem conseguir esperar mais, um mês antes de partir, escreveu ao pai deles para ver se conseguiria vê-los. Eles a receberam com amor, mas algo se fora, a esperança se fora e eles corriam o risco de morrer. Tinham o abdome aumentado pela desnutrição. O pai expressou sua esperança: “Você levaria meus filhos com você quando voltar para o Canadá?”. Quaisquer que fossem os obstáculos, ela, aos 66 anos, com a ajuda de muitas pessoas, conseguiu contornar e obter os documentos necessários não apenas para os meninos, mas também para uma menina de 5 anos de quem ela também cuidara, a fim de trazer todos de volta com ela. Sua família no Canadá acha que ela é louca. Seja o que for, ela é certamente uma ovelha.

[**Uma missão:**] Talvez não sejamos capazes de ir tão longe. Nenhum de nós pode ir tão longe quanto Cristo, que deu a vida para que todos possam viver. [**Proclamação n.o 3: declarações**

proclamatórias:] Ele é o Cordeiro de Deus [Jo 1.29], o “Cordeiro sem defeito nem mancha” [1Pe 1.19]. Ele é o Bom Pastor [Jo 10.11]. Ele é aquele que diz: “Eu dou a minha vida pelas ovelhas” [Jo 10.15]. Eu escolhi você. Eu o amo. “Eu vou [...] levá-los para mim mesmo, para que onde eu esteja, também vocês estejam” [Jo 14.3]. Minhas ovelhas conhecem a minha voz [Jo 10.3-5]. “Venham a mim todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso” [Mt 11.28]. Tudo o que precisamos fazer é oferecer um copo de água, pão, abrigo e companhia. Seja amável. Seja amável. Seja generoso, não para tornar-se uma ovelha, pois você já é, pela graça de Deus — **[Uma necessidade é atendida:]** nós já provamos o dia do juízo em nosso batismo, por meio da fé. Antes, seja amável porque você ama a Jesus Cristo e ama fazer a vontade de Deus, e nada relacionado ao futuro deve lhe causar medo.

C. Análise mais aprofundada

De certa forma, esse é um sermão complexo, mas a complexidade origina-se principalmente do texto bíblico. Normalmente, trabalhar com a frase-tema seria algo mais direto do que foi aqui — eu apenas a repetiria, e sua ligação com o texto ficaria mais evidente. No entanto, por si só, separado de todo o livro de Mateus — na verdade, artificialmente separado da vida e do ministério de Jesus Cristo —, esse texto e a maioria dos sermões elaborados com base nele não são a plenitude do evangelho. Mas os textos em todos os quatro Evangelhos devem ser lidos à luz da ressurreição que está no final deles, como seu verdadeiro final. Sim, juízo e condenação virão, e isso é importante e precisa ser pregado.

Em contrapartida, em relação à apresentação geral, esse sermão tem uma estrutura simples. As páginas de 1 a 4 estão em ordem consecutiva.

Uma necessidade e uma missão estão claras no início e no final do sermão. A doutrina muda do juízo, na primeira parte, para a cruz, na segunda.

Em um nível prático, usar as páginas divide o sermão em quatro tarefas distintas e administráveis, distribuídas ao longo de quatro dias de composição do sermão; isso ajuda a evitar que as imagens se tornem excessivas ou que as histórias se desviem do foco; incentiva os pregadores a serem mais criativos; ajuda-os a serem mais eficazes como comunicadores, concebendo as páginas individuais como episódios de um filme; e é versátil, porque, quando as páginas são postas em ordem diferente, servem para uma infinidade de outros modelos.

III. VARIAÇÕES NAS PÁGINAS

As páginas já existem na pregação bíblica, conforme vimos nos exemplos colhidos anteriormente. Os pregadores as utilizam, mas geralmente o fazem de forma inconsciente; portanto, eles têm menos controle do que poderiam ter na transmissão eficaz do evangelho. A ordem e a extensão de suas páginas podem ser tão aleatórias quanto os números escolhidos para a loteria. Aprender a usar as páginas para pregar é importante, mas a sequência pode variar. Numerosas variações são possíveis, e podem ser classificadas em três categorias: variação na ordem das páginas, variação na extensão relativa de cada página e variação no emprego de pontos.¹³ Menciono doze variações possíveis ao todo, embora o número de combinações seja de fato bem maior do que podemos examinar aqui com proveito. **Em qualquer uma dessas variações, pode-se perder ou ganhar algo. Quando os pregadores estão cientes do que está em jogo ao fazerem mudanças no conjunto de regras elementares, podem mais facilmente fazer ajustes para evitar perigos na comunicação ou na teologia.**

A. Variação na ordem das páginas

Nos sermões pregados ao longo dos séculos, alguns são totalmente página 1, outros são uma sequência de várias páginas 1, saltando de texto em texto, e outros ainda combinam, cortam, misturam e repetem diferentes páginas de todas as formas possíveis. Geralmente, os sermões expositivos são compostos das páginas 1 e 2 e, raramente, das páginas 3 e 4. No caso dos sermões exegéticos, que muitas vezes expõem versículo por versículo ao longo das Escrituras, explicando e aplicando cada versículo à vida contemporânea, seria concebível que pudessem ter duas vezes mais páginas do que o número de versículos (i.e., uma exegese e aplicação por versículo; páginas 1 e 2 ou 3 e 4). Vou limitar a troca de ideias aqui àquelas possibilidades que preservam a ordem geral que vai do problema para a graça.

1. Combine as páginas 1 e 2 ou 3 e 4: Os tempos bíblicos e contemporâneos podem ser combinados em uma espécie de fusão entre o então e o agora. Isso é útil quando a situação histórica do texto bíblico é amplamente desconhecida, como em muitos salmos e algumas epístolas. O texto soa contemporâneo, portanto analisá-lo serve para analisar a situação atual.

2. Siga a ordem 2-1-3-4: Isso começa com uma análise substancial dos problemas em nosso mundo (semelhante a uma introdução extensa que trata do nosso mundo) e move-se em primeiro lugar para o problema na Bíblia e depois para a graça na Bíblia e em nosso mundo. Um aluno de doutorado expressou de forma bela:

Inverter as páginas 1 e 2 significa que começamos no mundo e depois trazemos o mundo conosco para o texto, como se estivéssemos levando o mundo para as águas batismais das Escrituras e imergindo o mundo e nós mesmos naquela fonte sacramental. Assim como no batismo entramos na água para morrer para o nosso velho eu e para sermos purificados de nossos problemas, ao sermos batizados no texto ressurgimos como discípulos de Jesus Cristo, prontos para ver a graça

de Deus ao nosso redor. Seguir a ordem dois-um-três-quatro das páginas também preserva a unidade das Escrituras; em vez de rompê-la em duas seções e ficar se movendo para a frente e para trás, o sermão move-se do mundo para o texto e vice-versa, entrando e saindo das águas das Escrituras, emergindo de volta para um mundo que não é mais o mesmo.

A página 1 pode ser uma longa história, e a página 4 pode concluí-la. Em geral, isso cria um ritmo agradável e lento (história contemporânea/texto bíblico [problema + graça]/história contemporânea) e é excelente para sermões mais curtos ou para pregar quando houver crianças presentes.

3. Siga a ordem 1-2-3-4: A inversão das últimas duas páginas oferece uma análise sustentável de nossa situação no centro do sermão. Uma longa notícia ou acontecimento pode ter tanto uma perspectiva do problema quanto uma perspectiva da graça. O risco a evitar é que as boas-novas não pareçam vir da nossa situação, mas, sim, da Bíblia.

4. Siga a ordem 2-4-3: Esse formato analisa nossa situação (problema + graça) e então dirige-se à Bíblia e à graça, para reforçar o que o pregador tenha dito sobre a ação de Deus.

5. Siga a ordem 1-3-4: Essa é uma abordagem fortemente bíblica que permanece com a Bíblia ao longo do problema e da graça (página 1 e 3) e então aplica a graça do texto à nossa época. Isso pode funcionar melhor se a página 1 soar como vida contemporânea, mesmo que se baseie na Bíblia.

B. Variação na extensão relativa das páginas

Uma segunda forma pela qual os pregadores encontram variações é na extensão das páginas, preservando ainda uma divisão aproximada de 50/50 ou 60/40 entre problema e graça.

6. Siga a ordem 1-2-1-2 (= primeira metade), 3-4. O texto bíblico é examinado duas vezes para desenvolver aspectos diferentes do problema.

7. Siga a ordem 1-2 (= primeira metade), 3-4-3-4. Um perigo em abreviar a extensão das páginas e aumentar seu número é que o sermão pode parecer entrecortado e perder o foco. Evite mover-se de uma página a outra em menos de aproximadamente dois minutos de foco no texto bíblico ou na situação humana. David Buttrick argumentou que são necessários três a quatro minutos para que uma ideia se forme na mente dos ouvintes. Os ouvintes correm o risco de perder o fio do sermão se o foco mudar constantemente entre o então e o agora. Eles têm de mudar de estágio no cenário mental com a mudança de cada página.

C. Variação no uso da estrutura de pontos

A pregação estruturada em pontos tem sido atacada por alguns críticos, pois estes afirmam que ela dá muita ênfase ao sermão como proposição ou como informação; ou que ela parece autoritária, rígida ou simplista (reduzindo todo texto bíblico a três pontos previsíveis); ou que é muito masculina, antiquada ou não voltada para os padrões dos ouvintes de uma geração digital, esquecendo o PowerPoint. Nada disso é inerente aos pontos, mas diz respeito ao modo em que são usados. Os pontos podem desempenhar um papel eficaz ao ajudar a organizar o sermão e a fornecer auxílios estruturais aos ouvintes, que os ajudam a ouvir e se lembrar do que é dito.

Os pontos podem ser primeiramente criados e, depois, organizados para se moverem do problema para a graça. Uma alternativa é permitir que as quatro-frases-e-uma-necessidade forneçam a estrutura profunda do sermão, e, então, criar pontos com base no que as frases levam o pregador a dizer, talvez assim que um primeiro rascunho do sermão for escrito. Outra abordagem seria a seguinte: se um esboço de sermão carecer de unidade e direção, acrescente pontos para esclarecer e fortalecer o desenvolvimento das

ideias que estão presentes. Os pontos podem ser usados de várias maneiras com as quatro páginas, incluindo:

8. Use um ponto para cada página.

9. Use um ponto para o problema e dois para a graça. Nesta forma, um ponto seria desenvolvido na página 1 ou 2, e talvez as páginas 3 e 4 representariam um ponto cada uma. Joseph M. Stowell move-se do problema para a graça para a missão. (1) A correção descuidada dos fariseus pode ser a razão por que nos importamos menos com os perdidos. (2) Cristo nos dá compaixão ao corrigir nossa correção equivocada. (3) Cristo oferece um padrão de três etapas de compaixão aplicada aos perdidos.¹⁴

10. Use dois pontos para o problema e um para a graça, uma variação da alternativa anterior.

11. Use três pontos na seção do problema. Frank A. Thomas pregou sobre a história de Eliseu e Naamã, em 2Reis 5.1-15. A página 1 foi uma análise do texto bíblico. Sua página 2 tratou Naamã como um personagem atual (combinando páginas 1 e 2) a quem ele aplicou três lições do texto. Seus três pontos sobre o problema foram: (1) Não perca a sua bênção se Deus a enviar da maneira que você não deseja; (2) Naamã não previu que ele teria de participar de sua própria cura; (3) ele achava que sabia melhor onde poderia obter sua cura. A terça parte final do sermão foi dedicada à graça de Deus no milagre da cura de Naamã.¹⁵

Valerie Brown-Troutt pregou três pontos na seção do problema e mais dois na seção da graça, da seguinte forma: “Deus não criou você para nada” e “Podemos confiar em Deus que ele combinará os eventos de nossa vida para o nosso melhor”.¹⁶

12. Use três pontos na seção da graça. Vimos isso no capítulo anterior com o exemplo de Andy Manzano, que usou três pontos para a página 3: três benefícios que Deus quer que os ouvintes recebam.

IV. UM SERMÃO DE QUATRO PÁGINAS NA FORMA DE PONTOS

Ao escolher um exemplo final de sermão, o objetivo é demonstrar como a teoria desenvolvida aqui pode ser usada para explicar a excelência ou possível ineficácia de um sermão. Se falta em um sermão aspectos da teoria, ainda assim ele pode funcionar, mas é mais provável que cometa falhas e a teoria ajude a identificar o que está faltando. Ter um conjunto de regras elementares para o sermão é como levar um carro ao mecânico. Se um dos quatro cilindros não estiver fazendo a combustão, o carro (ou o sermão) não terá um ótimo desempenho.

O seguinte sermão de J. Alfred Smith Sr. mostra como um sermão estruturado em pontos pode usar as quatro páginas como base elementar profunda — abaixo da superfície. Também mostra uma fraqueza, a ausência de histórias que representem a vida cotidiana. Para Smith, nosso conjunto de regras elementares é intuitivo, como é para alguns pregadores. Essa é uma característica do conjunto de regras — ele estabelece princípios que são usados por excelentes praticantes. Enquanto isso, a congregação só sabe que o sermão tem quatro pontos e que o produto final é uma celebração alegre e digna.

A. Apresentação analítica prévia

A seguir, há uma apresentação analítica prévia do sermão de Smith sobre 1Coríntios 15.12-18:

1) ESTRUTURA DO SERMÃO	
De acordo com as quatro frases mais uma necessidade	De acordo com os três pontos
Página 1: Alguns duvidam de que Cristo ressuscitou	Introdução (sobre o “se” da dúvida)
Página 2: Hoje, muitos duvidam da ressurreição (i.e., a esperança está morta)	1. A morte da esperança

Página 3: Cristo ressuscitou dos mortos	2. O restabelecimento da esperança da ressurreição
Página 4: Cristo ressuscitou dos mortos	3. A oferta de um seguro para terremotos
Uma necessidade: Com que podemos contar quando o mundo se abala?	
2) UNIDADE DO SERMÃO: TEXTO TODO DISSIPOU-SE NO INCAUTO MENSAGEIRO	
Um texto: 1Coríntios 15.12-18	
Um tema: Cristo ressuscitou	
Uma doutrina: conversão	
Uma necessidade: segurança	
Uma imagem: o restabelecimento após um terremoto	
Uma missão: Aceite a proteção de Cristo	
3) PROCLAMAÇÃO	
Estão presentes cinco passagens distintas de proclamação que ajudam a colocar a história cristã mais ampla em perspectiva.	

B. O sermão: fundamentos da nossa fé¹⁷

Observação: Elementos da análise do sermão estão em [**negrito**] abaixo:

Introdução

Vivemos em um [**Uma imagem:**] país de terremotos. A qualquer momento, nossas fundações podem ser abaladas. Nossas posses podem ser arruinadas. De forma inesperada, você e eu podemos perder cada presença preciosa ou qualquer potencial já prometido. Fundações que pensávamos ser seguras podem desmoronar, virar pó sob nossos pés. Quando o terremoto Loma Prieta nos surpreendeu, na véspera de um jogo de beisebol que inaugurava a World Series [Série Mundial], entre os San Francisco Giants e Oakland Athletics (As), estradas desmoronaram, carros foram esmagados, prédios foram queimados, vidas foram perdidas e as bases para o futuro de muitas pessoas foram atiradas para longe, na terra do nada. Depois de duas décadas, edifícios e pontes que foram danificados pelo terremoto Loma Prieta ainda estão sendo restaurados.

Não apenas as fundações na Costa Oeste foram abaladas pelo terremoto Loma Prieta, mas também, em 11 de setembro de 2001, as fundações do Pentágono, em Washington, DC, e do World Trade Center, em Nova York, foram abaladas em decorrência da ação de terroristas.

[**Uma necessidade: segurança**] Nossa vida espiritual é vivida sob a constante ameaça de um terremoto. Nossas fundações correm o risco de ser destruídas por doença, morte, desapontamentos, divórcio e destruição. Hoje é o tempo de Deus para restaurar a fé enfraquecida e fragilizada de pessoas cujas fundações já foram ou ainda podem ser rompidas pelos terremotos da vida.

[**PÁGINA 1:**] Em 1Coríntios 15.12 (GNT), Paulo, o engenheiro espiritual, prepara-se para restaurar a fé de todos os fiéis cristãos. Ele pergunta: “Agora, visto que nossa mensagem é que [**Frase-tema:**] Cristo ressuscitou dos mortos, como alguns de vocês podem dizer que os mortos não ressuscitarão para a vida?”. Paulo chama a atenção para o “se” da dúvida.

Se é uma palavra de possibilidade. Possibilidade pode ser tanto positiva quanto negativa. [**Uma missão:**] Como crentes em Cristo, você e eu somos chamados a pensar sobre as possibilidades e a nos apegar ao lado ensolarado da dúvida. Foi Alfred Lord Tennyson que nos fez olhar positivamente para o lado ensolarado da dúvida, em sua obra *The ancient sage*.¹⁸ Porque os cristãos de Corinto eram aqueles que enxergavam a dúvida através das lentes da possibilidade negativa, eles confrontaram o apóstolo Paulo com as palavras: “Se Cristo não ressuscitou...”. Eles duvidaram do testemunho de seus companheiros e antecessores, que pregavam a ressurreição de Jesus Cristo. Paulo, portanto, lembrou-lhes que Cristo apareceu a Pedro e depois a todos os doze apóstolos. A seguir, apareceu para mais de quinhentos seguidores de uma só vez, a maioria dos quais ainda estava viva, embora alguns tivessem morrido. Em seguida, ele apareceu a Tiago e mais tarde a todos os apóstolos. “Por último”, disse Paulo, “ele apareceu também para mim — embora eu seja como alguém cujo nascimento ocorreu fora de

tempo” (1Co 15.5-8, GNT). No entanto, alguns dos coríntios deram uma resposta negativa a tantos testemunhos positivos de que Jesus Cristo ressuscitara da morte. Eles suscitaram palavras de negação, derrota e desespero. Eles clamavam: “Se Cristo não ressuscitou...”.

[PÁGINA 2:] [Proclamação n.o 1: lamento:] Se Cristo não ressuscitou, então os pregadores do evangelho são verdadeiros tolos, palhaços disfarçados. Se Cristo não ressuscitou, então, durante séculos, a celebração da Páscoa é o possível engano de um público crédulo por pregadores de mensagens falsas e profetas da condenação. Se Cristo não ressuscitou, nós, que pregamos, somos impostores trágicos, incitadores terríveis de falsas esperanças e pérfidas fraudes da história. Em contrapartida, uma vez que nossa mensagem é verdadeira, então aqueles que são culpados do “se” da dúvida devem logicamente abraçar a morte da esperança.

Ponto um: a morte da esperança

Se nossa esperança em Cristo serve apenas a esta vida, e nada mais, então merecemos mais compaixão do que qualquer pessoa neste mundo (1Co 15.19).

Ouçã os artistas de *rap*. Ouça as letras de músicas populares e seculares. Leia romances populares. Critique as encenações no palco. Assista apenas a uma pequena amostra de programas de entrevistas na televisão. Seu coração vai sentir um fardo pesado por uma geração faminta de esperança. Como o presente não conseguiu dar a eles o que desejam ou o que acham que merecem, eles fecharam a porta de uma responsabilidade construtiva na busca de oportunidades de ter uma vida maravilhosa. [Proclamação n.o 2: lamento:] Sem esperança, somos miseráveis. Quando a esperança morre, não há percepção de certo ou errado, bem ou mal, porque tudo vai embora. Nada está fora dos limites. Quando a esperança

morre, a sepultura é uma rua sem saída. A morte é um intruso malvado, um monstro sem coração, uma piada cruel e um ladrão de alegrias terrenas. Sem esperança, não há cidade celestial, nenhum mundo novo por vir, nada eterno que ansiemos experimentar. Um mundo sem esperança é um mundo sem coração e sem compaixão, um mundo infernal, no qual a bondade é um esforço desperdiçado, um mundo desamparado em que não há graça maravilhosa para salvar pecadores como você e eu.

[PÁGINAS 3 e 4 — Smith agora se volta para a graça e combina as páginas 3 e 4. O sermão dele poderia ser ainda mais impactante se investisse mais tempo apenas na página 3, na qual Paulo afirma que Cristo de fato ressuscitou:] Mas graças a Deus que nos deu a vitória sobre o “se” da dúvida e da “morte da esperança”, com a realidade do Cristo da ressurreição, que restabelece os fundamentos da nossa fé.

Em um século em que a aids tenta destruir a África e os afro-americanos, a esperança é um pequeno broto que cresce entre as fendas da rocha. **[Proclamação n.º 3: exortação edificante:]** Em um mundo em que nossos jovens vivem do evangelho secular dos *rappers*, que profanam o sagrado com palavras amaldiçoadas, a esperança vive. Em uma cultura sensorial, em que pessoas intoxicadas pelo prazer vivem da cintura para baixo, e não dos ombros para cima, a esperança em Cristo está presente para preservar a fibra moral da sociedade. Em uma era de racismo, preconceitos motivados por idade e classe social e homofobia, a esperança sobrevive em nome do Cristo vivo, que derrubou e continua derrubando os diabólicos muros de Lúcifer, o Maligno. Em uma era em que o privilégio, o poder e os cofres dos países desafiam a saúde ambiental, eles valorizam a ganância capitalista muito mais do que a harmonia ecológica que nos legou Deus, nosso Criador original e constante sustentador. Os proprietários de escravos achavam que nossos pais escravos tinham esperança projetada no futuro de outro *mundo*. Eles cantavam: “Eu sou um pobre peregrino da tristeza. Estou

só neste mundo. Nenhuma esperança neste mundo para o amanhã. Estou tentando fazer do céu a minha casa”.¹⁹

Mas Frederick Douglass esclarece bem a questão. Ele disse:

Às vezes, ficávamos notavelmente animados, cantávamos hinos e fazíamos exclamações de júbilo, em tom quase tão triunfante quanto se tivéssemos chegado a uma terra de liberdade e segurança. Em nosso refrão repetido, Oh, Canaã! Doce Canaã! Estou destinado à terra de Canaã, um observador atento pode ter percebido algo mais do que uma esperança de alcançar o céu. Nós pretendíamos alcançar o norte, e o norte era nossa Canaã.²⁰

A esperança, crucificada e sepultada, ressurgiu entre os anciãos cujas lágrimas salgadas e vozes cheias de lamento foram silenciadas pela realidade do Cristo ressurreto no meio deles. Esse Cristo místico continua a aperfeiçoar a fé dos fiéis seguidores em todas as gerações. A fé restaurada é o caminho pelo qual Deus capacita cada geração, dando-lhe estabilidade durante períodos de convulsões vulcânicas e terremotos violentos em nossa ordem social. Que a terra trema. Que os alicerces chacoalhem. Ali está Deus em atividade, com seu glorioso histórico na tarefa de restaurar.

Ponto dois: o restabelecimento da fé na ressurreição [Uma doutrina]

Deus continuamente restaura os fundamentos da fé de nossa conversão. A conversão não é uma experiência que ocorre uma única vez em nossa história de salvação. A conversão é o ato de santificação em que Deus continua a nos chamar da corrupção para um modo de viver e de pensar puro. Deus continuamente restabelece os fundamentos da fé ressurreta com uma comissão. [**Proclamação n.º 4: testemunho:**] Deus comissiona discípulos covardes, com um histórico de negar a Jesus, para que se tornem corajosas testemunhas do poder da ressurreição e das riquezas da comunhão

no sofrimento de Cristo. Cristo torna-se o companheiro daqueles que foram restabelecidos com os fundamentos da fé ressuscitada. Como o apóstolo Paulo, aqueles que são companheiros de Cristo são capazes de dizer: “Tudo posso naquele que me conforta, que me consola e me aconselha. Cristo é quem me dá coragem para ficar ao lado da minoria contra a injustiça e a opressão na sociedade. Cristo está vivo em minhas convicções, Cristo está vivo em minhas conversas, Cristo está vivo em meus compromissos e, porque Cristo vive em mim, enfrentarei corajosamente meu futuro, porque todo o medo se foi. Todo o medo se foi, porque Cristo sustenta o futuro. Cristo é o Alfa! Cristo é o Ômega! Cristo vive!”.

Ponto três: a oferta de um seguro para terremotos

[**Uma necessidade é satisfeita:**] Cristo, que vive, oferece hoje a você um seguro para terremotos. [**Uma missão:**] Você pode aceitar hoje essa oferta de proteção; [**Frase-tema:**] a morte não destruiu o Senhor Jesus Cristo. A sepultura não pôde detê-lo. Os incrédulos, incapazes de apagar o nome de Jesus do quadro da história, vêm e vão. Seus nomes são esquecidos no cemitério de gerações passadas e presentes. [**Proclamação n.º 5: celebração:**] Mas há uma pessoa que é a mesma ontem, hoje e amanhã [**Hb 13.8**]. [**Uma doutrina:**] Ele é sua ressurreição e sua vida [**Jo 11.25**]. Ele o converte da corrupção. Ele limpa você da culpa e da autocondenação. Ele tem comunhão com você por meio da oração. Ele o aconselha com a palavra dele. Ele o comissiona para servi-lo em um ministério compassivo àqueles que precisam de ajuda e cura. Ele restabelece sua fé em momentos de dificuldades, provações e testes. Mediante o Espírito Santo, ele lhe dá coragem para cada desafio, [**uma imagem:**] lhe dá consolo a cada terremoto esmagador, e, no final, quando a morte levar sua vida

presente ao término, Jesus Cristo lhe oferece o início em um lugar que ele preparou para pessoas preparadas [Jo 14.3].

Muitos dos elementos de que temos falado se unem na conclusão: um tema, uma doutrina, uma necessidade, uma imagem e uma missão; referência à história cristã mais ampla (em parte com três referências a palavras de outros textos importantes); e celebração do evangelho. Em geral, o sermão é impactante, mas, se for para avaliá-lo, ele seria ainda mais impactante com histórias que nos apresentassem pessoas específicas em suas lutas e fé.

Chegamos ao final da nossa jornada juntos. John Wesley disse a um estudante que enfrentava dificuldades: “Pregue a fé até ter fé, e, então, porque a tem, você pregará a fé”. Podemos dizer a mesma coisa sobre o evangelho. Seu conjunto de regras elementares nos foi entregue por nossos ancestrais. Use-as até que se tornem uma segunda natureza, e continue a utilizá-las. Afinal, é a melhor maneira de amar uma congregação. Assim como, ao aprender a tocar um instrumento, a excelência vem com o tempo, para todos nós, aprender a proclamar o evangelho é um projeto para a vida toda. Como os anjos disseram no nascimento de Jesus (Lc 2.10) e em sua ressurreição (Mt 28.5): “Não tenha medo”. O que fazemos, não fazemos sozinhos, e a pregação é sempre empolgante e muitas vezes uma poderosa aventura em movimento, para ver o que o Espírito nos levará a dizer. Cristo prega o sermão perfeito — quando fazemos o nosso melhor, pregamos o que o Espírito nos dá. O principal objetivo aqui foi oferecer ao mundo o presente que somente a igreja pode oferecer. Mas há outro motivo para pregar o evangelho. Ele transforma não apenas aqueles que o escutam, mas também aqueles que o pregam, e sobre eles derrama de forma abundante mais do que precisam para sua graciosa vocação.

UMA LISTA DE REVISÃO/VERIFICAÇÃO GERAL DO SERMÃO

1. Cada uma das quatro páginas está presente? Que padrão elas seguem? As frases que guiam cada página estão evidentes? Em outras palavras, o sermão tem fluxo e movimento intencionais?
2. O sermão usa o pensamento metafórico? Utiliza histórias sobre pessoas? Cria filmes? Utiliza os vários sentidos? O sermão é composto para o olho e o ouvido? Se imagens digitais são usadas, elas são apropriadas ou mera distração? Elas são mostradas em momentos dirigidos pelas palavras?
3. O pensamento metonímico é usado? As cadeias de pensamento estão evidentes? Os parágrafos seguem uns aos outros? A frase-tema é clara por toda parte? As quatro frases são realmente usadas no sermão para ajudar nas transições entre as páginas? O sermão mostra um claro desenvolvimento lógico?
4. A introdução tem um gancho? A frase-tema e/ou “uma necessidade” estão claras? Qual foi a frase-tema? Em que parte do sermão ela foi repetida?
5. Que doutrina foi utilizada? A ligação dela com a frase-tema foi esclarecida?
6. Que necessidade prática, declarada por meio de uma pergunta, é identificada no início do sermão e satisfeita no fim do sermão?
7. Existe uma imagem predominante e/ou refrão que reverbera? Se imagens digitais ou vídeos são usados, eles servem às quatro frases ou tiram o foco da mensagem?
8. A frase da página 1 está clara? O problema desenvolve-se e aprofunda-se teologicamente? A exegese é profunda? A interpretação do texto parece nova e interessante?
9. O texto bíblico ganha vida? O mundo antigo é retratado com precisão e vivacidade, mostrando pessoas específicas em foco? Ele é feito para

ressoar a vida real e se parecer com ela em vez de ser um artigo acadêmico?

10. Que problema de nosso tempo é identificado na página 2? Será que o problema é principalmente vertical ou horizontal? As histórias são contadas para inserir pessoas em situações reais, lidando com questões relacionadas à fé e à vida? Existe uma missão implícita ou evidente? Será que o problema mais profundo (em termos teológicos, espirituais, sociais e emocionais) está no final da página 2?
11. A atividade de Deus, no texto bíblico ou por trás dele, está claramente descrita no início da página 3? Deus (em uma das três pessoas) é o sujeito de muitas das frases? O foco permanece em Deus ou retorna para as responsabilidades humanas?
12. A ação de Deus em nosso mundo é apresentada na página 4? Ao retratar pessoas fazendo o bem, o sermão reconhece Deus como o autor de todo bem? A graça é desenvolvida e evita-se que ela se torne trivial? A graça é vertical ou horizontal?
13. A situação mais difícil na página 2 é vista sob uma nova luz na página 4 por causa do evangelho?
14. A missão na página 4 parece um fardo ou um convite à graça? O que o ouvinte deve fazer em decorrência de ter ouvido esse sermão?
15. Houve um bom equilíbrio geral de imagens, histórias e conceitos?
16. Foi usado humor? O pregador evitou ser excessivamente melancólico?
17. Houve proclamação? O sermão levou a um sentimento de alegria, esperança e celebração?
18. Foi mostrada alguma ligação com a história cristã mais ampla, com a cruz e a ressurreição, com os versículos centrais das Escrituras ou com um símbolo central da fé cristã?

19. A conclusão retoma a frase-tema e a necessidade (agora suprida) ou a história contada na abertura?
20. Quanto ao caráter e *étos*, o pregador pareceu preparado, fiel, pastoral, vulnerável, profissional, autêntico, tranquilo? O pregador mostrou liderança?

¹Thomas G. Long, *The witness of preaching*, 3. ed. (Louisville: Westminster John Knox, 2016). Veja esp. p. 148-52. Em breve, será lançado um volume em que quatro estudiosos dialogam sobre a homilética uns dos outros, incluindo o autor atual. Veja Scott M. Gibson; Matthew D. Kim, orgs., *Homiletics and hermeneutics: four views on preaching today* (Grand Rapids: Baker, 2018).↵

²Long, *Witness of preaching*, p. 150.↵

³Ibidem.↵

⁴Ibidem, p. 149.↵

⁵Já apresentei essa questão antes, em Paul Scott Wilson, *The practice of preaching*, ed. rev. (Nashville: Abingdon, 2007), esp. p. 41-5.↵

⁶Long, **Witness of preaching**, p. 150.↵

⁷Ibidem.↵

⁸Ibidem, p. 151.↵

⁹Ibidem.↵

¹⁰Ibidem, p. 287-322.↵

¹¹Ibidem, p. 290.↵

¹²“I am Syria”, disponível em: <http://www.iamsyria.org/death-tolls.html>, acesso em: 24 mai. 2017.↵

¹³Uma versão anterior desse sermão foi publicada como Paul Scott Wilson, “A goat’s perspective: Matthew 25:31-46”, *Ex Auditu: An International Journal for the Theological Interpretation of Scripture* 20 (2004): 162-5.↵

¹⁴Joseph M. Stowell, “Who cares?”, in: Haddon W. Robinson, org., *Biblical sermons: how twelve preachers apply the principles of biblical preaching* (Grand Rapids: Baker, 1989), p. 155.↵

¹⁵Frank A. Thomas, *They like to never quit praisin’ God: the role of celebration in preaching* (Cleveland: United Church, 1997), p. 124-30.↵

¹⁶Valerie Brown-Troutt, “She had neither father nor mother”: in: Mark Barger Elliott, org., *Creative styles of preaching* (Louisville: Westminster John Knox, 2000), p. 28.↵

17J. Alfred Smith, “Foundations of our faith”, in: Cleophus J. LaRue, org., *Power in the pulpit: how America’s most effective black preachers prepare their sermons* (Louisville: Westminster John Knox, 2002), p. 141-5.↵

18Nota de J. Alfred Smith: Veja Henry Van-Dyke, *The gospel for an age of doubt* (New York: Grosset and Dunlap, 1896), p. 2. ↵

19Nota de J. Alfred Smith: James H. Cone, *The spirituals and the blues* (New York: Seabury, 1972).↵

20Nota de J. Alfred Smith: Frederick Douglass, *Life and times of Frederick Douglass* (New York: Collier, 1962), p. 159.↵